A GÉNESE

OS MILAGRES E AS PROFECIAS SEGUNDO O ESPIRITISMO

por

ALLAN KARDEC

Autor de *O Livro dos Espíritos*

A ciência é chamada a constituir a génese segundo as leis da Natureza. Deus prova a sua grandeza e o seu poder pela imutabilidade das suas leis, e não pela sua suspensão. Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

A partir do original francês:
Les miracles et Les Prédictions Selon le Spiritisme
Première Édition, Paris, Librairie International 15, Boulevard Montmartre, 1868

Tradução para português de Portugal feita em 2020, por
José da Costa Brites e Maria da Conceição Brites
espiritismocultura.com / palavraluz.com

Índice

PREFÁCIO DOS TRADUTORES 5
O ESPIRITISMO, REENCONTRO E CLARIFICAÇÃO 5
INTRODUÇÃO 10
CAPÍTULO I – CARACTERÍSTICAS DA REVELAÇÃO ESPÍRITA 13
CAPÍTULO II - DEUS 35
Existência de Deus 35
Da natureza divina 37
A Providência 39
A Visão de Deus 42
CAPÍTULO III - O bem e o mal 45
Origem do bem e do mal 45
O instinto e a inteligência 48
Destruição dos seres vivos uns pelos outros 52
CAPÍTULO IV – O papel da ciência na Génese 55
CAPÍTULO V – Antigas e modernas visões do mundo 61
CAPÍTULO VI – URANOGRAFIA GERAL 66
O espaço e o tempo 66
A Matéria 67
As leis e as forças 69
A criação primeira 70
A Criação Universal 72
Os sóis e os planetas 74
Os satélites 74
Os cometas 76
A Via Láctea 77
As estrelas fixas 78
Os desertos do espaço 79
Sucessão eterna dos mundos 80
A vida universal 82
A ciência 82
Considerações morais 84
CAPÍTULO VII - ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA 86
Períodos geológicos 86
Estado primitivo do globo 89
Período Primário 90
Período de Transição 91
Período Secundário 93
Período Terciário 95
Período Diluviano 97
Período pós-diluviano ou atual – nascimento dos seres humanos 98
CAPÍTULO VIII -TEORIAS SOBRE A TERRA 101
Teoria da Projeção 101
Teoria da Condensação 102
Teoria da Incrustação 102
CAPÍTULO IX - REVOLUÇÕES DO GLOBO 105
Revoluções Gerais ou Parciais 105
Dilúvio Bíblico 105

Revoluções Periódicas 107
Cataclismos Futuros 109
CAPÍTULO X - A GÉNESE ORGÂNICA 111
Primeira formação dos seres vivos 111
O princípio Vital 115
Geração espontânea 117
Escala dos seres orgânicos 118
O ser humano 118
CAPÍTULO XI – GÉNESE ESPIRITUAL 120
Princípio espiritual 120
União do princípio espiritual e da matéria 122
Hipótese sobre a origem do corpo humano 123
Encarnação dos Espíritos 124
Reencarnações 129
Emigração e Imigração de Espíritos 130
Grupo Adâmico 130
Doutrina dos anjos decaídos e o paraíso perdido 132
Capítulo XII – GÉNESE DE MOISÉS ou BÍBLICA 137
Os seis dias da criação 137
1. – *O Génesis,* Capítulo I 137
O Génesis, Capítulo II 138
O Paraíso perdido 142
CAPÍTULO XIII - OS MILAGRES segundo o ESPIRITISMO 149
Características dos milagres 149
CAPÍTULO XIV- OS FLUIDOS 156
Natureza e propriedades dos fluidos 156
Explicação de alguns factos considerados sobrenaturais 163
CAPÍTULO XV- OS MILAGRES DO EVANGELHO 174
Observações preliminares 174
Sonhos 175
Estrela dos Magos 175
Dupla vista 175
Entrada de Jesus em Jerusalém 175
Beijo de Judas 176
Pesca miraculosa 176
Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus 176
Curas 177
Perda de sangue 177
O cego de Betsaida 178
O paralítico 178
Os dez leprosos 179
A mão seca 179
A mulher curvada 180
O paralítico da piscina 180
Cego de nascença 181
Numerosas curas de Jesus 183
Possessos 184
Ressurreições 186
Jesus caminha sobre as águas 187

Tempestade amainada 188
Bodas de Caná 189
A multiplicação os pães 189
O fermento dos fariseus 190
O pão do Céu 190
Tentação de Jesus 191
Prodígios por ocasião da morte de Jesus 192
Aparições de Jesus após a sua morte 193
Desaparecimento do corpo de Jesus 196
AS PROFECIAS SEGUNDO O ESPIRITISMO 199
CAPÍTULO XVI - A TEORIA DA PRESCIÊNCIA 200
CAPÍTULO XVII – PROFECIAS DO EVANGELHO 207
Ninguém é profeta na sua terra 207
Morte e paixão de Jesus 208
Perseguição dos Apóstolos 209
Cidades impenitentes 209
Ruína do Templo de Jerusalém 209
Maldição aos fariseus 210
As minhas palavras não passarão 211
A pedra angular 212
Parábola dos vinhateiros homicidas 212
Um só rebanho e um só pastor 213
O advento de Elias 215
Anúncio do Consolador 215
Segunda vinda de Jesus 217
Sinais percursores 218
Vossos filhos e vossas filhas profetizarão 221
Juízo final 221
CAPÍTULO XVIII – OS TEMPOS SÃO CHEGADOS 224
Sinais dos tempos 224
A nova geração 232
NOTA FINAL 236

O ESPIRITISMO, REENCONTRO E CLARIFICAÇÃO

O Espiritismo encontra-se num momento extraordinário de reencontro e de clarificação de erros fundamentais que o mantiveram na penumbra dos mais graves equívocos desde que faleceu o seu fundador, Allan Kardec.

É essencial que os leitores de "A Génese", e também de "O Céu e o Inferno", cuja tradução inteiramente fiel aos originais legítimos também já fizemos, tomem conhecimento das falsificações deliberadas que foram feitas nestas duas obras, logo após o falecimento do seu autor. Essas versões falsificadas têm sido publicadas durante todo o tempo até hoje, com um conteúdo que não é só aparentemente diferente das obras originais, é o conteúdo dessas obras alterado de forma deliberada e especializada.

O ESCLARECIMENTO FUNDAMENTAL DE QUEM INVESTIGOU

Para ilustrar convenientemente estes temas recorremos, como finalização desta abertura, a dois textos muito importantes e recentes da autoria do conhecidíssimo investigador espírita Paulo Henrique de Figueiredo e da sua compatriota, igualmente investigadora e ativa divulgadora do espiritismo: Simoni Privato Goidanich.

Têm o intuito de revelar acontecimentos que tiveram lugar em França, logo após o falecimento de Allan Kardec, e que viriam a ter consequências muitíssimo graves para o teor e desenvolvimento do espiritismo.

Esclarecemos que a tradução que fizemos deste livro seguiu os verdadeiros originais da autoria de Allan Kardec, expurgando todas as modificações muito especializadas que transformam radicalmente a sua verdadeira mensagem. Um prefácio que explicasse toda esta complexa ordem de razões, além de certos aspetos dos nossos próprios pontos de vista, seria impossível, porque os temas são vastos.

Temos dedicado os últimos anos da nossa vida a ler e a traduzir Kardec, tarefa que se nos afigura fundamental para nossa própria conveniência intelectual e moral. Felizmente que o espiritismo é uma cultura para ser assimilada pelo indivíduo, de acordo com a liberdade que a sua intuição lhe permite alcançar. A autonomia da vontade e do raciocínio confere a independência necessária para ir adiante, adotando as melhores ideias e o nível da evolução espiritual de cada um.

Embora achemos fundamental a comunicação entre as pessoas, na troca de ideias de progresso e evolução, aconselhamos que essa busca seja independente e livre, apelando à razão e ao livre arbítrio.

Esse é, na assimilação de princípios de humanismo progressista, o caminho mais concreto para o entendimento, para a compreensão, numa palavra – PARA A PAZ NO MUNDO.

Não fazemos parte de nenhum grupo espírita, nem obedecemos aos princípios de nenhum sector de opiniões. Fazemos a nossa própria investigação, de acordo com as nossas possibilidades e a nossa sensibilidade intelectual.

Maria da Conceição Brites e José da Costa Brites
Lousã/Portugal – Ano de 2021
palavraluz.com / espiritismo cultura.com

O DERRADEIRO E CONCLUSIVO LIVRO DE ALLAN KARDEC

por **PAULO HENRIQUE DE FIGUEIREDO**

(Texto de Apresentação de "A Génese – Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo" – Obra original conforme a primeira edição autêntica de Allan Kardec, Edição da FEAL, São Paulo/Brasil, 2019)

No ano de 2018, veio à tona o relevante debate sobre as alterações realizadas na quinta edição francesa do livro "A Génese", publicada após a morte de Allan Kardec, no ano de 1872, em Paris.

No livro "O Legado de Allan Kardec", a pesquisadora Simoni Privato Goidanich demonstra, por meio de provas obtidas nos Arquivos Nacionais e na Biblioteca Nacional de França, que três anos após a desencarnação de Allan Kardec, de forma oculta, sem conhecimento da esposa e sua única herdeira, foi feita uma quinta edição com centenas de alterações do seu texto original.

(GOIDANICH, Simoni Privato. O L*egado de Allan Kardec.* 1. Ed. USE/CCDPE, 2018 p. 163, 166 e 167-168)

A amplitude dessas alterações foi proporcional à importância dos conteúdos da obra. Desde 1863, Allan Kardec já fora avisado antecipadamente pelos Espíritos dos obstáculos que seriam enfrentados pela causa espírita, em mensagem do Espírito Erasto:

"A *luta espera-vos! Não serão martirizados corporalmente, como nos primeiros tempos da igreja, nem se levantarão fogueiras homicidas, como na Idade Média, mas torturar-vos-ão moralmente. Serão montadas armadilhas*; *emboscadas ainda mais perigosas quando nelas forem utilizadas mãos amigas. Agirão na sombra. Receberão golpes sem saber de onde vêm, e serão atingidos em pleno peito pelas flechas envenenadas da calúnia.*

Nada faltará às vossas dores; irão provocar deserções nas vossas fileiras, e pretensos Espíritos, perdidos pelo orgulho e pela vaidade, vão apresentar-se como independentes exclamando: "Somos nós que estamos no verdadeiro caminho!", a fim de que vossos adversários natos possam dizer: "Vejam como estão unidos!".

Tentarão semear o joio entre os grupos provocando dissidências. Arrastarão os seus médiuns para fazê-los entrar no mau caminho ou desviá-los de frequentarem os grupos *sérios; alguns serão intimidados, outros serão dominados, todas as fraquezas serão exploradas.*

Depois, não esqueçam que alguns entreviram *no Espiritismo um papel a desempenhar, e um papel principal, e que sentem hoje mais do que uma desilusão nas suas ambições.*

Vão prometer-lhes num lado o que não podem encontrar noutro. Depois, enfim, com o dinheiro, tão poderoso no vosso século atrasado, é fácil encontrar comparsas para representar comédias indignas, com o objetivo de lançar o descrédito e o ridículo sobre a doutrina".

(Erasto, instruções dos Espritos: a guerra surda. Paris, 14 de Agosto de 1863.
Revista Espirita, *Dez. 1863)*

Como é que poderia ter sido falsificada "por mãos amigas agindo na sombra", a última obra fundamental do legado de Allan Kardec? Como poderia sofrer tão perigosa emboscada, como avisaram e previram os Espíritos superiores, permanecendo esquecida durante 150 anos a versão original e legítima? Será necessário recuar no tempo, para descrever a luta que teve de travar a esposa de Kardec, vinte anos depois da sua morte, com a ajuda de espíritas fiéis, para ser mantida a doutrina no caminho apontado pelo mestre. Por mais natural que fosse, a sua morte abalou todos os *Espíritas* que estiveram tranquilos enquanto o mestre se manteve ao leme, apontando caminhos e desviando pedras.

Mas ainda faltava cair sobre todos os franceses o "*ano terrível",* como foi chamado por Victor Hugo o ano de 1872, evocando Paris sitiada pelas tropas alemãs e o sacrificado povo em luta nas barricadas da Comuna. Em Janeiro de 1881, nove anos depois, um grupo de amigos da família e médiuns reúnem-se em Villa Ségur, Paris, na casa da viúva Amélie Boudet, e recebem mensagens

de Rivail, em que afirmou: "A *doutrina ficou adormecida desde que parti. Era impossível que fosse de outra forma, já que o meu súbito desaparecimento não me deu tempo para pôr de pé uma coletividade homogénea que continuasse o trabalho que havia sido iniciado.*

As desgraças que surgiram na nossa querida pátria obrigaram cada um a trabalhar materialmente para melhorar a própria situação e a de nosso *querido país. Em tais circunstâncias, é necessário compreender que os Espíritas, embora sendo os primeiros apóstolos, tiveram primeiramente o dever de satisfazer as necessidades diárias das suas famílias sem recursos*".

Berthe FROPPO, Beaucoup de Lumière. *Paris, França: Imprimerie Polyglotte, 1884.*

Infelizmente, porém, os factos agravaram-se, e a "Sociedade Anónima da Caixa Geral e Central do Espiritismo" para a continuação das Obras de Allan Kardec e a *Revista Espírita – jornal de estudos psicológicos* – por responsabilidade de seus administradores, não permaneceram no caminho traçado pelo mestre, divulgando desvios da doutrina, provocando dissidências e semeando o joio no movimento espírita.

Rivail continua: *"Não te disse, Amélie, querida companheira de meus trabalhos, que para o futuro tinhas que olhar por ti, por mim e pelo Espiritismo? Cabe-te a ti, portanto, retificar aquilo que tem sido manchado por erros. Cabe-te a ti distinguir os Espíritas abnegados e devotados, que serão chamados a continuar o que eu iniciei, formando uma sociedade nova para continuar as minhas obras. Começa, para já, a mudar as disposições existentes em favor desta velha sociedade, entregando-as à que vai ser formada e que terás a missão de dirigir".*

Surge uma nova instituição, a União Espírita Francesa. Na véspera do Natal, mais de 400 *Espíritas* uniram-se a Amélie Boudet, à sua querida amiga e médium Berthe Froppo, a Gabriel Delanne, Léon Denis e tantos outros. Uma comissão central de 30 membros nomeados pela assembleia geral assumiu as recomendações de Allan Kardec na "Constituição transitória do Espiritismo". Um novo jornal, *Le Spiritisme* (O *Espiritismo*), resume no seu título tudo o que deseja divulgar!

Henri Sausse, um dos principais biógrafos de Allan Kardec, colaborador de *Le Spiritisme* e participante ativo da União Espírita Francesa, no Inverno de 1883-1884, reunido com diversas testemunhas, ouviu de um lionês, dizendo ser amigo pessoal de Leymarie, que este havia feito modificações em "A Génese". Surpreendido com tal notícia, comparou a 5ª edição frase a frase com a edição original e constatou as modificações.

A esse respeito, comenta Simoni Privato Goidanich:

*"Henri Sausse não podia calar-se diante de um fato tão grave. Com a sua conhecida coragem e a sua fidelidade doutrinária, publicou, em Dezembro de 1884, no periódico "*Le Spiritisme", *um artigo que constitui um marco na história do Espiritismo, denominado* ***"Uma infâmia":*** *"*Contra a minha vontade, sou levado pela indignação que transborda a minha alma. (...): A Génese sofreu importantes mutilações!".

(*GOIDANICH, Simoni Privato. O* Legado de Allan Kardec. *p. 317, 319 e 320)*

Com uma armadilha montada nas sombras, pretensos amigos cheios de orgulho e vaidade, com alterações de autoria desconhecida, modificaram a última obra de Kardec, afastando os leitores das suas verdadeiras palavras, profanando as suas linhas com falsas palavras.

Chegou, todavia, a hora do resgate! Há que restituir a verdade, retomando a obra primeira, genuína e definitiva em toda a sua integridade. A história do Espiritismo precisa de ser recuperada e divulgada, profundamente conhecida pelos espíritas, para fazer justiça aos dedicados trabalhadores da causa, e dar a Allan Kardec a justa originalidade de seus escritos, tarefa que ele mesmo considerou fundamental:

"Ao Espiritismo, sendo incontestavelmente chamado a desempenhar um grande papel na História, importa que esse papel não seja desnaturado, opondo a verdade autêntica às histórias apócrifas que o interesse pessoal poderá inventar. O Espiritismo está no seu início, e muitas outras coisas se passarão daqui em diante. É preciso esperar que cada um tome nele o seu devido lugar".

(KARDEC Allan. *Revista Espírita,* Outubro 1862)

OS FACTOS E AS PROVAS IRREFUTÁVEIS

por **Simoni Privato Goidanich**

(Texto inscrito na Apresentação de "A Génese – Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo" – Obra original conforme a primeira edição autêntica de Allan Kardec, Edição da FEAL, São Paulo/Brasil, 2019)

A publicação por Allan Kardec de "*La Génese, Les miracles et les prédictions selon Le Spiritisme" (*"A Génese") foi documentada pelo governo francês que, naquela época, exercia um controle rigoroso sobre a atividade editorial.

A impressão de qualquer livro necessitava ser registada e autorizada pelo Ministério do Interior. Além disso, era obrigatório depositar exemplares em instituições governamentais, como a Biblioteca Imperial, sucedida pela Biblioteca Nacional da França.

Documentos oficiais do Ministério do Interior da época, que atualmente se encontram nos Arquivos Nacionais da França (ANF), bem como na Biblioteca Nacional da França (BNF) provam de maneira categórica que, até ao falecimento de Allan Kardec, o livro "A Génese" foi impresso sempre com o mesmo conteúdo.

Trata-se do conteúdo do exemplar depositado legalmente em 4 de Janeiro de 1868, que atualmente faz parte do acervo da BNF. Sempre com esse mesmo conteúdo, foram impressas, durante a existência física de Allan Kardec, quatro edições da obra. Inclusive no mês anterior a seu falecimento, Allan Kardec mandou imprimir mais 2 mil exemplares desse mesmo conteúdo. Documentos dos ANF e da BNF, os próprios exemplares das edições publicadas por Allan Kardec e outros factos provam, de maneira irrefutável, que a quarta edição foi a ultima que Allan Kardec publicou durante sua existência física.

Portanto, a edição definitiva de "A Génese", de Allan Kardec, é a quarta, datada de 1868, cujo conteúdo, igual ao das três anteriores, coincide totalmente com o exemplar depositado legalmente em 4 de Janeiro de 1868, que faz parte do acervo da BNF.

No entanto, em lugar do conteúdo definitivo de "A Génese", passou a ser difundida, depois do falecimento de Allan Kardec, a quinta edição, "revista, corrigida e aumentada", que, desde o século XIX tem sido objeto de importantes interrogações no movimento espírita.

Documentos oficiais dos ANF provam, de maneira contundente, que a quinta edição, "revista, corrigida e aumentada", foi depositada legalmente em 23 de Dezembro de 1872, ou seja, mais de três anos depois do falecimento de Allan Kardec, ocorrido em 31 de Março de 1869.

Portanto, a quinta edição, modificada, não foi publicada nem depositada legalmente por Allan Kardec. As modificações encontradas na quinta edição, "revista, corrigida e aumentada", são significativas não somente pela quantidade, mas, sobretudo, no que se refere ao conteúdo doutrinário.

Na quinta edição, foram suprimidos e modificados, entre outros, conteúdos que tinham sido desenvolvidos na *Revista Espírita* e que, confirmados segundo os critérios espíritas, foram publicados por Allan Kardec em todas as edições que ele fez de "A Génese", em vida.

Além disso, foram acrescentadas, na quinta edição, passagens com erros, inclusive doutrinários, alguns de caráter supersticioso, e outros trechos que constituem fortes indícios de que a autoria

dessa edição *post mortem* "revista, corrigida e aumentada" não foi da responsabilidade de Allan Kardec.

A responsável pela quinta edição de "A Génese" foi a "Sociedade Anónima da Caixa Geral e Central do Espiritismo", instituição dirigida por Pierre-Gäetan Leymarie, para a qual Amélie Boudet, viúva Rivail, havia doado, de boa-fé, todos os direitos sobre as obras de Allan Kardec.

Foi em sua resposta ao artigo **"Uma infâmia",** de Henri Sausse, que a Sociedade Anónima, 12 anos depois da publicação da quinta edição, rompeu o silêncio que havia mantido perante o movimento espírita sobre as modificações introduzidas no conteúdo depositado legalmente e publicado por Allan Kardec em "A Génese"*.*

A Sociedade Anónima alegou que a obra foi revista, corrigida e aumentada por Allan Kardec na quarta edição, em 1868, e que o mestre havia feito, em vida, seis edições.

Entretanto, a versão da Sociedade Anónima é claramente refutada por documentos dos ANF e da BNF, bem como pelos próprios exemplares das quatro primeiras edições, além de outras provas. Com base nesses fatos, a "Confederación Espiritista Argentina" traduziu para o espanhol e publicou, em 2017, o conteúdo definitivo de "A Génese"*,* depositado legalmente em 4 de janeiro de 1868.

Essa tradução tem sido amplamente difundida nos países de língua espanhola.

Tanto o livro "O Legado de Allan Kardec*",* originalmente em espanhol, como a tradução do conteúdo definitivo de "A Génese" foram divulgados no 4º Congresso Espírita Sul-Americano, realizado em Bogotá em Outubro de 2017.

No início de 2018, o Movimento Espírita Francófono também lançou, em coordenação com o Conselho Espírita Internacional, o conteúdo definitivo de "A Génese" Nos demais países que publicam a obra de Allan Kardec, o caminho da restauração está sendo trilhado.

Esta obra é mais um passo em frente nas consequências e nas aplicações do Espiritismo. Tem por objetivo o estudo de três pontos até hoje interpretados de forma diferente: *a génese, os milagres e as previsões*, nas suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenómenos espíritas.

São dois os elementos ou forças que regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material.[1] Da ação simultânea destes dois princípios nascem fenómenos especiais, que são inexplicáveis se não considerarmos a sua interdependência, exatamente como a formação da água seria inexplicável sem se levarem em conta os seus dois elementos constituintes: o oxigénio e o hidrogénio.

O Espiritismo, demonstrando a existência do mundo espiritual e as suas relações com o mundo material, explica um grande número de fenómenos inadmissíveis para que os comentadores dos dois campos opostos, uns fazendo abstração dos dados positivos da ciência, os outros do princípio espiritual, não podem chegar a uma solução racional.

Esta solução está na ação recíproca do espírito e da matéria, que tira a esses factos o seu caráter sobrenatural. Será melhor admiti-los como resultado das leis da natureza, ou rejeitá-los por completo? A rejeição absoluta provoca a negação da própria base do edifício, enquanto a sua admissão, suprimindo apenas o acessório, deixa essa base intacta. É por isso que o Espiritismo conduz tantas pessoas à crença de verdades que consideravam até há pouco como utopias.

Esta obra é um complemento do Espiritismo sob um ponto de vista especial. Estando o conhecimento dos fenómenos preparado há longo tempo, ainda não tinha chegado o momento de o publicar. Primeiro, era preciso que as ideias base tivessem atingido a maturidade e, por outro lado, ter em consideração a sua oportunidade.

O Espiritismo não tem mistérios nem segredos; tudo deve ser dito com clareza, para que cada um possa julgá-lo com conhecimento de causa. Cada coisa deve vir a seu tempo para chegar com segurança. Uma solução irrefletida, antes da elucidação completa da questão, seria mais uma causa de atraso que de avanço. Neste caso, a importância do assunto obriga-no ao dever de evitar qualquer precipitação

Antes de entrarmos na matéria é necessário definir claramente o papel dos Espíritos e dos seres humanos na elaboração de um novo conhecimento longe do misticismo, que tem um carácter fundamental e para o qual chamamos toda a atenção do leitor. É tratado no primeiro capítulo, intitulado: *Características da revelação espírita*. Pedimos sobre este ponto uma atenção muito séria, porque é nele que se encontra o ponto central da questão

Apesar da parte que coube à atividade humana na elaboração da cultura espírita, a iniciativa pertenceu aos Espíritos. Porém, não é formada da opinião de nenhum deles, só pode ser *a resultante de seu ensinamento coletivo e concordante*. Só assim se pode chamá-la a doutrina *dos Espíritos*; de outro modo, seria apenas a doutrina de *um Espírito,* e só teria o valor de uma opinião isolada.

Generalidade e concordância nos ensinamentos, tal é a característica essencial da doutrina, a condição mesmo da sua existência; daqui resulta que qualquer princípio, que não tenha recebido a consagração do controle da generalidade dos Espíritos, não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma doutrina, por ser apenas uma opinião isolada cuja responsabilidade o Espiritismo não pode assumir.

Esta concordância dos Espíritos no critério da lógica constitui a força da cultura espírita e assegura a sua perpetuidade. Para que isso mudasse seria necessário que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião, que desmentissem aquilo que já disseram, que é a fonte dos seus

[1] Na linguagem científica atual, chamaríamos de domínio espiritual e domínio material. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

ensinamentos, uma espécie invulnerável às teorias pessoais, visto que tem as suas raízes em toda a parte onde se encontram Espíritos.

O Livro dos Espíritos viu a sua credibilidade consolidar-se porque é a expressão de um pensamento geral. No mês de Abril de 1867 completou-se o seu primeiro decénio. Durante esse período de tempo foram completados e desenvolvidos os seus princípios fundamentais pelo ensinamento dos Espíritos, sem receberem desmentidos da experiência. Enquanto isso, as ideias contraditórias que tentaram opor-se-lhe, nenhuma prevaleceu. É um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, já que nunca reivindicámos esse mérito.

Os mesmos escrúpulos presidiram à redação das nossas outras obras. Isso permitiu-nos, com plena verdade, incluir nos seus títulos a expressão "*segundo o espiritismo"*, porque estamos certos da sua conformidade com o ensinamento geral dos Espíritos. Acontece o mesmo com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como o complemento das precedentes, com exceção de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tal e que só devem ser consideradas como opiniões pessoais, até que sejam confirmadas ou contraditadas, para que a responsabilidade não recaia sobre a cultura em si.

De resto, os leitores assíduos da Revista Espírita (Revue Spirite) poderão aí encontrar, no estado de esboço, a maior parte das ideias que estão desenvolvidas nesta última obra, como o fizemos com as precedentes. A Revista Espírita é para nós um terreno de ensaio destinado a sondar a opinião das pessoas e dos Espíritos sobre certos princípios, antes de as admitir como partes constituintes do espiritismo.

Allan Kardec

A GÉNESE SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO I – CARACTERÍSTICAS DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

1. – Pode considerar-se o espiritismo uma revelação? Neste caso, quais são as características em que se baseia? Em que é que se fundamenta a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi transmitido?

O conhecimento espírita é uma revelação no sentido litúrgico da palavra? Resulta, de todos os pontos de vista, de um ensinamento oculto vindo do alto?

É definitivo ou suscetível de modificações? Apresentando a verdade completa aos seres humanos, a revelação teria por objetivo impedi-los de usar as suas faculdades, visto que ela lhes pouparia o trabalho da investigação?

Qual é a autoridade do ensinamento dos Espíritos, se estes não são infalíveis nem superiores à humanidade?

Qual é a utilidade da moral que pregam, se é a já conhecida moral de Jesus? Que verdades novas nos traz?

Os seres humanos necessitam de uma revelação? Não podem encontrar em si mesmos e na sua consciência, tudo o que é necessário para se conduzirem?

É em tudo isto que vamos ter de refletir.

2. – Definamos primeiro o sentido da palavra *revelação. Revelar,* deriva da palavra *véu* (do latim *velum*) e significa, literalmente, *tirar o véu.* No sentido figurado significa: descobrir, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. No sentido mais vulgar, designa a revelação de coisas ignoradas, ou de ideias novas que nos informam do que não sabíamos.

Nesse ponto de vista, todas as ciências que nos dão a conhecer mistérios da natureza são revelações, que podem dizer-se incessantes para nós; a Astronomia tem-nos revelado o mundo astral que não conhecíamos; a Geologia a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier, são reveladores.

3. – O caráter essencial de qualquer revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é dar a conhecer um facto; se é falso, não é um facto e, por consequência, não existe revelação. Qualquer revelação desmentida pelos factos deixa de ser revelação; se é atribuída a Deus, como Deus não pode mentir nem enganar-se, não poderia ser d'Ele; é preciso considerá-la como produto de uma conceção humana.

4. – O papel do professor perante os seus alunos é o de um revelador. Ensina-lhes o que não sabem, o que não teriam nem tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é a obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que conduziram, cada um, o seu contingente de observações de que se aproveitaram os que vieram depois. O ensinamento é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feita pelos homens que as conhecem para os outros que as ignoram e que, se assim não fosse, as continuariam a ignorar para sempre.

5. – O professor, porém, só ensina o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem. O homem de génio ensina o que ele mesmo descobriu: é o revelador autêntico; traz a luz que, pouco a pouco, se propaga. O que seria a humanidade sem a revelação dos homens de génio que aparecem de tempos a tempos?

Mas, o que são génios, porque são assim, de onde vieram e para onde vão? A maior parte traz, ao nascer, faculdades transcendentes e conhecimentos inatos que se desenvolvem com pouco trabalho. Pertencem à humanidade, visto que nascem, vivem e morrem como nós. Onde teriam adquirido esse conhecimento, que esta vida não lhes pode ter dado? Dir-se-á, como julgam os materialistas, que o acaso lhes deu mais matéria cerebral e de melhor qualidade. Nesse caso, não terão mérito algum.

Diremos, como alguns espiritualistas, que Deus os dotou de uma alma mais favorecida que a do comum dos mortais; é suposição igualmente sem lógica, pois acusaria Deus de parcialidade.

A única razão possível está na pré-existência da alma e na pluralidade das existências. Os génios são Espíritos mais antigos, que têm mais aquisições e maior progresso que os que são menos adiantados. Encarnando, trazem o que já sabem. Como sabem muito mais do que os outros, sem terem necessidade de partir do zero, por isso são génios.

Mas o que sabem é fruto de um trabalho anterior e nunca resultado de um privilégio. Antes de renascerem, eram Espíritos evoluídos. Encarnam, quer para ajudarem os outros, quer para aprenderem ainda mais.

Os seres humanos progridem por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência. Entregues às suas próprias forças, esse progresso é muito lento se não forem ajudados por homens mais avançados, como o estudante é ajudado pelos professores. Todos os povos têm tido entre si os génios que vieram, em diversas épocas, dar um impulso e tirá-los da inércia.

6. – Admitindo a solicitude de Deus para com as suas criaturas, porque não admitir a encarnação, pela sua vontade, de Espíritos capazes − pela energia e pela superioridade dos conhecimentos − de ajudarem a Humanidade a evoluir mais rapidamente num determinado sentido?

É esse o papel dos grandes génios. Vêm ensinar verdades que ignoradas, e que assim permaneceriam durante muito tempo.

Tais génios, que aparecem através dos séculos, como estrelas brilhantes, deixam atrás de si um longo rasto de luz; são como missionários ou messias. Se não ensinassem aos seus semelhantes mais do que estes já sabem, a sua presença seria completamente inútil. As coisas novas que lhes ensinam quer de ordem física, quer de ordem filosófica, são revelações.

Se Deus permite a existência de reveladores para as verdades científicas, também pode fazê-lo para as verdades morais, que são elementos essenciais do progresso. Pessoas que são como os filósofos cujas ideias atravessaram os séculos.

7. – No sentido da fé religiosa, a revelação refere-se às coisas espirituais que os viventes não podem descobrir por si mesmos ou por meio dos sentidos, cujo conhecimento lhes é dado por Deus ou pelos seus mensageiros, por palavras ditas ou pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita por privilegiados designados pelo nome de *profetas* ou *messias,* isto é, *enviados, missionários,* que recebem a *missão* de a transmitir à humanidade. Considerada sob este ponto de vista, a revelação aceita-se diretamente, sem exame nem discussão.

8. – Todas as religiões tiveram os seus reveladores e embora todos estivessem longe de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, pois estavam adequados ao tempo e ao meio onde viviam, às características dos povos a quem falavam, e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixavam de alcançar os espíritos lançando raízes de progresso que, mais tarde, se desenvolveram ou se desenvolverão ao sol do cristianismo. É injusto lançar anátemas em nome da ortodoxia, porque um dia virá em que todas essas crenças, divergentes pela forma, mas baseadas num mesmo princípio fundamental − Deus e a imortalidade da alma − se fundirão numa grande e vasta unidade, quando a razão tiver vencido os preconceitos.

Infelizmente, as religiões foram sempre instrumentos de dominação. O papel de profeta sempre tentou as ambições secundárias, e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, em favor do prestígio do seu nome, exploraram a credulidade em proveito do seu orgulho, da cupidez ou da preguiça, achando mais cómodo viver à custa dos enganados.

A religião cristã não tem estado ao abrigo desses parasitas. A este propósito chamamos a atenção sobre o capítulo XXI do *Evangelho segundo o Espiritismo*: "Haverá falsos Messias e falsos profetas".

9. – Há revelações diretas de Deus às pessoas? É uma questão que não ousaríamos resolver nem afirmativa nem negativamente, de uma maneira absoluta. Não é totalmente impossível, mas nada nos dá uma prova exata. Do que não há dúvida, é que os Espíritos mais próximos de Deus, pela perfeição, são penetrados pelo seu pensamento e podem transmiti-lo.

Quanto aos reveladores encarnados, conforme a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau do seu saber pessoal, podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que dão ou recebê-las de Espíritos mais elevados, inclusivamente de mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, foram, por vezes, tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste género nada têm de estranho para os que conhecem os fenómenos espíritas e o modo como se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela presença dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, quer em sonho, quer no estado de vigília tal como se encontram vários exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

Assim, é rigorosamente exato dizer que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, auditivos ou videntes; o que não significa que todos os médiuns sejam reveladores, e ainda menos intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10. – Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la. Sabe-se agora que os Espíritos estão longe de ser todos perfeitos e que alguns se apresentam sob falsas aparências, o que levou São João a dizer: *"Não acrediteis em todos os Espíritos, vede primeiro se os Espíritos são de Deus*". (Primeira Epístola cap.4:1)

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e enganosas. A caraterística essencial da revelação divina é o da verdade eterna. Qualquer revelação maculada de erro ou sujeita a modificações, não pode emanar de Deus.

É assim que a lei do Decálogo tem todas as características da sua origem, enquanto as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, frequentemente em contradição com a lei do Sinai, foram obra pessoal e política do legislador hebreu.

Com o abrandamento dos costumes do povo, estas leis caíram em desuso por si mesmas, enquanto o Decálogo permaneceu de pé como farol da Humanidade. Jesus fez dele a base do seu edifício enquanto abolia outras leis; se elas tivessem sido obra de Deus, ele não lhes teria tocado; Jesus e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e aí está a prova das suas missões divinas. Uma obra puramente humana não teria um tal poder.

11. – Uma importante revelação concretiza-se na época atual: a que nos mostra a possibilidade de comunicarmos com os seres do mundo espiritual.

Este conhecimento não é novo, sem dúvida, mas permaneceu até aos nossos dias no estado de letra morta, isto é, sem proveito para a Humanidade. O desconhecimento das leis que regem essas relações foi sendo oculta por superstições. As pessoas não tinham a capacidade de retirar delas conclusões úteis. Coube à nossa época desembaraçá-la dos acessórios ridículos, compreender o seu alcance e fazer luz sobre o seu futuro.

12. – O Espiritismo, ao dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e no qual vivemos sem saber, as leis que o regem, as suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por consequência, o destino do ser humano depois da morte, é uma verdadeira revelação na aceção científica da palavra.

13. A natureza da revelação espírita participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica.

Da revelação divina, porque:

− Acontece de forma providencial e não o resulta da iniciativa de um plano premeditado pelo indivíduo;

− Os pontos fundamentais desse conhecimento foram ensinados pelos Espíritos, encarregados por Deus para esclarecer os humanos sobre coisas que eles ignoravam e não podiam aprender por si próprios, e que muito lhes interessam atualmente por já terem atingido a maturidade necessária para compreendê-los.

Da revelação científica, porque:

− O seu ensinamento não é privilégio de nenhum indivíduo, sendo oferecido a todos do mesmo modo;

− Os que o transmitem e os que o recebem não são seres *passivos,* dispensados do trabalho de observação e de pesquisa, que não renunciam ao raciocínio nem do livre arbítrio;

− O seu estudo não lhes é proibido, pelo contrário, é-lhes recomendado;

− A cultura espírita nunca foi ditada completa, nem imposta à crença cega. Foi deduzida pelo trabalho dos que a estudaram, pela observação dos factos e instruções mostrados pelos Espíritos, que estudam, comentam, comparam e das quais tiram as respetivas conclusões e utilidade.

Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é que a fonte é divina, a iniciativa coube aos Espíritos e a elaboração é o resultado do trabalho dos seres humanos.*

14. – Como meio de elaboração, o espiritismo avança da mesma maneira que as ciências positivas, ou seja, aplica o método experimental. [2]

Há factos novos que não podem explicar-se por leis conhecidas. O Espiritismo observa-os, compara-os, analisa-os e, ascendendo dos efeitos às causas, chega à lei que os rege. Depois, tira a suas conclusões e procura a sua utilidade.

O Espiritismo não recorre a teorias preconcebidas. Não pôs como hipótese a existência e a intervenção dos Espíritos, nem do perispírito, nem da reencarnação, nem dos seus princípios.

Concluiu pela existência dos Espíritos a partir da observação dos factos. Não foram os factos que vieram confirmar a teoria, mas a teoria que veio explicar e resumir os factos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação [3] e não um produto da imaginação.

---

[2] No tempo de A.K., considerava-se como positiva a Ciência que tinha como objeto descobrir as causas e as leis dos fenómenos e factos, estudando-os pelo método de observação, experimentação e indução, a partir dos quais podia deduzir as suas leis. Eram adotadas, na Universidade, além das Ciências Exatas e Naturais, as Ciências Morais e as suas quatro classes: Ciências Filosóficas, Sociais, Filológicas e Psicológicas. Estas estudavam as leis do Espírito humano a partir dos seus factos e fenómenos próprios. Portanto, a sua base era espiritualista e racional, diferindo da Ciência absolutamente materialista dos nossos dias. (Lógica aplicada, em JANET, Paul. Tratado elementar de Filosofia. Rio de Janeiro: Garnier, 1885).

A.K., ao qualificar o Espiritismo entre as Ciências Filosóficas e as Psicológicas e ao elaborar um método científico próprio para estudar os factos Espíritas, inseriu-o, adequadamente, entre as Ciências positivas aceites na sua época.

(Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

[3] No século XIX, as Ciências Psicológicas (Psicologia, Lógica e Moral) eram espiritualistas, estudavam os factos e fenómenos do espírito humano, ou alma, pelo método de observação e fazendo a indução das suas leis (O método nas Ciências Filosóficas. Ibidem, capítulo III).

A.K. demonstra, descrevendo o seu procedimento experimental, que o Espiritismo também se qualifica como uma Ciência de Observação. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

15. – Citemos um exemplo. Passa-se no mundo dos Espíritos um facto muito singular que ninguém teria suposto: é o daqueles Espíritos que não acreditam que já morreram.

Os Espíritos superiores, que o conhecem perfeitamente, não vieram dizer-nos, por antecipação: "Há Espíritos que julgam viver ainda neste mundo, que mantêm os mesmos gostos, os mesmos hábitos e os mesmos instintos que tinham na Terra."

Em vez disso, permitiram a manifestação de Espíritos nessas condições para que os observássemos, tomando conhecimento da sua existência pelos seus próprios depoimentos.

Conhecemos, desse modo, Espíritos inseguros sobre o seu estado, afirmando que estavam ainda no mundo terreno, acreditando realizar as suas ocupações habituais. Desses exemplos deduzimos as situações.

A multiplicidade dos factos análogos provou que isso não era uma exceção, mas uma das fases da vida espiritual. Permitiram que se estudassem todas as variedades e as causas desta singular ilusão; que se reconhecesse que esta situação é, sobretudo, própria dos Espíritos pouco avançados moralmente e que é relativa a certos géneros de morte. A situação desses Espíritos é temporária, mas pode durar o que corresponde a muito tempo na Terra, dias, meses ou anos.

Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo aconteceu com todos os outros princípios do espiritismo.

16. Da mesma forma que a ciência tem por objetivo o estudo das leis do princípio material, o objetivo especial do espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual.

Como este é uma das forças da natureza que reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, deduz-se que o conhecimento de um, não pode completar-se sem o conhecimento do outro.

Deduz-se também que o espiritismo e a ciência se completam mutuamente, e que esta, sem aquele, não pode explicar certos fenómenos somente pelas leis da matéria, e que é por ter prescindido do princípio espiritual que encontra tantas dificuldades.

Também o espiritismo sem a ciência teria falta de apoio e correria o risco de falsas ideias. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas teria sido uma obra comprometida, como tudo o que vem antes do seu tempo.

17. – Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à medida que encontram um ponto de apoio nas ideias e nos conhecimentos anteriores.

A Astronomia, uma das primeiras que surgiu, permaneceu nos erros da infância até ao momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais.

A Química nada poderia sem a Física, sucedeu-lhe de perto, para em seguida caminharem em conjunto, apoiando-se uma na outra.

A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica e a Mineralogia só se tornaram ciências sérias com a ajuda dos conhecimentos trazidos pela Física e pela Química. A Geologia, nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras ciências não teria os elementos fundamentais; não poderia vir senão depois delas.

18. – A ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos [4] e, de observação em observação, chegou à conceção de um só elemento gerador de todas as transformações da matéria.[5]

---

[4] Na Antiguidade considerava-se a existência de quarto elementos fundamentais da matéria: água, terra, fogo e ar, a partir dos quais tudo teria sido formado. (N.T.)

[5] O Fluido Cósmico Universal. (N.T.)

A matéria, por si só, é inerte; não possui nem vida nem pensamento, nem sentimento; falta-lhe a união com o princípio espiritual.

O espiritismo não descobriu nem inventou este princípio, mas foi o primeiro a demonstrar, com provas irrecusáveis, a sua existência; estudou-o, analisou-o e pôs em evidência a sua ação. *Ao elemento material veio juntar o elemento espiritual.*

O Elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Pela união de ambos se explica sem dificuldade uma infinidade de factos até então inexplicáveis.

O espiritismo, que tem por objeto o estudo de um desses dois elementos constitutivos do Universo, relaciona-se forçosamente com a maioria das ciências; assim, só poderia ter vindo depois dessas ciências surgirem e depois delas terem provado a sua impotência para explicar tudo recorrendo apenas às leis da matéria.

19. – Acusa-se o espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria; mas esquecem-se de que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia "judiciária" [6] que não está assim tão distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, de que nenhum homem sensato ousaria ocupar-se atualmente. Ninguém contesta, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia existisse o germe da verdade de onde saíram as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a Alquimia levou à descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades; a Astrologia apoiava-se na posição e no movimento dos astros que tinha estudado. Na ignorância das verdadeiras leis que regiam o mecanismo do Universo, os astros eram seres misteriosos aos quais a superstição atribuía uma influência e um sentido reveladores. Desde que Galileu, Newton e Kepler deram a conhecer estas leis, quando o telescópio descerrou o véu e aprofundou o olhar nas profundezas do espaço, os planetas apareceram-nos como simples mundos semelhantes ao nosso e toda a estrutura do maravilhoso desabou.

Acontece o mesmo com o espiritismo em relação à magia e à feitiçaria; estas apoiavam-se também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros. Ignorando as leis que regem o mundo espiritual, misturavam com essas relações, práticas e crenças ridículas, com as quais o espiritismo moderno, fruto da experiência e da observação, nada tem que ver.

Certamente, a distância que separa o espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Querer confundi-los é provar que não se sabe nada a esse respeito.

20. – A possibilidade de comunicarmos com os seres do mundo espiritual tem consequências incalculáveis da mais alta importância. É um mundo novo que se nos revela, que atinge todas as pessoas, sem exceção.

Este conhecimento produz uma modificação profunda nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças que tão grande influência exerce sobre as relações sociais.

É uma revolução das ideias que atinge simultaneamente todas as classes, todas as nacionalidades e todas as crenças.

É por isso que o Espiritismo é considerado como a terceira grande revelação. Vejamos em que diferem estas revelações e como se relacionam entre si.

21. – MOISÉS, como profeta, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano mestre e criador de todas as coisas. Promulgou a lei do Sinai e lançou os fundamentos da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual esta fé primitiva, depurada, devia um dia difundir-se por toda a Terra.

---

[6] "A*strologia judiciária"*, isto é, a prática de aceitar que os astros determinassem ou influenciassem decisivamente a vida e o futuro dos homens. (N.T.)

22. – JESUS, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que era apenas transitório, puramente disciplinar e de conceção humana, juntou **a revelação da vida futura**, da qual Moisés nada tinha dito, assim como das penas e recompensas que esperam o ser humano depois da morte (Ver Revista Espírita, 1861, págs. 90 e 280).

23. – A parte mais importante da revelação de Jesus de Nazaré, pedra angular da sua doutrina, é a forma totalmente nova de encarar a divindade.

Já não se trata do deus terrível e vingativo de Moisés, o deus implacável que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre de povos, sem excluir as mulheres, as crianças e os idosos, e que castiga os que poupam as vítimas.

Já não é o deus injusto que pune todo o povo pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que atinge os filhos pelas faltas dos pais, mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e de misericórdia, que perdoa o pecador arrependido, e *dá a cada um segundo as suas obras*.

Já não é o deus de um único povo privilegiado, *o deus dos exércitos* que dirige os combates para sustentar a sua própria causa contra o deus dos outros povos, mas o pai comum do género humano, que estende a sua proteção a todos os seus filhos e os chama a todos para junto de si.

Já não é o deus que recompensa e castiga só com os bens da Terra, mas um Deus que nos diz: "*A vossa verdadeira pátria não está neste mundo, está no reino dos céus; é lá que os humildes de coração serão elevados e que os orgulhosos serão humilhados*". Já não é um deus que faz da vingança uma virtude e ordena que se retribua olho por olho, dente por dente, mas o Deus de misericórdia que diz: "*Perdoai as ofensas se quereis ser perdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais a outro o que não quereis que vos façam".*

Já não é o deus mesquinho e meticuloso que impõe a maneira como quer ser adorado, mas o Deus grandioso que olha o pensamento e não se preocupa com a forma.

Enfim, já não é o deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. – Por ser Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões está conforme a ideia que fazem d'Ele*.

As que fazem de Deus um ser vingativo e cruel, acreditam honrá-lo por atos de crueldade, fogueiras e torturas. As que o fazem um Deus parcial e ciumento são intolerantes.

25. – Toda a doutrina de Jesus está fundada sobre as características que ele atribui à divindade.

Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, e dizer: *"Aqui está toda a lei e os profetas, nenhuma outra pode existir".*

Só sobre uma crença assim lhe foi possível assentar o princípio da igualdade dos homens perante Deus e da fraternidade universal.

Esta revelação dos verdadeiros atributos da divindade, juntamente com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificou profundamente as relações entre as pessoas, impôs-lhes novas obrigações e fez com que a vida fosse encarada a uma luz totalmente diferente.

Devia, por isto mesmo, transformar os costumes e as relações sociais.

É incontestavelmente, pelas suas consequências, o ponto principal da revelação de Jesus cuja importância não foi suficientemente compreendida. É lamentável dizer-se, também, que foi o ponto de que a Humanidade mais se afastou, o que mais ignorou na interpretação dos seus ensinamentos.

26. – No entanto, Jesus acrescentou: muitas das coisas que vos digo, ainda não as podeis compreender e teria muitas outras para vos dizer, mas que não compreenderíeis; é por isso que vos

falo por parábolas. Mais tarde *vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará.*

Se Jesus não disse tudo o que poderia dizer, é porque entendeu deixar certas verdades na sombra até que a humanidade estivesse em condições de as compreender. Como disse, os seus ensinamentos eram incompletos, uma vez que anunciou a vinda daquele que devia completá-los.

Previu que as suas palavras seriam mal interpretadas e que as pessoas se desviariam dos seus ensinamentos que teriam de ser restabelecidos; ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.

27. – Porque chamou ele consolador ao novo messias? Este nome, significativo e sem ambiguidade, encerra toda uma revelação. **Jesus previa que os seres humanos iriam ter necessidade de consolo, o que implicava a insuficiência daquilo que iriam encontrar na crença que iriam adotar.** Talvez Jesus nunca tenha sido tão claro e tão explícito como nestas últimas palavras, a que poucas pessoas deram atenção, talvez porque evitaram aprofundar o seu sentido profético.

28. – Se Jesus não pôde desenvolver o seu ensinamento de uma maneira completa, é porque a humanidade não tinha ainda conhecimentos que só poderia adquirir com o tempo, e sem os quais não o poderia compreender; há coisas que teriam parecido absurdas segundo os conhecimentos daquela época. "Completar os seus ensinamentos" deve entender-se, pois, no sentido de os explicar e desenvolver, muito mais do que no sentido de lhes acrescentar verdades novas; porque faltava a chave para compreender o sentido das suas palavras.

29. – Mas quem ousa interpretar as *Escrituras Sagradas*? Quem possui os conhecimentos necessárias senão os teólogos?

Quem se atreve? Em primeiro lugar a ciência, que não pede licença a ninguém para dar a conhecer as leis da natureza, e salta sobre os erros e os preconceitos.

Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos.

As Escrituras já não são a "arca da aliança" na qual ninguém ousava tocar com o dedo sem se arriscar a ser fulminado.

Quanto aos conhecimentos especiais necessários, os teólogos não eram suficientemente esclarecidos para não condenarem como heresia a compreensão do movimento da Terra [7] e a crença nos antípodas;[8] e, mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias também lançaram o anátema sobre a teoria dos períodos de formação da Terra.

---

[7] Defendiam a teoria geocêntrica, segundo a qual a Terra era o centro do Universo. (N.T.)

[8] Chama-se antípoda q**uem, em relação a outra pessoa, vive do outro lado da Terra, ou seja, habitante de um lugar, no mundo, diametralmente oposto a outro: os Neo-Zelandezes são antípodas dos portugueses.**

As clássicas teorias dos antípodas descreviam uma intransponível zona que rodeava o equador e que nos separava de uma região habitada do outro lado do globo e, consequentemente, isso suscitou sérias dúvidas na mente cristã quanto à esfericidade da Terra. Segundo eles, os que viviam na parte de baixo dessa zona não podiam ser da raça de Adão ou incluídos como redimidos pela morte de Cristo.

Se se acreditava que a Arca de Noé fora parar ao Monte Ararat a norte do equador, então não havia maneira de criaturas vivas terem chegado a um antípoda. Para evitar heresias, os cristãos preferiam acreditar que não podia haver antípodas, ou mesmo, se necessário, acreditarem que a Terra não era esférica. Os geógrafos da antiguidade não se tinham preocupado com tais problemas.

Mas nenhum cristão podia encarar a possibilidade de existirem homens que não descendessem de Adão. A crença em antípodas considerava-se absurda e herética e tornou-se mais uma das acusações comuns que condenava os crentes à fogueira. (N.T.)

As pessoas só puderam explicar as *Escrituras* com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, mais tarde reveladas pela ciência; por esse motivo, os próprios teólogos de muita boa-fé enganaram-se sobre o sentido de certas palavras e de certos factos do Evangelho.

Querendo encontrar nele a confirmação de pensamentos preconcebidos, giravam no mesmo círculo, sem deixar o seu ponto de vista. Por mais credenciados teólogos que fossem, não podiam compreender as causas dependentes de leis que não conheciam.

Mas quem será juiz das interpretações diversas e frequentemente contraditórias, dadas fora da Teologia?

O futuro, a lógica e o bom senso. As pessoas, cada vez mais esclarecidas, à medida que novos factos e novas leis se vão revelando, saberão separar a realidade das teorias utópicas.

Ora, a ciência dá a conhecer certas leis; o espiritismo dá a conhecer outras; umas e outras são indispensáveis à compreensão dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até ao cristianismo. Quanto à Teologia, ela não poderá, judiciosamente, alegar contradições da ciência, já que nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. – O espiritismo, com ponto de partida nas palavras de Jesus, como Jesus partiu das de Moisés, é uma consequência direta da sua doutrina.

À ideia vaga da vida futura junta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço e, com isso, determina de forma precisa a crença; dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Define os laços que unem a alma e o corpo e levanta o véu que ocultava dos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo o ser humano sabe de onde vem, para onde vai, porque está na Terra, porque aí sofre temporariamente, e vê em tudo a justiça de Deus:

- Sabe que a alma progride sem cessar através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau da perfeição que a aproxima de Deus;

- Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com uma mesma aptidão para o progresso devido ao seu livre arbítrio;

− Que todas são da mesma essência, e que a única diferença entre si é a diferença de progresso atingido por cada uma;

− Que todas têm o mesmo destino e atingirão o mesmo fim, mais ou menos rapidamente, conforme o seu trabalho e a sua boa vontade;

− Que não existem criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que as outras;

− Que Deus não criou algumas privilegiadas e dispensadas do trabalho imposto às outras para progredirem;

− Que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento;

− Que os que são designados *demónios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que fazem o mal no seu estado de Espíritos, como o faziam na condição de humanos encarnados, mas que avançarão e se aperfeiçoarão;

− Que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na Criação, mas Espíritos que atingiram a meta, após terem seguido o caminho do progresso.

Dessa forma, não há criações múltiplas de diferentes categorias entre os seres inteligentes, toda a criação é o resultado da grande lei de unidade que rege o universo e todos os seres gravitam para o mesmo fim, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos em detrimento de outros, pois todos são a consequência das suas próprias obras.

31. – Pelas relações que podem estabelecer com os que deixaram a Terra, os seres vivos têm, não apenas a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreendem a

solidariedade que liga os vivos e os mortos deste mundo e os deste mundo com os de outros mundos.

Conhecem a sua situação no mundo dos Espíritos; seguem-nos nas suas migrações; são testemunhas das suas alegrias e das suas penas; sabem porque são felizes ou infelizes e a sorte que os espera de acordo com o bem ou com o mal que façam.

Estas relações iniciam-nos na vida futura que podem observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro deixa de ser uma vaga esperança: é um facto positivo, uma certeza matemática.

Então, a morte nada mais tem de assustador, porque é para eles a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. – Pelo estudo da situação dos Espíritos, o ser humano sabe que a felicidade ou a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição ou de imperfeição;

– Que cada um sofre as consequências diretas e naturais das suas faltas ou, dito de outro modo, que é punido onde tenha errado;

– Que essas consequências duram tanto tempo como a causa que as produziu;

– Que o culpado sofreria eternamente se persistisse eternamente no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação. Como o aperfeiçoamento depende de cada um, todos podem, em virtude do seu livre arbítrio, prolongar ou abreviar os seus sofrimentos, assim como o doente sofre pelos seus excessos enquanto não lhes põe termo.

33. A razão recusa, por serem incompatíveis com a bondade de Deus, as penas irremissíveis e perpétuas do inferno, que poderiam ser causadas por uma só falta e inultrapassáveis mesmo pelo arrependimento mais sincero.

A mesma razão inclina-se diante da justiça distributiva e imparcial, que tudo tem em conta, nunca fecha a porta ao arrependimento e estende sempre a mão ao pecador, em vez de o empurrar para o abismo.

34. – O princípio da pluralidade das existências foi colocado por Jesus no Evangelho, embora sem o definir mais do que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, que demonstra pormenorizadamente a sua realidade e a sua necessidade para o progresso.

Esta lei explica todas as anomalias aparentes que a vida humana apresenta:

– As suas diferenças de posição social;

– As mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas;

– A desigualdade das aptidões intelectuais e morais, originadas pela diferente antiguidade dos Espíritos, e pelas maiores ou menores aquisições no número das suas existências anteriores. (Ver § 5).

35. – Com a ideia da criação da alma no momento do nascimento, recai-se na teoria das criações privilegiadas. Os indivíduos são estranhos uns aos outros, nada os une, os laços de família são puramente carnais. Não são solidários com um passado em que não existiam. Com a teoria do nada depois da morte, todas as relações com a vida cessariam e não haveria solidariedade para o futuro.

Pela reencarnação, pelo contrário, são solidários com o passado e para o futuro, as suas relações perpetuam-se tanto no mundo espiritual como no mundo corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da natureza; o bem tem um objetivo e o mal tem as suas consequências inevitáveis.

36. – Com a reencarnação caem todos os preconceitos sociais ou de género, já que o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, mestre ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher.

Todas as causas das injustiças sociais ou de género serão vencidas pelo fenómeno da reencarnação, visto que esta transforma o princípio da fraternidade universal numa lei da natureza, consagrando nessa mesma lei, o princípio da igualdade dos direitos sociais, e, por consequência, o da liberdade.

Os seres humanos só nascem inferiores e subordinados pelo corpo; pelo Espírito são todos iguais e livres. Daí, o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, porque, aquele que é nosso subordinado hoje, pode ter sido nosso igual ou nosso superior, talvez um parente ou um amigo, e nós podemos vir a ser subordinados daqueles que hoje dirigimos.

37. – Tirem do ser humano o Espírito livre, independente, que sobrevive à matéria e tereis uma máquina organizada, sem meta, sem responsabilidade, sem outro freio senão a lei civil, e *boa para ser explorada* como um animal inteligente. Como nada espera depois da morte, faz tudo para aumentar os prazeres do presente; se sofre, só tem em perspetiva o desespero e o nada como refúgio. Pelo contrário, com a certeza do futuro, a de reencontrar os que amou e o temor de rever aqueles que tenha ofendido, todas as suas ideias mudam. O Espiritismo, mesmo que só tivesse servido para libertar o indivíduo da dúvida acerca da vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral que todas as leis disciplinares que o refreiam algumas vezes, mas não o modificam.[9]

38. – Sem a preexistência da alma, a ideia do pecado original não é somente inconciliável com a justiça de Deus que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria também um contrassenso impossível de justificar, já que a alma não existia na época em que se pretende fazer recuar a sua responsabilidade.

Com a preexistência e a reencarnação, o ser humano traz, ao renascer, o germe das suas imperfeições passadas, defeitos que não corrigiu e que se traduzem pelos seus instintos naturais, as suas propensões para tal ou tal vício.

É este o seu verdadeiro pecado original, do qual sofre, naturalmente, todas as consequências, mas com esta diferença principal: leva a pena das suas próprias faltas e não a das faltas de outro.

Há outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajante e equitativa, segundo a qual cada existência lhe oferece os meios de progredir através do aperfeiçoamento, quer despojando-se de qualquer imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos, e isto até que, quando estiver suficientemente purificado, já não tenha necessidade da vida corporal, e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente, traz, ao renascer, qualidades naturais, assim como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; está identificado com o bem; pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar nisso.

Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências, está ainda na luta; o primeiro já venceu, o segundo está prestes a vencer.

Há, pois, a *virtude original,* como há o *saber original,* e pecado, ou melhor, o *vício original*.

---

[9] As leis civis e as religiões dogmáticas defendem uma moral heterónoma, segundo a qual são as punições e os castigos que levam os indivíduos a corrigirem, à força, os seus erros, o que muitas vezes só acontece nos seus atos exteriores e não no coração. A moral autónoma, proposta pelo Espiritismo, por meio do entendimento das leis morais, leva o indivíduo, fazendo uso do livre arbítrio e da razão, a modificar o seu entendimento e a agir pelo dever. Assim, ele faz as suas próprias escolhas e aprende com os erros. Enquanto a moral heterónoma é um paliativo, a autonomia moral é uma conquista definitiva do Espírito. (N.T. adaptada de Paulo Henrique de Figueiredo)

39. – O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais[10] e a sua ação sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito,* de que já se suspeitava desde a antiguidade, e que São Paulo designou pelo nome de *Corpo Espiritual,* ou seja, o corpo fluídico da alma depois da destruição do corpo tangível. Sabemos atualmente que esse corpo é inseparável da alma; que é um dos elementos constitutivos do ser humano; que é o veículo de transmissão do pensamento e que, durante a vida do corpo, serve de ligação entre o Espírito e a matéria.

O perispírito realiza um papel tão importante no organismo e em tão grande quantidade de funções, que se liga tanto à fisiologia como à psicologia.

40. – O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abre novos horizontes à ciência e dá a chave de uma multidão de fenómenos incompreendidos, justamente pela falta do conhecimento da lei que os rege; fenómenos negados pelo materialismo, porque se referem à espiritualidade, qualificados por outros de milagres e sortilégios, conforme as crenças. Tais são, entre outros, o fenómeno da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que estes fenómenos derivam de leis tão naturais como as dos fenómenos elétricos e as condições normais em que se podem reproduzir, o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural e, por conseguinte, seca a fonte da maior parte das superstições.

Assim como permite acreditar na possibilidade de certas coisas olhadas por alguns como quiméricas, também impede de acreditar em muitas outras, por demonstrar que são impossíveis e irracionais.

41. – O espiritismo, pelas leis da natureza que revela, ao contrário de negar o Evangelho, confirma e explica tudo o que Jesus disse e fez. Esclarece pontos obscuros dos seus ensinamentos, de tal modo que, certas partes do Evangelho que eram ininteligíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, facilmente se compreendem e admitem. Vê-se melhor o seu alcance e pode separar-se a realidade da alegoria. Jesus já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42 – O poder moralizador do espiritismo realiza todas as promessas de Jesus em relação ao *Consolador* anunciado[11]:

– Pela finalidade que confere a todas as ações da vida;

– Por tornar bem claras as consequências do bem e do mal;

---

[10] Aqui, Kardec usa o conceito de "fluido" adotado na sua época, que abrangia tudo aquilo que não fosse sólido, inclusive as energias, no caso, energias parapsíquicas, o mesmo acontecendo com o conceito de "corpo fluídico", assim como no item que se segue e em toda a sua obra (Nota de Carlos de Brito Imbassahy).

[11] Muitos pais de família deploram a morte prematura dos filhos, para a educação dos quais fizeram grandes sacrifícios e dizem para si próprios que tudo isso foi pura perda. Com o Espiritismo, sem dúvida eles não lamentam tais sacrifícios e estariam dispostos a fazê-los de novo, mesmo com a certeza de os ver morrer, porque sabem que, se não aproveitam dessa educação no presente, ela servirá, primeiro, para o seu progresso como Espírito, e além disso são aquisições para uma nova existência; quando voltarem a encarnar possuirão uma bagagem intelectual que os tornará mais aptos para adquirir novos conhecimentos. São estes filhos que trazem ao nascer ideias inatas, que sabem, sem por assim dizer, terem necessidade de aprender. Se, como pais, não têm a satisfação imediata de ver os seus filhos pôr esta educação em uso, desfrutá-lo-ão, mais tarde, quer como Espíritos, quer como homens. Talvez sejam eles, de novo, os pais desses mesmos filhos que se dizem gloriosamente dotados pela natureza, e que devam as suas aptidões a uma educação anterior; assim também, se os filhos se desviam para o mal devido à negligência de seus pais, estes podem sofrer mais tarde pelos pesares e pelos desgostos que lhes derem numa nova existência. (Evangelho segundo o Espiritismo: cap. V, n° 21: Mortes prematuras). (Nota de A.K.)

– Pela força moral, a coragem e o consolo que dá nas aflições, mediante uma inalterável confiança no futuro;

– Pela ideia de cada um ter perto de si os seres a quem amou, a certeza de os voltar a ver e a possibilidade de conversar com eles;

– Pela convicção de que tudo o que se adquire em inteligência, sabedoria e moralidade, *até à última hora da vida*, nada se perde e tudo contribui para o adiantamento do Espírito.

Como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda encontra-se, desta forma, cumprida. Porque de facto, ele é o verdadeiro Consolador.

43. – Se a estes resultados acrescentarmos a rapidez extraordinária com que se propaga o espiritismo, apesar de tudo o que se tem feito para abatê-lo, não se pode negar que a sua vinda é providencial, já que triunfa sobre todas as forças e más vontades humanas. A facilidade com que é aceite por um tão grande número de pessoas, sem qualquer obrigação, sem outros meios além da força das ideias, prova que responde a uma necessidade: a de acreditar em alguma coisa para preencher o vazio causado pela incredulidade e que, por consequência, veio no momento certo.[12]

44. – Os aflitos são em grande número. Assim, não é surpreendente que tantas pessoas acolham uma doutrina que consola em vez de outra que tira a esperança; porque é aos deserdados, mais do que aos felizes do mundo, que se dirige o Espiritismo. O doente vê chegar o médico com mais satisfação do que o que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vós, que combateis o Espiritismo, se quereis que o deixemos para vos seguirmos, dai-nos mais e melhor que ele; combatei mais profundamente as feridas da alma. Dai mais consolo, mais satisfação ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; mas, não penseis dominá-lo, vós, com a perspetiva do nada, vós outros com a alternativa das chamas do inferno ou com a plácida e inútil contemplação perpétua.

45. – A primeira revelação foi personificada por Moisés, a segunda por Jesus, mas a terceira não está personificada em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva; esta é uma característica essencial de grande importância. É coletiva no sentido em que não foi feita por privilégio para ninguém em particular; por conseguinte, ninguém pode atribuir-se a condição de ser profeta exclusivo. Foi feita simultaneamente em toda a Terra, para milhões de pessoas, de todas as idades, de todos os tempos e de todas as condições, desde o mais baixo até ao mais elevado da escala, conforme esta profecia referida pelo autor dos Atos dos apóstolos: "Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos jovens terão visões e vossos anciãos terão sonhos".

Não saiu de nenhum culto em especial, a fim de servir, um dia, de ponto de união a todos.

46. – As duas primeiras revelações, sendo o produto de um ensinamento pessoal, foram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em volta do qual a ideia se expandiu pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem a extremidade do mundo,

---

[12] Ao considerar o tempo certo para a vinda do Espiritismo, A.K. faz referência à reação espiritualista que sucedeu ao materialismo instaurado após a revolução francesa pelos ideólogos Destutt de Tracy, Volney, Cabanis, etc. Por sua vez, estes materialistas opuseram-se ao fanatismo cego do período anterior, dominado pela Igreja católica.

A reação espiritualista foi representada pelo espiritualismo racional que instituiu as Ciências Filosóficas nas universidades e nos colégios após 1830. (N.T. adaptada de Paulo Henrique de Figueiredo).

"Foi nessas circunstâncias, extremamente favoráveis que chegou o Espiritismo. Mais cedo ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; num tempo ainda mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego. Surgiu num momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apoderou de todos os Espíritos". (A.K., Revista espírita, outubro de 1863).

e mesmo assim não o ocuparam por inteiro. A terceira revelação tem a particularidade de, ao não estar personificada num indivíduo, ter surgido simultaneamente em milhares de pontos diferentes, e todos se tornaram em centros ou focos de irradiação. Ao multiplicarem-se estes centros, os seus raios reúnem-se pouco a pouco, como os círculos formados por uma enorme quantidade de pedras lançadas na água; de tal modo que, num determinado tempo futuro, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Esta é uma das causas da rápida propagação do espiritismo. Se tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de uma só pessoa, teria formado seitas em seu redor; talvez só meio século depois tivesse atingido os limites do país onde nascera, enquanto após dez anos, ela tem estacas plantadas de um polo a outro.[13]

47. – Esta circunstância inédita na história das culturas espiritualistas dá-lhe uma força excecional e um poder de ação irresistível; com efeito, mesmo que a reprimam num ponto e num país, é materialmente impossível fazê-lo em todos os pontos e em todos os países. Por cada lugar em que seja travada, haverá mil lugares onde florirá. Mais ainda, se a atingirem num indivíduo, não poderão atingi-la nos Espíritos, que são a sua fonte. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por uma eventualidade conseguissem reprimi-la em todo o globo, ela reapareceria algum tempo depois, porque repousa sobre um facto, porque este facto está na natureza e não se podem suprimir as leis da natureza. É disto que devem convencer-se os que sonham com o desaparecimento do Espiritismo (Revista. Espírita, Fev. 1865, p. 38: Perpetuidade do Espiritismo).

48. – Contudo, estes centros de irradiação disseminados poderiam permanecer ainda por longo tempo isolados uns dos outros, confinados em países distantes. Faltava um traço de união entre eles que os colocasse em comunicação de pensamento com os seus irmãos de crença, mostrando-lhes o que se fazia noutros lugares. Este traço de união, que teria faltado ao Espiritismo na Antiguidade, encontra-se hoje nas publicações que vão por todo o lado, que condensam, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensinamento dado em toda a parte sob formas múltiplas e em diversas línguas.

49. – As duas primeiras revelações só poderiam ser o resultado de um ensinamento direto; elas deviam ser impostas pela fé através da autoridade da palavra do mestre, pois os homens não estavam suficientemente avançados para colaborar na sua elaboração.

Todavia, pode observar-se entre elas uma diferença sensível, devido ao progresso dos costumes e das ideias; embora tenham acontecido entre o mesmo povo e no mesmo meio, só que com dezoito séculos de intervalo.

A doutrina de Moisés é absoluta, despótica, não admite discussão e impõe-se a todos pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; é livremente aceite e impõe-se unicamente pela persuasão;

---

[13] O nosso papel pessoal no grande movimento das ideias que se prepara através do Espiritismo e que começa já a operar-se, é o de um observador atento que estuda os factos para procurar a causa e extrair as consequências. Interrogámos todas as pessoas que nos foi possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos do globo, e depois coordenamos tudo metodicamente; numa palavra, estudamos e demos ao público o fruto das nossas pesquisas, **atribuímos aos nossos trabalhos unicamente o valor de uma obra filosófica,** deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos colocarmos como chefe de uma doutrina. Não quisemos impor as nossas ideias a ninguém. Publicando-as, usamos de um direito comum, e os que as aceitaram, fizeram-no livremente. Se as ideias encontraram numerosos simpatizantes é porque elas respondem às aspirações de um grande número de pessoas, e não tiramos daí qualquer vantagem, porque a origem não nos pertence. O nosso grande mérito é o da perseverança e da dedicação à causa que abraçamos.

Em tudo isto fizemos o que qualquer outro poderia ter feito no nosso lugar. Nunca tivemos a pretensão de nos considerarmos profeta ou messias, nem, menos ainda, nos apresentámos como tal. (Nota de A.K.)

foi controversa ainda na vida do seu fundador, que não desdenhava discutir com os seus adversários.

50. – A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e de maturidade intelectual, quando a inteligência já desenvolvida não se conforma a um papel passivo, quando o ser humano nada aceita às cegas, mas quer ver onde o conduzem, saber o como e o porquê de cada coisa, tinha de ser, ao mesmo tempo, o produto de um ensinamento e o fruto do trabalho de pesquisa e do livre exame. Os Espíritos só ensinam o que é necessário para guiar as pessoas no caminho da verdade, *mas abstêm-se de revelar o que cada uma pode encontrar por si mesmo,* deixando-lhe o cuidado de discutir, de controlar e de submeter tudo ao cadinho da razão, deixando-a mesmo frequentemente adquirir experiência à própria custa. Os Espíritos dão-lhe o princípio, os elementos, para que ela tire proveito e os ponha em ação (§ 15).

51. – Os elementos da revelação espírita foram dados simultaneamente numa variedade de locais, a pessoas de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução. Assim sendo, é evidente que as observações não podiam ser feitas por todo o lado com o mesmo resultado; que as consequências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenómenos, numa palavra, a conclusão em que deviam assentar as ideias, só podia sair do conjunto e da correlação dos factos. Ora, cada centro isolado, circunscrito num quadro restrito, vendo frequentemente apenas uma ordem particular de factos, por vezes de aparência contraditória, tendo geralmente relação com uma só categoria de Espíritos e, limitado pelos partidarismos e pelas influências locais, encontrava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de unificar as observações isoladas num princípio comum. Como cada um apreciava os factos do ponto de vista dos seus conhecimentos e das suas crenças anteriores, ou segundo a opinião particular dos Espíritos que se manifestavam, havia logo tantas teorias e sistemas quanto o número de centros, e nenhum poderia ser completo por falta de elementos de comparação e de controlo. Numa palavra, cada um ficava imobilizado na sua revelação parcial, convencido de possuir toda a verdade, por desconhecer que, em cem outros lugares se conseguia mais e melhor.

52. – É de notar, além disso, que em nenhum lugar o ensinamento espírita foi dado de maneira completa; abarca tantos assuntos e tão diversos − que exigem tanto conhecimentos como aptidões mediúnicas − que seria impossível reunir todas as condições necessárias num mesmo lugar. Devendo o ensinamento ser coletivo, os Espíritos dividiram o trabalho, distribuindo os temas de estudo como em certas fábricas a produção do mesmo objeto é repartida por diversos operários.

Assim, a revelação faz-se parcialmente, em diversos lugares e por muitos intermediários, e continua, já que nem tudo está revelado. Cada centro encontra noutros centros o complemento do que obtém, e é o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constituíram a cultura Espírita.

Era, pois, necessário agrupar os factos dispersos para estudar a sua correlação, reunir documentos diversos, instruções dadas pelos Espíritos em todos os locais e sobre todos os assuntos, a fim de compará-las, analisá-las, estudar as suas analogias e as suas diferenças. Sendo as comunicações dadas por Espíritos de todas as categorias, mais ou menos esclarecidos, seria necessário apreciar o grau de confiança que a razão lhes podia conceder, distinguir as ideias individuais e isoladas das que tivessem a sanção do ensinamento geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; eliminar as que fossem notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica; utilizar até os erros, as informações fornecidos mesmo pelos Espíritos de mais baixo nível, para o conhecimento do estado do mundo invisível, para formar dele um todo homogéneo. Fazia falta, numa palavra, um centro de elaboração, independente de todas as ideias preconcebidas, de todo o preconceito sectário, *disposto a aceitar a verdade que se evidenciava, mesmo que fosse*

contrária às opiniões pessoais. Este centro formou-se por si mesmo, pela força das circunstâncias *e sem um plano premeditado*. [14]

53. – A partir deste estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas, indo das extremidades para o centro, outras voltando do centro para a periferia.

Foi assim que a doutrina avançou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde surgiu; que as teorias divergentes foram caindo pouco a pouco, pelo seu isolamento, perante a ascendência da opinião da maioria, onde não encontraram ecos simpáticos.

Uma comunhão de pensamentos estabeleceu-se logo entre os diferentes centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, compreendem-se e simpatizam uns com os outros, duma extremidade à outra do mundo.

Os Espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, avançaram, com um passo mais resoluto quando deixaram de se sentir isolados, quando sentiram que existia um ponto de apoio, um laço que os ligava à grande família; os fenómenos que observavam já não lhes pareciam estranhos, nem anormais ou contraditórios, quando puderam relacioná-los com as leis gerais da harmonia, abraçando, num olhar a totalidade do edifício, e vendo, nesse conjunto, uma finalidade grandiosa e humanitária.[15]

Mas, como saber se um princípio é ensinado por toda parte, ou se é o resultado de uma opinião individual? Não sendo os grupos isolados capazes de saber o que se diz nos outros, tornava-se

---

[14] O Livro dos Espíritos, foi a primeira obra que colocou o Espiritismo na via filosófica, pela dedução das consequências morais dos factos, e que abordou todo o conjunto da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela levanta. Foi, desde a sua aparição, o ponto de reunião no qual convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que, da publicação deste livro data a era do Espiritismo filosófico, que até então tinha permanecido no domínio das experiências realizadas por curiosidade. Se este livro conquistou as simpatias da maioria é porque é a expressão dos sentimentos desta mesma maioria e responde às suas aspirações; é também porque cada um aí encontrou a confirmação e uma explicação racional daquilo que obtivera de modo particular. Se ele tivesse estado em desacordo com o ensinamento geral dos Espíritos não teria nenhum crédito e rapidamente teria caído no esquecimento. Ora, qual foi o ponto de convergência? *Não foi o homem*, que nada vale por si, operário principal que morre e desaparece, *mas a ideia* que não morre quando emana de uma fonte superior aos homens.

Esta concentração espontânea das forças dispersas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno onde se refletem, ao mesmo tempo, os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que fizeram nascer a doutrina, os resultados morais, a dedicação e o desfalecimento; arquivos preciosos para a posteridade que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença destes testemunhos irrecusáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme? (Nota de A.K.)

[15] Um testemunho significativo, tão notável quanto tocante, desta comunicação de pensamento que se estabeleceu entre os Espíritos pela conformidade das crenças, são os pedidos de preces que nos chegam das regiões mais distantes, desde o Perú até às extremidades da Ásia, da parte de pessoas, de religiões e de nacionalidades diversas, e que nunca vimos. Não será isto o prelúdio da grande unificação que se prepara? A prova das raízes sérias que o Espiritismo toma, por todo o lado?

É considerável que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de provocar uma cisão, proclamando princípios divergentes, da mesma forma que os que por razões de amor-próprio ou outras, não querendo parecer que se sujeitam à lei comum, se consideram suficientemente fortes para caminharem sozinhos, dotados de conhecimentos suficientes para prescindirem de conselhos, nenhum conseguiu constituir uma ideia preponderante e viável; todos se extinguiram ou vegetam na sombra. Não poderia ser de outro modo, pois, desde logo, para se distinguirem, em lugar de se esforçarem para proporcionar uma maior soma de satisfações, rejeitaram precisamente os princípios da doutrina que a fazem mais poderosa e atrativa, mais consoladora, mais encorajadora e mais racional.

Se tivessem compreendido a força dos elementos morais que constituíram a unidade, não estariam acalentando ilusões quiméricas; mas, tomando o seu pequeno círculo pelo Universo, não viram nos adeptos mais do que um grupo que podia facilmente ser convencido por uma contrapartida. Enganaram-se, estranhamente, sobre as características essenciais da doutrina, e este erro só poderia trazer-lhes deceções; em lugar de romper a unidade, quebraram o laço que só poderia dar-lhe a força e a vitalidade. (Ver Revista Espírita, abril 1866, págs. 106 e 111: O Espiritismo sem os Espíritos; o Espiritismo independente). (Nota de A.K.)

necessário que um centro reunisse todas as instruções, para fazer uma espécie de depuramento das vozes, e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria.

54. – Não existe nenhuma ciência que tenha saído inteiramente concluída do cérebro de uma pessoa. Todas, sem exceção, são o produto de observações sucessivas, caminhando do conhecido para o desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam com o espiritismo. É por isso que o seu ensinamento é gradual; só se abordam as questões à medida que as ideias de base estão bem elaboradas e que a opinião está suficientemente madura para as assimilar. Sempre que se abordam questões prematuras, só são obtidas respostas contraditórias, não concludentes. Quando o momento é favorável, o ensinamento é idêntico na maioria dos centros.[16]

Há, contudo, uma diferença substancial entre o avanço do Espiritismo e o das outras ciências. Estas só atingiram o ponto onde chegaram depois de longos intervalos, enquanto bastaram poucos anos ao Espiritismo, para constituir uma cultura devidamente estruturada. Isto deve-se à grande quantidade de Espíritos que, pela vontade de Deus, se manifestaram, anunciando, cada um, o contingente dos seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas durante séculos, foram mais ou menos simultâneas, em alguns anos, e que foi suficiente agrupá-las para formar um todo.

Deus quis que fosse assim, em primeiro lugar para que o edifício fosse construído mais rapidamente; em segundo lugar, para que se pudesse, pela comparação, ter um controle por assim dizer, imediato e permanente da universalidade do ensino. Uma vez que cada parte *só tem valor e autoridade* pela sua conexão com o conjunto, todas devem harmonizar-se, encontrar o lugar que lhe corresponde e chegar cada uma no seu tempo.

Não confiando a um só Espírito o cuidado da promulgação da doutrina, Deus quis, mesmo assim, que tanto o menor como o maior, tanto entre os Espíritos como entre os homens, contribuísse com a sua pedra para o edifício, para que se estabeleça entre eles um laço de solidariedade cooperativa que tem faltado a todas as doutrinas saídas de uma fonte única.

Por outro lado, cada Espírito e cada ser humano encarnado, tendo cada um só uma quantidade limitada de conhecimentos, seria incapaz de tratar de uma forma completa as inumeráveis questões inerentes ao Espiritismo.

Por este motivo, o conhecimento do espiritismo, para satisfazer a vontade do Criador, não pode ser obra de um só Espírito, ou de um só médium. Só poderá sair do conjunto dos trabalhos controlados uns pelos outros. [17]

55. – Uma última característica da revelação espírita, que ressalta das próprias condições em que é feita, é que, apoiando-se nos factos, só pode ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua essência, alia-se com a ciência que, como enuncia as leis da natureza a respeito de uma certa ordem de factos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor dessas leis.

As descobertas da ciência, longe de rebaixar Deus, glorificam-no; elas só destroem o que os homens construíram sobre ideias falsas que fizeram de Deus.

---

16 Tal é o objetivo das nossas publicações que podem ser consideradas como o resultado dessa depuração. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas, as questões só são formuladas sob a forma de princípios, depois de terem recebido a consagração de todos os controlos, pois só eles podem dar-lhes força de lei e permitir afirmá-las categoricamente.

É por isso que não preconizamos apressadamente qualquer teoria e que a doutrina procedente do ensinamento geral, não é, de facto, o produto de um sistema preconcebido. Também é isso que faz a sua força e assegura o seu futuro. (Nota de A.K.)

17 Ver no Evangelho segundo o Espiritismo, Introdução, § II, e Revista Espírita, abril 1864, página 90: Autoridade da Doutrina Espírita; Controle Universal do Ensinamento dos Espíritos. (Nota de A.K.)

O Espiritismo só estabelece como princípio absoluto o que é demonstrado com evidência, ou o que se deduz, logicamente, da observação.

Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais presta o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer natureza que sejam, chegadas ao estado de *verdades práticas* e abandonando o domínio da utopia, sem o que se aniquilaria; cessando de ser o que é, defraudaria a sua origem e a sua finalidade providencial.

O Espiritismo, avançando com o progresso, nunca será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está errado sobre um ponto, reformular-se-á nesse ponto; se uma nova verdade se revelar, aceitá-la-á. [18]

56. – Qual é a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, se é a mesma que Jesus ensinou? Os seres humanos têm necessidade de uma revelação e não podem encontrar em si mesmos, tudo o que precisam para se conduzirem?

Do ponto de vista moral, Deus deu-lhes um guia, a sua consciência, que lhes diz: "não façam aos outros o que não querem que vos façam". A moral natural está certamente inscrita no coração de todos, mas é preciso saber lê-la.

Têm reconhecido esses sábios preceitos? Que fizeram da moral de Jesus? Como a praticam mesmo aqueles que a ensinam? Não façam dela letra morta, boa para os outros e não para si.

Censurais um pai por repetir cem vezes a mesma instrução aos seus filhos se eles não a aproveitam? Porque faria Deus menos que um pai de família?

Deus envia à Terra, de tempos a tempos, mensageiros especiais encarregados de chamar as pessoas aos seus deveres e de as conduzir ao bom caminho, quando se desviam dele. Abre os olhos da inteligência àqueles que os trazem fechados, da mesma forma que as sociedades mais avançadas enviam missionários aos povos menos evoluídos.

De facto, os Espíritos só ensinam a moral de Jesus, porque não há outra melhor. Mas, então, a quem serve o seu ensinamento, se diz apenas o que já sabemos? Poderia dizer-se o mesmo da moral de Jesus, que foi ensinada quinhentos anos antes dele, por Sócrates e Platão e em termos quase idênticos; e de todos os moralistas que repetem a mesma coisa, em todos os tons e sob todas as formas.

Os Espíritos vêm simplesmente aumentar o número dos moralistas, com a diferença de que se manifestam por todo o lado, fazem-se ouvir tanto na casa mais humilde como no palácio mais rico, tanto pelos ignorantes como por pessoas instruídas.

O que o ensinamento dos Espíritos acrescenta à moral de Jesus é o conhecimento dos princípios que ligam os mortos e os vivos, que completam as noções vagas que ele tinha dado da alma, do seu passado e do seu futuro, e que dão à sua doutrina a garantia das próprias leis da natureza.

Com o auxílio dos novos conhecimentos trazidos pelo espiritismo e pelos Espíritos, os seres compreendem a solidariedade que os une a todos; a caridade e a fraternidade tornam-se uma necessidade social; fazem melhor por convicção o que só faziam por dever.

Só quando praticarem a moral de Jesus, então poderão dizer que já não têm necessidade de moralistas encarnados ou desencarnados; mas, então, também Deus não os enviará.

57. – Qual a autoridade da revelação espírita, já que emana de seres cujos conhecimentos são limitados e que não são infalíveis?

[18] Perante declarações tão claras e tão categóricas como as que estão contidas neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendência ao absolutismo e à autocracia dos princípios, assim como todas as falsas interpretações que pessoas com preconceitos ou mal informadas atribuem à doutrina. Estas declarações, aliás, não são novidade. Temo-las repetido muitas vezes nos nossos textos, para que, a este respeito, não reste qualquer dúvida. Elas mostram-nos, por outro lado, o nosso verdadeiro papel, o único que ambicionamos: o de trabalhar. (Nota de A.K.)

Esta objeção teria razão de ser se a revelação só consistisse nos ensinamentos dos Espíritos, se a devêssemos receber exclusivamente deles e aceitá-la de olhos fechados.

Deixa de ter valor exclusivo visto que os seres humanos também usam a sua inteligência e a sua razão. Os Espíritos limitam-se a orientar os homens nas deduções que eles podem tirar da observação dos factos.

As inumeráveis variedades de manifestações são factos; o individuo estuda-os e procura descobrir a lei que os rege; nesse trabalho, é ajudado pelos Espíritos de todas as categorias que, deste modo, são mais *colaboradores* do que exclusivamente *reveladores*. Os seres encarnados *submetem as declarações dos Espíritos ao controle da lógica e do bom senso*, beneficiando dos conhecimentos especiais que eles possuem como Espíritos, *sem abdicarem do uso da sua própria razão.*

Sendo os Espíritos as almas dos homens, ao comunicarmos com eles *não saímos da Humanidade*, circunstância capital a considerar. Os homens de génio, que foram as bandeiras da Humanidade, saíram do mundo dos Espíritos e aí voltarão de novo, ao deixar a Terra. A partir do momento em que os Espíritos podem comunicar com os encarnados, estes mesmos génios podem dar-lhes instruções no seu estado espiritual, como o faziam quando tinham uma forma corpórea; podem instrui-los depois da morte, como o faziam durante a vida. A única diferença é que são invisíveis em vez de serem visíveis; a sua experiência e o seu saber não devem ser menores e, se a sua palavra tinha autoridade como homens, não o deve ter agora menos só porque estão no mundo dos Espíritos.

58. – Contudo, não são só os Espíritos superiores que se manifestam, são também os Espíritos de todas as ordens, e era necessário que assim acontecesse para nos iniciarem nas verdadeiras características do mundo espiritual, mostrando-o sob todas as suas facetas.

As relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas e a ligação entre ambos é mais evidente; vemos mais claramente de onde viemos e para onde vamos; é esse o objetivo essencial destas manifestações.

Por conseguinte, todos os Espíritos, em qualquer grau de elevação a que tenham chegado, ensinam-nos alguma coisa; mas, como são mais ou menos esclarecidos, depende de nós discernir o que há neles de bom ou de mau, e de tirar todo o proveito possível que os seus ensinamentos nos possam dar; todos, quaisquer que sejam, podem ensinar-nos ou revelar-nos coisas que ignoramos e que, sem eles, nunca chegaríamos a saber.

59. Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem contradições, mas, cuja ação é restrita e as suas ideias propagam-se, necessariamente, de forma lenta. Se apenas um deles, quer fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, tivesse vindo nestes últimos tempos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem teria provado a verdade das suas afirmações, nestes tempos de ceticismo? Não teria ele sido visto como um sonhador ou um utópico? E, mesmo admitindo que estivesse com a verdade absoluta, séculos se passariam antes que as suas ideias fossem aceites pelas massas.

Deus, na sua sabedoria, não quis que fosse assim; quis que o ensinamento fosse dado pelos próprios Espíritos, e não pelos encarnados, a fim de convencê-los da sua existência; e quis que esse ensinamento fosse dado por toda a Terra, quer para se propagar mais rapidamente, quer para que se encontrasse, na coincidência de diversos ensinamentos dados em locais diferentes, uma prova da sua verdade, e que, por esse meio, cada pessoa possa ficar convencida pelos meios postos ao seu próprio alcance.

60. – Os Espíritos não vêm libertar as pessoas do trabalho e do estudo. Não lhes trazem uma ciência completa; deixam em aberto o que elas próprias podem descobrir, como sabem atualmente os espíritas.

Há muito tempo que a experiência demonstrou o erro que atribuía aos Espíritos todo o conhecimento, e que era suficiente falar com o primeiro Espírito que aparecesse para conhecer tudo.

Saídos da humanidade, os Espíritos são uma das suas faces; assim como na Terra, também no mundo espiritual há Espíritos superiores e Espíritos vulgares. Muitos sabem menos que nós e apenas dizem o que sabem.

Como entre nós, os mais adiantados podem ensinar mais, dando-nos opiniões mais exatas que os atrasados.

Pedir conselhos aos Espíritos não é fazê-lo a forças sobrenaturais, mas *aos nossos iguais*, aos mesmos a quem nos dirigimos em vida, parentes, amigos ou a pessoas mais esclarecidas do que nós.

É necessário esclarecer isto muito bem, porque é ignorado pelos que não estudaram o espiritismo, tendo uma ideia completamente falsa sobre o mundo dos Espíritos e das relações que é possível estabelecer com ele.

61. – Qual é a utilidade destas comunicações, se os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Em primeiro lugar, como dissemos, abstêm-se de nos dar o que possamos adquirir pelo trabalho; em segundo, há coisas que não lhes é permitido revelar, porque o nosso grau de adiantamento não as comporta. À parte isto, as condições da sua nova existência ampliam o âmbito das suas perceções; veem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, julgam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, por isso mesmo, com mais lucidez. A sua perspicácia abrange um horizonte mais vasto; compreendem os seus erros, retificam as suas ideias e desembaraçam-se dos preconceitos humanos.

É nisso que consiste a superioridade dos Espíritos em relação aos que permanecem na Terra, e é por isso que os seus conselhos, considerando o seu nível de progresso, são mais sensatos e desinteressados que os dos vivos.

O meio em que se encontram permite-lhes iniciar-nos nas coisas da vida futura que ignoramos e que não podemos aprender onde estamos. Até agora, o homem só tinha criado hipóteses sobre o seu futuro; é por isso que as suas crenças têm estado divididas em teorias tão numerosas e divergentes, desde o niilismo até às fantásticas descrições do inferno e do paraíso.

Atualmente, são as testemunhas oculares, os atores mesmo da vida de além-túmulo que vêm dizer-nos o que ela é, *o que só eles podem fazer*. As suas manifestações têm-nos dado a conhecer o mundo invisível que nos envolve, e de que não suspeitávamos. Só esse conhecimento já seria de grande importância, mesmo supondo que os Espíritos nada mais fossem capazes de nos ensinar.

Se fosse a um país desconhecido, rejeitaria os ensinamentos do mais humilde camponês que encontrasse? Recusaria inquiri-lo sobre as condições do caminho, só porque ele é apenas um camponês? Não esperaria dele, certamente, esclarecimentos de um alto nível, mas, na sua esfera, poderia ensinar-lhe mais do que o faria um sábio que não conhecesse o país.

Essas indicações serão um instrumento útil para o viajante, mesmo que só tendo servido para dar a conhecer os costumes dos camponeses. Acontece o mesmo com os Espíritos; mesmo o mais pequeno nos ensina sempre alguma coisa.

62. – Uma comparação vulgar fará compreender ainda melhor a situação. Um navio carregado de emigrantes parte para um destino distante com passageiros de todas as condições, parentes e amigos dos que ficaram. Entretanto, sabe-se que o navio naufragou; não foi encontrado nenhum vestígio dele; pensa-se que todos os passageiros pereceram e todas as famílias estão de luto.

Todavia a tripulação completa e todos os passageiros chegaram a uma terra desconhecida, abundante e fértil, onde todos continuam a viver felizes sob um céu clemente, mas nada disto se sabe.

Entretanto, um outro navio abordou essa terra; encontrou aí todos os náufragos sãos e salvos. A feliz notícia espalha-se com a rapidez de um relâmpago; cada um diz: "Os nossos amigos não estão perdidos!" E dão graças a Deus. Não podem ver-se, mas correspondem-se; trocam demonstrações de afeição e a alegria sucede à tristeza.

Tal é a imagem da vida terrena e da vida do além, antes e depois da revelação moderna. Esta, como o segundo navio, traz-nos a boa notícia da sobrevivência dos que nos são queridos e a certeza de nos iremos encontrar, um dia. Desaparece a dúvida sobre a sua sorte e a nossa; o desalento dá lugar à esperança.

Outros resultados vêm enriquecer esta revelação. Deus, julgando a Humanidade madura para penetrar nos mistérios do seu destino e contemplar com bom senso as novas maravilhas, permitiu que o véu que separava o mundo visível do mundo invisível fosse levantado. As manifestações nada têm de extra-humano; *é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corpórea* e dizer-lhe: "Nós existimos, logo, o nada não existe [19]; é isto que somos e que vós sereis; o futuro será para vós como é para nós."

O vosso caminho fazia-se nas trevas, nós viemos iluminá-lo, traçando-vos um novo rumo. Já não caminhais ao acaso, tendes uma meta. Nós mostrámos a todos o que está para além da matéria, a vida espiritual. A vossa vista detinha-se no túmulo, foi-vos mostrado o horizonte esplêndido que fica para além dele. Desconhecíeis a razão do sofrimento na Terra, agora compreendeis que no sofrimento existe a justiça de Deus. O bem não produzia, aparentemente, frutos para o futuro, mas de hoje em diante terá uma finalidade e será uma necessidade; a fraternidade era apenas uma bela teoria, agora assenta numa lei da natureza.

Sob o império da crença de que tudo se acaba com a vida, a imensidão é vazia, o egoísmo reina como mestre e a vossa palavra de ordem é: "cada um por si". Com a certeza do futuro, os espaços intermináveis povoam-se até ao infinito, o vazio e a solidão não existem, a solidariedade liga todos os seres, além e aquém do túmulo; é o reino da caridade com o lema: "cada um por todos e todos por um". Enfim, ao fim da vida dizíeis um eterno adeus aos que vos são queridos, agora, direis: *"até breve".*

Estes são, em resumo, os resultados da nova revelação, que veio preencher o vazio criado pela incredulidade, elevar a coragem abatida pela dúvida ou a perspetiva do nada, e dar a todas as coisas uma razão de ser. Será que este resultado não tem importância, já que os Espíritos não vêm resolver os problemas da ciência, dar sabedoria aos ignorantes, e, dar aos preguiçosos o meio de enriquecer sem trabalhar?

Entretanto, os frutos que o homem deve recolher da nova revelação não são somente para a vida futura; colhê-los-á na Terra, pela transformação que estas novas crenças devem necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por consequência, nos hábitos e nas relações sociais. Colocando fim ao reinado do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do reino do bem, que é o reino de Deus.

A revelação tem, pois, por objetivo colocar o homem na posse de certas verdades que não poderia adquirir por si próprio, e tendo em vista ativar o progresso. Estas verdades limitam-se, em geral, aos princípios fundamentais destinados a pôr o homem sobre o caminho da investigação e não a levá-lo ao colo; são marcos que lhe mostram a meta; ele fica com a tarefa de estudá-los e de

[19] Aqui, e logo adiante, o que os Espíritos deixaram implícito é que, para eles, o nada não existe, mas, que o homem o encontraria. É justamente o que está ocorrendo com a pesquisa astrofísica: acabam de descobrir "o nada" e a quinta força do Universo, e que, pelo que tudo indica, vem a ser a atuação do domínio espiritual sobre o domínio universal (dito material). Este "nada" caracteriza-se como algo que tem peso, só não tem massa. (Ver "A Teoria do Nada" – Sten Odenwald – membro da equipe de Palomar) – (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

deduzir-lhe as aplicações; longe de o libertar do trabalho, são os novos elementos fornecidos para a sua atividade.

CAPÍTULO II - DEUS[20]

Existência de Deus

1. – Sendo Deus a causa primeira de todas as coisas, o ponto de partida de tudo, o eixo sobre o qual repousa o edifício da Criação, é o ponto que importa considerar antes de tudo.

Existe um princípio elementar segundo o qual se julga uma causa pelos seus efeitos, até mesmo que não se veja a causa. A ciência vai mais longe: calcula o poder da causa pelo poder do efeito, e pode mesmo determinar a sua natureza. Foi assim, por exemplo, que a Astronomia concluiu da existência de planetas em determinadas regiões do espaço, pelo conhecimento das leis que regem o movimento dos astros; procuraram-se e encontraram-se planetas que, na realidade, pode dizer-se que foram descobertos antes de terem sido vistos.

2. – Numa ordem de factos mais vulgares, se estivermos mergulhados num espesso nevoeiro, ao observar uma claridade difusa no horizonte, julgamos que é o Sol, apesar de o não termos visto. Se um pássaro, quando voa, é atingido por um chumbo mortal, julga-se que foi um hábil atirador que o feriu, embora não se veja o atirador. Portanto, não é necessário ter-se visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que se chega ao conhecimento das causas.

3. – Um outro princípio também elementar, que por força da verdade se converteu em axioma, é que todo o efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Se indagássemos qual é o inventor de certo mecanismo engenhoso, o arquiteto de certo monumento, o escultor de certa estátua, o pintor de certo quadro, que se pensaria de quem respondesse que eles foram feitos por si mesmos? Quando observamos uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que deve ter sido feita por um homem de talento, porque só uma inteligência elevada seria capaz de a criar; contudo, pensamos que se trata da obra de um homem porque se sabe que não está acima da capacidade humana; mas não virá ninguém dizer que ela saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, e ainda menos que seja trabalho de um animal ou produto do acaso.

4. – Por toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras. Se chegardes a uma terra desconhecida, mesmo que seja um deserto, e se aí descobrirdes o menor vestígio de trabalhos humanos, concluis que criaturas humanas habitam ou habitaram essa região. A existência de homens antediluvianos não se provaria somente pele existência de fósseis humanos, mas também, e com toda a certeza, pela presença, nos terrenos desta época, de objetos trabalhados por eles: um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo, bastariam para atestar a sua presença. Pela rusticidade ou pela perfeição do trabalho reconhecer-se-á o grau de inteligência e avanço dos que o realizaram. Se, pois, encontrardes num país habitado exclusivamente por homens pouco

---

20 Este capítulo teve um significado especial para os leitores contemporâneos de A.K. Em alguns outros capítulos, ele vale-se de Ciências como a Geologia, a Fisiologia, a Química, para tratar da Génese do mundo e da vida. Neste, também se vale de uma Ciência Filosófica do seu tempo, a Teodiceia. A Metafísica especial era dividida em três partes: Psicologia Racional (relações entre a alma e o corpo), Cosmologia Racional (natureza da matéria e da vida), e estudo racional de Deus, Teodiceia: *"Deus, que do nada cria cada cousa, porque é o próprio ser, e por consequência, a causa primária, única e eficiente de todas as cousas*". (JANET, Paul, *Tratado elementar de Filosofia).*

Kardec segue a disposição de temas pertencente à filosofia do *espiritualismo racional,* apresentando a existência de Deus, sua natureza e atributos como nos manuais dessa Ciência. Mas, na parte final, *Providência e visão de Deus*, amplia o entendimento com os conceitos da doutrina, a partir dos ensinamentos dos Espíritos superiores. Dessa forma se justifica a afirmativa de A.K. na *Revista Espírita* de novembro de 1868: "A mais enérgica reação se opera a favor das ideias espiritualistas e que, como dissemos, toda a defesa do espiritualismo racional abre o caminho para o Espiritismo, do qual é o desenvolvimento, combatendo os mais tenazes adversários: o materialismo e o fanatismo". (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

adiantados, uma estátua digna de Fídias, não hesiteis em dizer que ela deve ser obra de uma inteligência superior à destes homens, que seriam incapazes de a fazer.

5. – Pois bem! Lançando os olhos à nossa volta, vendo as obras da natureza, observando a previdência, a sabedoria, a harmonia que presidem a todas elas, reconhecemos que não existe nenhuma que não ultrapasse a mais elevada capacidade da inteligência humana, já que o maior génio da Terra não saberia criar nem a mais pequena folha de couve.

Uma vez que a inteligência humana não as pode produzir, é porque são produto de uma inteligência superior à da Humanidade. Estendendo-se esta harmonia e esta sabedoria, desde o grão de areia e do ácaro até aos astros inumeráveis que circulam no espaço, é preciso concluir que esta inteligência envolve o infinito, a menos que se afirme que há efeitos sem causa.

6. – A isso alguns contrapõem o seguinte raciocínio:

As obras consideradas da natureza são o produto de forças materiais que atuam mecanicamente, em consequência das leis de atração e de repulsão; as moléculas dos corpos inertes agregam-se e desagregam-se pela ação dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e multiplicam-se sempre da mesma maneira, cada qual na sua espécie, em virtude dessas mesmas leis; cada ser é semelhante àquele de onde proveio; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração, estão subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a humidade, etc. Acontece o mesmo com os animais.

Os astros formam-se pela atração molecular e movem-se perpetuamente nas suas órbitas pelo efeito da gravitação. Esta regularidade mecânica no emprego das forças naturais não revela a ação de uma inteligência livre. O homem movimenta o seu braço quando quer e como quer, mas o que o movimentasse no mesmo sentido desde o nascimento até à morte, seria um autómato; ora, as forças orgânicas da natureza, consideradas no seu conjunto, são, de certa forma, automáticas.

Tudo isso é verdadeiro; mas estas forças são efeitos que devem ter uma causa e ninguém pretendeu que constituíssem a divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são inteligentes por si próprias, isso é ainda verdadeiro; sem dúvida são postas em ação, distribuídas e adequadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não pertence aos homens. A útil apropriação destas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um relógio move-se com uma regularidade automática e é nesta regularidade que reside o seu mérito. A força que o faz mover é completamente material e nada tem de inteligente; mas o que seria deste relógio se uma inteligência não tivesse combinado, calculado, distribuído o emprego desta força para o fazer andar com precisão? A inteligência não está no mecanismo do relógio; ora, porque ninguém a vê, seria racional concluir-se que não existe? Não, já que podemos apreciá-la pelos seus efeitos.

A existência do relógio prova a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo prova a inteligência e a sabedoria do seu fabricante. Quando se vê um desses relógios complicados que marcam a hora nas principais cidades do mundo, o movimento dos astros que atravessam o espaço, e que, numa palavra, parece que vos falam, para dar, no momento oportuno, o esclarecimento de que necessitais, nunca veio ao pensamento de qualquer um, dizer: aqui está um relógio bem inteligente.

Assim é o mecanismo do universo; *Deus não se mostra, mas afirma-se pelas suas obras.*

7. – A existência de Deus é, portanto, um facto comprovado, não só pela revelação, mas pela evidência material dos factos. Os povos menos avançados não tiveram qualquer revelação e, no entanto, acreditam instintivamente na existência de um poder sobre-humano; acontece que nem esses povos, por si próprios, fogem às consequências lógicas; eles veem as coisas que estão acima do poder humano e deduzem que elas provêm de um ser superior à humanidade.

8. – Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Temerário seria aquele que pretendesse levantar o véu que o oculta da nossa vista; falta-nos ainda o sentido que só se adquire pela completa purificação do Espírito. Mas, se não se pode penetrar na sua essência, pode-se, pelo raciocínio, tendo a sua existência como premissa adquirida, chegar ao conhecimento dos seus atributos necessários; porque, ao compreender o que Ele não pode ser, sem deixar de ser Deus, conclui-se o que deverá ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus [21] seria impossível compreender a obra da Criação. É o ponto de partida de todas as crenças religiosas e foi por não o terem considerado como um farol, que as devia orientar, que a maioria das religiões errou nos seus dogmas. As que não atribuíram a Deus a omnipotência, imaginaram vários deuses; as que não lhe atribuíram a soberana bondade, fizeram dele um Deus colérico, ciumento, parcial e vingativo.

9.– ***Deus é a suprema e soberana inteligência*.** A inteligência do homem é limitada, já que não pode fazer nem compreender tudo o que existe; a de Deus, abarcando o infinito, deve ser infinita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber um outro ser ainda mais inteligente, capaz de compreender e de fazer o que o primeiro não faria, e assim, sucessivamente até ao infinito.

10.– ***Deus é eterno***, quer dizer que não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido um começo, teria saído do nada; ora bem, como o nada é nada, não pode produzir coisa alguma. Por outro lado, se Deus tivesse sido criado por outro Ser anterior, era esse ser e não Ele que seria Deus. Se se supuser que teve um começo ou um fim, poder-se-á, então, conceber um Ser tendo existência antes ou depois d'Ele e, assim sucessivamente, até ao infinito.

11.– ***Deus é imutável.*** Se fosse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

12.– ***Deus é imaterial****;* é como dizer que sua natureza difere de tudo aquilo que chamamos de matéria; se assim não fosse, Ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem uma forma que possa ser apreciada pelos nossos sentidos; nesse caso seria matéria.

Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem não conhecendo mais nada para além de si mesmo, toma-se a si mesmo como termo de comparação para tudo o que não compreende. Estas imagens, em que se representa Deus sob a figura de um ancião de longas barbas, coberto por um manto, são ridículas; elas têm o inconveniente de rebaixar o ser supremo às mesquinhas proporções da humanidade; daí a atribuir-lhe as paixões humanas, e fazer dele um Deus colérico e ciumento não vai mais do que um passo.

[21] Na Ciência Filosófica dedicada ao estudo de Deus, Teodiceia, os atributos de Deus eram metafísicos, que excluíam as limitações que encontramos na criação, e também morais, que atribuem a Deus a condição absoluta das criaturas, portanto, inteligência, justiça e bondade supremas ou infinitas. A explicação de Paul Janet demonstra o quanto os espiritualistas racionais estavam preparados para compreender o Espiritismo: "Se só existisse um universo físico, os atributos metafísicos eram suficientes. Mas existe um Universo dos Espíritos, um Universo moral, com origem na causa primeira. Deus é causa tanto dos Espíritos como da matéria" (JANET, 1885).

Por aqui se vê como há perfeita continuidade entre a filosofia espiritualista racional e a doutrina dos Espíritos. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

13.– ***Deus é todo poderoso.*** Se não tivesse o supremo poder, poder-se-ia conceber um Ser mais poderoso que Ele, e assim sucessivamente, até que se encontrasse um Ser que nenhum outro pudesse ultrapassar em poder e este, então, é que seria Deus. Se não fosse todo-poderoso não teria feito todas as coisas e aquilo que não tivesse feito, seria obra de outro Deus.

14.– ***Deus é soberanamente justo e bom.*** A sabedoria providencial das leis divinas revela-se nas mais pequenas coisas, bem como nas maiores e esta sabedoria não permite que se duvide nem da sua justiça nem de sua bondade. Estas duas qualidades implicam todas as outras; se as supusermos limitadas, nem que seja num só ponto, poder-se-ia conceber um Ser que as possuísse num mais alto grau e que, portanto, lhe seria superior.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária pois esta reduzi-la-ia ou anulá-la-ia. Um ser *infinitamente bom* não poderia ter a mínima parcela de maldade, nem um ser *infinitamente mau poderia* ter a menor parcela de bondade; do mesmo modo que um objeto não poderia ser de um negro absoluto se tivesse o mais ligeiro matiz branco, nem de um branco absoluto se tivesse a menor mancha de negro.

Assi, Deus não poderia ser, ao mesmo tempo, bom e mau, porque então, não possuindo nem uma nem outra destas qualidades no grau supremo, não seria Deus; todas as coisas estariam submetidas ao seu capricho e não haveria estabilidade para nada. Ele só poderia ser infinitamente bom ou infinitamente mau; se fosse infinitamente mau não faria nada de bom; ora, como as obras de Deus testemunham a sua sabedoria, a sua bondade e a sua solicitude, torna-se necessário concluir que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, necessariamente deve ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica a soberana justiça; porque, se atuasse injustamente ou com parcialidade *numa só circunstância*, ou em relação a *uma só das suas criaturas*, ele não seria soberanamente justo e, por consequência, não seria soberanamente bom.

15. – ***Deus é infinitamente perfeito.*** É impossível conceber Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois poder-se-ia sempre conceber um ser possuindo o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa superá-lo, é preciso que ele seja infinito em tudo.

Dado que os atributos de Deus são infinitos, não podem aumentar nem diminuir, caso contrário não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se se tirasse a mínima parcela de um só dos seus atributos, já não seria Deus, pois poderia existir outro Ser mais perfeito.

16– ***Deus é único.*** A unicidade de Deus é a consequência do absoluto infinito das suas perfeições. Só poderia existir outro Deus com a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas; porque, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, estaria subordinado ao seu poder e então não seria Deus. Se houvesse entre eles igualdade absoluta, teriam, desde sempre, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder; assim, confundidos nas suas identidades, seriam, na realidade, apenas um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, fazendo um o que o outro não fizesse, então, não haveria entre eles igualdade perfeita, pois nenhum possuiria a autoridade soberana.

17– Foi a ignorância do princípio do infinito das perfeições de Deus que originou o politeísmo, culto adotado por todos os povos primitivos; eles atribuíram a divindade a todo o poder que, na sua opinião, estivesse acima da humanidade. Mais tarde, a razão levou-os a reunir esses diversos poderes num só. Posteriormente, à medida que os homens foram compreendendo a essência dos atributos divinos, retiraram dos símbolos que tinham criado, as crenças que implicavam a negação desses atributos.

18– Em resumo: Deus, só pode ser Deus, na condição de não ser ultrapassado em nada por um outro ser; porque, então, o ser que o ultrapassasse no que quer que fosse, mesmo que fosse da espessura de um cabelo, seria o verdadeiro Deus. Para que isto não aconteça, é preciso que Ele seja infinito em tudo.

É assim que, estando constatada a existência de Deus pela realização das suas obras, chega-se, pela simples dedução lógica, a determinar os atributos que o caracterizam.

19 ***– Deus é, portanto, a suprema e soberana inteligência; é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições,*** e não poderia ser de outra forma.

Esta é a base sobre a qual repousa o edifício universal; é o farol cujos raios de luz se estendem sobre todo o Universo, a única luz que pode guiar o homem na procura da verdade; seguindo-a, nunca se extraviará. Se frequentemente se perde, é por não ter seguido o caminho que lhe foi indicado.

Este é também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas; o homem tem, nos atributos de Deus, uma medida rigorosamente exata para julgá-las. Pode afirmar, com certeza, que qualquer teoria, qualquer princípio, qualquer dogma, qualquer crença, qualquer prática que esteja em contradição com *um só* dos seus atributos, que tenda não só a anulá-lo, mas, simplesmente, a diminuí-lo, não pode estar com a verdade.

Em Filosofia, em Psicologia, em Moral,[22] *em Religião, só é verdadeiro aquilo que não se afaste nem um milímetro das qualidades essenciais da divindade.* A religião perfeita será aquela em que nenhum artigo de fé esteja em oposição a estas qualidades, onde todas as afirmações possam sujeitar-se à prova deste controlo, sem receber qualquer crítica.

A Providência

20– A providência é a solicitude de Deus para com as criaturas. Deus está em toda a parte, vê tudo, preside a tudo, mesmo às mais pequenas coisas. É nisso que consiste a ação providencial.

"Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, preocupar-se com estes pormenores ínfimos, preocupar-se com os mais pequenos atos e os mais ínfimos pensamentos de cada indivíduo? Essa é a pergunta que fazem os incrédulos, e concluem que, admitindo a existência de Deus, a sua ação só se exerce sobre as leis gerais do Universo, e que o Universo funciona desde sempre em virtude dessas leis às quais todas as criaturas estão sujeitas na esfera das suas atividades, sem que seja necessário a intervenção incessante da providência".

21– No seu estado atual de inferioridade, os homens dificilmente podem compreender que Deus seja infinito, porque, sendo eles mesmos fechados e limitados, imaginam Deus assim, como eles: representam-no como um ser circunscrito e fazem dele uma imagem à sua semelhança. Os quadros em que os nossos pintores o apresentam com traços humanos só contribuem para manter este erro no espírito das massas que adoram n'Ele mais a forma do que o pensamento. Para a maioria, Deus é um soberano poderoso sobre um *trono* inacessível, perdido na imensidão dos céus. Como as suas faculdades e as suas perceções são limitadas, não compreendem que Deus possa ou se digne intervir diretamente nas pequenas coisas.

[22] Aqui se faz referência às Ciências Filosóficas, próprias da filosofia oficial do espiritualismo racional: Psicologia Experimental, Moral teórica e prática (fundamentadas nos conceitos de dever, leis morais presentes na consciência, e ato moral determinado pela liberdade de escolhas). Realmente, todo o conjunto dessas Ciências tinham como referência os atributos definidos na Teodiceia. Segundo Kardec, a religião, para ser perfeita, deve seguir o mesmo compromisso concetual, não se aceitando um Deus vingativo, que concede privilégios ou castiga eternamente, mas sim agindo por leis e renovando oportunidades. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

22– Perante a incapacidade de compreender a essência própria da divindade, o homem só pode fazer dela uma ideia aproximada por meio de comparações, necessariamente muito imperfeitas, mas que servem, pelo menos, para mostrar-lhe a possibilidade do que, à primeira vista, lhe parecia impossível.

Imaginemos um fluido bastante subtil para penetrar todos os corpos; é evidente que cada molécula deste fluido, estando em contacto com cada molécula da matéria, produzirá no corpo uma ação idêntica àquela que produzirá a totalidade do fluido. É o que a Química demonstra todos os dias em proporções limitadas.

Este fluido, não sendo inteligente, atua mecanicamente apenas por meio de forças materiais; mas, se supuséssemos este fluido dotado de inteligência, de faculdades percetivas e sensitivas, ele já não agiria às cegas, mas sim com discernimento, com vontade própria e liberdade; ele veria, entenderia e sentiria.

As propriedades do fluido perispiritual[23] podem dar-nos uma ideia a esse respeito. Ele não é inteligente por si mesmo, porque é matéria, mas serve de veículo do pensamento, das sensações e das perceções do Espírito; é devido à sutileza deste fluido que os Espíritos penetram por todo o lado, que eles perscrutam os nossos pensamentos mais íntimos, que veem e agem à distância; é a este fluido, chegado a um certo grau de purificação, que os Espíritos superiores devem o dom de ubiquidade; basta um raio do seu pensamento dirigido para diversos pontos, para que possam manifestar a sua presença, simultaneamente, em todos esses pontos. A extensão desta faculdade está subordinada ao grau de elevação e de purificação do Espírito. É, ainda, com ajuda deste fluido que o próprio homem age à distância sobre certos indivíduos, pelo poder da sua vontade, que modifica, dentro de certos limites, as propriedades da matéria, dá a substâncias inativas determinadas propriedades, repara desordens orgânicas e efetua curas pela imposição das mãos.

23.– Mas os Espíritos, por mais elevados que sejam, são criaturas limitadas nas suas faculdades, no seu poder, e na extensão das suas perceções, de modo que, sob este aspeto, não poderiam aproximar-se de Deus. Contudo, podem servir-nos de termo de comparação. O que o Espírito não pode realizar, senão dentro de limites restritos, Deus, que é infinito, realiza-o em proporções infinitas. Há ainda outras diferenças, pois a ação do Espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias, enquanto a ação de Deus é permanente; além disso, o pensamento do Espírito abrange um espaço circunscrito e só durante um tempo, enquanto o de Deus abarca o Universo e a eternidade. Numa palavra, entre os Espíritos e Deus existe a distância que vai do finito ao infinito.

24. O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário deste pensamento; como é ele que o transmite, fica, de certo modo, *impregnado* dele. Na impossibilidade em que estamos de isolar o pensamento, parece-nos que ele se confunde com o fluido, como acontece com o som e o ar, de tal modo que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Da mesma forma que dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

25.– Quer seja ou não assim, no que se refere ao pensamento de Deus, isto é, quer o pensamento de Deus atue diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilitar a nossa compreensão, representemo-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente que enche o Universo infinito, penetrando em todas as partes da Criação: *a natureza inteira está imersa no fluido divino*; ora bem, em virtude do princípio segundo o qual as partes de um todo são da mesma natureza e

23 Naquela época definia-se tudo que não fosse sólido, como sendo fluido, incluindo as energias, como a eletricidade, e daí o conceito de "fluido perispiritual" atualmente dito "energia parapsíquica". (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

têm as mesmas propriedades que o todo, cada átomo deste fluido, se assim nos podemos exprimir, possui o pensamento, isto é, os atributos essenciais da divindade; estando este fluido por toda a parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua previsão, à sua solicitude; nem haverá nenhum ser, por mais ínfimo que seja, que não esteja, de alguma forma, saturado dele.[24] Encontramo-nos pois, constantemente, na presença da divindade; não há uma só das nossas ações que possamos subtrair ao seu olhar; o nosso pensamento está em contato incessante com o Seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê até no mais profundo do nosso coração; *estamos n'Ele como Ele está em nós*, conforme a expressão de Jesus.

Assim, pois, para estender a sua solicitude sobre todas as criaturas, Deus não necessita de nos enviar o seu olhar lá do Alto. Para que as nossas preces sejam ouvidas por Ele, não necessitam de atravessar o espaço, nem de serem ditas com uma voz retumbante, porque, como Deus está continuamente ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem-se n'Ele.

Os nossos pensamentos são como os sons de um sino que faz vibrar todas as moléculas do ar circundante.

26.– Longe de nós está a ideia de materializar a divindade; a imagem de um fluido inteligente universal é evidentemente, apenas uma comparação, mas capaz de dar uma ideia de Deus mais exata que os quadros que o representam como uma figura humana. Esta imagem só tem o propósito de fazer compreender a possibilidade de Deus estar em toda a parte e de se ocupar de tudo.

27. Temos constantemente sob os nossos olhos um exemplo que nos permite fazer uma ideia da maneira pela qual a ação de Deus se pode exercer sobre as mais íntimas partes de todos os seres e, por conseguinte, como as impressões mais subtis da nossa alma chegam até Ele.

Este exemplo foi tirado de uma instrução dada por um Espírito sobre este assunto:

"Um dos atributos da divindade é ser infinito; não se pode representar o Criador com uma forma, um limite, um marco qualquer. Se não fosse infinito, poder-se-ia conceber algo maior do que ele e esse algo seria Deus. Sendo infinito, Deus está em toda a parte porque, se não o estivesse, não seria infinito; não se pode sair desse dilema.

"Portanto, se há um Deus, e disso ninguém duvida, esse Deus é infinito e não se pode conceber qualquer extensão que ele não ocupe. Encontra-se, portanto, em contacto com todas as suas criações; Envolve-as e elas estão n'Ele; é, pois, compreensível, que ele esteja em contacto direto com cada criatura, e para vos fazer compreender, tão materialmente quanto possível, de que modo esta comunicação tem lugar universal e constantemente, examinemos o que se passa com o homem entre o seu Espírito e o seu corpo.

"O homem é um pequeno mundo; o seu diretor é o Espírito e o seu princípio dirigido é o corpo. Nesse Universo, o corpo representa uma criação cujo Deus é o Espírito, em termos de simples analogia e não de identidade. Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, os músculos, os nervos, as articulações, são outras tantas individualidades materiais, se assim se pode dizer, localizadas em partes especiais do corpo. Se bem que o número dessas partes constitutivas seja considerável e de natureza muito diferente, não se podem produzir movimentos ou impressões num determinado ponto, sem que o Espírito tenha consciência disso.

"Haverá sensações diferentes em vários pontos, simultaneamente? O Espírito sente-as todas, distingue-as, analisa-as, assinala a causa de cada uma e o lugar onde se produziram.

[24] Os estudos atuais levam os pesquisadores a concluir que existem 73% de vazio no Universo e 27% de energia. Este vazio pode ser aquilo que Kardec definiu como fluido inteligente porque, de facto, pelos observatórios astronómicos, daí surge a atuação de agentes estranhos ao Universo dando-lhe formas, como no caso estudado da formação planetária em torno da estrela Alfa Centaurus. Esta ideia do vazio leva à figura de um tanque cheio de espuma de sabão. É como se estes espaços fossem preenchidos pela Espiritualidade. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

"Um fenómeno análogo tem lugar entre a Criação e Deus. Deus está em todas as partes da natureza, assim como o Espírito está em todas as partes do corpo. Todos os elementos da criação estão em relação constante com Ele, assim como todas as células do corpo humano estão em contacto imediato com o ser espiritual.

"Um membro agita-se: o Espírito sente-o; uma criatura pensa: Deus sabe-o. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos vibram: o Espírito percebe todas as manifestações, distingue-as e localiza-as.

"As diferentes criaturas agitam-se, pensam e atuam. Deus sabe tudo o que se passa com todas elas.

"Daqui se pode deduzir igualmente a solidariedade entre a matéria e a inteligência, de todos os seres de um mundo entre si, a de todos os mundos e, por fim, a das criações com o Criador".

(QUINEMENT. Sociedade de Paris, 1867)

28 – Compreendendo o efeito podemos recuar à causa e julgamos a sua grandeza pela grandeza do efeito. A sua essência íntima escapa-nos, assim como a da causa de uma imensidade de fenómenos. Conhecemos o efeito da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação e, no entanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. [25] Será racional negar o princípio divino, só porque não o compreendemos?

29 – Nada impede que se admita, para o princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal que irradia sem cessar e inunda o Universo com as suas emanações, assim como o Sol o faz com a sua luz. Mas onde se encontra esse foco? É o que ninguém pode dizer. Provavelmente não está fixo num ponto determinado, assim como a sua ação também o não está, e também é possível que percorra incessantemente as regiões do espaço ilimitado.

Se, simples Espíritos possuem o dom da ubiquidade, em Deus esta faculdade não deve ter limites. Dado que Deus enche o Universo, poderia ainda admitir-se, a título de hipótese, que este foco não teria necessidade de se transportar, pois poderia formar-se onde a soberana vontade considerasse conveniente que se produzisse, o que nos permitiria dizer que ele está em toda a parte e em parte nenhuma.

30.– Diante destes problemas insondáveis, a nossa razão deve inclinar-se. Deus existe, não há como duvidar. Pela sua essência é infinitamente justo e bom. Compreendemos que a sua solicitude se estende a todos. Só pode querer o nosso bem, razão pela qual devemos confiar n'Ele.

Isto é o essencial; quanto a tudo o mais, só desejamos ser dignos de compreendê-lo.

A Visão de Deus

31. – Se Deus está em toda parte, porque não o vemos? Vê-lo-emos quando deixarmos a Terra? São estas as perguntas que nos fazem diariamente.

A primeira é fácil de responder, os nossos órgãos materiais têm perceções limitadas que não lhes permitem ver certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa visão e aos nossos instrumentos de análise, e, no entanto, não duvidamos da sua existência.

[25] De facto, só após os estudos de Planck (1901) sobre as emissões quânticas, é que se pôde ter uma ideia mais precisa do que eram estes fenómenos. E a última revisão de A ***Gênese*** feita por Kardec data de 1868. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

Vemos o efeito da peste[26] e não vemos o fluido[27] que a transmite; vemos os corpos em movimento sob a influência da força da gravidade, mas não vemos essa força.

32 – Os órgãos materiais não podem perceber as coisas de essência espiritual; só podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial com a visão espiritual. Portanto, só a nossa alma pode ter a perceção de Deus. Vê-lo-á imediatamente após a morte? Só as comunicações de além-túmulo nos podem responder. Por meio delas sabemos que a visão de Deus é um privilégio das almas mais purificadas e que, ao deixar o seu corpo terreno, poucas possuem o grau de desmaterialização necessário. Algumas comparações vulgares farão com que o compreendamos facilmente.

33.– Uma pessoa que se encontra no fundo de um vale, envolvida por uma bruma espessa, não vê o Sol; no entanto, como dissemos anteriormente, pela luminosidade difusa adivinha a sua presença. Se escalar a montanha, à medida que sobe, o nevoeiro dissipa-se pouco a pouco e a luz torna-se cada vez mais viva, mas ela ainda não vê o Sol. Quando começa a percebê-lo, está ainda ligeiramente encoberto, porque a menor névoa é suficiente para lhe diminuir o brilho. Apenas quando tiver atravessado completamente a camada brumosa, ao encontrar-se numa atmosfera completamente pura, vê o Sol em todo o seu esplendor.

Também sucederia o mesmo com um licor carregado de substâncias estranhas; está turvo, a princípio; a cada destilação a sua transparência aumenta, até que adquire uma limpidez perfeita e não apresenta nenhum obstáculo à visão.

Assim, também acontece com a alma. O corpo perispiritual se bem que invisível e impalpável para nós, é, para a alma, uma verdadeira matéria, demasiado espessa para certas perceções. Este corpo espiritualiza-se à medida que a alma se eleva em moralidade.

As imperfeições da alma são como véus que obscurecem a vista; cada imperfeição de que se liberta é um véu a menos, mas é só depois de estar completamente purificada que desfruta da plenitude das suas faculdades.[28]

34.- Sendo Deus a essência divina por excelência, só pode ser percebido em todo o seu esplendor por Espíritos que alcançaram o mais alto grau de desmaterialização. Quanto aos Espíritos imperfeitos, se não veem Deus, não é por estarem distantes d'Ele. Como todos os seres da natureza, estão mergulhados no fluido divino, como nós o estamos na luz; somente as suas imperfeições são véus que lhe impedem a visão; quando o nevoeiro estiver dissipado, vê-lo-ão resplandecer. Para isso, não terão de ir procurá-lo perto ou longe. Quando a sua visão espiritual estiver limpa das

---

26 Os estudos de Pasteur sobre a micro bacteriologia datam de 1870 em diante, quando ele descobriu a causa da fermentação da cerveja. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

27 Como se vê claramente, neste ponto A.K. não se refere aos fluidos perispirituais (matéria do mundo espiritual), mas a substâncias materiais consideradas reais pela Ciência do seu tempo: "na atmosfera que nos cerca aparecem muitas vezes partículas que, respiradas com o ar, podem prejudicar gravemente a saúde. É a essas partículas que se dá o nome de "miasmas". Não se conheciam ainda os vírus e as bactérias. (N.T.)

28 Enquanto no mundo físico os corpos são iguais para todos os humanos (colocados num ambiente quente, todos sentem calor, independentemente da sua inteligência ou moral), no mundo espiritual diferenciam-se proporcionalmente à sua evolução moral. Num Espírito elevado o perispírito torna-se mais subtil, ampliando as faculdades do Espírito; o seu pensamento e a sua perceção vão mais longe; move-se mais rapidamente e a maiores distâncias; o passado e o futuro ampliam-se. Os Espíritos imperfeitos, mais densos, ficam limitados, são como prisioneiros de si mesmos.

As condições espirituais, portanto, no outro mundo, não estão relacionadas com o lugar físico em que o Espírito se encontra, mas com o seu grau evolutivo, rompendo com todos os dogmas que descrevem locais como inferno ou céu. A noção de espaço ou localidade é substituída pela de qualidade ou natureza do corpo para se considerar os seus efeitos.

(Nota retirada da edição de A Génese da FEAL, 2019)

manchas morais que a obscurecem, vê-lo-ão em qualquer lugar, mesmo na Terra, porque Deus está em toda parte.

35- O Espírito só se purifica com o decorrer do tempo e as diferentes encarnações são os alambiques em cujo fundo deixa, de cada vez, algumas impurezas. Ao deixar o seu corpo material, os Espíritos não se libertam instantaneamente das suas imperfeições. Por isso, depois da morte não veem mais Deus do que viam quando estavam vivos; mas, à medida que se purificam, têm d'Ele uma intuição mais clara; se não o veem, compreendem-no melhor; a luz é menos difusa.

Quando os Espíritos dizem que Deus lhes impede de responder a uma pergunta, não é porque Deus lhes apareça, ou lhes dirija a palavra para lhes prescrever ou proibir isto ou aquilo. Eles sentem-no; recebem as emanações do seu pensamento, como nos acontece em relação aos Espíritos que nos envolvem com os seus fluidos, embora não os vejamos.

36.– Nenhum homem pode ver Deus com os olhos da carne. Se esta graça for concedida a alguns durante a encarnação, só acontecerá no estado de êxtase, quando a alma está tão desprendida dos laços da matéria quanto for possível. Um privilégio assim só aconteceria com almas de elite, encarnadas em missão e não em *expiação.* Contudo, como os Espíritos de ordem mais elevada resplandecem com um brilho deslumbrante, é possível que os Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, maravilhados com o esplendor que envolve aqueles, acreditem ter visto o próprio Deus. Seria como quem vê um ministro e o confunde com o soberano.

37.– Com que aparência Deus se apresenta aos que se tornam dignos de o ver? Será com alguma forma especial? Com uma figura humana ou como um foco de luz resplandecente? A linguagem humana é impotente para o descrever, porque não existe entre nós nenhum ponto de comparação que possa dar-nos uma ideia. Somos como cegos de nascimento a quem se procura, em vão, fazer compreender o brilho do Sol. O nosso vocabulário está limitado às nossas necessidades e ao círculo das nossas ideias; o dos selvagens não saberia descrever as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é demasiado pobre para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência é muito limitada para os compreender, assim como a nossa visão, demasiado fraca, seria ofuscada.

Origem do bem e do mal

1.– Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e visto que tal princípio é toda a sabedoria, toda a bondade, toda a justiça, tudo o que dele provém deve participar desses atributos. Uma vez que é infinitamente sábio, justo e bom, nada pode produzir de insensato, de mau ou de injusto. Portanto, o mal que observamos não pode ter a sua origem nele.

2.– Se o mal estiver nos atributos de um ser especial, quer se denomine Ariman ou Satã, das duas uma: ou esse ser seria igual a Deus e, por consequência, tão poderoso e eterno como ele, ou inferior.

No primeiro caso haveria dois poderes rivais, lutando sem cessar, cada qual procurando destruir o que o outro fizera e contrariando-se mutuamente. Essa hipótese é inconciliável com a unidade de visão que se revela no ordenamento do Universo.

No segundo caso, se esse ser fosse inferior a Deus, estar-lhe-ia subordinado. Não poderia existir desde toda a eternidade, como Ele, sem que fosse seu igual. Teria, pois, um princípio. E se fosse criado, só o poderia ter sido por Deus. Deus teria, assim, criado o Espírito do mal, o que seria a negação de sua infinita bondade. [29]

3. – Segundo certa doutrina, [30] o Espírito do mal, criado bom, ter-se-ia tornado mau e Deus, para puni-lo, tê-lo-ia condenado a permanecer eternamente mau e ter-lhe-ia dado, por missão, seduzir os homens para os induzir ao mal.

Se uma única queda [31] lhe tivesse merecido os mais cruéis castigos eternos, sem esperança de perdão, haveria nisso mais do que falta de bondade, haveria uma crueldade premeditada, pois, para a sedução ser mais fácil e melhor ocultar as armadilhas, Satã estaria autorizado a *transformar-se em Anjo de luz e a simular mesmo as obras divinas até ao ponto de enganar*.

Seria da maior injustiça e imprevidência por parte de Deus, pois toda a liberdade confiada a Satã, de sair do império das trevas e de se entregar aos prazeres mundanos, para arrastar os homens, o provocador do mal teria menor punição que as vítimas das suas astúcias que sucumbem por fraqueza, e uma vez no abismo, de lá não poderiam sair nunca mais. Deus recusa-lhes um copo de água para lhes mitigar a sede e, durante toda a eternidade, Ele e os seus anjos ouvem os seus queixumes, sem se deixar comover, permitindo a Satã todo o gozo que ele desejar.

Entre todas as doutrinas sobre a teoria do mal, esta é, sem dúvida, a mais irracional e a mais injuriosa para a Divindade. (Ver ***Céu e Inferno*** – Cap. IX – *Os demónios*)

4. – Entretanto, o mal existe e tem causa.

---

[29] Atualmente alguns pesquisadores, ante a descoberta de certos documentos da era em que Jesus viveu na Galileia, admitem que os gnósticos, heterodoxos mais próximos seguidores do mestre e ditos cristãos do primeiro momento, como Simão, o Mago, admitiam a existência de dois deuses distintos, um do bem, que enviara Jesus à Terra e outro do mal, que tentava desvirtuar os homens, tese esta que hipoteticamente seria pregada por Pedro, em Roma mas que, por não ser compatível com a doutrina de Constantino que seguia e aceitava a lenda egípcia do Deus Sol, monoteísta, exigiu que a nova doutrina, dita cristã, também se tornasse monoteísta, daí, terem os sábios da época se servido do apóstolo Paulo, em vez de usar os ensinamentos de Pedro, para instituírem a Igreja Romana. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy).

[30] Leia-se: roustainguismo, motivo pelo qual este item foi suprimido de certas traduções facciosas. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy).

[31] "A queda", para as religiões dogmáticas representa um evento no qual o homem, logo na sua origem, cometeu falta grave contra Deus, perdendo a sua santidade, justiça e sabedoria originais, "caindo" por castigo na sua condição presente: com sofrimento, ignorância, arrastamento ao pecado e à morte. Ou seja, haveria degradação da alma.

A Doutrina Espírita, fundada no conceito de evolução da alma desde que foi criada simples e ignorante e que por seu esforço atingirá a perfeição, estabelece por essa sólida lógica a sua teoria, que não pode admitir "a queda". (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

Existem várias categorias de males. [32] Há, primeiro que tudo, o mal físico e o mal moral, depois os males que o homem pode evitar e os que são independentes da sua vontade. Nestes últimos é preciso incluir os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode penetrar nem abranger o conjunto dos desígnios do Criador; julga as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses falsos e convencionais que criou e que não estão na ordem natural.

É por isso que, frequentemente, acha prejudicial e injusto o que consideraria justo e admirável, se conhecesse a sua causa, o objetivo e o resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, reconhecerá que tudo tem a marca da sabedoria infinita e inclinar-se-á perante tal sabedoria, mesmo em relação a coisas que não compreende.

5. – O homem recebeu uma inteligência com o auxílio da qual pode dominar ou, pelo menos, atenuar grandemente os efeitos dos flagelos naturais. Quanto mais conhecimentos adquire e avança em civilização, menos estes flagelos se tornam desastrosos. Com uma organização social sabiamente previdente, poderá até neutralizar tais consequências, quando não puderem ser evitadas por completo. Mesmo em relação aos flagelos que têm utilidade na ordem geral da natureza e para o futuro, mas que causam danos no presente, Deus concedeu ao homem, pelas faculdades com que dotou o seu Espírito, os meios de paralisar os seus efeitos.

É assim que se saneiam as regiões insalubres, que se neutralizam as emanações doentias, que se fertilizam as terras incultas e se preservam de inundações; que se constroem habitações mais saudáveis, mais sólidas para resistir aos ventos tão necessários à limpeza da atmosfera, que o colocam ao abrigo das intempéries. É assim, finalmente, que, pouco a pouco, a necessidade o fez criar as ciências com o auxílio das quais aperfeiçoa as condições de habitabilidade do planeta e amplia o seu conforto.

Devendo o homem progredir, os males aos quais está exposto constituem um estímulo para o exercício da inteligência, das faculdades físicas e morais, convidando-o à pesquisa dos meios de se subtrair a eles. Se nada tivesse que recear, nada o levaria à procura do que fosse melhor, entorpeceria na inatividade do seu espírito, nada inventaria ou descobriria. *A dor é o aguilhão que impulsiona o homem para a frente na estrada do progresso*.

6. – Todavia, os males mais numerosos são aqueles que o homem criou pelos seus próprios vícios, os que resultam do orgulho, do egoísmo, da ambição e dos excessos. Aí se encontra a causa das guerras e das calamidades que arrastam, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte e de muitas doenças.

Deus estabeleceu leis cheias de sabedoria que têm como objetivo unicamente o bem; o homem tem, em si mesmo, tudo o que necessita para as seguir. O caminho é traçado pela sua consciência. A lei divina está gravada no seu coração. Além disso, Deus lembra-o, continuamente, através dos

---

[32] Na época de Kardec, a Filosofia ensinada na universidade, na escolar normal (atual magistério) e nos colégios era o Espiritualismo racional. Na disciplina de moral teórica (uma das Ciências Filosóficas), ensinava-se a diferença entre o mal físico e o mal moral, para demonstrar uma revolucionária teoria fundamentada na liberdade pessoal, contrária ao dogma da queda e do castigo divino das religiões ancestrais e da coação externa do materialismo: "O mal físico consiste em dor, doença, morte. São consequências inevitáveis da organização dos seres sencientes, estimulante essencial para a sua atividade. O mal moral é a condição fundamental da liberdade. Sem o mal, o bem não é possível no mundo, pois, se o homem não pudesse errar, não estaria livre nem seria capaz de fazer o bem. Esta vida é uma época de provações e, sem o mal físico e moral, não há lugar para a coragem, paciência, dedicação e demais virtudes". (Le Mansois-Duprey, *Cours de Philosophie Élementaire, em L'école normale: journal de l'enseignement pratique*, v.13. Paris: Larousse et Boyer, 1864, pág. 235).

A teoria moral espírita foi um desenvolvimento do espiritualismo racional: "O Espiritismo repousa, pois, sob princípios gerais, independentes de todas as questões dogmáticas. Ele tem consequências morais como todas as Ciências Filosóficas." (*Revista Espírita,* 1859) (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

messias e dos profetas, de todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de o esclarecer, de o moralizar, de o aperfeiçoar, de contribuir para o seu adiantamento e, nestes últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam por todo o lado.

Se os homens seguissem rigorosamente as leis divinas, não temos dúvidas que evitaria os males mais amargos e que viveria feliz na Terra. Se não o faz, é devido ao seu livre arbítrio e sofre as consequências dos seus atos.

7. – Contudo, Deus que é todo bondade, colocou o remédio ao lado do mal, quer dizer, do próprio mal fez nascer o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e faz sentir ao homem a necessidade de mudar de vida; instruído pela experiência, é compelido a procurar um remédio no bem, sempre por efeito do seu livre arbítrio. Quando escolhe um caminho melhor, é por sua vontade, porque reconheceu os inconvenientes do outro caminho. A necessidade obrigou-o a aperfeiçoar-se moralmente, para ser mais feliz, assim como o forçou a aperfeiçoar as condições materiais da sua existência.

Pode-se dizer *que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor.* O mal não é um atributo diferente, assim como o frio não é um fluido especial;[33] um é a negação do outro. Onde o bem não existe, existirá forçosamente o mal; não fazer o mal já é o começo do bem. Deus só quer o bem. O mal provém exclusivamente do homem. Se houvesse na Criação um ser dedicado exclusivamente ao mal, o homem não o poderia evitar; contudo, como o homem tem a causa do mal *em si mesmo,* e como tem ao mesmo tempo o livre arbítrio e por guia as leis divinas, poderá evitá-lo sempre que o deseje.

Tomemos um facto vulgar para comparação. Um proprietário sabe que, na extremidade do seu campo, há um sítio perigoso onde, quem por lá se aventurar, poderá morrer ou ferir-se. Que faz ele para prevenir acidentes? Manda colocar, próximo do lugar, um aviso para não irem mais além, por causa do perigo.

Essa é a lei, sábia e previdente. Se, apesar disso, um imprudente ignorar o aviso, ultrapassar o local e lhe acontecer alguma coisa, de quem poderá ele queixar-se senão de si mesmo?

Assim acontece com o mal. O homem evitá-lo-ia se observasse as leis divinas. Deus, por exemplo, colocou um limite à satisfação das necessidades. A saciedade é uma advertência; quem ultrapassar esse limite, fá-lo-á voluntariamente. As doenças, as enfermidades e a morte que pode resultar delas são, pois, obra sua e não de Deus.

8. – Como o mal é o resultado das imperfeições do ser humano, que foi criado por Deus, pode dizer-se que, se Deus não criou o mal, terá criado, pelo menos, a causa dele. Se Deus tivesse criado os seres humanos perfeitos, o mal não existiria. Nesse caso, seriam portadores do bem. Porém, em virtude do seu livre arbítrio, não são portadores nem do bem nem do mal. Deus quis que fossem sujeitos à lei do progresso e que esse progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que o mérito fosse seu; do mesmo modo que lhes cabe a responsabilidade do mal que é feito por sua vontade. A questão, pois, é saber qual é, na Humanidade, a origem da sua tendência para o mal. [34]

---

[33] **É importante, ao estudar as obras de A.K., contextualizar o seu cenário cultural pelos recursos da história e filosofia das Ciências, para compreender as suas referências, respeitando a cronologia para não cair em anacronismos.** Aqui A.K. faz referência a uma substância constituída de átomos imponderáveis, presente nos corpos e transferível – o fluido calórico – enquanto o frio seria a sensação de perder esse fluido. Essa teoria, proposta por Lavoisier no seu *Tratado elementar de Químic*a, está hoje superada pelo atual conceito de energia, então inexistente entre os conceitos aceites na Física. (Nota retirada da edição de A Génese da FEAL, 2019)

[34] O erro consiste em pretender que a alma tenha saído perfeita das mãos do Criador, enquanto este, ao contrário, quis que a perfeição fosse o resultado da purificação gradual do Espírito. Deus quis que a alma, em virtude do seu livre arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal, e que chegasse aos seus objetivos finais através da luta e resistindo ao mal. Se Deus tivesse criado a alma tão perfeita como Ele, e que ao sair das suas mãos, a tivesse associado à sua beatitude eterna, tê-la-ia feito, não à sua imagem, mas semelhante a si mesmo, tal como já dissemos. Conhecendo todas as coisas em virtude

9. – Se estudarmos todas as paixões e todos os vícios, veremos que a origem de ambos se encontra no instinto de sobrevivência. Este instinto está presente, em toda a sua força, nos animais e entre os seres primitivos que mais se aproximam da animalidade, nos quais domina de forma exclusiva porque, entre eles, ainda não existe o contrapeso do sentido moral e ainda não nasceram para a vida intelectual.

Pelo contrário, o instinto debilita-se à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria. **Com a inteligência racional nasce o livre arbítrio, que o homem usa conforme a sua vontade. Só então começa, para ele, a responsabilidade dos seus atos.**[35]

10.– O destino do Espírito é a vida espiritual. Na primeira fase das existências corpóreas, só há necessidades materiais para satisfazer e, para tal, o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos materialmente falando. Superado este período, apresentam-se-lhes outras necessidades, a princípio semi-morais e semi-materiais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria. Se se liberta do seu jugo, avança pela via providencial e aproxima-se do seu destino final. Se, pelo contrário, se deixa dominar por ela, atrasa-se e identifica-se com os seres irracionais. Nessa situação, *o que era outrora um bem, porque representava uma necessidade da sua natureza, transforma-se num mal, não apenas porque já não é uma necessidade, mas porque se torna prejudicial para a espiritualização do ser*. Desse modo, o mal é relativo, e **a responsabilidade é proporcional ao grau de evolução**.

Todas as paixões têm a sua utilidade providencial e, se assim não fosse, Deus teria feito algo inútil e inclusivamente prejudicial. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude do seu livre arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, escolhe livremente entre o bem e o mal.

O instinto e a inteligência

da sua própria essência e sem nada ter aprendido, movida por um sentimento de orgulho, nascido da consciência dos seus atributos divinos, ela teria sido induzida a negar a sua origem, a desconhecer o autor da sua existência, e teria entrado num estado de rebelião, de revolta contra o seu Criador. (Bonnamy, juiz de instrução: ***A razão do Espiritismo***, cap. VI) (Nota de Allan Kardec)

35 Diz-nos Paulo Henrique de Figueiredo: "Os dogmas religiosos das mais diferentes religiões ancestrais afirmam que Deus nos deu O LIVRE-ARBÍTRIO com a condição de que devemos obedecer-lhe fielmente. Quem escolher o mal será castigado, sofrerá a queda, enfrentando as dores, a ignorância, o medo e todo o tipo de abandono e sofrimento no mundo. Depois, se se arrepender e se emendar, Deus dá como recompensa a beatitude eterna!

Allan Kardec, em "A Génese", desmontou esse raciocínio, demonstrando que O LIVRE-ARBÍTRIO não foi uma dádiva divina, mas uma conquista progressiva do Espírito, pelo seu esforço, nas suas reencarnações.

Esse ensinamento foi retirado na 5ª edição, adulterada, publicada em 1872, já depois da morte de A.K. Quem retirou o trecho do livro certamente acreditava na queda, no castigo divino, num deus vingativo!

Nessa 5ª edição de "A Génese", Capítulo 3, item 10, termina o parágrafo com a seguinte frase: "Pelo contrário, o instinto debilita-se à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria;" Mas não foi o que Kardec escreveu na edição original, Capítulo 3, item 9, onde completa:" Pelo contrário, o instinto debilita-se à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria; com a inteligência racional nasce o livre arbítrio, que o homem usa conforme a sua vontade; Só então começa, para ele, a responsabilidade dos seus atos."

Veja-se que ensinamento extraordinário!

Há uma transição natural da condição animal para o Espírito humano. Nada é brusco na natureza! Se por um lado a inteligência enfraquece os instintos, por outro vai conquistando a liberdade de escolher, o livre arbítrio! Ou seja, somente na medida desse progresso, que é lento, vai sendo responsável pelos seus atos!

É o fim do conceito do pecado, do "karma", da queda, do pecado original, do castigo divino e de todos esses dogmas da antiguidade!" (P.H.F.)

11. – Qual a diferença entre o instinto e a inteligência? Onde termina um e começa a outra? O instinto é uma inteligência rudimentar ou uma faculdade diferente, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que leva os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a sua sobrevivência.

Nos atos instintivos não existe nem reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se vira para a luz, dirige as suas raízes para a água e para a terra de onde tira os nutrientes; é assim que a flor se abre e se fecha alternadamente, conforme as suas necessidades; que as plantas trepadeiras se enroscam em volta do apoio, ou se agarram com as gavinhas.

É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes é útil ou prejudicial; que se dirigem, conforme as estações, para os climas propícios; que constroem, sem serem ensinados, com maior ou menor arte, de acordo com a espécie, ninhos macios e abrigos para as suas crias e armadilhas para apanhar as presas com que se nutrem; que manejam com destreza as armas ofensivas e defensivas de que são dotados; que os sexos se reaproximam; que a mãe aconchega as suas crias e que estas procuram o seio materno. [36]

Nos seres humanos o instinto domina exclusivamente no início da vida; é por instinto que a criança faz os seus primeiros movimentos, que começa a comer, que grita para exprimir os seus desejos, que imita o som da voz, que tenta falar e caminhar.

Mesmo entre os adultos, certos atos são instintivos, como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para se livrar de um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; também a piscadela das pálpebras para graduar a intensidade da luz, a abertura maquinal da boca para respirar, etc.

12. – A inteligência revela-se por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados conforme a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.

Todos os atos maquinais são instintivos; qualquer ato que denota reflexão e combinação é inteligente; um é livre o outro não é.

O instinto é um guia seguro que nunca se engana; a inteligência, pelo simples facto de ser livre, há ocasiões em que está sujeita a errar.

Embora o ato instintivo não tenha as características do ato inteligente, revela, contudo, uma causa inteligente, essencialmente previdente. Se se admite que o instinto tem a sua fonte na matéria, é forçoso admitir que a matéria é inteligente, mais inteligente e previdente até que a alma, já que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência pode enganar-se.

Se se considera o instinto como uma inteligência rudimentar, porque é que, em certos casos, é superior à inteligência racional? O que lhe dá a possibilidade de executar coisas que ela não pode produzir?

Se é o atributo de um princípio espiritual especial, qual é esse princípio? Quando o instinto se extingue, este princípio será destruído? Se os animais só são dotados de instinto, não têm futuro, os

---

[36] A Psicologia Experimental foi uma das Ciências Filosóficas do século XIX e adotava a definição do ser humano como "uma alma encarnada", desde as pesquisas de Maine de Biran. Diferindo da atualidade, essa ciência adotava o espiritualismo como fundamento teórico. A partir de 1830 tomou lugar na Universidade de Paris e, progressivamente, tornou-se disciplina curricular oficial das Escolas Normais e dos Colégios.

Para esses académicos espiritualistas, o instinto e as paixões, o prazer e a dor estão circunscritos à vida animal do ser humano, enquanto a inteligência é uma das faculdades da alma, assim como o livre arbítrio e a imaginação. Desse modo, a liberdade e o dever são os fundamentos da moral, e não a submissão à divindade, como pregavam as religiões. Mas como surgiram essas faculdades? O que diferencia a alma humana da dos animais? Paul Janet afirma: *"Nada de tão obscuro como a origem do instinto. Contentemo-nos em verificá-lo como um facto incontestável."*

Não havia meios nem acesso aos factos para encontrar respostas. O Espiritismo, surgindo no momento certo, veio enriquecer esse estudo. Com importante significado, A.K. deu à sua *Revista Espírita* a designação: *Jornal de estudos psicológicos*. Neste capítulo, o autor faz amplo uso dos conceitos dessa ciência psicológica, estabelecendo a sua junção com a teoria dos Espíritos. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

seus sofrimentos não têm nenhuma compensação. Isso não seria conforme nem com a justiça nem com a bondade de Deus.

13.– Segundo uma outra teoria, o instinto e a inteligência teriam um só e o mesmo princípio; chegado a um certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que no começo teria apenas as qualidades do instinto, sofreria uma transformação que lhe daria as qualidades da inteligência livre; numa palavra, receberia o que convencionou chamar-se "centelha divina".

Essa transformação não seria repentina, mas gradual, de tal modo que, durante um certo período, haveria uma combinação das duas aptidões, diminuindo a primeira à medida que a segunda aumentasse. [37]

14.– Ainda uma outra hipótese, que é perfeitamente compatível com a ideia da unidade de princípio, resulta do caráter essencialmente preventivo do instinto e concorda com o que o Espiritismo nos ensina, das relações existentes entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo.

Sabe-se, atualmente, que os Espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, que se convertem em seus protetores e guias; que os cercam com as suas emanações fluídicas; que o ser humano age frequentemente de uma maneira *inconsciente* sob a ação dessas emanações.

Sabe-se, por outro lado, que o instinto, que por si próprio produz atos inconscientes, predomina nas crianças e, em geral, nos seres cuja razão é fraca. Ora bem, segundo esta hipótese, o instinto não seria um atributo nem da alma nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas seria um *efeito* da ação direta dos protetores invisíveis que supririam a imperfeição da inteligência, provocando, eles mesmos, os atos inconscientes necessários à preservação do ser.

Seria como a andadeira com a ajuda da qual se segura a criança que ainda não sabe andar. Mas tal como se suprime gradualmente o uso da andadeira à medida que a criança se equilibra sozinha, os Espíritos protetores deixam os seus protegidos entregues a si mesmos à medida que estejam aptos a guiar-se pela sua própria inteligência.

Assim, o instinto, longe de ser o produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria uma inteligência exterior na *plenitude da sua força*, que supriria a insuficiência, quer de uma inteligência mais jovem que induziria a realizar inconscientemente, para seu bem, o que ela fosse ainda incapaz de fazer por si própria, quer de uma inteligência madura, mas momentaneamente travada no uso das suas faculdades, como acontece nas crianças e nos adultos em casos de doenças mentais.

Diz-se proverbialmente que há um Deus para as crianças, os loucos e os ébrios; tal dito é mais verdadeiro do que se pensa; este Deus não é mais que o Espírito protetor que vela pelo ser incapaz de se proteger pela sua própria razão.

15. – Nesta ordem de ideias, podemos ir mais longe. Por mais racional que seja, esta teoria não resolve todas as dificuldades da questão. Para procurar as causas, é preciso estudar os efeitos e pela natureza dos efeitos se pode concluir a natureza das causas.

Se observarmos os efeitos do instinto, notaremos, em primeiro lugar, uma unidade de vistas e de conjunto, uma segurança de resultados que deixa de existir logo que o instinto é substituído pela inteligência livre; além disso, reconhecemos uma profunda sabedoria na adequação, tão perfeita e tão constante, das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie. Esta unidade de visão não poderia existir sem a unidade de pensamentos nem, por conseguinte, com a multiplicidade das causas atuantes.

---

[37] O desenvolvimento gradual da inteligência, ao mesmo tempo que o instinto decresce, coloca em novo patamar o entendimento do ser humano, diferenciando-o dos animais. Considerando uma só vida, tanto o dogma religioso como o materialismo não encontram explicações para a diversidade dos seres humanos, uns dominados pelos instintos, outros senhores de si mesmos. Sendo a inteligência uma conquista progressiva, fruto do esforço pessoal, desde as primeiras vidas humanas, a humanidade caminha para o progresso global, justificando a inadiável e imprescindível oferta de **educação para todos.** (Nota retirada da edição de A Génese da FEAL, 2019)

Ora bem, devido ao progresso que as inteligências individuais realizam incessantemente, há entre elas uma diversidade de aptidões e de vontades incompatível com este conjunto tão perfeitamente harmonioso que se produziu desde o início dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem nunca falhar.

Essa uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um facto característico que implica forçosamente a unidade da causa; se esta causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tanta variedade de instintos como de indivíduos, desde as plantas até ao homem. Um efeito geral, uniforme e constante, deve ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que revele a sabedoria e a previdência deve ter uma causa sábia e previdente.

Ora, uma causa sábia e previdente, sendo necessariamente inteligente, nunca poderá ser exclusivamente material.

Não se encontrando nas criaturas encarnadas ou desencarnadas, as qualidades necessárias para produzir um tal resultado, é preciso subir mais alto, quer dizer, até ao próprio Criador. Se nos reportarmos à explicação que foi dada sobre a maneira pela qual se pode conceber a ação providencial (cap. II, n° 25); se considerarmos todos os seres penetrados pelo fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria previdente e a unidade de visão que preside a todos os movimentos instintivos, no sentido do bem para cada indivíduo. Esta solicitude é tanto mais ativa quanto menor for a capacidade que possui o indivíduo em si mesmo e na sua inteligência. É por isso que esta solicitude se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores do que no ser humano.

De acordo com esta teoria compreende-se que o instinto é sempre um guia seguro. O instinto materno, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica elevado e enobrecido. Pelas suas consequências, não devia ser confiado às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre arbítrio. *Por intermédio da mãe, Deus vela pelas suas criaturas, logo ao nascer.*

16.– Esta teoria não destrói o papel dos Espíritos protetores, cujo concurso é um facto comprovado pela experiência. No entanto, é de notar que a sua ação é essencialmente individual; que se modifica conforme as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em nenhum aspeto tem a uniformidade e a generalidade do instinto. Deus mesmo, na sua sabedoria, conduz os cegos, mas confia o cuidado de conduzir os que veem a inteligências livres, para deixar a cada um a responsabilidade dos seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente e que constitui para eles um meio de progredir, que depende do modo como o desempenham.

17.– Todas estas maneiras de encarar o instinto são necessariamente hipotéticas, e nenhuma tem uma característica de autenticidade suficiente para ser dada como solução definitiva. A questão será resolvida um dia, quando estiverem reunidos os elementos de observação que ainda faltam; até lá é preciso limitarmo-nos a submeter as diversas opiniões ao cadinho da razão e da lógica e esperar que a luz se faça; a solução que mais se aproxima da verdade será necessariamente aquela que corresponda melhor aos atributos de Deus, isto é, à soberana bondade e à soberana justiça (ver cap. II, § 19).

18.– Sendo o instinto o guia, e as paixões a mola das almas, no primeiro período do seu desenvolvimento, confundem-se algumas vezes nos seus efeitos e, sobretudo, na linguagem humana, que nem sempre se presta à expressão de todos os matizes. Contudo, entre estes dois princípios há diferenças que é essencial considerar.

O instinto é um guia seguro, sempre bom; depois de algum tempo torna-se inútil, mas nunca prejudicial; enfraquece com o predomínio da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm de comum com o instinto o facto de que os seres são levados por uma força igualmente inconsciente. As paixões nascem das necessidades do corpo e dependem, mais do que o instinto, do organismo.

O que as distingue do instinto, é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes. Variam de intensidade e natureza conforme os indivíduos. São úteis, como estimulantes, até à eclosão do senso moral que, de um ser passivo faz surgir um ser racional. Nesse momento, tornam-se não somente inúteis, mas prejudiciais ao adiantamento do Espírito, pois atrasam a desmaterialização.

As paixões enfraquecem com o desenvolvimento da razão.

19. – O homem que só atua por instinto, pode ser muito bom, mas mantém a sua inteligência a dormir. É como o menino que não deixa a andadeira e não sabe servir-se dos seus membros. O que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, mas, ao mesmo tempo, muito mau.

O instinto aniquila-se por si mesmo; as paixões só se dominam pelo esforço da vontade.

Todos os homens passaram pela fileira das paixões;[38] os que já as superaram, que não são por natureza orgulhosos, egoístas, rancorosos, vingativos, cruéis, coléricos ou sensuais, que fazem o bem sem esforço nem premeditação e, por assim dizer, involuntariamente, é porque progrediram na sucessão das suas existências anteriores. Estão purgados dos seus maus humores.

É erro dizer que têm menos mérito ao fazer o bem do que os que precisam de lutar contra as suas tendências. Acontece que, para eles, a vitória já está alcançada. Para os outros, ainda não está e, quando o estiver, serão como os outros: farão o bem sem pensar, como as crianças que já leem correntemente sem necessitar de soletrar.

São como dois doentes, dos quais, um já está curado e cheio de força, enquanto o outro está ainda em convalescença e tropeça ao andar. São como dois corredores, um dos quais está mais próximo da meta que o outro.[39]

Destruição dos seres vivos uns pelos outros

20. – A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da natureza que, à primeira vista, não parece conciliar-se muito bem com a bondade de Deus. Pergunta-se porque criou Deus a necessidade de os animais se destruírem mutuamente para se alimentarem uns dos outros.

Com efeito, para quem só vê a matéria que limita a sua visão à vida presente, isto parece uma imperfeição da obra divina; de onde os incrédulos concluem que, se Deus não é perfeito, então não existe Deus. É que julgam a perfeição de Deus pelo seu ponto de vista. O seu julgamento é a medida da sua sabedoria e pensam que Deus não faria melhor do que eles mesmos. A curta visão, não lhes permitindo julgar o conjunto, não lhes permite compreender que um bem real pode sair de um mal aparente.

Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado na sua verdadeira essência, e o conhecimento da grande lei da unidade que constitui a harmonia da Criação, podem dar ao homem a chave deste mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, onde ele vê apenas uma

---

[38] Esta afirmação de Kardec justifica-se também pela Psicologia do seu tempo. Para essa ciência, todos passam pelas paixões, pois elas são, a princípio, "afeições naturais e inevitáveis da alma" (Paul Janet, idem). Para alguns, tornam-se movimentos violentos e desordenados, convertendo-se em patologias. Num terceiro estado, por hábitos livremente adquiridos, mudam-se para virtudes ou vícios. (Nota retirada da edição de A Génese da FEAL, 2019)

[39] Este progresso do Espírito pela autonomia intelecto-moral, pela sua liberdade, esforço e mérito, sem visar recompensa ou temer castigo, afasta em definitivo as hipóteses dogmáticas: na religião - o pecado original; na ciência - o egoísmo inato e a tendência autodestrutiva da humanidade.
O espiritismo, pelos factos, prevê a regeneração da humanidade e a transformação da Terra num planeta feliz. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

anomalia e uma contradição. Está para esta verdade como uma multidão de outros; o homem só estará apto a sondar certas coisas com profundidade quando o seu Espírito se encontrar num grau de maturidade suficiente.

21. – A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não reside no corpo material, tal como não está no vestuário. Reside no princípio inteligente que pré-existe e sobrevive ao corpo. Este princípio tem necessidade do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve executar com a matéria bruta.

O corpo consome-se nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta, pelo contrário; sai do corpo cada vez mais fortalecido, mais lúcido e mais capaz. Que importa que o Espírito mude de corpo mais ou menos vezes! Não se torna menos Espírito! É exatamente como se um homem renovasse, cem vezes por ano, o seu vestuário. Seria sempre a mesma pessoa.

Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do corpo material, e suscita neles a ideia da vida espiritual, fazendo com que a desejem como uma compensação.

Poderia Deus chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem sujeitar os seres vivos a destruírem-se entre si? Bastante temerário seria quem pretendesse penetrar nos desígnios de Deus!

Se tudo é sabedoria na sua obra, devemos supor que tal sabedoria não deve existir mais num ponto que noutro; se não o compreendemos, devemos atribuir isso ao nosso fraco adiantamento. Contudo, podemos tentar procurar a razão pela qual não nos parece bem, tomando como orientador este princípio: *Deus é infinitamente justo e sábio*; procuremos, pois, em tudo, a sua justiça e a sua sabedoria e inclinemo-nos perante o que ultrapassa o nosso entendimento.

22.– Uma primeira utilidade, puramente física, dessa destruição, é esta: os corpos orgânicos só se mantêm com a ajuda das matérias orgânicas, pois só elas contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Como os corpos, instrumentos da ação do princípio inteligente, têm necessidade de ser incessantemente renovados, a Providência fá-los servir para a sua manutenção mútua; é por isso que os seres se alimentam uns dos outros.

É então que os corpos se alimentam de outros corpos, mas o Espírito não é destruído nem alterado; fica apenas despojado do seu corpo material.

23.– Há, além disso, considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exerce as suas faculdades. O que ataca para ter a sua alimentação, e o que se defende para sobreviver, rivalizam em astúcia e inteligência e aumentam, por isso mesmo, as suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, o que é que o mais forte ou o mais sagaz tirou ao mais fraco, na realidade? O seu vestuário de carne, não outra coisa; o Espírito, que não está morto, retomará outro corpo, mais tarde.

24. – Nos seres inferiores da Criação, naqueles em que o senso moral não existe ou a inteligência ainda não tenha substituído o instinto, a luta só pode ter por motivo a satisfação duma necessidade material; ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da alimentação. Lutam unicamente para viver, ou seja, para apanhar ou defender uma presa, porque não seriam estimulados por um motivo mais elevado.

É neste primeiro período que a alma se elabora e se ensaia para a vida. Assim que ela atinge o grau da maturidade necessária para a sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o sentido moral - a centelha divina, numa palavra - que imprimem um novo curso às suas ideias, dotando-a de novas aptidões e de novas perceções.

Mas as novas faculdades morais de que a alma é dotada, só se desenvolvem gradualmente, porque nada é brusco na natureza. [40]

Há um período de transição em que o ser humano pouco se diferencia dos animais; nas primeiras idades, o instinto animal domina e a luta tem ainda por motivo a satisfação das necessidades materiais.

Mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral equilibram-se; o ser humano já não luta para se alimentar, mas para satisfazer as suas ambições, o seu orgulho, a sua necessidade de dominar. Para isso, contudo, é preciso ainda destruir.

À medida que o sentido moral se torna preponderante e a sensibilidade se desenvolve, a necessidade da destruição diminui até que acaba mesmo por desaparecer e por se tornar detestável: o homem tem horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito porque, mesmo chegado a este ponto que nos parece culminante, está longe de ser perfeito. Só à custa da sua atividade é que ele conquista conhecimentos, experiência e que se despoja dos últimos vestígios da animalidade.

Então, a luta passa de sanguinária e brutal que era, a uma luta puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades e já não contra os seus semelhantes.[41]

---

[40] Comentários de Paulo Henrique se Figueiredo:

Nos exemplos referidos, as frases deste item 24: "Assim que ela atinge o grau da maturidade necessária para a sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o sentido moral - a centelha divina, numa palavra - que imprimem um novo curso às suas ideias, dotando-a de novas aptidões e de novas perceções. Mas as novas faculdades morais de que a alma é dotada, só se desenvolvem gradualmente, porque nada é brusco na natureza", foram retiradas da 5ª edição, o mesmo acontecendo no item 9, em que foram retiradas as frases: "Com a inteligência racional nasce o livre arbítrio, que o homem usa conforme a sua vontade. Só então começa, para ele, a responsabilidade dos seus atos" tendo, todas elas um relacionamento importantíssimo com os temas do LIVRE ARBÍTRIO e do SENSO MORAL.

Nas edições de 1868 elas estão em perfeita concordância com os princípios apresentados na *Revista Espírita de* Janeiro de 1864, que o espiritismo sempre defendeu:

Diz-nos a R. E. de Janeiro de 1864: "Ignoramos absolutamente em que condições se dão as primeiras encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus. Apenas sabemos que são criadas simples e ignorantes, tendo todas, assim, o mesmo ponto de partida, o que é conforme a justiça; o que sabemos ainda é que o livre-arbítrio só se desenvolve pouco a pouco e após numerosas evoluções na vida corpórea.

Não é, pois, nem após a primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem consciência bastante clara de si mesma, para ser responsável pelos seus atos; é só após a centésima, talvez após a milésima. Dá-se o mesmo com a criança, que não goza da plenitude das suas faculdades, nem um, nem dois dias após o nascimento, mas depois de anos. E, ainda, quando a alma goza do livre-arbítrio, a responsabilidade cresce na razão do desenvolvimento da sua inteligência;

É assim, por exemplo, que os povos ditos primitivos, que comem os seus semelhantes, são menos culpados que o homem civilizado, que comete uma simples injustiça.

Sem dúvida os nossos os povos primitivos estão muito atrasados em relação a nós e, no entanto, já se acham bem longe de seu ponto de partida. Durante longos períodos, a alma encarnada é submetida à influência exclusiva dos instintos de sobrevivência; pouco a pouco esses instintos transformam-se em instintos inteligentes ou, melhor dizendo, equilibram-se com a inteligência; mais tarde, *e sempre gradualmente*, a inteligência domina os instintos. Só então é que começa a séria responsabilidade."

O texto que foi retirado permite entender a diferença abissal entre a visão espírita e a versão católica da queda e do pecado original, assim como a visão roustanguista. Retirando-o, abre-se o caminho às teorias dogmáticas da queda, da culpa, do pecado, da reencarnação como castigo e não como oportunidade de aperfeiçoamento. (N. T. adaptada de P.H.F.)

[41] Esta questão prende-se àquela, não menos importante, das relações entre a animalidade e a humanidade, que será tratada mais adiante. Apenas quisemos demonstrar, por esta explicação, que a destruição mútua dos seres vivos em nada invalida a sabedoria divina e que tudo se encadeia nas leis da natureza. Esta cadeia é necessariamente quebrada se se abstrair do princípio espiritual; tantas questões permanecem insolúveis porque se considera apenas a matéria. (Nota de A. K.)

1.– A história da origem de quase todos os povos antigos confunde-se com a da religião que professavam, razão pela qual os seus primeiros livros foram obras religiosas. Como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas, que é também o princípio da humanidade, deram, sobre a formação e o ordenamento do Universo explicações de acordo com o estado dos conhecimentos daquela época e dos seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram, ao mesmo tempo, os primeiros livros de ciência, como foram, por muito tempo, o único código das leis civis.

2.– A religião era um poderoso instrumento de poder. Os povos submetiam-se voluntariamente aos poderes invisíveis em nome dos quais eram subjugados, de quem os governantes diziam receber a autoridade, assumindo-se por vezes como seus agentes diretos.

Para dar maior força à religião, era preciso apresentá-la como absoluta, infalível e imutável, sem o que perderia a sua ascendência sobre seres embrutecidos, cuja razão era ainda rudimentar. Não se podia discuti-la, como também se não discutiam as ordens do soberano, daí o princípio da fé cega e da obediência passiva, que tiveram, na origem, a sua razão de ser e a sua utilidade. A veneração que se tinha pelos livros sagrados, quase sempre supostamente descidos do céu, ou inspirados pela divindade, interditava qualquer exame. [42]

3.– Nos tempos primitivos, os meios de observação eram necessariamente muito imperfeitos, de modo que as primeiras teorias sobre a organização do mundo estavam cheias de erros grosseiros. No entanto, mesmo que estes meios fossem tão completos como o são hoje, os indivíduos não teriam sabido utilizá-los. De facto, esses meios só poderiam ser fruto de um desenvolvimento da inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da natureza. À medida que o homem avançou no conhecimento destas leis, foi penetrando nos mistérios da criação e retificou as ideias que havia sobre a origem das coisas.[43]

4.– Da mesma forma que para compreender e definir o movimento correlativo dos ponteiros de um relógio, é preciso conhecer as leis que presidem ao seu mecanismo, para apreciar a natureza dos materiais e calcular a potência das forças ativas, para compreender o mecanismo do Universo, é preciso conhecer as leis que regem todas as forças intervenientes nesse vasto conjunto.

O homem mostrou-se impotente para resolver o problema da criação até ao momento em que a ciência lhe deu a chave para fazê-lo.

Foi preciso:

- Que a Astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar nele o seu olhar;

---

[42] Aqui Kardec critica a "infalibilidade" dos livros tidos como sagrados, motivo pelo qual, possivelmente, este item tenha sido todo suprimido na 5ª edição. (N.de C. de Brito Imbassahy.)

[43] Na sua análise histórica, A.K, expõe a real intenção das religiões do passado, utilizadas como instrumento para a dominação dos povos. Surgindo na época de superação desse mundo velho, o Espiritismo propõe a completa inversão dessas condições para o estabelecimento de um mundo novo: autonomia, igualdade de oportunidades; educação para todos; livre exame; fé racional; solidariedade participativa; liberdade de pensamento, opinião e crença. Deste modo, não se coaduna com hierarquia, filiação, proselitismo ou convenção: "(…) o Espiritismo não é uma associação nem uma congregação; os seus adeptos não são inscritos em registo oficial algum. Apenas uma minoria frequenta as sociedades. O Espiritismo é uma opinião que não exige profissão de fé alguma, podendo-se difundir os princípios da doutrina no todo ou em parte. Basta simpatizar com a ideia para ser espírita (A.K., Estatística do Espiritismo, Revista Espírita, 1869) (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

– Que pelo poder do cálculo pudesse determinar com uma precisão rigorosa o movimento, a posição, o volume, a natureza, e o papel dos corpos celestes;

– Que a Física lhe revelasse as leis da gravitação, do calor, da luz e da eletricidade, assim como o poder destes agentes sobre a natureza inteira e a causa dos inumeráveis fenómenos que daí decorrem;

– Que a Química lhe ensinasse as transformações da matéria e a Mineralogia os materiais que formam a crosta do globo;

– Que a Geologia lhe ensinasse a ler nas camadas terrestres a formação gradual deste mesmo globo.

- A Botânica, a Zoologia, a Paleontologia e a Antropologia iniciaram-no no entendimento da filiação e da sucessão dos seres organizados.

- Com a Arqueologia pode seguir os passos da Humanidade através das idades.

Em suma, todas as ciências, completando-se umas às outras, deviam trazer um contributo indispensável para o conhecimento da história do mundo.

Na falta desse contributo, o homem só teria por guia as suas primeiras hipóteses.

Por isso, antes que o homem estivesse na posse destes elementos de apreciação, todos os investigadores da génese, cuja razão se chocava com impossibilidades materiais, giravam num mesmo círculo sem dele poderem sair. Só conseguiram isso quando a Ciência abriu caminho, abrindo uma brecha no velho edifício das crenças, e tudo mudou de aspeto. Uma vez encontrado o fio condutor, as dificuldades foram aplanadas.

Em vez de uma génese imaginária, tivemos uma génese positiva e, de certo modo, experimental.

O campo do Universo estendeu-se até ao infinito. Descobriu-se que a Terra e os astros se formaram gradualmente, conforme leis eternas e imutáveis que dão, acerca da grandeza e da sabedoria de Deus um testemunho muito superior ao de uma criação miraculosa, saída repentinamente do nada, como uma mudança de cenário, por efeito de uma ideia súbita que ocorreu à Divindade, depois de ter permanecido inativa uma eternidade.

Visto que é impossível conceber a Génese sem os dados fornecidos pela ciência, pode dizer-se, com rigor de verdade, que *a ciência é que foi chamada para constituir a verdadeira génese, segundo as leis da natureza*.

5. – Ao ponto em que a Ciência chegou no século XIX, já respondeu a todas as dúvidas dos problemas da génese?

Não, por certo. Mas é incontestável que destruiu definitivamente os erros principais e colocou os seus fundamentos essenciais sobre dados irrecusáveis. Os pontos ainda duvidosos são, para falar com propriedade, dúvidas a esclarecer, cuja solução, qualquer que seja, no futuro, não pode diminuir o valor do conjunto.

Além disso, apesar de todos os recursos que a ciência teve à sua disposição, faltou-lhe, até aos nossos dias, um elemento importante sem o qual a obra nunca estará completa.

6.– De todas as géneses antigas, a que mais se aproxima dos dados científicos modernos, apesar dos erros que encerra demonstrados hoje de forma evidente, é incontestavelmente a de Moisés.[44]

Alguns desses erros são até mais aparentes do que reais, e provêm quer da falsa interpretação de certas palavras cujo significado primitivo se perdeu ao passar de língua em língua, pelas diferentes traduções, ou cuja aceção mudou com os costumes dos povos, ou ainda devido à forma alegórica própria do estilo oriental, que foi tomada literalmente em vez de se lhe procurar o verdadeiro sentido.

---

[44] No século XIX pensava-se ainda que o 1º livro do Antigo Testamento, *o Génesis,* tinha sido escrito por Moisés. (N.T.)

7.– A Bíblia, evidentemente, narra factos que a razão, desenvolvida pela ciência, não poderia aceitar atualmente, e outros que parecem estranhos e até repugnantes, que não aceitamos, porque aludem a costumes que já não são os nossos.

Ao lado disso, contudo, seria parcialidade não reconhecer que encerra muito de grande e de belo. A alegoria ocupa um espaço considerável, e sob esse véu ocultam-se verdades sublimes que são descobertas quando se penetra na essência do pensamento, porque, nesse caso, o absurdo dissipa-se.

Por que não se levantou este véu mais cedo? Por um lado, devido à falta de conhecimentos que só a Ciência e uma sã filosofia poderiam oferecer e, por outro, devido ao princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito demasiado apegado à letra, diante do qual a razão deveria inclinar-se, assim como o receio de comprometer a estrutura das crenças fundadas sobre o sentido literal. Como essas crenças partiam de um ponto primitivo, temeu-se que, se se quebrasse o primeiro elo da cadeia, toda a estrutura acabasse por se desmoronar. Por isso se fecharam os olhos, mas fechar os olhos perante o perigo não é evitá-lo. Quando uma construção está em perigo, não será mais prudente substituir imediatamente as pedras defeituosas por pedras boas, em vez de esperar, por respeito à antiguidade do edifício, que o mal já não tenha remédio e que seja necessário reconstruir tudo de novo?

8.– A ciência, conduzindo as suas investigações até às entranhas da Terra e às profundezas dos céus, demonstrou, de uma forma irrefutável, os erros da Génese mosaica levada à letra e a impossibilidade dos acontecimentos tal como ali são descritos. Desferiu um golpe profundo nas crenças seculares. A fé ortodoxa perturbou-se porque acreditou que lhe iam arrancar a sua pedra basilar.

Quem teria razão? Seria a ciência, que avançava prudente e progressivamente no terreno sólido dos números e da observação, sem nada afirmar antes de ter provas? Ou seria uma descrição de factos escrita numa época em que os meios de observação eram praticamente inexistentes?

Ao fim de contas, quem deve ter razão: o que diz que 2 e 2 são 5 e rejeita verificar, ou o que diz que 2 e 2 são 4 e prova aquilo que diz?

9.– Se a Bíblia é uma revelação divina, Deus ter-se-ia enganado? Se não é uma revelação divina, não terá autoridade e a religião desmorona-se por falta de bases.

Ou a ciência está errada ou tem razão; se a tem, não poderá dar uma opinião contrária à verdade. Não existe revelação que possa prevalecer perante a autoridade dos factos.

Não há dúvida que Deus, sendo toda a verdade, não pode induzir os homens em erro, nem consciente nem inconscientemente, sem o que não seria Deus. Se os factos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, é preciso concluir logicamente que não as pronunciou ou então que elas não foram bem entendidas.

Se a religião sofre com tais contradições, o erro não é da ciência, que não pode fazer com que aquilo que é deixe de ser, mas dos homens, por terem fundado prematuramente dogmas absolutos, dos quais fizeram uma questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas que é preciso aceitar mesmo com sacrifício, quando não há outro remédio. Quando o mundo avança, a vontade de alguns não pode detê-lo. O mais sábio é segui-lo e aceitar o novo estado de coisas, em vez de ficar com o passado e correr o risco de cair com ele.

10. – Pelo respeito a textos considerados sagrados, dever-se-ia impor silêncio à ciência? Seria tão impossível como impedir a Terra de girar. As religiões, sejam quais forem, nunca ganharam

nada em defender erros evidentes. A missão da ciência é descobrir as leis da natureza; ora, como estas leis são obra de Deus, não podem ser contrárias às religiões que se baseiam na verdade.

A ciência cumpre a sua missão pela força das coisas e como consequência natural do desenvolvimento da inteligência humana, que também é obra divina, e só avança devido às leis progressivas que Ele estabeleceu. Lançar anátemas ao progresso porque atenta contra a religião, equivale a ir contra a vontade de Deus; mais ainda, é um esforço inútil porque nem todos os anátemas do mundo poderão impedir a ciência de avançar e a verdade de vir à luz. *Se a religião se recusa a avançar com a ciência, a ciência avançará sozinha.*

11. – Só as religiões estacionárias podem recear as descobertas da ciência. Essas descobertas só serão funestas para as que se deixarem distanciar das ideias progressivas, imobilizando-se no absolutismo das suas crenças. Formam uma ideia tão mesquinha da Divindade, que não compreendem que assimilar as leis da natureza reveladas pela ciência é glorificar a Deus nas suas obras. Na sua cegueira, preferem prestar homenagem ao Espírito do mal. *Uma religião que em nada estivesse em contradição com as leis da natureza, nada teria que recear do progresso, e seria invulnerável.*

12. – A Génese abrange duas partes: a história da formação do mundo material e a da Humanidade considerada no seu duplo princípio, corporal e espiritual. A ciência limita-se à pesquisa das leis que regem a matéria; no homem estuda apenas o corpo material. Sob este aspeto chegou à compreensão, com uma precisão incontestável, das partes fundamentais do mecanismo do Universo e do organismo humano. Sobre este ponto capital pode completar a Génese de Moisés e retificar as suas partes incorretas.

A história do homem, considerado como ser espiritual, prende-se a uma ordem especial de ideias que não é do domínio da ciência propriamente dita e, por esse motivo, não o fez objeto das suas investigações. A filosofia, a cujas atribuições pertence mais particularmente esse género de estudos, só formulou sobre este assunto teorias contraditórias, que vão desde a mais pura espiritualidade até à negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases além das ideias pessoais dos seus autores. Deixou, portanto, a questão por decidir, por falta de uma investigação suficiente.

13. – Sem dúvida que esta questão é para o homem a mais importante, porque é o problema do seu passado e do seu futuro, enquanto a do mundo material só lhe toca indiretamente. O que lhe importa saber, acima de tudo, é de onde veio, para onde vai, se já viveu, se voltará a viver, e que futuro lhe está reservado.

A ciência permanece muda sobre todas estas questões. A Filosofia dá opiniões que chegam a ser diametralmente opostas, mas, pelo menos, admite a sua discussão, o que faz com que muitas pessoas optem por se colocar a seu lado, em vez de seguir a religião, que nada discute.

14.– Todas as religiões estão de acordo com o princípio da existência da alma, sem que o demonstrem.

Não concordam sobre a sua origem, o seu passado e o seu futuro.

Sobretudo, o que é essencial, não concordam sobre as condições de que depende o seu destino.

Na maioria, em relação ao futuro da alma, apresentam um quadro que impõem à crença dos seus adeptos, que só pode ser aceite pela fé cega, mas não pode suportar um exame sério.

Como o destino que as religiões anunciam para a alma está ligado, nos seus dogmas, às ideias que se fazia do mundo material e do mecanismo do Universo nos tempos primitivos, esse destino é inconciliável com o estado dos conhecimentos atuais. Por conseguinte, como forçosamente perderiam ao aceitar o exame e a discussão, as religiões acham mais simples proibi-los.

15.– Essas divergências, relativas ao futuro do homem, geraram a dúvida e a incredulidade. E não podia ser de outro modo; cada religião, pretendendo ser a dona da verdade, contradizendo-se umas às outras, sem dar provas suficientes do que afirmam, para convencer a maioria, as pessoas, na indecisão, dedicam-se ao presente. No entanto, a incredulidade deixa um vazio penoso; o homem encara com ansiedade o desconhecido, onde deve entrar fatalmente, mais tarde ou mais cedo. A ideia do nada paralisa-o; a sua consciência diz-lhe que para lá do presente existe alguma coisa, mas o quê?

A razão, desenvolvida, já não lhe permite aceitar as histórias com que foi embalado na infância, não lhe permite tomar a alegoria pela realidade. Qual é o sentido dessa alegoria? A ciência descerrou um canto do véu, mas não revelou o que mais lhe importava saber.

Interroga em vão, ninguém lhe responde de maneira perentória e apropriada para acalmar as suas apreensões; por toda a parte encontra o Sim e o Não, sem provas mais positivas de uma parte do que da outra; daí a incerteza. *A incerteza sobre as coisas da vida futura faz com que o homem se lance, como numa espécie de frenesim, sobre as coisas da vida material.*

Este é o efeito inevitável das épocas de transição; o edifício do passado desabou e o do futuro ainda não está construído. O homem é como o adolescente, que já não tem a crença ingénua dos seus primeiros anos, mas não tem ainda o conhecimento da idade madura. Apenas sente vagas aspirações que não sabe definir.

16.– Se a questão do homem espiritual permaneceu até aos nossos dias no estado de teoria, foi por faltarem os meios de observação direta que estavam disponíveis para verificar o estado do mundo material, e o campo permaneceu aberto às especulações do espírito humano. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria e não pôde aplicar o método experimental, errou de teoria em teoria, no que diz respeito ao mecanismo do Universo e à formação da Terra. Aconteceu na ordem moral tal como tinha acontecido na ordem física; para fixar as ideias faltou o elemento essencial: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Este conhecimento estava reservado à nossa época, como o das leis da matéria foi obra dos dois últimos séculos.

17.– Até ao presente, o estudo do princípio espiritual contido na metafísica foi puramente especulativo e teórico.

No espiritismo é inteiramente experimental.

Com a ajuda da faculdade mediúnica, mais desenvolvida nos nossos dias e sobretudo generalizada e melhor estudada, o homem encontrou-se na posse de um novo instrumento de observação.

A mediunidade é para o mundo espiritual o que o telescópio representou para o mundo astral e o microscópio para o mundo do infinitamente pequeno.

Permitiu explorar, estudar, por assim dizer, *de visu* [45] as relações desse mundo com o mundo corporal; isolar no homem vivo, o ser inteligente e o ser material, e vê-los agir separadamente.

Uma vez estabelecidas as relações com os habitantes do mundo espiritual, pode seguir-se a alma na sua trajetória ascendente, nas suas migrações e nas suas transformações. Pode estudar-se o elemento espiritual. Era isso que faltava aos anteriores investigadores da Génese para a compreender e retificar os seus erros.

---

[45] Expressão latina que quer dizer "*por ter visto"* (N.T.)

18.– Dado que estão em contato incessante, o mundo espiritual e o mundo material são solidários entre si. Ambos têm a sua parte ativa na Génese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, seria impossível elaborar uma Génese completa, assim como um escultor não pode dar vida a uma estátua. Só atualmente, se bem que nem a ciência material nem a ciência espiritual tenham dado a sua última palavra, o homem possui os dois elementos adequados para lançar a luz sobre este imenso problema. Estas duas chaves eram absolutamente necessárias para encontrar uma solução, pelo menos aproximada. Quanto à solução definitiva, não será, talvez, dado ao homem encontrá-la na Terra, porque são coisas que estão no segredo de Deus.

1. – A primeira ideia que os homens fizeram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo, deve ter sido, na origem, unicamente baseada no testemunho dos sentidos. Na ignorância das leis mais elementares da Física e das forças da natureza, tendo apenas uma visão limitada como meio de observação, só podiam julgar pelas aparências.

Ao observar o aparecimento do Sol, pela manhã, de um lado do horizonte e o seu desaparecimento, à tarde, do lado oposto, os homens concluíram, naturalmente, que ele girava à volta da Terra, enquanto esta permanecia imóvel. Se se dissesse então aos homens que acontecia o contrário, teriam respondido que não era possível, porque, diriam, vemos o Sol mudar de lugar e não sentimos a terra mexer.

2. – A pouca extensão das viagens, que então raramente ultrapassavam os limites da tribo ou do vale em que viviam, não possibilitava conceber a esfericidade da Terra. Como haveriam de supor que a Terra fosse uma bola? Nesse caso, os seres humanos só poderiam manter-se nos pontos mais elevados e supondo que estava habitada em toda a sua superfície, como poderiam viver no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? O facto parecia ainda menos possível com um movimento de rotação.

Quando se vê, ainda hoje, que já se conhece a lei da gravitação, pessoas relativamente esclarecidas não compreenderem esse fenómeno, não devemos admirar-nos que os habitantes das primeiras idades não tenham, sequer, suspeitado da sua existência.[46]

A Terra era, pois, uma superfície plana, circular como uma roda de moinho, estendendo-se a perder de vista, na direção horizontal; daí a expressão ainda utilizada: ir ao fim do mundo. Os seus limites, a sua espessura, o seu interior, a sua face inferior e tudo o que havia por baixo, era desconhecido.[47]

3. O céu, aparentando uma forma côncava era, conforme a crença vulgar, uma abóbada real cujos limites inferiores repousavam na Terra e marcavam os confins: uma imensa cúpula cuja capacidade estava completamente preenchida pelo ar. Sem nenhuma noção do infinito do espaço,

---

[46] Este exemplo de A.K., sobre a existência de pessoas descrentes da esfericidade da Terra, demonstra como grande parte de seus leitores estavam distantes do conhecimento científico, justificando a necessidade de haver, nesta obra, explicações didáticas sobre Astronomia, Geologia, Física, entre outras Ciências. Ao fazer isso, o professor Rivail usou os termos, conceitos e paradigmas científicos do seu tempo, muitos deles atualmente falseados e superados. É por isso que, **na leitura das suas obras é fundamental a identificação histórica dessas apropriações da cultura humana da época, diferenciando-as dos ensinamentos dos Espíritos superiores, pois estes sabiam mais do que os homens.** Inclusive, este capítulo e mais alguns, nada possuem relativo à doutrina espírita, diretamente, tendo origem na pesquisa de A.K. em livros científicos então vigentes. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

[47] A mitologia hindu ensinava que, ao entardecer, o astro do dia se despojava da sua luz e atravessava o céu durante a noite com uma face escura.

A mitologia grega representava o carro de Apolo puxado por quatro cavalos.

Anaximandro de Mileto sustentava, como Plutarco, que o Sol era uma carruagem cheia de um fogo muito vivo que se escapava por uma abertura circular.

Epicuro teria, parece, emitido a opinião de que o Sol se acendia pela manhã e se apagava à noite nas águas do oceano; outros pensavam que este astro era uma pedra-pomes tão quente que se tornava incandescente. Anaxágoras olhava-o como um ferro em brasa da grandeza do Peloponeso. Singular observação! Os Antigos estavam tão invencivelmente convencidos que a dimensão aparente deste astro era real, que perseguiriam este filósofo temerário por ter atribuído um tal volume à luz do dia, e foi necessária toda a autoridade de Péricles para o salvar de uma condenação à morte e comutá-la numa sentença de exílio. (Flammarion, Estudos e leituras sobre a Astronomia, pág. 6).

Perante tais ideias existentes cinco séculos antes da era cristã, nos tempos de maior esplendor da Grécia, não nos podemos espantar com as ideias que os homens das primeiras idades tinham formado sobre a visão do mundo. (Nota de A.K.)

incapazes até de concebê-lo, os seus habitantes imaginavam esta abóbada formada de matéria sólida; daí o nome de *firmamento* que sobreviveu a esta crença, e que significa *firme, resistente* (do latim, *firmamentum* derivado de *firmus*, e do grego *herma, hermatos,* firme, sustentáculo, suporte, ponto de apoio).

4. – As estrelas, das quais não podiam supor a natureza, eram simples pontos luminosos, de maior ou menor volume, fixas na abóbada como lâmpadas suspensas, dispostas numa única superfície e, por conseguinte, todas elas à mesma distância da Terra, tal como são representadas no interior de certas cúpulas pintadas de azul para imitar o azul dos céus. Embora atualmente as conceções sejam completamente diferentes, o uso das antigas expressões conservou-se. Diz-se ainda, por comparação: a abóbada estelar; sob a cúpula do céu.

5. – A formação das nuvens por evaporação das águas da Terra era, então, igualmente desconhecida. Ninguém podia imaginar que a chuva que caía do céu tivesse a sua origem na Terra, porque ninguém a via subir. Daí a crença na existência *das águas superiores e das águas inferiores,* das fontes celestes e das fontes terrestres, reservatórios situados em regiões altas, suposição que está perfeitamente de acordo com a ideia de uma abóbada sólida capaz de as suportar. As águas superiores, escapando por frestas da abóbada, caíam em gotas e, conforme estas frestas eram mais ou menos largas, a chuva seria suave, torrencial ou diluviana.

6. – A ignorância completa da unidade do universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e do destino dos astros que, por outro lado, pareciam tão pequenos em comparação com a Terra, levou a que esta fosse considerada como o elemento principal, o motivo único da Criação, e os astros como acessórios criados unicamente em atenção aos seus habitantes. Este preconceito perpetuou-se até aos nossos dias, apesar das descobertas da ciência que mudaram a visão do mundo. Quantas pessoas creem ainda que as estrelas são ornamentos do céu para recreio da vista dos habitantes da Terra!

7. – Não se tardou em perceber o movimento aparente das estrelas que se deslocam em massa do oriente para o ocidente, aparecem à tarde e desaparecem pela manhã, mantendo as suas posições relativas. Esta observação teve, durante muito tempo, como consequência, a ideia de uma abóbada sólida arrastando as estrelas no seu movimento de rotação. Estas primeiras e ingénuas ideias constituíram, durante séculos, o fundamento das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias antigas.

8. – Mais tarde compreendeu-se, pela direção do movimento das estrelas e o seu regresso periódico na mesma ordem, que a abóbada celeste não podia ser simplesmente um hemisfério pousado na Terra, mas sim uma esfera completa, oca, no centro da qual se encontrava a Terra, sempre plana ou, quando muito, convexa e habitada apenas na face superior. Já era um progresso.

Mas em que se apoiava a Terra? Seria inútil enunciar todas as suposições ridículas, criadas pela imaginação, como a dos hindus que a diziam suportada por quatro elefantes brancos e estes sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sábios reconheciam nada saber sobre este assunto.

9. – Uma opinião, geralmente espalhada pelos sistemas religiosos dos povos politeístas pagãos, colocava nos *lugares baixos,* ou seja, nas profundezas da Terra ou debaixo dela, não se sabia bem, a morada dos condenados, chamada *inferno*, que quer dizer *lugar inferior.* Nos *lugares altos* para além da região das estrelas estava a morada dos bem-aventurados. A palavra *inferno* conservou-se até aos nossos dias, embora tenha perdido o seu significado etimológico, desde que a geologia retirou

o lugar dos suplícios eternos das entranhas da Terra e que a astronomia demonstrou que não existem altos nem baixos no espaço infinito.

10. – Sob o céu límpido da Caldeia, da Índia e do Egito, berços das mais antigas civilizações, o movimento dos astros foi observado com tanta precisão quanto o permitia a ausência de instrumentos especiais. Viu-se de início que certas estrelas tinham um movimento próprio, independente da massa, o que afastou a suposição de que estivessem coladas na abóbada celeste; foram chamadas de *estrelas errantes* ou *planetas,* para as distinguir das estrelas fixas. Calcularam-se os seus movimentos e os seus regressos periódicos.

No movimento diurno da esfera estelar notou-se a imobilidade da estrela Polar, em volta da qual as outras descreviam, em vinte e quatro horas, circunferências oblíquas paralelas, maiores ou menores conforme o seu afastamento da estrela central. Este foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade do eixo da Terra. As viagens mais extensas permitiram observar a diferença de aspeto do céu, conforme as latitudes e as estações; a elevação da estrela Polar acima do horizonte, variando com a latitude, abriu caminho à compreensão da esfericidade da Terra; assim, pouco a pouco, se foi fazendo uma ideia mais exata da organização do mundo.

Cerca de 600 antes de Cristo, Tales de Mileto (Ásia Menor) conhecia a esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica e a causa dos eclipses.

Um século mais tarde, Pitágoras (de Samos) descobriu o movimento diurno da Terra sobre seu eixo, o seu movimento anual em torno do Sol e incorporou os planetas e os cometas ao sistema solar.

160 Anos antes de Cristo, Hiparco de Alexandria (Egito) inventou o astrolábio, calculou e previu os eclipses, observou as manchas do Sol, determinou o ano trópico e a duração das revoluções da Lua.

Por mais preciosas que fossem estas descobertas para o progresso da ciência, levaram perto de 2000 anos para se popularizarem. As ideias novas, tendo apenas para se propagar raros manuscritos, permaneciam como património de certos filósofos que as ensinavam a discípulos privilegiados. As massas, as quais ninguém procurava esclarecer, não aproveitavam nada e continuavam a seguir as velhas crenças.

11. – Por volta dos anos 140 da era cristã, Ptolomeu, um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria, combinando as suas próprias ideias com as crenças vulgares e algumas das mais recentes descobertas astronómicas, compôs um sistema que se pode classificar de misto, que tem o seu nome, e que, durante aproximadamente quinze séculos foi o único adotado no mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera localizada no centro do Universo, composta de quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Essa era a primeira região chamada *elementar.* A segunda região, chamada *etérea,* compreendia onze céus ou esferas concêntricas, que giravam à volta da Terra, a saber: o céu da Lua, os céus de Mercúrio, de Vénus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno e das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino e, por fim, do primeiro móvel que imprimia o movimento a todos os céus inferiores e os fazia realizar uma revolução a cada vinte e quatro horas. Além dos onze céus estava o Empíreo, moradia dos bem-aventurados, assim nomeada do grego “pyr” ou pira que significa fogo porque se acreditava que esta região resplandecia de luz como o fogo.

A crença em vários céus sobrepostos prevaleceu durante muito tempo, embora o seu número variasse; o sétimo era geralmente considerado como o mais elevado, daí expressão: ser arrebatado ao sétimo céu. São Paulo disse que fora elevado ao terceiro céu.

Independentemente do movimento comum, os astros tinham, segundo Ptolomeu, movimentos próprios particulares, maiores ou menores conforme o seu afastamento do centro. As estrelas fixas

completavam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota o conhecimento da precessão dos equinócios que se completa de facto em 25000 anos aproximadamente.

12. – No início do século dezasseis, Copérnico, célebre astrónomo nascido em Thorn (Prússia) em 1472 e falecido em 1543, retomou as ideias de Pitágoras; publicou um sistema que, confirmado a cada dia por novas observações, teve um acolhimento favorável e não demorou a substituir o de Ptolomeu. De acordo com o seu sistema, o Sol está no centro e os planetas descrevem órbitas circulares à sua volta; a lua é um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, Galileu, natural de Florença, inventou o telescópio; em 1610, descobriu os quatro satélites de Júpiter e calculou as suas revoluções; reconheceu que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; observou as suas fases e determinou a duração das suas rotações em torno dos seus eixos; deu, assim, por provas materiais, um reconhecimento definitivo ao sistema de Copérnico.

Desde então desmoronou-se a teoria dos céus sobrepostos; os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra e, como ela, sem dúvida habitáveis; o Sol, como sendo uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que lhe estão sujeitos; as estrelas como sendo inumeráveis sóis, centros prováveis de outros sistemas planetários.

As estrelas já não estão confinadas numa zona da esfera celeste, mas, irregularmente disseminadas no espaço ilimitado; aquelas que pareciam tocar-se estão a distâncias incomensuráveis umas das outras; as mais pequenas, em aparência, são as mais afastadas de nós; as maiores são as que estão mais próximas, estando, ainda assim, a centenas de milhares de léguas.

Os grupos aos quais foi dado o nome de constelações, são apenas conjuntos aparentes causados pela distância, devido ao efeito de perspetiva, como as que formam as luzes dispersas numa vasta planície, ou as árvores de uma floresta, a quem as observe a partir de um ponto fixo; mas, este conjunto nunca existe, na realidade; se nos pudéssemos transportar à região de uma dessas constelações, à medida que nos aproximássemos, a forma desapareceria e novos grupos se desenhariam perante a nossa vista.

Sabendo que estes grupos só existem na aparência, o significado que uma crença vulgar, supersticiosa, lhes atribui é ilusória e as suas influências só existem na imaginação.

Para distinguir as constelações, deram-se-lhe nomes tais como*: Leão, Touro, Gémeos, Virgem, Balança, Capricórnio, Câncer, Órion, Hércules, Ursa Maior ou Carro de Davi, Ursa Menor, Lira,* etc. e representaram-nas por figuras que lembram os seus nomes, na maior parte fantasiosas, mas que, em caso algum têm qualquer relação com a forma aparente desse grupo de estrelas. Seria, pois, em vão, procurar estas formas no céu.

A crença na influência das constelações, sobretudo das que constituem os doze signos do zodíaco, vem da ideia ligada aos nomes que lhes deram. Se a que é chamada Leão tivesse sido chamada de asno ou ovelha, ter-lhe-iam certamente, atribuído uma outra influência.

13. – A partir de Copérnico e de Galileu, as velhas cosmogonias desapareceram definitivamente; a astronomia só poderia avançar e nunca recuar. A História fala das lutas que estes homens de génio tiveram que sustentar contra os preconceituosos e, principalmente, contra o espírito sectário interessado em manter os erros sobre os quais tinham fundado crenças que se lhes figuravam assentes numa base inabalável. Bastou a invenção de um instrumento de ótica para derrubar uma estrutura de vários milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público, iniciado nas ideias novas, começou a não se deixar embalar por ilusões e tomou parte na luta; já não era só contra qualquer indivíduo que era preciso combater, mas contra a opinião geral que tomava partido pela verdade.

Como o Universo é grande face às mesquinhas proporções que lhe atribuíam os nossos pais! Como a obra de Deus é sublime quando a vemos realizar-se de acordo com as eternas leis da

natureza! Mas quanto tempo, quantos esforços de génio, quanta dedicação foram necessários para abrir os olhos e arrancar, por fim, a venda da ignorância!

14. –Daí para a frente estava aberto o caminho seguido por ilustres e numerosos sábios para completar a obra delineada. Kepler, na Alemanha, descobriu as célebres leis que têm o seu nome e com auxílio das quais ele reconheceu que os planetas descrevem não órbitas circulares, mas elipses, onde o Sol ocupa um dos focos; Newton, na Inglaterra, descobriu a lei da gravitação universal; Laplace, na França, criou a mecânica celeste; finalmente a Astronomia deixa de ser um sistema fundado sobre conjeturas ou probabilidades, mas, uma ciência estabelecida nas mais rigorosas bases do cálculo e da geometria.

Assim se assentou uma das pedras fundamentais da Génese.

CAPÍTULO VI – URANOGRAFIA GERAL[48]

O espaço e o tempo

1. – Foram dadas várias definições do espaço, entre as quais a principal é esta: *o espaço é a extensão que separa dois corpos.* A partir dela certos sofistas deduziram que, onde não houvesse corpos, não havia espaço; é nisto que alguns doutores em Teologia se baseiam para afirmar que o espaço é necessariamente finito, alegando que os corpos, limitados a certo número, não poderiam formar uma sucessão infinita; e que lá, onde os corpos acabassem, o espaço acabaria também.

O espaço também foi definido como: *o lugar onde se movem os mundos, o vazio onde atua a matéria, etc.*

Deixemos todas estas definições, que nada definem, nos tratados onde repousam.

O espaço é uma destas palavras que representa uma ideia primitiva e axiomática, evidente por si própria, e as diversas definições, que dele podem ser dadas, só servem para confundir. Sabemos todos o que é o espaço e só quero dizer, apenas, que é infinito, para que os nossos estudos ulteriores não encontrem nenhuma barreira que se oponha às investigações da nossa visão.

Digo que o espaço é infinito porque é impossível supor-lhe algum limite; apesar da dificuldade que temos de conceber o infinito, é-nos mais fácil, no entanto, caminhar eternamente no espaço, em pensamento, do que determo-nos num lugar qualquer, depois do qual não encontraríamos mais extensão a percorrer.

Para imaginarmos o infinito do espaço, tanto como nos permitem as nossas limitadas faculdades, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, em direção a um ponto qualquer do Universo, e isto com a velocidade prodigiosa da centelha elétrica, que percorre *milhares de léguas por segundo;* mal tenhamos percorrido milhões de léguas depois de ter abandonado o globo, encontrar-nos-emos num lugar onde a Terra nos aparece sob o aspeto de uma pálida estrela; um instante depois, seguindo sempre na mesma direção, chegamos a essas estrelas longínquas que mal se veem da vossa posição terrestre; a partir daí, não só a Terra desaparece completamente da nossa observação, nas profundezas do céu, mas também o nosso Sol, com o seu esplendor, fica eclipsado pela extensão que nos separa dele. Animados sempre pela mesma velocidade do relâmpago, atravessamos sistemas de mundos, a cada passo que avançamos pela vastidão, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens sumptuosas onde Deus semeou mundos com a mesma profusão que semeou plantas nas pradarias terrestres.

Ora, há apenas alguns minutos que estamos a caminhar e já centenas de milhões e milhões de léguas nos separam da Terra, milhões de mundos passaram sob os nossos olhos e, no entanto, escutai, não avançamos na realidade um só passo no Universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago*, não teremos avançado nem mais um passo! Seja qual for o ponto e a direção para onde nos dirigirmos, a partir desse "grão" invisível que deixámos e que se chama Terra.

Isto é o espaço!

2. – O tempo, assim como o espaço, é um termo que se autodefine; faz-se uma ideia mais justa do que é o tempo se o relacionarmos com o todo infinito.

---

[48] Este capítulo foi extraído textualmente de uma série de comunicações ditadas na Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de "Estudos Uranográficos" e assinadas por Galileu, médium C. F.

Na *Revista Espírita,* as comunicações estão assinadas pelo médium Camille Flammarion (1842-1925), astrónomo, membro da Sociedade de Paris. (Nota de A.K.)

O tempo é a sucessão das coisas; está ligado à eternidade da mesma maneira que as coisas estão ligadas ao infinito.

Suponhamo-nos na origem do nosso mundo, nessa época primitiva em que a Terra ainda não se movia sob o impulso divino, numa palavra, no começo da Génese. Nessa época, o tempo ainda não tinha saído do misterioso berço da natureza e ninguém podia dizer em que época estávamos, já que o pêndulo dos séculos ainda não estava em movimento.

Mas, silêncio! A primeira hora de uma Terra isolada soa no sino eterno, o planeta move-se no espaço e, desde então, existe *tarde e manhã.* Para além da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo avance para muitos outros mundos. Na Terra, o tempo substitui a eternidade e, durante uma sucessão determinada de gerações, serão contados os anos e os séculos.

Transportemo-nos, agora, ao último dia deste mundo, a hora em que, curvada sob o peso da velhice, a Terra se apagará do livro da vida para não voltar a aparecer: interrompem-se, então, a sucessão dos acontecimentos; param os movimentos terrestres que medem o tempo e o tempo chega ao fim.

Esta simples exposição dos factos naturais que dão nascimento ao tempo, que o alimentam e deixam que se extinga, bastam para mostrar que, visto do ponto onde nos devemos colocar para os nossos estudos, o tempo é uma gota d'água que cai da nuvem até ao mar, e cuja queda é medida.

Tantos mundos na vasta extensão, tantos tempos diversos e incompatíveis.

Fora dos mundos, só a eternidade substitui essas efémeras sucessões, e enche tranquilamente, com a sua luz imóvel, a imensidão dos céus. Imensidão sem fim e eternidade sem limites, tais são as duas grandes propriedades da natureza universal.

O olhar do observador que atravessa, sem que nada o detenha, as distâncias incomensuráveis do espaço, e o do geólogo que recua para além dos limites das idades, ou que desce nas profundezas abertas da eternidade, onde se perderão um dia, atuam de acordo, cada qual na sua direção, para adquirir esta dupla noção de infinito: extensão e duração.

Ora, considerando esta ordem de ideias, ser-nos-á fácil conceber que:

– Sendo o tempo apenas a relação das coisas transitórias, e dependendo unicamente das coisas mensuráveis, se, tomando os séculos terrestres por unidade, amontoarmos milhares sobre milhares para formar um número colossal, este número nunca representará mais do que um ponto da eternidade; do mesmo modo que milhares de léguas juntas a milhares de léguas são apenas um ponto nesta extensão.

Deste modo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderemos escrever um número tão longo como o equador terrestre, e supor que envelhecemos esse número de séculos sem que, na realidade, a nossa alma conte um dia mais; e, somando a este número indefinível de séculos uma série de números semelhantes ou mais consideráveis ainda, tão longa como daqui ao Sol, e imaginando-nos viver durante a sucessão prodigiosa de períodos seculares representados pela adição desses números, quando chegássemos ao fim, o amontoado incompreensível de séculos que pesaria sobre as nossas cabeças seria como se não existisse: perante nós, restaria sempre a eternidade completa.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de ser medida, do ponto de vista da duração; para ela não há começo nem fim, tudo é presente.

Se séculos e séculos são menos que um segundo em relação à eternidade, o que será, então, a duração da vida humana?

A Matéria

3. – À primeira vista, nada parece tão profundamente variado, tão essencialmente diferente, como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza colocam diariamente sob o nosso olhar, não há dois que revelem uma identidade perfeita, nem sequer uma paridade de composição. Que diferenças sob o ponto de vista da solidez, da compressibilidade, do peso e das propriedades múltiplas dos corpos; entre os gases atmosféricos e o filão de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a constituição óssea do globo; que diversidade entre o tecido químico das diversas plantas que decoram o reino vegetal e os representantes não menos numerosos dos animais, na Terra!

No entanto, podemos colocar como princípio absoluto que todas as substâncias conhecidas e desconhecidas, qualquer que seja a diferença que apresentem, quer sob o ponto de vista da sua constituição íntima, quer sob o ponto de vista da sua ação recíproca, são apenas modos diversos sob os quais a matéria se apresenta, variedades nas quais ela se transforma sob a ação das inúmeras forças que a governam.

4. – A Química, cujos progressos foram tão rápidos desde a minha época, em que os seus próprios adeptos a relegavam ainda para o domínio secreto da magia, essa nova ciência que se pode, a justo título, considerar como filha do século da observação, e baseada unicamente, com mais solidez que as suas irmãs mais velhas, no método experimental.

A Química reconsiderou a visão sobre os quatro elementos primitivos que os Antigos concordaram em reconhecer na natureza; [49]

− Mostrou que o elemento terrestre é apenas a combinação de substâncias diversas, infinitamente variadas;

− Que o ar e a água são igualmente decomponíveis, que são o produto de um certo número de equivalentes de gás;

− Que o fogo, longe de ser, ele também, um elemento principal, é apenas um estado da matéria resultante do movimento universal ao qual está submetida e de uma combustão visível ou latente.

Em compensação, descobriu um número considerável de princípios até então desconhecidos, que lhe pareceram formar, mediante determinadas combinações, as diversas substâncias, os diversos corpos que tem estudado, e que atuam simultaneamente segundo certas leis e em certas proporções, nos trabalhos operados no grande laboratório da natureza.

Deu a estes princípios o nome de *corpos simples*, indicando por estas palavras que os considerava como primitivos e indecomponíveis, e que nenhuma operação, até hoje, os saberia reduzir em partes mais simples que eles mesmos. [50]

5 – Ali, onde se detêm as apreciações do homem, mesmo ajudado pelos seus sentidos artificiais mais impressionáveis, a obra da natureza continua:

− Ali, onde a pessoa vulgar confunde a aparência com a realidade; onde o técnico levanta o véu e distingue o princípio das coisas; o olhar daquele que pode perceber o modo de agir da natureza, apenas vê, sob os materiais que constituem o mundo, a *matéria cósmica* primitiva, simples e una, diversificada em certas regiões na época do seu nascimento, partilhada em corpos solidários durante a sua vida, e que um dia se desarticulam no recetáculo da imensidão por efeito da sua decomposição.

---

[49] Água, terra, fogo e ar. (N.T.)

[50] Os principais corpos simples são:
- Entre os corpos não metálicos: o oxigénio, o hidrogénio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo;
- Entre os corpos metálicos: o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsénico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc. (Nota de A.K.)

6. – Existem questões que nós mesmos, Espíritos amantes da ciência, não saberíamos aprofundar e sobre as quais não poderíamos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos conjeturais; sobre essas questões eu calar-me-ei ou justificarei a minha maneira de ver; mas esta não faz parte desse número.

Àqueles que estivessem tentados a ver nas minhas palavras apenas uma teoria arriscada, direi: envolvei, se é possível, num olhar investigador, a multiplicidade das operações da natureza, e reconhecereis que, se não admitirmos a unidade da matéria, é impossível explicar, não direi somente os sóis e as esferas, mas sem ir tão longe, a germinação de um grão na terra, ou a formação de um inseto.

7. –A grande diversidade que se observa na matéria deve-se a que, sendo as forças que presidiram às suas transformações e as condições nas quais elas se produziram, em número ilimitado, as combinações variadas da matéria só poderiam ser ilimitadas.

Assim, quer a substância que se considera pertença aos fluidos propriamente ditos, aos corpos imponderáveis, ou aos que possuem as características e as propriedades ordinárias da matéria, só há em todo o Universo somente uma única substância primitiva: *o cosmos ou matéria cósmica* dos astrónomos.

As leis e as forças

8. – Se um desses seres desconhecidos que consomem a sua existência efémera no fundo das regiões tenebrosas do oceano, se um desses poligástricos, dessas nereidas – miseráveis animálculos que da natureza só conhecem os peixes ictiófagos e a flora submarina – recebesse, de repente, o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de estabelecer sobre as suas apreciações, um raciocínio conjetural extensivo à universalidade das coisas, que ideia formaria da natureza viva que se desenvolve no seu meio, e do mundo terrestre que não pertence ao campo das suas observações?

Se, agora, por um efeito maravilhoso do seu novo poder, este mesmo ser conseguisse elevar-se acima das suas trevas eternas, até à superfície do mar, não longe das praias opulentas de uma ilha com vegetação esplêndida, sob o sol, fecundo distribuidor de um calor benfazejo, que opinião formaria então sobre as suas teorias antecipadas acerca da criação universal?

Não as deixaria logo para as substituir por uma apreciação mais ampla, embora ainda tão incompleta como a primeira? Assim é, ó homens! a imagem da vossa Ciência, toda especulativa.[51]

9. – Já que venho tratar aqui da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu que, como vós, sou apenas um ser relativamente ignorante no que diz respeito à ciência real, apesar da aparente superioridade, sobre os meus irmãos da Terra, que me dá a possibilidade de estudar as questões naturais que lhes são interditas na sua posição, o meu objetivo é somente o de vos expor a noção geral das leis universais, sem explicar em pormenor o modo de ação e a natureza das forças especiais que delas decorrem.

[51] É esta a situação dos que negam o mundo dos Espíritos quando, depois de se terem desembaraçado do seu corpo físico, os horizontes desse mundo se desenrolarem perante os seus olhos. Compreendem, então, o vazio das teorias através das quais pretendiam explicar tudo só à luz da matéria. No entanto, esses horizontes são, para eles, ainda mistérios que só se vão revelando sucessivamente, à medida que se elevam, pela purificação. Mas, desde os seus primeiros passos nesse novo mundo, são forçados a reconhecer a sua cegueira e como estavam longe da verdade. (Nota de A.K.)

10. – Existe um fluido etéreo que preenche o espaço e penetra os corpos; esse fluido é o *éter ou matéria cósmica* primitiva, geradora do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo.

Estas forças múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas nos seus modos de ação segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra pelos nomes de gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa.

Os movimentos vibratórios do agente têm os nomes de som, calor, luz, etc.

Noutros mundos, apresentam-se sob outros aspetos, revelam outras características desconhecidas na Terra.

Na imensa extensão dos céus, desenvolveu-se um número indefinido de forças numa escala inimaginável, cuja grandeza somos tão incapazes de avaliar como o crustáceo do fundo do oceano o é de abarcar a universalidade dos fenómenos terrestres. [52]

Ora, da mesma forma que só há uma única substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada nas suas combinações, também todas estas forças dependem de uma lei universal diversificada nos seus efeitos que se encontra na sua origem e que, nos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação para lhe imprimir harmonia e estabilidade permanentes.

11. – A natureza nunca se opõe a si mesma.

O brasão do Universo só tem uma divisa: UNIDADE/VARIEDADE. Recuando à escala dos mundos, encontra-se a *unidade* da harmonia e da criação, ao mesmo tempo que uma *variedade* infinita neste imenso canteiro de estrelas; percorrendo os degraus da vida, desde o último dos seres até Deus, a grande lei da continuidade existe; considerando as forças em si mesmas, pode formar-se com isso uma série cuja resultante, confundindo-se com a geradora, é a lei universal.

Não podemos apreciar esta lei em toda a sua extensão, porque as forças que a representam, no campo das observações, são restritas e limitadas; no entanto, a gravitação e a eletricidade podem ser consideradas como uma ampla aplicação da lei primordial que impera para além dos céus.

Todas estas forças são eternas – explicaremos este termo – e universais como a Criação; como são inerentes ao fluido cósmico, atuam necessariamente em tudo e por toda a parte, modificando a sua ação pela sua simultaneidade ou a sua sucessão; predominantes aqui, enfraquecidas acolá; poderosas e ativas em certos pontos, latentes ou secretas noutros; mas, finalmente, preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos nos seus diversos períodos de vida, governando os trabalhos maravilhosos da natureza em qualquer ponto onde se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

A criação primeira

[52] Nós só nos referimos àquilo que conhecemos e não compreendemos o que escapa à perceção dos nossos sentidos, assim como o cego de nascença não compreende os efeitos da luz e a utilidade dos olhos. É possível, pois, que noutros meios o fluido cósmico tenha outras propriedades, seja suscetível de combinações das quais não temos a menor ideia, produza efeitos apropriados a necessidades que nos são desconhecidas, dando lugar a perceções novas ou a outros modos de perceção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem luz; mas, quem nos diz que não existam outros agentes além da luz adequados a organismos especiais? A visão sonambúlica, que não é limitada pela distância, nem por obstáculos materiais, nem pela escuridão, oferece-nos um exemplo disso. Suponhamos que, num mundo qualquer os seres sejam *normalmente* o que os nossos sonâmbulos são excecionalmente; eles não terão necessidade nem da nossa luz nem dos nossos olhos, e, no entanto, verão o que não podemos ver. Poderá acontecer o mesmo com os outros sentidos. As condições de vitalidade e percetibilidade, as sensações e as necessidades variam conforme os meios. (Nota de A.K.)

12. – Depois de termos considerado o Universo do ponto de vista geral da sua composição, das suas leis e das suas propriedades, podemos alargar os nossos estudos para o modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres.

Desceremos, em seguida, à criação da Terra, em particular, e ao seu estado atual na universalidade das coisas e então, tomando este globo como ponto de partida e como unidade relativa, procederemos aos nossos estudos planetários e siderais.

13. – Se tivermos compreendido bem a relação, ou antes, a oposição entre a eternidade e o tempo, se nos familiarizarmos com a ideia de que o tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, enquanto a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e que não é suscetível de nenhuma medida do ponto de vista da sua duração, compreenderemos que, para ela, não existe princípio nem fim.

Por outro lado, se fizermos uma ideia justa – embora necessariamente muito imperfeita – da infinidade do poder divino, compreenderemos como é possível que o Universo tenha existido sempre e existirá sempre. Desde que Deus existiu, as suas perfeições eternas pronunciaram-se. Antes que os tempos existissem, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, igualmente eterno.

14. – Pela sua natureza, Deus existe desde toda a eternidade, criou desde toda a eternidade; não poderia ser de outra forma porque, por mais longínqua que seja a época a que retrocedamos em imaginação, chegando até aos supostos limites da criação, haverá sempre, para além deste limite, uma eternidade – avalie bem esta ideia – uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases, [53]as volições infinitas teriam estado sepultadas numa muda letargia inativa e estéril, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres, de mutismo indiferente para o verbo que os governa, de esterilidade fria e egoística para o Espírito de amor e de vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do Ser absoluto! Deus é o sol dos seres, é a luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá instantaneamente origem a ondas de luz que se vão propagando por toda a parte na imensidão. Do mesmo modo, o Universo, nascido da Eternidade, recua aos períodos inimagináveis do infinito na duração, ao *Fiat lux* inicial.

15. – O início absoluto das coisas recua, portanto, a Deus. As suas aparições sucessivas no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que imortal poderia falar das magnificências desconhecidas e maravilhosamente veladas pela noite das idades, que se desenvolveram nesses tempos antigos em que nenhuma das maravilhas do Universo atual existia!

Nessa época primitiva em que, tendo-se ouvido a voz do Senhor, os materiais que no futuro teriam de reunir-se por si mesmos e simetricamente para formar o templo da natureza, encontraram-se de repente no centro dos vazios infinitos, quando aquela voz misteriosa que todas

---

[53] Provavelmente Kardec refere-se, falando em hipóstases, a um princípio grego relativo à realidade em oposição ao que seja aparente. (C. B. Imbassahy.)

Hipóstase divina é o ato concreto da subsistência de Deus. Segundo a visão dogmática da Igreja católica, Deus seria três hipóstases numa só essência (ousia): o Pai, o Filho e o Espírito Santo. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

No dicionário Priberam da língua portuguesa, hipóstase é a atribuição de existência substancial ou real ao que é ficção ou abstração. (N.T.)

as criaturas veneram e amam como a de uma mãe, produziu notas harmoniosamente variadas, que haveriam de vibrar em conjunto, para modular o concerto dos céus incomensuráveis!

O mundo, no seu nascimento, não se apresentou na sua virilidade nem na plenitude de vida, não.

O poder criador não se contradiz nunca e, como todas as coisas, o Universo nasceu menino.

Revestido das leis acima mencionadas, e com o impulso inicial inerente à sua própria formação, a matéria cósmica primitiva deu sucessivamente origem a turbilhões, aglomerações deste fluido difuso, e a aglomerados de matéria nebulosa que se dividiram por si e se modificaram infinitamente para produzir, nas regiões incomensuráveis da extensão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Devido às forças que predominaram sobre um ou sobre o outro, e das circunstâncias ulteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, estes centros primitivos converteram-se em focos de uma vida especial.

Uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram, desde logo, a sua vida astral particular.

Os outros, ocupando uma extensão ilimitada, cresceram com uma extrema lentidão ou dividiram-se de novo noutros centros secundários.

16. – Transportando-nos somente a alguns milhões de séculos antes da época atual, verificamos que a nossa Terra ainda não existe, que o nosso sistema solar, ele mesmo, não começou as evoluções da existência planetária.

Durante esse tempo já esplêndidos sóis iluminavam o éter; já planetas habitados davam vida e existência a uma imensidade de seres que nos precederam no caminho humano; as produções magníficas de uma natureza desconhecida e os fenómenos maravilhosos do céu desenvolvem, sob outros olhares, o panorama da imensa criação.

Que digo! Já deixaram de existir os esplendores que muito antes fizeram palpitar o coração de outros mortais sob o influxo do pensamento do poder infinito! E nós, pobres seres pequeninos, que chegámos depois de uma eternidade de vida, julgamo-nos contemporâneos da Criação!

Ainda uma vez mais, compreendamos melhor a natureza. Saibamos que a eternidade está tanto antes de nós como depois, que o espaço é o teatro de uma inimaginável sucessão e simultaneidade de criações.

Algumas nebulosas, que distinguimos com dificuldade na lonjura do céu, são aglomerações de sóis em vias de formação; outras são vias lácteas de mundos habitados; outras, por fim, são o lugar de catástrofes ou de declínio. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações anteriores e ulteriores; que a Criação Universal não é apenas para nós, e que não devemos aplicar esta expressão à formação isolada de nosso pequenino mundo.

A Criação Universal

17. – Depois de termos recuado, tanto quanto o permite a nossa limitação, em direção à fonte oculta de onde provêm os mundos, como de um rio as gotas de água, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos em série.

A matéria cósmica primitiva continha elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os Universos que estendem as suas magnificências perante a eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, o primeiro antepassado e, o que é mais, a eterna geradora.

Esta substância, da qual provêm as esferas siderais, não desapareceu; esta potência não está morta, porque continua, incessantemente, a dar vida a novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, que desce entre os espaços interplanetários; este fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, ricas em aglomerações de estrelas, mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha, mais ou menos modificado por diversas combinações de acordo com as localizações no espaço, nada mais é que a substância primitiva na qual residem as forças universais, a partir da qual a natureza tirou todas as coisas. [54]

18. – Este fluido penetra nos corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, segundo a condição deste, inicialmente no estado latente que dormita lá onde a voz de um ser não o chama.

Cada criatura mineral, vegetal, animal, ou outra – porque há muitos outros reinos naturais de cuja existência nem sequer suspeitais – sabe, em virtude deste princípio vital universal, apropriar-se das condições da sua existência e da sua duração.

As moléculas do mineral têm uma certa quantidade dessa vida, tal como a semente e o embrião, e agrupam-se, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos.

Importa penetrar profundamente a noção de que a matéria cósmica primitiva era revestida não apenas das leis que garantem a estabilidade dos mundos, mas ainda do princípio vital universal que forma as gerações espontâneas [55] em cada mundo, à medida que se apresentam as condições de existência sucessiva dos seres e quando soa a hora da aparição dos filhos da vida durante o período criador.

Assim se efetua a criação Universal. É, pois, verdadeiro dizer que, dado que as operações da natureza são a expressão da vontade divina, Deus sempre criou, cria incessantemente e nunca deixará de criar.

19. – Até aqui, guardámos silêncio sobre *o mundo espiritual,* que também faz parte da criação e cumpre o seu destino segundo as augustas prescrições do Mestre.

Sobre o modo de criação dos Espíritos, só posso dar um ensinamento muito limitado devido à minha própria ignorância, e também porque devo manter a reserva sobre certas questões, se bem que me tenha sido permitido aprofundá-las.

Aqueles que desejam religiosamente conhecer, e que se mostram humildes perante Deus, direi, suplicando-lhes, que não deduzam das minhas palavras nenhuma teoria prematura, que o Espírito não chega a receber a iluminação divina que lhe dá, ao mesmo tempo que o livre arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos, sem ter passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra de sua individualidade; é somente a contar do dia em que o Senhor imprime na sua fronte o seu augusto sinal, que o Espírito toma lugar entre as humanidades.

Mais uma vez vos peço que não edifiqueis sobre as minhas palavras os vossos raciocínios, tão tristemente célebres na história da metafísica; preferiria mil vezes calar-me sobre questões tão elevadas, tão acima das nossas meditações habituais, do que expor-vos a deformar o sentido daquilo que ensino e a afundar-vos, por minha culpa, nos intrincados labirintos do deísmo ou do fatalismo.

---

[54] Se perguntarmos qual é o princípio destas forças e como ele pode estar na própria substância que o produziu, responderíamos que a mecânica nos oferece numerosos exemplos disso. E a elasticidade que faz um elástico alongar-se, não estará no próprio elástico, e não dependerá do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe a sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi transmitido. (A.K.)

[55] Sobre geração espontânea, há uma corrente atual, baseada no estudo dos agentes estruturadores ("frameworks") que admite que este princípio vital tenha atuado nas primitivas cadeias carbónicas dissolvidas nas águas do globo terrestre para dar-lhe a forma e a vida primitiva dos plânctons, única explicação plausível, até agora, encontrada para definir o surgimento deste tipo de vida biológica primitiva. Os demais seres foram surgindo segundo uma escala evolutiva, a partir deste ser zoófito primitivo. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

20. – Ora bem, aconteceu que, num ponto do Universo perdido entre miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa.

Essa nebulosa estava animada pelas leis universais que regem a matéria. Em virtude destas leis e sobretudo da força molecular de atração, tomou a forma de um esferoide, a única que, primitivamente, uma massa de matéria isolada no espaço pode revestir.

O movimento circular produzido pela gravitação, rigorosamente igual, de todas as zonas moleculares em direção ao centro, modificou rapidamente a esfera primitiva para a transformar, de movimento em movimento, na forma lenticular.

21. – Novas forças surgiram em consequência deste movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga. A primeira tendente a reunir todas as partes no centro, a segunda tendente a afastá-las dele. Ora bem, à medida que a nebulosa se condensa o movimento acelera-se, e à medida que ela se aproxima da forma lenticular o seu raio aumenta; a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por estas duas causas, predominou logo sobre a atração central.

Da mesma forma que um movimento demasiado rápido da fisga, quebra a corda, indo o projétil cair longe, assim, a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa, e este anel formou uma nova massa isolada da primeira, porém, submetida ao seu domínio.

Esta massa conservou o seu movimento equatorial que, modificado, se converteu em movimento de translação à volta do astro solar. Além disso, o seu novo estado dá-lhe um movimento de rotação em volta do seu próprio centro.

22. – A nebulosa geradora que deu nascimento a este novo mundo condensou-se e retomou a forma esférica; mas, como o calor primitivo, desenvolvido pelos seus diversos movimentos, só diminui com extrema lentidão; o fenómeno que acabamos de descrever reproduzir-se-á muitas vezes e durante um longo período, daí que esta nebulosa não ficará logo bastante densa nem bastante sólida para opor uma resistência eficaz às modificações de forma que, sucessivamente, o seu movimento de rotação lhe imprime.

Ela não terá, pois, dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, que dela se destaca tal como acima foi mencionado.

Ora, cada um destes mundos, animados, tal como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à Criação dos Universos, originará, logo a seguir, novos globos gravitando à sua volta, daí em diante, como ele gravita, concorrentemente com seus irmãos, em torno do centro principal da sua existência e da sua vida.

Cada um destes mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente desprendidas do seu equador. Estes planetas receberão uma vida dependente de astro que os gerou.

23. – Por conseguinte, os planetas são formados de massas de matéria condensada, mas ainda não solidificada, separadas da massa central pela ação da força centrífuga e que tomam, em virtude das leis do movimento, a forma esferoidal, mais ou menos elíptica conforme o grau de fluidez que tenham conservado.

Um desses planetas é a Terra que, antes de ter arrefecido e formado uma crosta sólida, deu origem à Lua, pelo mesmo processo de formação astral a que ela mesma deve a sua existência.

A Terra, desde então inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fragilidade está protegida pela divina Providência, nova corda colocada na harpa infinita que, no lugar que ocupa, deve vibrar no concerto universal dos mundos.

24. – Antes que as massas planetárias tivessem atingido um grau de arrefecimento suficiente para permitir a solidificação, massas mais pequenas, verdadeiros glóbulos líquidos desprenderam-se de algumas delas no plano equatorial, plano no qual a força centrífuga é maior e, em virtude das mesmas leis, adquiriram um movimento de translação em torno do planeta que as gerou, como aconteceu com aqueles, em relação ao astro central gerador.

Foi assim que a Terra deu origem à Lua, cuja massa menos considerável teve um arrefecimento mais rápido.

As leis e as forças que presidiram ao seu desprendimento do equador terrestre e seu movimento de translação neste mesmo plano agiram de tal maneira que este mundo, em vez de revestir a forma esferoidal, tomou a de um globo ovoide, isto é, a forma alongada de um ovo onde o centro de gravidade está localizado na parte inferior.

25. – As condições nas quais se efetuou a separação da Lua, pouco lhe permitiram afastar-se da Terra e condicionaram-na a manter-se perpetuamente suspensa no seu céu, como uma figura ovoide cujas partes mais pesadas formaram a face inferior voltada para a Terra e as menos densas ocuparam o cimo, se designarmos por este nome a face oposta à Terra que se eleva no céu. É isso que faz com que este astro nos mostre sempre a mesma face. Para melhor compreender o seu estado geológico, pode ser comparada a um globo de cortiça cuja base voltada para a Terra fosse formada de chumbo.

Daí, duas naturezas essencialmente distintas na superfície do mundo lunar: uma, sem nenhuma analogia possível com a Terra, pois os corpos fluidos, assim como os etéreos, são aí desconhecidos; a outra, mais leve em relação à Terra, já que todas as substâncias menos densas se encaminharam para esse hemisfério. A primeira perpetuamente voltada para a Terra, sem água e sem atmosfera; a outra, rica em fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo. [56]

26. – O número e o estado dos satélites de cada planeta varia conforme as condições especiais nas quais eles se formaram. Alguns, como Mercúrio, Vénus e Marte, não deram origem a nenhum astro secundário, enquanto outros, como a Terra, Júpiter, Saturno, etc., vieram a formar um ou vários.

27. – Além dos seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenómeno especial do anel que parece, visto de longe, contorná-lo como uma espécie de auréola branca. Esta formação é mais uma prova da universalidade das leis da natureza.

Esse anel é, de facto, o resultado de uma separação que, nos tempos primitivos, se produziu no equador de Saturno, do mesmo modo que uma zona equatorial se separou da Terra para formar o seu satélite.

---

56 Esta teoria da Lua, inteiramente nova, explica pela lei da gravitação a razão pela qual este astro apresenta sempre a mesma face voltada para a Terra. O seu centro de gravidade, em vez de ser o centro da esfera, encontra-se num dos pontos da sua superfície e, por conseguinte, é atraído para a Terra por uma força maior que as partes menos densas; a Lua produziria o efeito das figuras chamadas "Sempre em pé", que se endireitam constantemente sobre a sua base, ao passo que os planetas, cujo centro de gravidade está a igual distância da superfície, giram regularmente sobre o seu eixo. Os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos, em virtude da sua leveza específica, encontrar-se-iam acumulados no hemisfério superior, constantemente oposto à Terra; o hemisfério inferior, o único que vemos, estaria desprovido desses fluidos e, por conseguinte, impróprio para a vida, que existiria no outro. Se o hemisfério superior fosse habitado, os seus habitantes nunca teriam visto a Terra, a menos que caminhassem até ao outro hemisfério.
Por mais racional e científica que seja esta teoria, como ainda não pode ser confirmada por nenhuma observação direta, ela só poderá ser aceite como uma hipótese e como uma ideia que norteie a Ciência. (A.K.)

A diferença consiste no facto de que o anel de Saturno se formou, em todas as suas partes, com moléculas homogéneas, provavelmente já num certo estado de condensação e pôde continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e num tempo quase igual ao que anima o planeta.

Se um dos pontos deste anel fosse mais denso que os outros, ter-se-iam produzido aglomerações de substâncias e Saturno teria vários satélites a mais. Desde o tempo da sua formação, este anel solidificou-se, do mesmo modo que os outros corpos planetários.

Os cometas

28 – Astros errantes, ainda mais que os planetas que conservaram a denominação etimológica, os cometas serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema solar, ao qual pertence a Terra, e nos conduzirão às longínquas regiões da extensão sideral.

Mas, antes de explorar os domínios celestes com o auxílio destes viajantes do Universo, será bom, tanto quanto seja possível, conhecer a sua natureza intrínseca e o papel que lhes cabe na organização planetária.

29. – Há quem tenha visto neles astros dotados de cabeleira, mundos nascentes que elaboram, no primitivo caos em que se encontram, as condições de vida e de existência que são património das terras habitadas.

Outros imaginaram que esses corpos extraordinários eram mundos em estado de destruição, e o aspeto singular que apresentam foi, para muitos, motivo de apreciações erradas sobre a sua natureza; de tal modo que não houve, inclusivamente na astrologia judiciária, quem não os considerasse presságios de desgraças que os desígnios providenciais enviavam à Terra espantada e amedrontada.

30. – A lei da variedade é aplicada em tão grande escala nos trabalhos da natureza que dá para perguntar como é que os naturalistas, os astrónomos ou os filósofos, criaram tantas teorias para comparar os cometas aos astros planetários e para não ver neles mais do que astros num grau mais ou menos elevado de desenvolvimento ou de caducidade.

Contudo, os quadros da natureza deviam ser amplamente suficientes para afastar do observador a preocupação de investigar relações inexistentes e deixar aos cometas o modesto, mas útil papel de astros errantes, que servem de exploradores dos impérios solares.

Porque os corpos celestes de que estamos a tratar são muito diferentes dos corpos planetários, pois não têm, como eles, o destino de servir de morada às humanidades. Eles vão sucessivamente, de sol em sol, enriquecendo-se durante o percurso com fragmentos planetários, reduzidos ao estado de vapor, absorvendo nos seus focos os princípios vivificantes e renovadores que derramam sobre os mundos terrestres.

31. – Se quando um desses astros se aproxima de nosso insignificante globo para atravessar a sua órbita e voltar ao seu apogeu, situado a uma distância incomensurável do Sol, se nós o seguíssemos com o pensamento, para visitar com ele as regiões siderais, transporíamos essa extensão prodigiosa de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas e, observando os movimentos combinados desse astro que acreditávamos perdido no deserto do infinito, lá encontraríamos ainda uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que continuam a exercer-se a distâncias que a imaginação mais ativa apenas poderia conceber.

Lá, a forma elítica converte-se em parabólica e a marcha torna-se tão lenta que o cometa não chega a percorrer mais que alguns metros no mesmo espaço de tempo em que, no seu perigeu, percorria muitos milhares de léguas. Talvez um Sol mais poderoso, mais importante que aquele que acabou de deixar, exerça sobre esse cometa uma atração preponderante e o admita na categoria dos seus próprios súbditos. Então, na vossa insignificante Terra, em vão as criaturas humanas, surpreendidas, aguardarão o seu regresso, que tinham prognosticado baseando-se em observações incompletas.

Nesse caso, nós, cujo pensamento seguiu o cometa errante nessas regiões desconhecidas, encontraremos uma nova nação que as observações terrestres não podem encontrar, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível, até, para os seus pensamentos, porque será o cenário de maravilhas inexploradas.

Chegamos ao mundo astral, esse mundo deslumbrante de imensos sóis que irradiam no espaço infinito, e que são as flores brilhantes do jardim magnífico da Criação. Chegados aí, saberemos, então, o que é a Terra.

A Via Láctea

32. – Durante as belas noites de estrelas, sem Lua, muitos já contemplaram essa faixa de luz esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade à outra, que os Antigos denominaram Via Láctea, por causa da sua aparência leitosa. Nos tempos modernos, essa luz difusa tem sido longamente explorada pelas lentes dos telescópios, de modo que esse caminho de pó dourado, ou esse riacho de leite da antiga mitologia, transformou-se num vasto campo de maravilhas desconhecidas. As pesquisas dos observadores têm levado ao conhecimento da sua natureza e revelaram que ali, onde o nosso olhar perdido só encontra uma ténue claridade, existem milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que aquele que nos ilumina.

33. – Com efeito, a Via Láctea é uma campina semeada de flores solares ou planetárias que brilham na sua enorme extensão. O nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desse conjunto de globos radiantes dos quais se compõe a Via Láctea. Contudo, e apesar das suas dimensões gigantescas em relação à Terra e à grandeza do seu império, o Sol ocupa, apenas, um lugar inapreciável nesta vasta criação. Podem contar-se uns trinta milhões de sóis semelhantes a ele que gravitam nessa imensa região, distanciados uns dos outros de mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre. [57]

34. – Por este cálculo aproximado pode avaliar-se a extensão dessa região sideral e a relação de grandeza que existe entre o nosso sistema solar e a universalidade dos sistemas que a ocupam. Pode-se julgar igualmente a exiguidade do domínio do nosso Sol e, com muito mais razão, do "nada" da nossa pequena Terra. E que dizer, então, se considerássemos os seres que a povoam?

Digo do nada, porque as nossas determinações aplicam-se, não só à extensão material, física, dos corpos que estudamos – isso seria pouco – mas também e sobretudo ao seu estado moral, como morada, e ao grau que ocupam na hierarquia universal dos seres.

A Criação mostra-se aí em toda a sua majestade, criando e propagando a toda a volta do mundo solar e, em cada um dos sistemas que o envolvem de todos os lados, manifestações da vida e da inteligência.

[57] Mais de 3 triliões, 400 biliões de léguas. (A.K.)

35. – Deste modo se conhece a posição ocupada pelo nosso Sol e pela Terra no mundo das estrelas; estas considerações ganharão ainda maior peso se refletirmos, mesmo, no estado da Via Láctea, que na imensidão das criações siderais, representa apenas um ponto insensível e inapreciável visto de longe, porque é, unicamente, uma nebulosa estelar, entre os milhões que existem no espaço. Se nos parece mais vasta e mais rica que as outras, é pela simples razão de que nos envolve e se desenvolve em toda a sua extensão sob os nossos olhos; enquanto as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, deixam-se apenas entrever.

36. – Ora bem, se sabemos que a Terra é nada ou quase nada no sistema solar; que este é nada ou quase nada na Via Láctea; que esta, por sua vez, é nada ou quase nada na universalidade das nebulosas e que, mesmo esta universalidade é muito pouco no meio do imenso infinito, começaremos a compreender o que é o globo terrestre.

As estrelas fixas

37. – As estrelas denominadas *fixas* e que constelam os dois hemisférios do firmamento não são pontos isolados isentos da atração exterior, como se supõe geralmente; longe disso, elas pertencem, todas, a uma mesma aglomeração de astros estelares. Esta aglomeração é a grande nebulosa da qual fazemos parte e da qual o plano equatorial, que se projeta no céu, recebeu o nome de *Via Láctea.* Todos os sóis que a constituem são solidários; as suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras, e a gravitação universal reúne-as todas numa mesma família.

38. – Entre estes diversos sóis, a maior parte está, como o nosso, rodeado de mundos secundários que iluminam e fecundam, dentro das mesmas leis que regem a vida do nosso sistema planetário. Alguns, como "*Syrius",* são milhares de vezes mais grandiosos em dimensão e em riqueza que o nosso e o papel que desempenham no Universo é mais importante. Também estão rodeados de planetas em maior número e bem superiores aos nossos. Outros são muito diferentes pelas suas funções astrais. É assim que um certo número de sóis, verdadeiros gémeos da ordem sideral, está acompanhado de seus irmãos da mesma idade e formam, no espaço, sistemas binários aos quais a natureza deu funções diferentes das que cabem ao nosso Sol. Lá, os anos não se medem pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis e estes mundos, iluminados por dois focos, receberam condições de existência inimagináveis para os que não saíram deste pequeno mundo terrestre.

Outros astros, sem cortejo, privados de planetas, receberam melhores condições de habitabilidade do que os que foram dados a qualquer outro.

As leis da natureza estão diversificadas na imensidão e se a unidade é a grande palavra do universo, a variedade infinita é também o seu eterno atributo.

39. – Apesar do prodigioso número dessas estrelas e dos seus sistemas, apesar das distâncias incomensuráveis que as separam, todas pertencem à mesma nebulosa estelar, que só a visão dos mais poderosos telescópios consegue, dificilmente, atravessar, e que só as conceções mais audaciosas da imaginação conseguem, com dificuldade, alcançar; nebulosa que, todavia, não passa de uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo astral.

40. – As estrelas a que chamamos *fixas* não estão imóveis na vastidão. As constelações que parecem formar figuras na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A *distância* a que se encontram da Terra e a perspetiva sob a qual se observa o Universo a partir daqui constituem as duas causas desta dupla ilusão de ótica.

41. – Temos visto que a totalidade dos astros que brilham na abóboda azulada, está contida numa mesma aglomeração cósmica, numa mesma nebulosa a que chamais *Via Láctea;* contudo, mesmo pertencendo todos ao mesmo grupo, nem por isso cada um destes astros deixa de estar animado por um movimento próprio de translação no espaço, pois o repouso absoluto não existe em nenhum lugar. Os Astros são regidos pelas leis universais da gravitação e giram no espaço sob o impulso incessante desta força imensa. Giram, não segundo rotas traçadas ao acaso, mas seguindo órbitas fechadas cujo centro é ocupado por um astro superior. Para tornar, por meio de um exemplo, as minhas palavras mais compreensíveis, vou referir-me, especialmente, ao vosso Sol.

42 – Sabe-se, por observações modernas, que ele não está fixo nem central, como se acreditava nos primeiros tempos da nova astronomia, mas que avança no espaço, arrastando consigo o seu vasto sistema de planetas, satélites e cometas.

Ora, o percurso realizado pelo Sol não é fruto do acaso e ele não vai deambular pelos vazios infinitos, afastando os seus filhos e os seus súbditos das regiões que lhe estão atribuídas, Não, a sua órbita está determinada e, em concorrência com outros sóis da mesma ordem que ele, rodeados, como ele, de um certo número de terras habitadas, gravita em torno de um Sol central. O seu movimento de gravitação assim como o dos sóis seus irmãos, não é percebido em observações anuais, porque só períodos de muitos séculos seriam suficientes para determinar a duração de um destes anos astrais.

43. – O Sol central de que acabamos de falar é, por sua vez, um globo secundário relativamente a outro mais importante ainda, em volta do qual perpetua uma marcha lenta e compassada na companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos constatar esta subordinação sucessiva de sóis a sóis até que a nossa imaginação se fatigasse de escalar uma tal hierarquia; porque, não nos esqueçamos, podemos contar, em números redondos, uma trintena de milhões de sóis na Via Láctea, subordinados uns aos outros, como engrenagens gigantescas de um imenso sistema.

44 – E esses astros, em números incontáveis, vivem, cada um, uma vida solidária; do mesmo modo que nada está isolado na organização do vosso pequeno mundo terrestre, assim também, no Universo incomensurável, nada se encontra isolado.

Visto à distância, com o olhar investigador do filósofo, que pudesse abarcar o panorama desenvolvido pelo espaço e pelo tempo, estes sistemas de sistemas pareceriam uma poeira de pérolas de ouro levantada em turbilhões pelo sopro divino, que faz voar os mundos siderais, como os grãos de areia nas costas do deserto.

Nada de imobilidade, nada de silêncio, nada de noite! O grande espetáculo que se desenrolaria, dessa forma, aos nossos olhos, seria a criação real, imensa e plena da vida etérea que abarca, na imensidão, o olhar infinito do Criador.

Mas nós não falámos, até aqui, senão de uma nebulosa; os seus milhões de sóis, os seus milhões de terras habitadas, formam apenas, como já dissemos, uma ilha no arquipélago infinito.

Os desertos do espaço

45. – Um deserto imenso, sem limites, estende-se para além da aglomeração de estrelas que acabamos de mencionar e envolve-o.[58] Solidões sucedem a solidões, e as planícies incomensuráveis do vazio estendem-se ao longe. Os aglomerados de matéria cósmica encontram-se isolados no

[58] Estudos atuais confirmam a comunicação do Espírito Galileu em relação aos desertos do espaço. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

espaço, como ilhas flutuantes de um imenso arquipélago. Se quisermos apreciar, de algum modo, a enorme distância que separa o aglomerado de estrelas das quais fazemos parte, das mais próximas aglomerações, devemos saber que estas ilhas estelares estão disseminadas e são raras no vasto oceano dos céus e que a distância que as separa umas das outras é incomparavelmente maior que aquela que mede as suas dimensões respetivas.

Ora bem, como já vimos, a nebulosa estelar mede, em números redondos, mil vezes a distância das mais próximas estrelas, ou seja, alguns cem mil triliões de léguas. [59] A distância que existe entre elas, por ser muito maior, não poderia ser expressa em números acessíveis à compreensão do nosso espírito. Só a imaginação, nas suas mais elevadas conceções, é capaz de ultrapassar esta imensidão prodigiosa, estas solidões mudas e privadas de toda a aparência de vida, e de considerar, de alguma forma, a ideia deste infinito relativo.

46. – Contudo, este deserto celeste que envolve o nosso universo sideral, e que parece estender-se como se fosse o mais recuado confim do nosso mundo astral, está abrangido pela vista e pelo poder infinito do Altíssimo que, para além destes céus dos nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

47. – Para além destas vastas solidões, há mundos que irradiam as suas magnificências tanto como nas regiões que estão mais perto de nós. Aí, nesses desertos, esplêndidos oásis vagueiam no límpido éter, e renovam incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida. Aí se desenrolam os agregados longínquos de substância cósmica, que a visão profunda do telescópio entrevê através das regiões transparentes do nosso céu, e a que dais o nome de "nebulosas irresolúveis" e que vos aparecem como leves nuvens de poeira branca, perdidos num ponto desconhecido do espaço etéreo. Aí se revelam e se desenvolvem mundos novos, cujas condições variadas e estranhas às que são inerentes ao vosso globo, conferem-lhes uma vida que as vossas conceções não podem imaginar, nem os vossos estudos podem comprovar.

É lá que resplandece, em toda a sua plenitude, o poder criador; os que vêm das regiões ocupadas pelo vosso Sistema solar, deparam-se com a existência de outras leis cujas forças regem as manifestações da vida. E os novos caminhos que se nos deparam nessas regiões estranhas, abrem-nos perspetivas desconhecidas.

Sucessão eterna dos mundos

48. – Vimos que foi dada ao Universo uma única lei primordial e geral para garantir a estabilidade eterna, e que esta lei geral é percetível aos nossos sentidos por diversas ações particulares que nós denominamos de forças diretoras da natureza. Vamos mostrar, agora, que a harmonia do mundo inteiro, considerada sob o duplo aspeto da eternidade e do espaço, é assegurada por essa lei suprema.

49. – De facto, se recuarmos à origem primeira das primitivas aglomerações de substância cósmica, notaremos que já, sob o império dessa lei, a matéria sofre as transformações necessárias que a levam do germe ao fruto maduro, e que, sob o impulso das diversas forças nascidas dessa lei, percorre a escala das suas revoluções periódicas. Em primeiro lugar, centro fluídico dos movimentos; a seguir, gerador dos mundos; mais tarde, núcleo central e atrativo das esferas que nasceram no seu seio.

Já sabemos que essas leis regem a história do Cosmos; o que importa saber agora é que elas presidem igualmente à destruição dos astros, dado que a morte não é somente uma metamorfose

[59] The Milky Way is a barred spiral galaxy with a diameter between 150,000 and 200,000 light-years. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

do ser vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada; e, se é verdade dizer-se, no sentido literal, que só a vida é acessível à foice da morte, é também justo acrescentar que as substâncias devem, necessariamente, sofrer as transformações inerentes à sua constituição.

50. – Vejamos um mundo que, desde o berço primitivo, percorreu toda a extensão dos anos que a sua organização especial lhe permitiu percorrer. Extinto o fogo interior da sua existência, os seus elementos próprios perderam a virtude inicial; os fenómenos da sua natureza que reclamavam, para produzir-se, a presença e a ação das forças correspondentes a este mundo, não podem produzir-se de hoje em diante, porque a alavanca da sua atividade já não tem o ponto de apoio que lhe dava toda a força.

Será possível que essa Terra extinta e sem vida continue a gravitar nos espaços celestes, sem finalidade, e atravesse como uma cinza inútil o turbilhão dos céus? Será possível que continue inscrita no livro da vida universal, quando não passa de uma letra morta e vazia de sentido?

Não; as mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a gratificaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que consolidaram os seus primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão presidir à degradação dos seus elementos constitutivos para os entregar ao laboratório de onde o poder criador tira, sem cessar, as condições da estabilidade geral.

Esses elementos vão regressar à massa comum do éter para integrar outros corpos, ou para regenerar outros sóis. Essa morte não será um evento inútil para essa Terra nem para as suas irmãs; noutras regiões, renovará outras criações de uma natureza diferente e lá, onde os sistemas de mundos tenham enfraquecido, renascerá em breve um novo canteiro de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51. – Deste modo, a eternidade real e efetiva do Universo está assegurada pelas mesmas leis que regem as operações do tempo; deste modo os mundos sucedem aos mundos, os sóis aos sóis, sem que o imenso mecanismo da vastidão dos céus seja alguma vez atingido nas suas gigantescas competências.

Lá, onde os vossos olhos admiram esplêndidas abóbadas estreladas, durante as noites, lá onde o vosso espírito contempla as irradiações magníficas que resplandecem nos espaços longínquos, há longo tempo que o dedo da morte apagou esses esplendores, há longo tempo o vazio sucedeu a esses deslumbramentos e recebeu, mesmo, novas criações ainda desconhecidas. O imenso afastamento desses astros devido ao qual a luz que nos enviam gasta milhares de anos a chegar até nós, faz com que somente agora recebamos os raios que eles nos enviaram muito tempo antes da criação da Terra e que os observemos ainda durante milhares de anos após o seu desaparecimento real.

Que são os seis mil anos da Humanidade histórica perante os períodos seculares? Segundos nos vossos séculos. Que são as vossas observações astronómicas perante o estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

52. – Por conseguinte, reconheçamos aqui, como nos nossos outros estudos, que a Terra e o homem nada são comparados com o que existe, e que as mais colossais operações do nosso pensamento se estendem apenas a um campo impercetível perante a imensidão e a eternidade de um universo que nunca terá fim.

E quando esses períodos da nossa imortalidade tiverem passado sobre a nossa cabeça, quando a história atual da Terra nos aparecer como uma sombra vaporosa no fundo das nossas recordações; quando, durante séculos incontáveis, tivermos habitado esses diversos degraus da nossa hierarquia cosmológica; quando os domínios mais longínquos das idades futuras tiverem

sido percorridos por inumeráveis peregrinações, então, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e por perspetiva a imóvel eternidade.

A vida universal

53. – Essa imortalidade das almas, cuja base é o sistema do mundo físico, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores preconceituosos; qualificaram-na, ironicamente, de imortalidade viajante e não compreenderam que só ela era verdadeira perante o espetáculo da Criação. No entanto, pode compreender-se toda a sua grandeza, eu diria também, toda a sua perfeição.

54. – Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência, que os mundos sejam a morada de seres que as contemplam e que descobrem nelas, debaixo do seu véu, o poder e a sabedoria daquele que os formou, são questões de que já não duvidamos. Contudo, se as almas que as povoam são solidárias, é o que importa saber.

55. – A inteligência humana, de facto, tem dificuldade em considerar estes globos radiantes, que cintilam no espaço, como simples massas de matéria inerte e sem vida. Custa-lhe pensar que não haja nessas regiões distantes, magníficos crepúsculos e noites esplêndidas, sóis fecundos e dias cheios de luz, vales e montanhas onde as produções múltiplas da natureza desenvolvam toda a sua pompa luxuriante; custa-lhe pensar, digo-eu, que o espetáculo divino onde a alma pode retemperar-se, como na sua própria vida, seja despojado de existência e privado de qualquer ser pensante que possa conhecê-lo.

56. – A esta ideia eminentemente correta da Criação, contudo, é preciso acrescentar a da humanidade solidária e nisso consiste o mistério da eternidade futura.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos, e foram dados a esses mundos os laços de uma fraternidade que ainda não sabeis apreciar.

Esses astros que se harmonizam nos seus vastos sistemas estão habitados por inteligências que não são seres desconhecidos uns dos outros, mas por seres que têm marcados na fronte a marca do mesmo destino, que devem encontrar-se momentaneamente segundo as suas funções de vida e reencontrar-se segundo as suas mútuas simpatias. É a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que envolve a extensão dos céus e que permanece como modelo primitivo e último da perfeição espiritual.

57. –Por que estranha aberração se terá julgado dever recusar a imortalidade a vastas regiões do espaço, quando a encerravam num limite inadmissível e numa dualidade absoluta? O verdadeiro conceito do mundo deveria então anteceder a verdadeira doutrina dogmática e a ciência preceder a teologia? Esta extraviar-se-á tanto que a sua base se estabelecerá sobre a metafísica?

A resposta é fácil e mostra-nos que a nova filosofia irá instalar-se, triunfante, sobre as ruínas da antiga, porque a sua base se terá erguido vitoriosa sobre os antigos erros.

A ciência [60]

[60] No item nº 58 do Capítulo VI das 4 edições de Kardec, aparece o título "La Science", que abrange os itens 58, 59 e 60. Na 5ª edição **foram suprimidos estes itens**, tendo sido inserido, para sua substituição, um novo item com o título "Diversité des Mondes", e o texto completo que Kardec tinha escrito sobre a Ciência foi retirado. Qual a razão? Se os três itens são importantes, penso que o mais importante é o nº 60, que podemos resumir na seguinte frase: "Na verdade, o homem seria estranhamente pretensioso em querer medir a grandeza infinita ao pé da sua pequenez infinita! "

Mais uma vez é a humildade dos homens, ou a falta dela que está em questão.

58. – A inteligência humana elevou as suas poderosas conceções acima dos limites do espaço e do tempo; penetrou no domínio inacessível das antigas eras, explorou o mistério dos céus insondáveis, explicou o enigma da criação.

O mundo exterior desenvolveu, sob os olhares da ciência, o seu panorama esplêndido e a sua magnífica opulência, e os estudos elevaram o ser humano ao conhecimento da verdade; explorou o Universo, encontrou a expressão das leis que o regem e a aplicação das forças que o sustentam. Se não lhe foi permitido olhar, face a face, a causa primeira, pelo menos chegou à noção matemática da série das causas secundárias.

Neste último século, sobretudo, o método experimental – o único que é verdadeiramente científico – foi posto em prática nas ciências naturais e, com a sua ajuda, despojou-se progressivamente dos preconceitos da antiga Escola e das teorias especulativas para se concentrar no campo da observação, cultivando-o com cuidado e inteligência.

A ciência humana é sólida e fecunda, digna das nossas homenagens pelo seu passado difícil e longamente testado, digna das nossas simpatias pelo seu futuro, cheio de descobertas úteis e proveitosas.

A natureza é, de hoje em diante, um livro aberto às pesquisas do estudioso e às reflexões do pensador, uma região brilhante que o espírito humano já visitou e na qual pode progredir com determinação, tendo em mãos, como bússola, a sua experiência.

.

59. – Assim me falava há pouco um velho amigo da minha vida na Terra, numa peregrinação que ali nos tinha levado, para estudarmos de novo esse mundo, sob o ponto de vista moral.

O meu companheiro afirmava que os seres vivos, atualmente, estão familiarizados com as leis mais abstratas da mecânica, da física e da química; que as aplicações à indústria não são menos notáveis que as noções da ciência pura, e que toda a criação, sabiamente estudada pela Humanidade parece ser, daqui para diante, o seu principal objetivo. E como continuámos a nossa caminhada, já fora desse mundo, respondi-lhe nestes termos:

60. – Débil átomo [61]perdido num ponto impercetível do infinito, o ser humano julgou abarcar com o seu olhar a extensão universal, quando apenas pôde contemplar a região em que habita. Pensou ter estudado a natureza inteira, quando as suas perceções estavam limitadas às forças existentes à sua volta. Julgou ter avaliado a magnitude do céu, quando se consumia apenas na determinação de um grão de poeira.

O campo das suas observações é tão exíguo que lhe custa encontrar um facto que perdeu de vista; o céu e a terra dos seres humanos são tão pequenos que a alma, no seu voo, não consegue abrir completamente as asas antes de chegar às últimas paragens acessíveis à observação.

O Universo incomensurável cerca-o, desenvolve para além dos céus riquezas desconhecidas, forças impossíveis de imaginar e modos de existência inconcebíveis, propagando sem limites o esplendor e a vida.

E o mísero ácaro privado de asas e de luz, cuja triste existência se consome na folha onde nasceu – porque dá alguns passos nesta folha agitada pelo vento – pretenderia ter o direito de falar sobre a árvore imensa a que pertence, da qual apenas percebeu a sombra. Imaginaria poder raciocinar sobre a floresta da qual a sua árvore faz parte e discutir sabiamente sobre a natureza dos vegetais que aí se desenvolvem, dos seres que a habitam, do sol longínquo cujos raios descem algumas vezes para lhe levar o movimento e a vida.

---

[61] Aqui, o conceito de átomo é apenas de coisas de ínfimo tamanho. Só três décadas depois, com os estudos de Sir Rutherford, é que o termo foi dado às partículas componentes da molécula. Aqui, não se pode ter a ideia de que Kardec se estivesse referindo a elas. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

Na verdade, o homem seria estranhamente pretensioso em querer medir a grandeza infinita com a sua diminuta pequenez!

O homem deveria compenetrar-se de que, se os árduos trabalhos dos séculos passados lhe trouxeram o seu primeiro conhecimento das coisas, se a progressão do Espírito o colocou à entrada do saber, apenas soletrou a sua primeira página. É como uma criança, capaz de se enganar em cada palavra e, longe de pretender interpretar a obra, deve contentar-se em estudá-la humildemente, página por página, linha por linha. Felizes ainda os que podem fazê-lo.

Considerações morais

61. – Vós acompanhastes-nos nas nossas excursões celestes e visitastes connosco as regiões imensas do espaço. Sob o nosso olhar, os sóis têm sucedido aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas; o panorama esplêndido da harmonia do Cosmos desenrolou-se perante os nossos passos, e tivemos um prazer antecipado da ideia de infinito que só de acordo com a nossa perfetibilidade futura poderemos compreender em toda a sua extensão. Os mistérios do espaço desvendaram-nos o seu enigma, até aqui indecifrável, e, pelo menos, concebemos a ideia da universalidade das coisas.

Importa, agora, parar e refletir.

62. – É bonito, sem dúvida, ter reconhecido quão ínfima é a Terra e a sua pequena importância na hierarquia dos mundos. É bom ter combatido a presunção e termos aprendido a humildade. Contudo, será mais belo ainda interpretarmos, no sentido moral, o espetáculo de que fomos testemunhas, pensando no poder infinito da natureza.

63. – Habituados, como estamos, a julgar as coisas pela nossa pobre e pequena morada, imaginamos que a natureza só agiu sobre os outros mundos dentro de regras que conhecemos aqui na Terra. Importa reformular o nosso modo de ver.

Observai uma região qualquer do vosso globo e as produções da vossa natureza. Vereis provas de uma atividade sem igual. O simples estudo dos seres que planam nos ares, que mergulham nas profundezas do oceano, provam que a natureza toda-poderosa atua conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias. É una na sua harmonia geral, mas múltipla nas suas produções; brinca com um sol assim como com uma gota d'água; povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz eclodir o ovo de uma borboleta no outono.

64. – Se é tal a variedade que a natureza apresenta em todos os lugares deste pequeno mundo, quanto mais extraordinária será a realidade observável em planetas de enormes dimensões.

Não é possível ver, em torno de cada um dos sóis distantes no espaço, sistemas planetários semelhantes ao vosso. Não vejais nesses planetas só os três reinos da natureza que existem entre vós. Pensai antes que, da mesma forma que não há nenhuma pessoa com um rosto igual a outro em todo o género humano, também uma diversidade prodigiosa, inimaginável, foi difundida nas moradas etéreas que vagueiam no seio dos espaços.

Tendo começado a nossa natureza animada no zoófito, culminando no homem; tendo a atmosfera alimentado a vida terrestre, tendo-se renovado incessantemente o elemento líquido, tendo a sucessão das estações feito suceder na vida os fenómenos que as distinguem, não se conclua daí que milhões de milhões de planetas que vagueiam na imensidão sejam semelhantes a este; longe disso, diferem segundo as condições que lhes foram atribuídas e conforme o papel que lhes foi dado no cenário do mundo.

São variadas pedras preciosas de um imenso mosaico, flores variadas de um maravilhoso jardim.

Períodos geológicos

1.– A Terra conserva as marcas evidentes da sua formação, cujas fases podem seguir-se com uma precisão matemática nos diversos terrenos que compõem a sua estrutura. O conjunto desses estudos constitui a ciência chamada *Geologia*, ciência nascida neste século e que lançou a luz sobre a questão controversa da origem da Terra e dos seres vivos que nela habitam.

Não são apenas hipóteses, mas resultado rigoroso da observação dos factos, perante os quais não cabem dúvidas. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de uma forma muito mais exata do que nos livros, porque é a própria natureza que fala e não a imaginação dos homens criando teorias. Onde se veem as marcas do fogo, pode afirmar-se que o fogo existiu; onde se veem os sinais da água, pode afirmar-se a sua presença remota, passando-se o mesmo com a presença dos animais.

A Geologia é uma ciência de observação, só tira conclusões daquilo que vê. Sobre os pontos duvidosos nada afirma. Só emite opiniões discutíveis quando aguarda resultados de observações mais completas.

Sem as descobertas da Geologia, assim como sem as da Astronomia, a génese do mundo estaria ainda nas trevas da lenda. Graças a elas, hoje, conhecemos a história da nossa morada.

2. – Em todos os terrenos onde tenham aparecido escavações naturais ou praticadas pelos seres humanos, observa-se o que se chama *estratificação,* isto é, camadas sobrepostas. Os terrenos que assim se mostram são chamados *terrenos estratificados*. As camadas visíveis, de uma espessura muito variável, desde alguns centímetros até muitos metros, distinguem-se entre si pela cor e pela natureza das substâncias que as compõem. Os trabalhos de engenharia, a perfuração de poços, a exploração de pedreiras e, sobretudo, de minas, permitiram observá-las até grandes profundidades.

3. – Em geral, as camadas são homogéneas, quer dizer, cada uma é formada de uma mesma substância, ou de diversas substâncias que existiram simultaneamente e formaram um todo compacto. A linha de separação que as isola umas das outras está sempre nitidamente marcada, como nos alicerces de uma construção; em nenhum sítio se misturam e se perdem umas das outras, mostrando os seus limites, como acontece com as cores do prisma e do arco-íris.

Por estas características reconhece-se que se formaram sucessivamente, depositando-se umas sobre as outras em condições e por causas diferentes; as mais profundas foram naturalmente as que se formaram primeiro e as mais superficiais depois. A última de todas, que se encontra na

[62] Todo este capítulo apresenta a formação da Terra pelos conceitos científicos da Geologia, situados no contexto histórico do século XIX, quando esta obra foi publicada. Essa Ciência apenas se iniciava, enfrentando a oposição dos religiosos, que defendiam como verdade a descrição da Génese Bíblica.
Preparar e enriquecer o conhecimento do seu leitor contemporâneo, para essa transição, foi o objetivo de A.K. Numa revista de divulgação científica de 1850, ao tratar de Geologia, essa questão foi apresentada do seguinte modo: "As primeiras hipóteses emitidas sobre a origem e o progresso físico da Terra foram quase inteiramente ditadas por um sentimento religioso, pela necessidade de subordinar as explicações físicas da Geologia à palavra inviolável, à letra rigorosa das divinas escrituras. No primeiro livro do Pentateuco, *o Génesis,* vem narrada a formação da Terra nos seis dias chamados da "Criação". A tradição divina passou durante séculos escudada pela autoridade "infalível" da Igreja. Os cientistas, dentro daqueles limites estreitíssimos, criaram teorias em que se explicava a formação da Terra de um modo abrupto, instantâneo. A essas teorias, subordinando a Ciência aos limites de tempo, que as letras divinas pareciam circunscrever, sucedeu uma teoria mais ampla, mais racional e que traduz mais logicamente os factos observados.
" (Revista Popular, v.2, Lisboa, Imprensa Nacional, 1850) (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

superfície, é a camada de terra vegetal que deve as suas propriedades aos detritos das matérias orgânicas provenientes das plantas e dos animais.

As camadas inferiores, colocadas por baixo da camada vegetal, receberam, em Geologia, o nome de *rochas,* termo que, nesta aceção, não implica, sempre, a ideia de uma substância pedregosa, mas sim um leito ou banco de uma substância mineral qualquer. Umas são formadas de saibro, outras de argila ou terra argilosa, de marga, de calhaus rolados, e outras de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármores, o cré, os calcários ou pedras de cal, as pedras de mós, os carvões minerais, os asfaltos, etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos potente conforme seja maior ou menor a sua espessura.

4. Pelo exame da natureza destas rochas ou camadas, reconhece-se que umas provêm de matérias fundidas e, por vezes, vitrificadas pela ação do fogo; outras de substâncias terrosas depositadas pelas águas; algumas destas substâncias conservam-se desagregadas, como as areias; outras, a princípio, no estado pastoso, sob ação de certos agentes químicos ou outras causas, endureceram e adquiriram, com o tempo, a consistência da pedra. Os bancos de pedras sobrepostas indicam depósitos sucessivos.

Por conseguinte, o fogo e a água tiveram o seu papel na formação dos materiais que compõem a estrutura sólida da Terra.

5. – A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas, provenientes de depósitos de água, é a direção horizontal. Quando vemos essas imensas planícies que se estendem às vezes a perder de vista, perfeitamente horizontais, lisas como se tivessem sido niveladas por um rolo, ou esses fundos de vales tão planos como a superfície de um lago, podemos ter a certeza que, numa época mais ou menos recuada, esses lugares estiveram longo tempo cobertos por águas tranquilas e que, quando estas se retiraram, deixaram a seco as terras que tinham depositado durante a sua permanência.

Depois da retirada das águas, essas terras cobriram-se de vegetação. Se, em vez de terras férteis, limosas, argilosas ou margosas, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas tivessem depositado apenas areias silicosas, desagregadas, teríamos essas planícies arenosas e áridas que constituem as charnecas e os desertos. Os depósitos que as inundações locais deixaram, assim como os que formam as aluviões nos estuários dos rios, podem dar-nos uma pequena ideia.

6. – Se bem que a horizontalidade seja a posição normal e a mais generalizada das formações aquosas, podem ver-se, nas regiões montanhosas numa posição inclinada e por vezes mesmo, vertical, extensões bastante grandes de rochas duras cuja natureza indica terem sido formadas pelas águas.

Pode concluir-se, com certeza, que todas as camadas rochosas provenientes de depósitos aquosos numa posição perfeitamente horizontal foram formadas ao longo de séculos por águas tranquilas e que, todas as vezes que se encontram numa posição inclinada, é porque o solo sofreu grandes movimentos e foi posteriormente deslocado por convulsões, generalizadas ou parciais, mais ou menos consideráveis.

7. – Um facto característico da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que fornece, consiste na existência de restos *fósseis* [63] de animais e de vegetais que foram encontrados, em

[63] *Fóssil*, do latim *fossillia, fossillis,* derivado de *fossa*, cova, e de *fodere,* cavar, escavar a terra. Em Geologia, esta palavra aplica-se para designar corpos ou fragmentos de corpos orgânicos, pertencentes a seres que viveram antes dos tempos históricos. Por extensão, diz-se igualmente das substâncias minerais que apresentam traços da presença de seres, tais como as impressões de vegetais ou de animais. A palavra *fóssil,* numa aceção mais geral, foi substituída por *petrificação* que só se aplica aos corpos transformados em pedra pela infiltração de matéria silicosa ou calcária nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações. Os objetos que se

inúmeras quantidades, nas diferentes camadas; e como estes restos se encontram mesmo nas rochas mais duras, é necessário concluir que a existência desses seres é anterior à formação das respetivas rochas.

Se considerarmos o número prodigioso de séculos que foi necessário para produzir a sua consolidação e conduzi-las ao estado em que se encontram desde tempos imemoriais, chega-se forçosamente à conclusão de que o aparecimento de seres orgânicos na Terra se perde na noite dos tempos e que é bem anterior, por consequência, à data assinalada pelo *Génesis.*

8. – Entre estes restos de vegetais e de animais, existem alguns que foram inteiramente penetrados, em todos os pontos da sua substância, por materiais siliciosos ou calcários que os transformaram em pedras, algumas das quais com a dureza do mármore, sem que a sua forma fosse alterada: são o que se chama "petrificações". Outros foram simplesmente recobertos pela matéria no estado pastoso; encontram-se intactos e alguns inteiros, nas rochas mais duras. Outros, enfim só deixaram impressões, mas de uma nitidez e de uma delicadeza perfeitas. No interior de certas rochas encontraram-se até marcas de pegadas, e a forma das patas, dos dedos e das unhas, permitiu reconhecer a que espécie de animal pertenciam.

9. – Os fósseis de animais quase só contêm, e isso é fácil de entender, as partes sólidas e resistentes, quer dizer, as ossadas, as carapaças e os chifres. Por vezes são esqueletos completos, na maioria das vezes, são apenas partes separadas, mas cuja procedência se reconhece facilmente.

Examinando uma mandíbula ou um dente, é possível determinar, imediatamente, se pertence a um animal herbívoro ou carnívoro. Como todas as partes do animal têm uma correlação necessária, a forma da cabeça, de uma omoplata, do osso de uma perna, de uma pata, é suficiente para determinar o tamanho, o aspeto geral, o tipo de vida do animal [64].

Os animais terrestres têm uma organização do corpo que não permite confundi-los com os animais aquáticos. Os peixes e os moluscos fósseis são excessivamente numerosos; as conchas, apenas, formam algumas vezes bancos inteiros de uma grande espessura. Pela sua natureza reconhece-se, sem dificuldade, se são animais marinhos ou de água doce.

10. – Os calhaus rolados que, em certos locais formam rochas poderosas, constituem um indício inequívoco da sua origem. São arredondados como os seixos da beira-mar, sinal certo do atrito a que foram submetidos pelo efeito das águas. Os sítios onde se encontram enterrados, em massas consideráveis, foram incontestavelmente ocupados pelo oceano ou por águas violentamente agitadas.

11. – Os terrenos das diversas formações caracterizam-se, também, pela natureza própria dos fósseis que encerram; os mais antigos contêm espécies animais e vegetais que desapareceram inteiramente da superfície do globo. Certas espécies mais recentes também desapareceram, mas conservaram-se outras análogas que só diferem da sua estirpe pelo tamanho e algumas diferenças de forma. Outras, enfim, das quais vemos os últimos representantes, têm tendência, sem dúvida, para desaparecer num futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos, etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais aproximam-se também das que existem atualmente.

---

revestem de uma camada de rocha, quando são mergulhadas em certas águas impregnadas de substâncias calcárias, não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações. O estudo dos monumentos, inscrições e objetos provenientes de fabricação humana cabe à arqueologia. (Nota de A.K.)

64 Ao ponto em que Georges Cuvier levou a Ciência Paleontológica, muitas vezes basta um só osso para determinar o género, a espécie, a forma de um animal, os seus hábitos e, para reconstituí-lo por completo. (Nota de A.K.)

As perturbações, os cataclismos que tiveram lugar na Terra desde a sua origem, alteraram, pois, as condições de vida e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12. – Examinando a natureza das camadas geológicas, sabe-se da maneira mais exata se, na época da sua formação, a região onde se localizam estava ocupado pelo mar, por lagos, ou por florestas e planícies povoadas de animais terrestres. Assim, se numa mesma região encontrarmos uma série de camadas sobrepostas, contendo alternadamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, várias vezes repetidas, isso constitui uma prova irrecusável que esta mesma região esteve por várias vezes invadida pelo mar, ficou em seco, e foi coberta por lagos.

E quantos séculos de séculos, certamente, milhares de séculos talvez, foram necessários para que cada período se completasse! Que força poderosa não teria sido necessária para deslocar e recolocar o oceano e para elevar as montanhas! Por quantas revoluções físicas, convulsões violentas, a Terra não teria que passar antes de ser o que nós vemos desde os tempos históricos! E queria-se que fosse obra de menos tempo do que seria preciso para fazer crescer uma planta!

13. – O estudo das camadas geológicas mostra as formações sucessivas que modificaram o aspeto do globo e dividem a sua história em numerosas épocas. Estas épocas constituem os chamados *períodos geológicos* cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da génese.

Entre estes, os principais são seis, designados pelos nomes de: período primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante a duração de cada período chamam-se também: terrenos primitivos, de transição, secundários, etc. [65]

Diz-se assim que tal ou tal camada ou rocha, tal ou tal fóssil, se encontra nos terrenos de tal ou tal período.

14. – É importante notar que o número destes períodos não é absoluto, mas que depende dos sistemas de classificação. Os seis principais incluídos no grupo acima, foram aqueles em que se deram transformações notáveis no estado geral do planeta. Os estudos feitos revelaram também as diversas fases ocorridas durante a duração de cada um, subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos, o que eleva a vinte e seis o número das formações gerais perfeitamente caracterizadas durante imensos anos, sem contar as modificações devidas a causas puramente locais.

Estado primitivo do globo

15. – O achatamento dos polos e outros factos conclusivos são indícios certos de que a Terra, na sua origem, estava num estado de fluidez ou num estado pastoso. Este estado pode dever-se ao facto de matéria estar liquefeita pelo fogo ou diluída pela água.

Sabemos que não há efeito sem causa. Ora, por aquilo que podemos observar, há no interior da Terra um fogo bem real, que deve ter aí um foco.

A temperatura aumenta à medida que se penetra no interior da Terra. A certa profundidade, atinge níveis muito elevados: as fontes termais, tanto mais quentes quanto maior for a profundidade da sua nascente; o fogo e as massas de matéria fundida e ardente que escapam dos vulcões, como se fossem vastos respiradouros, ou pelas fendas produzidas em certos tremores de terra, não podem deixar dúvida sobre a existência de fogo residente no interior da Terra.

65 A escala do tempo geológico apresentada por A.K., está inteiramente de acordo com os conhecimentos da época (1868). Hoje a escala passou a ser dividida em eras, que se subdividem em períodos e estes em épocas. Também o intervalo de tempo que as separa não é o mesmo, acontecendo, por vezes, o mesmo com a sua designação. Contudo, a essência do que aconteceu e as linhas gerais do que aconteceu, estão perfeitamente corretas. (N.T.)

16. – A experiência demonstra que a temperatura se eleva de um grau a cada trinta metros de profundidade; portanto a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 °C; a 3.000 metros será de 100 graus, temperatura da água em ebulição; a 30.000 metros será de 1.000 graus; a 25 léguas mais de 3.300 graus, temperatura a que nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. Daí até ao centro há ainda uma distância de mais de 1.400 léguas, ou seja, 2.800 léguas em diâmetro, que seria ocupado por matérias em fusão.

Embora isto seja só uma suposição, avaliando a causa pelo efeito, reúne todas as características da probabilidade, e conduz à conclusão de que a Terra é ainda uma massa incandescentes recoberta por uma crosta sólida de 25 léguas ou mais de espessura, o que é somente um 120 avos do seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos grossa que a espessura da mais delgada casca de laranja.

Além disso, a espessura da crosta terrestre é muito variável, porque há regiões, sobretudo em terrenos vulcânicos, onde o calor e a flexibilidade do solo indicam que ela é pouco considerável. A elevada temperatura das águas termais é igualmente sinal da proximidade do fogo central.

17. – Assim sendo, é evidente que o estado primitivo de fluidez ou moleza da Terra teve como causa a ação do calor e não da água. A Terra era, pois, na sua origem, uma massa incandescente. Como resultado da irradiação do calor, chegou ao ponto que chega qualquer matéria em fusão: arrefece pouco a pouco. O arrefecimento começou, naturalmente, pela superfície, que endureceu, enquanto o interior permaneceu quente e fluido. Pode-se assim comparar a Terra a um bloco de carvão que sai vermelho da fornalha e cuja superfície arrefece em contacto com o ar. Se o quebrarmos, encontramos o interior ainda em brasa.

18. – Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha um átomo a mais nem a menos do que contém hoje; simplesmente, sob a influência da alta temperatura, a maior parte das substâncias que o compõem, e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais, encontravam-se num estado muito diferente; sofreram uma transformação; em consequência do arrefecimento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, consideravelmente dilatado, devia estender-se a uma distância enorme; a totalidade da água, forçosamente reduzida ao estado de vapor, estava misturada com o ar; todas as matérias suscetíveis de se volatilizar, tais como os metais, o enxofre e o carbono, encontravam-se no estado gasoso.

O estado da atmosfera não era comparável ao que é atualmente; a densidade de todos esses vapores dava-lhe uma opacidade que não podia ser atravessada pelos raios solares. Se, nesta época, pudesse existir algum ser vivo na superfície do globo, só seria iluminado pelo brilho sinistro da fornalha existente a seus pés e através da atmosfera ardente não lhe seria possível imaginar sequer a existência da luz do Sol.

Período Primário

19. – O primeiro efeito do arrefecimento foi a solidificação da superfície exterior da massa em fusão e daí a formação de uma crosta resistente que, delgada a princípio, se tornou, pouco a pouco, cada vez mais espessa. Esta crosta é constituída por uma rocha chamada granito, de uma extrema dureza, cujo nome deriva do seu aspeto granulado. Nela distinguem-se três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica; esta última tem um brilho metálico, embora não seja um metal.

A camada granítica foi, pois, a primeira que se formou no globo, que o cobre por completo e do qual constitui, por assim dizer, a estrutura óssea; é o produto direto da consolidação da matéria em

fusão. É sobre ela e nas cavidades que apresentava a sua superfície revolta, que foram sucessivamente depositadas as camadas dos outros terrenos formados posteriormente. O que a distingue destas últimas é a ausência de estratificação; ou seja, ela forma uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, e não está disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente devia produzir numerosas e profundas fendas através das quais a matéria fluida era derramada.

20. – O segundo efeito do arrefecimento foi a liquefação de algumas matérias que o ar continha no estado de vapor e que se precipitaram na superfície do solo. Houve então chuvas e lagos de enxofre e de betume, verdadeiros riachos de ferro, e cobre, de chumbo e de outros metais fundidos, que se infiltraram nas fissuras e que depois de arrefecidos, constituem atualmente os veios e os filões metálicos.

Sob a influência destes diversos agentes, a superfície granítica experimentou decomposições sucessivas; fizeram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, diferentes da rocha granítica, mas em massas confusas e sem estratificações regulares.

Vieram a seguir as águas que, caindo num solo ardente, se evaporavam novamente, caindo de novo em chuvas torrenciais, e assim sucessivamente, até que a temperatura lhes permitiu depositarem-se no solo em estado líquido.

É com a formação dos terrenos graníticos que começou a série dos períodos geológicos aos quais se deve acrescentar o estado primitivo de incandescência do globo.

21. – Tal foi o aspeto deste primeiro período, verdadeiro caos de todos os elementos misturados, à procura da estabilidade, onde nenhum ser vivo poderia existir; aliás, uma das suas características distintivas, em geologia, é a inexistência de qualquer traço da vida vegetal ou animal.

É impossível estabelecer uma duração determinada para este primeiro período, como também para os seguintes. Mas, considerando-se o tempo necessário a uma bala de canhão de um dado volume, aquecida ao rubro, para a sua superfície arrefecer o bastante a ponto de uma gota de água aí poder ficar no estado líquido, calculou-se que, se tal bala tivesse o tamanho da Terra, seriam necessários um milhão de anos.

Período de Transição[66]

22. – No começo do período de transição, a crosta sólida granítica tinha apenas uma pequena espessura e, portanto, oferecia uma resistência muito fraca à efervescência das matérias escaldantes que recobria e comprimia. Produziam-se aí bolsas e numerosas ruturas por onde se derramava a lava interior. O solo só apresentava desigualdades muito pouco significativas.

As águas, pouco profundas, cobriam pouco a pouco quase toda a superfície do globo, à exceção das partes elevadas, formando terrenos baixos, muitas vezes alagados.

O ar foi-se libertando, pouco a pouco, das matérias mais pesadas, temporariamente no estado gasoso e que, ao condensar-se por efeito do arrefecimento, eram precipitadas na superfície do solo, depois arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala de arrefecimento, nesta época, é preciso entender esta palavra num sentido relativo, ou seja, em relação ao estado primitivo, porque a temperatura devia ser ainda abrasadora.

Os espessos vapores aquosos que se elevavam de todos os lados da imensa superfície líquida voltavam a cair em chuvas abundantes e quentes que obscureciam o ar. Não obstante, os raios do Sol começavam a aparecer através desta atmosfera brumosa.

[66] No original francês os números 20 e 21 estão repetidos. Mantivemos a numeração normal (N.T.)

Uma das últimas substâncias de que o ar foi expurgado, porque ela é naturalmente gasosa, foi a do ácido carbónico, que então era uma das suas partes constituintes.

23. – Nesta época começaram a formar-se as camadas de terrenos sedimentares, depositadas pelas águas carregadas de limos e de matérias diversas apropriadas para a vida orgânica. Então apareceram os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal; a princípio em pequeno número, encontram-se traços cada vez mais frequentes à medida que se passa às camadas mais elevadas desta formação.

É notável que, por toda parte, a vida se manifeste logo que as condições se tornam propícias e que cada espécie apareça à medida que se produzem as condições adequadas à sua existência. Dir-se-á que os germes estavam em estado latente e só esperavam as condições favoráveis para eclodir.

24. – Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra foram os vegetais de organização pouco complexa, designados em botânica sob o nome de criptógamos, acotiledóneos e monocotiledóneos, isto é, os líquenes, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas.[67] Não aparecem árvores de troncos lenhosos, e só os havia da espécie palmeira cujo tronco esponjoso era análogo ao das ervas.

Os animais deste período, que sucederam aos primeiros vegetais, foram exclusivamente marinhos; a princípio pólipos, radiados, zoófitos, animais cuja organização simples e, por assim dizer, rudimentar, se aproxima mais dos vegetais; mais tarde vieram os crustáceos e os peixes cujas espécies já não existem hoje.

25. – Sob a influência do calor e da humidade e por consequência do excesso de ácido carbónico existente no ar, gás impróprio para a respiração dos animais terrestres, mas necessário para as plantas, os terrenos descobertos cobriram-se rapidamente de uma vegetação exuberante ao mesmo tempo em que as plantas aquáticas se multiplicaram nos pântanos. Plantas do género das que atualmente são meras ervas de poucos centímetros, atingiam uma altura e uma grossura prodigiosas; foi assim que houve as florestas de fetos arborescentes de oito a dez metros de altura e de uma grossura proporcional, licopódios (pé de lobo; género de musgo) do mesmo tamanho; cavalinhas [68]de quatro a cinco metros, que hoje têm apenas um metro. No final do período começam a aparecer algumas árvores do género conífera ou pinheiros.

26. – Devido ao deslocamento das águas, os terrenos que produziram estas massas de vegetais foram por repetidas vezes submersos, recobertos de novos sedimentos terrosos, enquanto os que estavam em lugares secos se cobriam, por sua vez, de uma vegetação semelhante. Houve assim várias gerações de vegetais alternadamente destruídas e renovadas. O mesmo não aconteceu com os animais que, sendo todos aquáticos, não podiam passar por tais mudanças.

Estes fragmentos, acumulados durante uma longa série de séculos, formaram camadas de grande espessura. Sob ação do calor, da humidade e da pressão exercida pelos depósitos terrenos posteriores e de diversos agentes químicos, gases, ácidos e sais produzidos pela combinação de elementos primitivos, estes materiais vegetais sofreram uma fermentação que os converteu em hulha ou carvão de terra. As minas de hulha são, assim, o produto direto da decomposição do

---

67 Hoje sabemos que os primeiros seres vivos eram unicelulares heterótropos, bactérias muito primitivas e desprovidas de núcleo. (N.T.)

68 Planta dos pântanos vulgarmente chamada "rabo de cavalo" (Nota de A.K.)

aglomerados de vegetais acumulados durante o período de transição; é por isso que se encontram em quase todas as regiões.[69]

27. – Os restos fósseis da vegetação exuberante desta época encontraram-se, atualmente, tanto sob os gelos das regiões polares como na zona quente. Logo, é preciso concluir que, uma vez que a vegetação era uniforme, também a temperatura deveria sê-lo. Portanto, os polos não eram cobertos de gelo, como agora. É que, nesse tempo, a Terra tirava o calor de si própria, do fogo central que aquecia de uma forma igual toda a camada sólida ainda pouco espessa. Esse calor era bem superior ao que os raios solares poderiam dar, debilitados, ainda por cima, pela densidade atmosférica. Mais tarde, só quando o calor central podia exercer sobre a superfície exterior do globo só uma atuação fraca ou nula, a ação do Sol se tornou preponderante; nesta situação, as regiões polares passaram a receber apenas raios solares oblíquos, portadores de muito pouco calor, e cobriram-se de gelo. Compreende-se que, na época de que falamos e ainda longo tempo depois, o gelo era desconhecido na Terra. Este período deve ter sido muito longo, a julgar pelo número e espessura das camadas hulhíferas.[70]

Período Secundário

28. – A vegetação colossal e os animais que caracterizaram esta época desapareceram com o período de transição, quer porque as condições atmosféricas já não fossem as mesmas, quer por causa de uma sucessão de cataclismos que aniquilaram tudo o que tinha vida sobre a Terra. É provável que as duas causas tenham contribuído para estas mudanças porque, por um lado, o estudo dos terrenos, que assinalam o fim deste período de transição, atesta grandes transtornos causados pelos levantamentos e as erupções, que derramaram sobre o solo grande quantidade de lavas, e, por outro lado, houve importantes mudanças nos três reinos da Natureza.

29. – O período secundário caracterizou-se, no que se refere ao aspeto mineral, por numerosas e espessas camadas que atestam uma formação lenta no seio das águas, e determinaram diferentes épocas bem caracterizadas.

A vegetação cresce mais lentamente e é menos colossal do que no período anterior, sem dúvida devido à diminuição do calor e da humidade, assim como às modificações que se deram nos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polpudas juntam-se as de caules lenhosos e as primeiras árvores propriamente ditas.

30. – Os animais são ainda aquáticos, ou, quando muito, anfíbios; a vida animal em terra fez poucos progressos. Em contrapartida, nos mares, desenvolveu-se uma prodigiosa quantidade de animais de concha, devido à formação de materiais calcários; surgiram novos peixes, com organismos mais aperfeiçoados que os do período anterior; apareceram os primeiros cetáceos.

Os animais mais característicos desta época são os répteis monstruosos, entre os quais se destacam:

---

69 A turfa formou-se, do mesmo modo, pela decomposição de aglomerados de vegetais, em terrenos pantanosos, com a diferença que, sendo mais recentes, e sem dúvida noutras condições, não teve tempo de se enriquecer em carbono. (Nota de A.K.)

70 Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell encontrou, numa espessura de hulha de 400 metros, 68 níveis diferentes, apresentando sinais evidentes de muitos solos de floresta cujos troncos e árvores conservavam ainda as suas raízes. (L. Figuier). Supondo apenas mil anos para a formação de cada um desses níveis, seriam já 68 mil anos somente para esta camada hulhífera. (Nota de A.K.)

O ictiossáurio, espécie de peixe-lagarto que atingia até dez metros de comprimento e cujos maxilares, prodigiosamente alongados, estavam armados de cento e oitenta dentes. A sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamosa; os seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; tinha barbatanas como a baleia e expelia água por fendas como ela.

O plesiossauro, outro réptil marinho, tão grande como o ictiossauro, cujo pescoço, excessivamente longo, se curvava como o do cisne e lhe dava a aparência de uma enorme serpente atarraxada a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo; a sua pele devia ser lisa como a do anterior, pois não se encontrou nenhum traço de escamas nem de carapaça.[71]

O teleossáurio aproxima-se mais dos crocodilos atuais que parecem ser uma sua reprodução em miniatura; como estes, tinha uma couraça escamosa e vivia ao mesmo tempo na água e na terra; o seu comprimento era de cerca de dez metros, tendo a cabeça três ou quatro; a sua enorme boca tinha dois metros de abertura.

O megalossauro, grande lagarto, espécie de crocodilo de 14 a15 metros de comprimento, essencialmente carnívoro, nutria-se de répteis, pequenos crocodilos e tartarugas. A sua formidável mandíbula estava armada de dentes em forma de lâminas de serrote com dupla fiada, recurvadas para trás, de tal modo que, uma vez mordida a presa, era impossível que esta se libertasse.

O iguanodonte, o maior dos lagartos que apareceram na Terra; tinha de 20 a 25 metros desde a cabeça à extremidade da cauda. O seu focinho era dominado por um chifre ósseo semelhante ao da iguana dos nossos dias, do qual só parecia diferir pelo tamanho, tendo esta apenas um metro de comprimento. A forma dos dentes prova que era herbívoro e a dos pés que era um animal terrestre.

O pterodátilo, animal bizarro, do tamanho de um cisne, mas com o corpo em forma de réptil, a cabeça em forma de pássaro, e uma membrana carnuda como o morcego, que lhe ligava os dedos de um comprimento prodigioso, e lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre a presa, do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não tinha bico córneo como os pássaros, mas os ossos dos maxilares, também alongados como a metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminavam em ponta como um bico.

31. – Durante este período, que deve ter sido muito prolongado, como o atestam o número e a espessura das camadas geológicas, a vida animal teve um imenso desenvolvimento no seio das águas, como tinha acontecido com a vegetação no período anterior. O ar, mais purificado e mais próprio para a respiração, começou a permitir que alguns animais vivessem em terra. O mar foi várias vezes deslocado, mas, ao que parece, sem abalos violentos. Com este período desapareceram também os gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies análogas, de formas menos desproporcionados e de dimensões muitíssimo mais reduzidas.

32. – O orgulho levou o homem a dizer que todos os animais foram criados em sua intenção e para as suas necessidades. Mas, quantos são os que o servem diretamente, os que pode submeter, comparado com o número incalculável com os quais nunca teve nem terá qualquer relação? Como sustentar semelhante tese em presença destas inumeráveis espécies que povoaram a Terra milhares de milhares de séculos até que se extinguiram, antes mesmo de ele ter aparecido? Poderá supor-se que foram criadas para seu proveito? Tiveram todas a sua razão de ser, a sua utilidade. Deus não as teria criado por um capricho da sua vontade e para se dar ao prazer de as aniquilar; porque todas tiveram vida, instintos, o sentimento da dor e do bem-estar. Com que objetivo o teria feito?

Este objetivo deve ser soberanamente sábio, embora nós não o compreendamos ainda. Talvez um dia seja dado ao ser humano compreendê-lo, para ultrapassar o seu orgulho.

[71] O primeiro fóssil deste animal foi descoberto em 1823, na Inglaterra. (Nota de A.K.)

Entretanto, é extraordinária a visão imponente do espetáculo da Criação, a sua tão majestosa e imperturbável lentidão, a sua admirável clarividência, tão pontual, tão precisa e tão invariável nos seus resultados.

Período Terciário

33. – Com o período terciário começou, para a Terra, uma nova ordem das coisas. O estado da superfície mudou completamente de aspeto. As condições de vida modificaram-se profundamente e aproximaram-se do estado atual. Os primeiros tempos deste período caracterizaram-se por uma paragem na produção vegetal e animal; tudo revelava sinais de uma destruição quase geral dos seres vivos e depois apareceram sucessivamente novas espécies cujos organismos, mais perfeitos, estavam adaptados à natureza do meio.

34. – Durante os períodos anteriores, a crosta sólida do globo, devido à sua pouca espessura, apresentava, como foi dito, uma resistência bastante fraca à ação do fogo interior. Essa crosta facilmente abria fendas, permitindo que as matérias em fusão escorressem livremente à superfície do solo. Isso deixou de acontecer quando a crosta adquiriu uma certa espessura; os materiais ardentes, comprimidos por todos os lados, como a água em ebulição num recipiente fechado, acabaram por originar uma série de explosões; a massa granítica, violentamente rasgada numa porção de locais, ficou sulcada de fendas como um *pote rachado*. *Ao longo destas fendas* a crosta sólida que foi expulsa de debaixo para cima formou picos, cadeias de montanhas e as suas ramificações. Certas partes da crosta que não rasgaram elevaram-se, enquanto noutros locais se produziram afundamentos e cavidades subterrâneas.

A superfície do solo tornou-se, então, muito desigual; as águas que, até essa altura, cobriam de uma maneira quase uniforme a maior parte da sua extensão, foram empurradas para as partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes, ou cimos de montanhas isoladas que formaram ilhas.

Estes foram os grandes fenómenos que aconteceram no período terciário e que transformaram o aspeto do globo. Não se produziram de forma rápida nem simultânea em todos os pontos, mas sucessivamente, em épocas mais ou menos distanciadas.

35. – Uma das primeiras consequências desses levantamentos foi, como já dissemos, a inclinação das camadas de sedimentos, primitivamente horizontais, e que se conservaram nesta posição por toda a parte onde o solo não foi agitado. É, pois, nos flancos e na vizinhança das montanhas que estas inclinações foram mais pronunciadas.

36. – Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a sua horizontalidade, para chegar às mais antigas, é preciso atravessar todas as outras, muitas vezes até uma profundidade considerável, no fim da qual se encontra, inevitavelmente, a rocha granítica. Quando se formaram montanhas, essas camadas subiram acima do seu nível normal e, por vezes, a uma altitude muito grande, de tal modo que, se se fizer um corte vertical na encosta da montanha, as camadas aparecem sobrepostas, umas sobre as outras.

É assim que se encontram, a grandes altitudes, bancos consideráveis de conchas primitivamente depositados no fundo do mar. Hoje está perfeitamente comprovado que, em época alguma o mar podia atingir uma tal altitude, porque toda a água existente na Terra não era suficiente para as levar tão alto, mesmo se a sua quantidade fosse cem vezes maior. Seria necessário, pois, supor que a quantidade de água tenha diminuído e então perguntar-se-ia onde foi parar a porção que desapareceu.

Os levantamentos, que são atualmente um facto incontestável e demonstrado pela ciência, explicam, de uma maneira tão lógica como rigorosa, os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas. Esses terrenos estiveram submersos durante muitos séculos, mas no seu nível primitivo e não no lugar onde se situam atualmente.

É exatamente como se uma porção do fundo de um lago se elevasse a 25 ou 30 metros acima da superfície da água. O alto dessa elevação conteria os restos das plantas e dos animais que jaziam outrora no fundo da água, o que não implicaria de forma nenhuma que as águas do lago fossem elevadas àquela altura.

37. – Nos locais onde o levantamento da rocha primitiva produziu uma rutura completa do solo, quer pela rapidez do fenómeno, quer pela forma, a altitude e o volume da massa levantada, o granito mostrou-se a descoberto *como um dente que atravessa a gengiva*. As camadas que os cobriam, levantadas, partidas, endireitadas, ficaram a descoberto. É assim que terrenos pertencendo a formações mais antigas, e que se encontravam a uma grande profundidade na sua posição primitiva, formam, atualmente, o solo de certas regiões.

38. – As massas graníticas deslocadas pelo efeito dos levantamentos deixaram, em alguns locais, fissuras por onde se escapa o fogo interior e escorrem os materiais em fusão: são os vulcões. Os vulcões são como chaminés desta imensa fornalha, ou melhor ainda, são *válvulas de segurança* que, permitindo a saída das matérias ígneas em excesso, preservam o globo de agitações bem mais terríveis. Por isso se pode dizer que o número de vulcões em atividade constitui uma garantia de segurança para o conjunto da superfície do solo.

Pode-se fazer uma ideia da intensidade deste fogo observando os vulcões que se abrem mesmo no mar, e que a massa de água que os cobre e neles penetra não é suficiente para extinguir.

39. – Os levantamentos produzidos na massa sólida deslocaram, necessariamente, as águas que se juntaram nas partes escavadas, mais profundas devido ao levantamento de alguns terrenos emersos, e aos abatimentos de outros. Mas, estes mesmos terrenos mais baixos, elevados por sua vez, ora num local, ora noutro, expulsaram as águas que afluíram algures, e assim sucessivamente, até que ocuparam um leito mais estável.

Os deslocamentos sucessivos dessa massa líquida forçosamente trabalharam e alteraram a superfície do solo. As águas, ao escoar, arrastaram uma parte dos terrenos de formações anteriores postos a descoberto pelos levantamentos, desnudaram certas montanhas que estavam cobertas, fizeram aparecer a sua base granítica ou calcária; profundos vales foram escavados e outros foram aterrados.

Há, pois, montanhas formadas diretamente pela ação do fogo central: são principalmente as montanhas graníticas. Outras são devidas à ação das águas, que, arrastando as terras móveis e os materiais solúveis, cavaram vales numa base resistente, calcária ou outra.

Os materiais arrastados pelas correntes das águas formaram as camadas do período terciário, que se distinguem das precedentes, não pela sua composição, que é quase a mesma, mas pela sua disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição, e secundário, formadas numa superfície pouco acidentada, são quase uniformes em toda Terra; as do período terciário, pelo contrário, formadas sobre uma base muito desigual, e pelo arrastamento das águas, apresentam características mais locais. Por toda a parte, onde se fizeram escavações de uma certa profundidade, encontram-se todas as camadas anteriores, pela ordem da sua formação, ao passo que não se encontram por todo o lado os terrenos terciários, nem todas as suas camadas.

40. – Durante as perturbações do solo ocorridas no início deste período, percebe-se que a vida orgânica tenha sofrido um tempo de paragem, o que se reconhece pelo exame dos terrenos privados de fósseis. Mas, logo que veio um período mais calmo, os vegetais e os animais reapareceram. Tendo mudado as condições de vida, com a atmosfera mais limpa, surgiram novas espécies com um organismo mais perfeito. As plantas, no que se refere à sua estrutura, diferem pouco das atuais.

41. – Durante os dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos pelas águas eram pouco extensos; além disso, eram ainda pantanosos e ficavam submersos muitas vezes; é por isso que só havia animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário que viu formarem-se vastos continentes, é caracterizado pela aparição dos animais terrestres.

Do mesmo modo que o período de transição viu nascer uma vegetação colossal, e o período secundário assistiu ao aparecimento de répteis monstruosos, este aqui presenciou o aparecimento de mamíferos gigantescos, tais como*: o elefante, o rinoceronte, o hipopótamo, o paleotério, o megatério, o dinotério, o mastodonte, o mamute,* etc. Este período viu surgirem igualmente aves, assim como a maior parte das espécies que vivem ainda nos nossos dias.

Algumas das espécies desta época sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, que designamos pela qualificação genérica de *animais antediluvianos*, desapareceram completamente ou foram substituídas por espécies análogas, de formas menos pesadas e menos compactas, dos quais os primeiros tipos foram como esboços; tais são: o *felis spelœa*, animal carnívoro, do tamanho de um touro, mas com as características anatómicas do tigre e do leão; o *cervus mégaceron,* variedade do cervo cujos galhos, de 3 a4 metros de comprimento, tinham uma separação de 3 a 4 metros nas extremidades.

42. – Durante muito tempo acreditou-se que o macaco e as diversas variedades de quadrúmanos, que são os animais mais parecidos com o homem pela sua configuração, não existiam ainda; mas, descobertas recentes parecem não deixar dúvidas sobre a presença destes animais, pelo menos no fim do período.

Período Diluviano[72]

43. – Este período está marcado por um dos maiores cataclismos que convulsionaram o globo, modificando ainda mais uma vez o aspeto da superfície e destruindo irreversivelmente uma infinidade de espécies vivas das quais só se encontram vestígios. Por toda a parte deixou marcas que atestam a sua generalidade. As águas violentamente expulsas do seu leito invadiram os continentes, arrastando consigo terras e rochas, desnudando as montanhas, arrasando florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados, em Geologia, pelo nome de *terrenos diluvianos.*

44. – Uma das marcas mais significativas deste grande desastre, são as rochas chamadas *blocos erráticos.* Chamam-se assim rochas de granito que se encontram isoladas nas planícies repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, por vezes, a várias centenas de léguas das montanhas de onde foram arrancadas. É evidente que elas só puderam ser transportadas a tão grandes distâncias pela violência das correntes. [73]

[72] De acordo com a Escala do Tempo Geológico Atual, podemos fazer a correspondência do Período Diluviano, citado por Kardec, com a época do Pleistoceno, no Período Quaternário da Era Cenozóica. (N.T)

[73] É um destes blocos, proveniente das montanhas da Noruega, o que é evidente pela sua composição, que serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em S. Petersburgo. (N. de A.K.)

45. – Um facto nada menos característico, e do qual não se sabe ainda a causa, é que os primeiros *aerólitos* se encontram nos terrenos diluvianos; [74]se só começaram a cair nesta época, é porque a causa que os produziu não existia anteriormente.

46. – É também por esta época que os polos começaram a cobrir-se de gelo e que se formaram os glaciares nas montanhas, o que indica uma notável mudança na temperatura do globo. Esta mudança deve ter sido súbita, porque se ela acontecesse gradualmente, animais como os elefantes, que hoje só vivem em climas quentes e que se encontram em tão grande número no estado de fóssil nas regiões polares, teriam tido tempo de se retirar pouco a pouco para as regiões mais temperadas. Pelo contrário, tudo indica que eles devem ter sido tomados de surpresa por uma onda de frio e ficaram envolvidos pelos gelos.

47. – Esse foi o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões dividem-se sobre as causas que o originaram, mas, quaisquer que elas sejam, o certo é que o facto existiu.

A suposição mais generalizada é que tenha havido uma mudança *brusca* na posição do eixo da Terra, devido à qual os polos se deslocaram; daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se esta mudança tivesse acontecido lentamente, as águas seriam deslocadas gradualmente, sem abalos, mas tudo indica que houve uma mudança violenta e súbita. Na ignorância de qual tenha sido a verdadeira causa, só podemos emitir hipóteses.

A deslocação súbita das águas também pode ter sido ocasionada pelo levantamento de certas partes da crosta sólida e a consequente formação de novas montanhas no meio dos mares, como aconteceu no começo do período terciário; mas, além do facto de que este cataclismo não teria sido geral, também não explicaria a mudança súbita da temperatura dos polos.

48. – Na tormenta causada pela convulsão das águas, muitos animais pereceram; outros, para escaparem da inundação, retiraram-se para as alturas, nas cavernas e fendas, onde pereceram em massa, quer fosse pela fome, quer por se terem devorado mutuamente, ou ainda talvez também por irrupção das águas nos lugares onde estavam refugiados e de onde não puderam fugir. Assim se explica a grande quantidade de ossadas de animais diversos, carnívoros e outros que se encontram espalhados em certas cavernas, chamadas por esta razão *cavernas ou brechas ósseas*. Encontram-se, na maioria das vezes, debaixo das estalagmites. Em algumas, as ossadas parecem ter sido arrastadas para ali pela corrente das águas. [75]

Período pós-diluviano ou atual [76] – Nascimento dos seres humanos

49. – Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do globo, a vida animal e vegetal retomou rapidamente o seu curso. O solo, consolidado, tornou-se mais estável; o ar, mais purificado, era apropriado para órgãos mais delicados. O Sol que brilhava com todo o seu esplendor através de uma atmosfera límpida derramava, com a sua luz, um calor menos sufocante e mais vivificante do que o da fornalha interior. A Terra povoava-se de animais menos selvagens e mais sociáveis; os

[74] Pedras caídas da Atmosfera. (N. de A.K.)

[75] Conhecemos um grande número de cavernas semelhantes, algumas com uma extensão considerável. Existem no México, que têm várias léguas; a de Adelsberger Grotte, em Carniole (Áustria), não tem menos de três léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, em Würtemberg. Há várias em França, na Inglaterra, na Alemanha, na Sicília e noutras regiões da Europa. (Nota de A.K.)

[76] De acordo com a Escala do Tempo Geológico Atual, podemos fazer a correspondência do Período Pós-Diluviano, citado por Kardec, com a época do Holoceno, no Período Quaternário da Era Cenozóica. (N.T)

vegetais mais suculentos ofereciam uma alimentação menos grosseira; tudo, enfim, na Terra, estava preparado para o novo hóspede que a deveria habitar.

Foi então que apareceram os seres humanos, os últimos da Criação, cuja inteligência contribuiria, de aí em diante, para o progresso geral, à medida que realizava o seu próprio progresso.

50. – Os seres humanos teriam existido na Terra só depois do período diluviano, ou teriam aparecido antes desta época? Esta questão é muito discutida atualmente, mas a solução, qualquer que seja, só tem importância secundária, já que em nada mudaria os factos estabelecidos.

O que fez pensar que essa aparição fosse posterior ao dilúvio, foi não se terem encontrado vestígios concretos da sua existência anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares, e que têm feito crer na existência de uma pretensa raça de gigantes antediluvianos, foram reconhecidos como sendo ossadas de elefantes.

Do que não há dúvida é que os seres humanos não existiram nem no período primário nem no de transição, muito menos no período secundário, por falta de vestígios seus, mas também porque as condições de vida nessas épocas não o permitiriam.

Se apareceu no período terciário, só poderia ter sido no seu fim e, ainda assim, em número reduzido. Visto que se encontraram vestígios delicados de um grande número de animais que viveram nessa época, não se compreende que os homens não tenham deixado indícios da sua presença, quer pelos restos dos corpos, quer por quaisquer trabalhos realizados.

Tendo sido curto o período diluviano, não ocasionou notáveis mudanças nas condições climáticas e atmosféricas; os animais e os vegetais eram também os mesmos antes como depois.

Há uma possibilidade material de que a aparição do ser humano seja anterior a este grande cataclismo; descobertas da presença do macaco nessa época aumentam essa probabilidade. [77]

Tenha aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, o seu papel só começou a desenhar-se no período pós-diluviano, período que já pode caracterizar-se pela presença da humanidade na Terra.

---

[77] Ver os trabalhos de M. Boucher de Perthes (Nota de A.K.)

Boucher de Perthes (1788-1868) - Arqueólogo, escritor e antiquário francês, foi o primeiro a desenvolver a ideia de que a pré-história podia ser datada com base nos períodos de tempo geológicos, lançando assim as bases da Ciência Pré-histórica de que é considerado um dos fundadores. Foi notável a sua descoberta de ferramentas de pederneira, de homens pré-históricos, nos cascalhos do vale do Somme.

Nesta época, as descobertas de ossadas fósseis multiplicavam-se nos terrenos de turfas e areeiros. Boucher de Perthes, em 1828, detetou anomalias em pedaços de sílex com duas faces talhadas por mãos humanas, num banco terciário (a que ele chama antediluviano, conforme o vocabulário da época) de aluviões nas margens do Somme, em Abbeville. Em 1844 descobriu, em camadas mais antigas, utensílios em sílex ao lado de ossadas de grandes mamíferos desaparecidos que datou do Pleistoceno. Entre 1846 e 1864 publicou vários livros em que relatou as suas descobertas. O estudo cronológico, das camadas geológicas encontradas, permitiu-lhe datar os vestígios que encontrou. Assim, demonstrou que num período muito antigo existia já um homem "pré-histórico", num tempo em que era geralmente admitido que a "criação da Terra e do Homem recuava ao ano 4004 A.C., com base em estimativas extrapoladas de uma citação bíblica pelo arcebispo anglicano James Ussher (chronologie d'Ussher).

Enquanto a Academia das Ciências considerou que os "machados" de pedra que ele descobriu, eram apenas calhaus, Boucher de Perthes obteve, em 1859, o reconhecimento do seu trabalho, graças a visitas sucessivas a Abbeville e a Amiens de geólogos e paleontólogos ingleses, que fizeram uma comunicação à *Sociedade Real de Londres*, mas também de cientistas franceses. Todos puderam constatar a existência, em níveis estratigráficos profundos, que não tinham sido remexidos, restos fósseis de animais desaparecidos juntamente com vestígios de pedaços de sílex talhados por seres humanos. (N.T.)

Teoria da Projeção

1. – Entre todas as teorias relativas à origem da Terra, aquela que alcançou mais credibilidade, nos últimos tempos, foi a de *Georges-Louis Leclerc de Buffon,* talvez pela posição do seu autor na comunidade científica, ou então porque não se sabia mais nada a este respeito, nessa época.

Buffon observou que todos os planetas se moviam na mesma direção, de ocidente para oriente, e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não ultrapassa os 7 graus e meio. Desta uniformidade, concluiu que os planetas deviam ter sido postos em movimento pela mesma causa.

Na sua opinião, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, podia um cometa ter chocado com ele de forma oblíqua, rasante à sua superfície, separando uma porção que, projetada no espaço pela violência do impacto, se dividiu em vários fragmentos. Estes fragmentos formaram os planetas que continuaram a movimentar-se em círculos pela combinação da força centrípeta e da força centrífuga, no sentido imprimido pela direção do choque primitivo, quer dizer, no plano da eclíptica.

Os planetas seriam assim partes da substância incandescente do Sol e, por consequência, eles próprios teriam ficado incandescentes na sua origem. O tempo que levaram para arrefecer e solidificar foi proporcional ao seu respetivo volume e, quando a temperatura o permitiu, a vida surgiu nas suas superfícies.

Devido ao abaixamento gradual do calor central, a Terra chegaria, ao fim de um certo tempo, a um estado completo de arrefecimento; a massa líquida congelaria por completo e o ar, cada vez mais condensado, acabaria por desaparecer. A descida da temperatura, tornando a vida impossível, causaria a diminuição, aliás, o desaparecimento de todos os seres vivos. O arrefecimento, que teria começado pelos polos, atingiria sucessivamente todas as regiões até ao equador.

É este, segundo Buffon, o estado atual da Lua que, mais pequena do que a Terra, seria atualmente um mundo extinto, onde a vida estaria definitivamente excluída. O Sol, ele próprio, teria, um dia, o mesmo destino. Segundo os seus cálculos, a Terra teria levado 74.000 anos aproximadamente para chegar à sua temperatura atual e, em 93.000 anos veria o fim da existência da natureza organizada.

2. – A teoria de Buffon, recusada pelas novas descobertas da ciência, foi abandonada pelos motivos seguintes:

1° Durante muito tempo acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos cujo encontro com um planeta podia provocar a sua destruição. Nesta hipótese, a suposição de Buffon não teria nada de improvável. Mas, sabe-se atualmente que os cometas são formados por uma matéria gasosa condensada, no entanto suficientemente rarefeita para se poderem perceber, através do seu núcleo, as estrelas de média grandeza. Neste estado, oferecendo menos resistência que o Sol, um choque violento capaz de projetar ao longe uma porção da sua massa é uma coisa impossível.

2° A natureza incandescente do Sol é igualmente uma hipótese que nada, até ao presente, veio confirmar e, pelo contrário, parece desmentir. Se bem que não estejamos ainda completamente certos sobre a sua natureza, a eficiência dos meios de observação de que dispomos atualmente tem

[78] O estudo das "Teorias sobre a Terra" que será apresentado, ao longo deste capítulo, insere-se perfeitamente no contexto científico do século em que viveu Allan Kardec. Nos dias de hoje, em função do enorme avanço experimentado pela Ciência, podemos afirmar que já não haveria espaço para esta discussão, principalmente de "teorias" como a da incrustação. (Nota da edição de A Génese da CELD).

Não cabe aqui discutir os erros técnicos nem aprofundar as teorias apresentadas, mas compreender o contexto cultural no qual A.K. o elaborou. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

permitido estudá-la melhor. É atualmente admitido pela ciência, em geral, que o Sol é um globo composto de matéria sólida, envolto numa atmosfera luminosa que não se encontra em contacto com a sua superfície. [79]

3° No tempo de Buffon, apenas se conheciam os seis planetas que também eram conhecidos pelos antigos: Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Depois, descobriu-se um grande número, cujos três principais, Juno, Ceres e Palas têm as suas órbitas inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não concorda com a hipótese de um movimento de projeção único.

4° Desde a descoberta da lei do decréscimo do calor de Joseph Fourier, reconheceu-se também que os cálculos de Buffon sobre o arrefecimento são completamente inexatos. Não foram 74.000 anos que a Terra precisou para chegar à sua temperatura atual, mas milhões de anos.

5° Buffon só considerou o calor central do globo, sem ter em conta o dos raios solares; ora, é reconhecido atualmente, por dados científicos de uma rigorosa precisão, fundamentados sobre experiências, que devido à espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo só tem, desde há muito tempo, uma importância insignificante na temperatura da superfície exterior; as variações que a atmosfera regista são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (cap. VII, n° 25). O efeito do calor solar é permanente, enquanto o efeito do calor central é nulo, ou quase; assim, a sua diminuição não pode trazer à superfície da Terra modificações sensíveis. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo arrefecimento geral, seria preciso a extinção do Sol. [80]

Teoria da Condensação

3. – A Teoria da formação pela condensação da matéria cósmica é a que prevalece atualmente, pelas pesquisas que resolvem o maior número de dificuldades e que se apoia, mais do que todas as outras, sobre o grande princípio da unidade universal. Foi descrita anteriormente no cap. VI, sobre Astronomia Geral.

Estas duas teorias tendem ao mesmo resultado: o estado primitivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida pelo arrefecimento, a existência de um fogo central e o aparecimento da vida orgânica logo que a temperatura o tornou possível. Diferem pelo modo de formação da Terra e é provável que, se Buffon tivesse vivido nos nossos dias, teria tido outras ideias. São, pois, dois caminhos diferentes conduzindo ao mesmo fim.

A Geologia estuda a Terra até onde a observação direta é possível. O seu estado anterior, escapando à experimentação, só pode reconstituir-se mediante conjeturas; entre duas hipóteses, o bom senso diz que é preciso escolher a que estiver sancionada pela lógica e que melhor se relacione com os factos observados.

Teoria da Incrustação

4. – Só mencionamos esta teoria por memória, devido à ressonância que seduziu algumas pessoas e porque nada tem de científico. Resume-se na carta seguinte:

"Deus, conforme a Bíblia, criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. É isto que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e os milhares de caracteres incontestáveis de antiguidade que fazem recuar a origem da Terra a dez milhões de anos e, no entanto, a Escritura

[79] Pode-se encontrar uma dissertação completa e ao nível da Ciência moderna a respeito da natureza do Sol e dos cometas nos Estudos e leituras sobre a Astronomia, por Camilo Flammarion. 1 vol. In-12. Impressor: Casa Gauthier-Villard, 55, estação dos Augustinhos. (Nota de A.K.)

[80] Ver para mais pormenores e sobre a lei do decréscimo do calor: Cartas sobre a revolução do globo, por Bertrand, págs. 19 e 307. (Nota de A.K.)

disse a verdade e os geólogos também, e é um simples camponês [81] que os pôs de acordo explicando que a nossa Terra é apenas um planeta *incrustativo* muito moderno, composto de materiais muito antigos."

"Depois do desaparecimento do *planeta desconhecido*, que chegara à maturidade, ou de harmonia com o que existia no lugar que ocupamos atualmente, a alma da Terra recebeu ordem de reunir os seus satélites para formar o nosso globo atual conforme as regras do progresso em tudo e por tudo.

Só quatro destes astros consentiram na associação que lhes foi proposta; a Lua persistiu na sua autonomia, porque os globos têm também o seu livre arbítrio. Para proceder a esta fusão, a alma da Terra dirigiu sobre os satélites um raio magnético atrativo que pôs em estado catalético todos os elementos neles existentes, vegetais, animais e hominais, que trouxeram para a comunidade.

A operação só teve por testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nesta grande obra, abrindo os globos para colocar as suas entranhas em comum.

Realizada a colagem, as águas escoaram-se pelos vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas reuniram-se, e o acordar ou a ressurreição dos *gérmenes cataletizados* começou; o homem foi tirado em último lugar do seu estado de hipnotismo, e viu-se cercado da vegetação luxuriante do paraíso terreno e dos animais que pastavam em paz, em volta dele. Tudo isto podia fazer-se em seis dias com operários tão poderosos como os que Deus tinha encarregado desta tarefa.

O planeta *Ásia* trouxe-nos a raça amarela, a mais civilizada anciã; o África, a raça negra; o Europa, a raça branca e o América, a raça vermelha. A Lua deve ter-nos trazido, provavelmente, a raça verde ou azul.

"Assim, certos animais, dos quais só se encontram vestígios, não teriam nunca vivido na nossa Terra atual, mas teriam sido trazidos de outros mundos desfeitos devido à velhice. Os fósseis que encontramos nos climas onde não teriam podido existir neste mundo, viveram, sem dúvida, em zonas bem diferentes, nos globos onde nasceram. Os vestígios que se encontram nos polos, aqui na Terra, são de animais que viviam no equador dos mundos a que pertenciam".

5. – Esta teoria tem contra ela os dados mais positivos da ciência experimental, além de não contribuir para explicar a questão da origem que pretende resolver. Diz como a Terra teria sido formada, porém, não diz como teriam sido formados os quatro mundos reunidos para a constituir.

Se as coisas se tivessem passado assim, porque não se encontra em nenhum lugar, as marcas dessas imensas soldaduras, desde as entranhas do globo? Cada um desses mundos trazendo os seus materiais próprios, a Ásia, a África, a Europa, a América, cada um teria a sua geologia particular, diferente, *o que não acontece*. Vê-se pelo contrário, a princípio o núcleo granítico uniforme de uma composição homogénea em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. Por outro lado, as camadas geológicas da mesma formação, idênticas na sua constituição, apresentam-se por toda a parte sobrepostas na mesma ordem, contínuas, sem interrupção de um lado ao outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América e reciprocamente.

Estas camadas, testemunhas das transformações do globo, atestam que estas transformações aconteceram sobre toda a sua superfície, e não sobre uma parte; elas mostram-nos os períodos de aparecimento, de existência e de desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais igualmente nas diferentes partes do mundo; a fauna e a flora destes períodos recuados, evoluindo simultaneamente por toda a parte, sob a influência de uma temperatura uniforme, mudam por todo o lado de características à medida que a temperatura se modifica. Um tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela reunião de vários continentes distintos.

[81] O Sr. Michel, de Figagnieres (Varone), autor de "Chave da vida"(Nota de A.K.)

Se este sistema tivesse sido concebido apenas há um século, teria podido conquistar um lugar provisório nas cosmogonias especulativas puramente imaginárias e fundamentadas sem recurso ao método experimental; mas, hoje, não tem nenhuma credibilidade e não suporta sequer o exame, porque é contrariada pelos factos materiais.

Sem discutir aqui o livre arbítrio atribuído aos planetas, nem a questão da sua alma, pergunta-se que seria do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não tivesse recusado reunir-se aos seus irmãos; o que aconteceria com a Terra atual se, um dia, a Lua tivesse o capricho de reocupar o lugar que lhe pertencia e dele expulsar o mar.

6. – Esta teoria seduziu algumas pessoas, porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens sobre a Terra e a sua localização. Porém, se estas raças puderam surgir em mundos separados, porque não teriam podido fazê-lo sobre pontos diferentes do mesmo mundo? É querer resolver uma dificuldade com outra ainda maior.

De facto, mesmo com certa rapidez e alguma *destreza* com que se tivesse feito a *operação*, não poderia ter-se realizado sem abalos violentos; quanto mais rápida fosse, mais desastrosos seriam os cataclismos. Também parece impossível que, *seres simplesmente adormecidos com sono cataléptico*, tivessem podido resistir e acordar, em seguida, tranquilamente. Se eram apenas germes, em que consistiam? De que modo é que seres totalmente formados teriam sido reduzidos ao estado de germes? Fica ainda por explicar como estes germes se desenvolveram novamente.

Seria ainda a Terra formada por via miraculosa, mas, por um outro processo menos poético e menos grandioso que o primeiro, ao passo que as leis naturais dão, acerca da sua formação, uma explicação bem mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida da experiência e da observação[82].

[82] Quando um sistema semelhante se liga a toda uma cosmogonia, é importante perguntar sobre que base racional pode assentar o resto. A concordância que se pretende estabelecer, por este sistema, entre a Gênese bíblica e a Ciência, é completamente ilusória, uma vez que foi contrariada pela Ciência. Por outro lado, todas as crenças derivadas do texto bíblico têm por pedra angular a criação de um casal único, de onde saíram todos os homens. Se se tira essa pedra, tudo o que foi construído em cima dela se desmorona. Ora, este sistema, dando à humanidade uma origem múltipla, é a negação da doutrina que lhe atribui um pai comum.
O autor da carta citada, homem de grande sabedoria, por momentos seduzido por esta teoria, viu rapidamente os seus aspetos vulneráveis, e não tardou a combatê-la com as armas da Ciência. (Nota de A.K.)

CAPÍTULO IX - REVOLUÇÕES DO GLOBO [83]

Revoluções Gerais ou Parciais

1. – Os períodos geológicos marcam as fases do aspeto geral do globo, em consequência das suas transformações. Se excetuarmos o período diluviano, que se caracterizou por uma perturbação súbita, todos os outros se completaram lentamente e sem transições bruscas. Durante todo o tempo em que os elementos constituintes do globo foram ocupando as suas posições, as mudanças devem ter sido gerais; uma vez consolidada a base, é provável que só se tenham produzido modificações parciais na superfície.

2. – Além das revoluções gerais, a Terra experimentou um grande número de perturbações locais que mudaram o aspeto de certas regiões. Tal como aconteceu com as outras, também aqui as mesmas duas causas contribuíram para as perturbações: o fogo e a água.

O fogo atuou de diversos modos: pelas erupções vulcânicas que enterraram sob espessas camadas de cinza e de lavas os terrenos circundantes e fizeram desaparecer cidades e os seus habitantes; por terramotos ou por levantamentos da crosta sólida, empurrando as águas para as regiões mais baixas; pelo abatimento desta mesma crosta em certos locais, numa extensão maior ou menor, para onde as águas se precipitaram, deixando outros terrenos a descoberto. Foi assim que algumas ilhas surgiram no meio do oceano enquanto outras desapareceram; que porções de continentes se separaram e formaram ilhas, que braços de mar secaram, reunindo ilhas aos continentes.

A água também atuou pelo avanço ou pelo recuo do mar em certas costas, pelas derrocadas que, fechando os cursos d'água, formaram lagos; por cheias e inundações; enfim, por aterros formados na foz dos rios. Estes aterros, obrigando o mar a recuar, criaram novos territórios; tal é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito, do delta do Ródano ou da Camarga e de tantos outros.

Dilúvio Bíblico

3. – O exame dos terrenos destruídos pelo levantamento das montanhas e das camadas que formam os seus contrafortes permite determinar a sua idade geológica. Idade geológica das montanhas não é necessariamente o número de anos da sua existência, mas o período durante o qual elas foram formadas e, por conseguinte, a sua antiguidade relativa. Seria um erro pensar que esta antiguidade está relacionada com a sua elevação ou a sua natureza exclusivamente granítica, atendendo a que, a massa de granito ao erguer-se, pode ter perfurado e separado as camadas sobrepostas.

Provou-se, assim, pela observação, que as montanhas dos Vosgos, da Bretanha e da Costa do Ouro, na França, que não são muito elevadas, pertencem às formações mais antigas; datam do período de transição e são anteriores aos depósitos hulhíferos. O Jura formou-se por volta do período secundário, é contemporâneo dos répteis gigantes. Os Pirenéus formaram-se mais tarde, no princípio do período terciário. O Monte Branco e o conjunto dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirenéus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são mais recentes ainda, porque só se formaram no final desse período. Algumas montanhas da Ásia são até posteriores ao período diluviano ou são suas contemporâneas.

[83] Todas as explicações deste capítulo foram pesquisadas por A.K. nos manuais e obras de divulgação científica aceites no seu tempo, não constituindo ensinamentos originários dos Espíritos. O seu objetivo claro é afastar a leitura à letra da Génese bíblica, acompanhando progressivamente a Ciência. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

Estes levantamentos devem ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis devido ao deslocamento das águas e à interrupção e mudança do curso dos rios.[84]

4. – O dilúvio bíblico, designado também pelo nome de grande dilúvio asiático, é um facto cuja existência não pode ser contestada. Provavelmente foi ocasionado pelo levantamento de uma parte das montanhas daquela região, assim como do México. O que corrobora esta opinião é a existência de um mar interior que, em épocas remotas, se estendia do mar Negro ao oceano Boreal, segundo se constatou mediante as observações geológicas. O mar de Azov, o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não comuniquem com nenhum outro mar, o lago Aral e os numerosos lagos conhecidos nas imensas planícies da Tartária e nas estepes da Rússia parecem ser restos desse antigo mar. Quando se deu o levantamento das montanhas do Cáucaso, uma parte destas águas foi empurrada para o norte, em direção ao oceano Boreal; a outra para o sul, em direção ao oceano Índico. Estas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região que tinha sido habitada pelos antepassados do povo hebreu. Embora este dilúvio se estendesse sobre uma região muito grande, um ponto comprovado hoje é que teria sido local e que não pode ter sido causado pela chuva, porque, por mais abundante e contínua que tenha sido, durante quarenta dias, o cálculo demonstra que a quantidade de água caída das nuvens não poderia ser em quantidade suficiente para cobrir toda a Terra até acima das mais altas montanhas. [85]

Para os homens dessa época, que só conheciam uma extensão muito limitada da superfície do globo e que não tinham a mínima ideia da sua configuração, a partir do momento em que a inundação invadiu as regiões conhecidas, para eles foi como se a Terra inteira tivesse sido invadida pelas águas. Se a esta crença juntarmos a forma imaginária e hiperbólica característica do estilo oriental, não será surpresa o exagero da narração bíblica.

5. – O dilúvio asiático é evidentemente posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a memória se conservou pela tradição entre todos os povos desta parte do mundo, que o consagraram nas suas teogonias. [86]

---

[84] O último século registou um exemplo notável de um fenómeno deste género. A seis dias de marcha da cidade do México existia, em 1750, um campo fértil e bem cultivado, onde cresciam em abundância o arroz, o milho e as bananas. Durante o mês de junho, assustadores tremores de terra sacudiram o solo e repetiram-se continuamente durante dois meses inteiros. Durante a noite de 28 para 29 de Setembro, a terra teve uma violenta convulsão; um terreno de várias léguas de extensão começou a elevar-se pouco a pouco e acabou por atingir uma altura de 500 pés, numa superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as ondas do mar com o vento da tempestade; milhares de montículos elevavam-se e afundavam alternadamente; por último, abriu-se um abismo de cerca 3 léguas, que lançava a grande altura fumo, fogo, pedras ardentes e cinzas.

Seis montanhas surgiram deste amplo abismo, entre as quais está o vulcão, a que se deu o nome de Jorullo, e que atualmente tem 550 metros de altura acima da antiga planície. No momento em que começaram as sacudidelas do solo, os dois rios de Cutimba e São Pedro, recuando para montante, inundaram toda a planície ocupada hoje pelo Jorullo; mas, no terreno que se levantava continuamente, abriu-se uma fenda e engoliu-os. Eles ressurgiram a oeste, num ponto muito distante do seu antigo leito. (Louis Figuier, La Terre avant le déluge, pág. 379). (A. K.)

[85] As escavações arqueológicas realizadas por "sir" Charles Leonard Woolley no enclave de Ur, berço da civilização mesopotâmica, atual Iraque, a partir de 1922 e cujas conclusões começou a publicar em 1927, revelaram, entre imensidade de outros factos, os restos de grandes inundações ocorridas cerca de 4.000 A.C. Ao encontrar a camada de lodo que cobria as ruínas da Ur primitiva, Woolley informou que tinha encontrado provas de uma terrível inundação, que corresponderia ao dilúvio universal das lendas sumérias e hebraicas. Trabalhos posteriores comprovaram o facto, mostrando que houve um dilúvio regional nos deltas do Tigre e do Eufrates, aproximadamente na data assinalada pela Bíblia. Este facto vem confirmar o comentário de Allan Kardec. (Nota de José Herculano Pires, modificada pelos tradutores)

[86] O dilúvio bíblico não é a única narração de uma catástrofe desta natureza nestas regiões da Euro Ásia, o que nos indica que ela ficou na memória destes povos; tem por antecessores o dilúvio babilónico de Gilgamesch, historicamente chamado de "o Noé babilónico", e o dilúvio grego de Deucalião. Mais antiga é ainda a lenda indiana sobre o dilúvio,

É igualmente posterior ao grande dilúvio universal que marcou o início do atual período geológico; e quando se fala de homens e de animais antediluvianos, estamos a referir-nos ao primeiro cataclismo.

Revoluções Periódicas

6. – A Terra, além do seu movimento anual em volta do Sol, que origina as estações do ano e do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas, que origina o dia e a noite, possui um terceiro movimento que se completa em cerca de 25 mil anos (mais exatamente 25.868 anos) que produz o fenómeno designado em astronomia sob o nome de precessão dos equinócios.

Este movimento, que seria impossível de explicar em poucas palavras, sem figuras e sem uma demonstração geométrica, consiste numa espécie de oscilação circular que se comparou ao do pião no final da sua prova, devido ao qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone onde o fulcro está no centro da Terra e as bases compreendem a superfície circular circunscrita pelos círculos polares; ou seja, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.[87]

7. – O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério para o outro, se encontra perpendicularmente sobre o equador, o que acontece duas vezes por ano, a 21 de março quando o Sol passa para o hemisfério norte, e 22 de setembro quando volta para o hemisfério sul.

A mudança gradual na obliquidade do eixo origina outra mudança na obliquidade do equador sobre a eclíptica, fazendo com que o instante do equinócio avance cada ano alguns minutos (25 min. 7 seg.). Este avanço é designado como *precessão dos equinócios* (do latim *precedere*, chegar antes, composto de *pre* – antes e *cedere* – andar).

Esses poucos minutos, ao longo de muito tempo, formam horas, dias, meses e anos, resultando daí que o equinócio da primavera, que chega atualmente em março, chegará numa certa altura em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro e então o mês de dezembro terá a temperatura do mês de março, e março a de junho e assim sucessivamente. Esses longuíssimos processos duram mais ou menos 25.868 anos, que se repetem indefinidamente.[88]

8. –Deste movimento cónico do eixo resulta que os polos da Terra não estão virados sempre para os mesmos pontos do céu; que a estrela Polar não indicará sempre o Norte; que os polos

---

segundo o livro dos vedas, que refere que Brama, transformado em peixe, se dirigiu ao piedoso monarca Vaivaswata e lhe disse: "Chegou o momento da dissolução do Universo; em breve estará destruído tudo o que existe na Terra. Tens que construir um navio em que embarcarás, depois de teres embarcado sementes de todos os vegetais. Esperar-me-ás nesse navio e eu virei ter contigo, trazendo na cabeça um chifre pelo qual me reconhecerás." O santo obedeceu; construiu um navio, embarcou nele e atou-o por um cabo muito forte ao chifre do peixe. O navio foi arrastado durante muitos anos com extrema rapidez, por entre as trevas de uma tremenda tempestade, chegando, por fim, ao cimo do monte Himawat (Himalaia). Brama ordenou em seguida a Vaivaswata que criasse todos os seres e com eles povoasse a Terra. (N.T.)

87 Um relógio de areia constituído por duas ampulhetas cónicas, rodando sobre si mesmo numa posição inclinada, ou ainda dois paus cruzados em X, rodando sobre o seu ponto de interseção, podem dar uma ideia aproximada da figura formada pelo movimento do eixo. (A.K.)

88 A precessão dos equinócios causa uma outra mudança, a que se produz na posição dos signos do zodíaco. À medida que a Terra avança, durante um ano, ao girar à volta do Sol, este encontra-se cada mês diante de uma nova constelação. Estas constelações são em número de doze, a saber: Carneiro, Touro, Gémeos, Caranguejo, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. São chamadas constelações zodiacais ou signos do zodíaco e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês de nascimento do indivíduo, diz-se que ele teria nascido sob tal signo, daí, os prognósticos da astrologia. Mas, pela sequência da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações que, por exemplo, há 2000 anos; o que nasce no mês de julho, já não é do signo de Leão, mas do Caranguejo. Assim cai a ideia supersticiosa ligada à influência dos signos. (Cap. V, n° 12) (A.K.)

gradualmente se inclinam mais ou menos para o Sol e recebem raios mais ou menos diretos. Devido a esse facto, acontece que a Islândia e a Lapónia, por exemplo, que estão localizadas no círculo polar, poderão, numa determinada altura, receber os raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália e que, na posição oposta extrema, a Espanha e a Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapónia e assim sucessivamente, para cada renovação do tal período de mais de 25 mil anos.

9. – A consequência desse movimento não pode ainda ser determinada com precisão, porque não se pode observar a totalidade desse processo. A este respeito só existem suposições, algumas das quais como probabilidades. Essas consequências são:

1° O aquecimento e o arrefecimento alternado dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante metade dos tais 25 mil anos, e a sua formação durante a outra metade do período. Assim, os polos não estariam sempre limitados à esterilidade, mas teriam também períodos férteis.

2° O deslocamento gradual do mar que invadiria pouco a pouco as terras, enquanto descobriria outras, para abandoná-las novamente e voltar ao seu antigo leito. Este movimento periódico, renovado indefinidamente, constituiria uma verdadeira maré universal com o intervalo de 25 mil anos.

A lentidão com que se realiza este movimento do mar torna-o quase impercetível para cada geração, se bem que seja observável ao fim de alguns séculos. Não pode causar nenhum cataclismo súbito, porque os homens se retirariam, de geração em geração, à medida que o mar avançasse, e avançariam para as terras de onde o mar se retirasse. É a esta causa mais que provável, que alguns cientistas atribuem o recuo do mar em certas costas e o seu avanço noutras.

10. – O deslocamento lento, gradual e periódico do mar é um facto observado em todo o mundo. O seu efeito é a conservação das forças produtivas da Terra. As imersões prolongadas são um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados durante muito tempo de trabalhos. Os imensos depósitos de matéria orgânica, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubos naturais periodicamente renovados, e as gerações sucedem-se sem se aperceberem destas mudanças. [89]

[89] Entre os factos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podemos citar os seguintes:

No golfo de Gasconha, entre o velho Soulac e a torre de Corduan, quando o mar está calmo, descobrem-se no fundo da água partes de uma muralha; são os restos da antiga e grande cidade de *Noviomagus,* invadida pelas vagas em 580. O rochedo de Corduan, que estava então ligado à margem, está agora a 12 quilómetros.

No mar da Mancha, na Costa do Havre, o mar ganha terreno dia a dia e mina as falésias de Sante-Adresse que se desmoronam pouco a pouco. A 2 km da costa, entre Sante-Adresse e o cabo de La Hève existe o banco do Esplendor, outrora a descoberto e ligado à terra firme. Documentos antigos demonstram que, neste local onde agora se navega, existia a vila de São Dinis chefe de Caux. O mar invadiu o terreno no século XIV e a igreja ficou debaixo das águas em 1378. Há quem diga que se podem ver os seus restos no fundo do mar nos dias de calmaria.

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido pela força dos diques, que de vez em quando se rompem. O antigo lago *Flevo*, que se uniu ao mar em 1225, forma hoje o golfo de *Zuyderzée*. Este avanço do oceano engoliu várias aldeias.

De acordo com esta evolução, o território de Paris e da França será um dia de novo ocupado pelo mar, como já o foi por diversas vezes, tal como o provam as observações geológicas. As regiões montanhosas formarão então ilhas como o são atualmente Jersey, Guernesey, a Inglaterra, em tempos idos ligadas ao continente.

Navegar-se-á sobre os campos que se percorrem atualmente em ferrovias; os navios terão um porto em Montmartre, no monte Valério, nas colinas de Saint Cloud e de Meudon; os bosques e as florestas, que hoje são lugares de passeio, serão soterrados pelas águas, recobertos de limos e povoados de peixes em vez de pássaros.

O dilúvio bíblico não pode ter tido esta causa, pois a invasão das águas foi repentina e a sua permanência de curta duração, enquanto, de outro modo, teria sido de vários milhares de anos e perduraria ainda, sem que os homens o tivessem notado. (Nota de A.K.)

11. – As grandes alterações da Terra tiveram lugar na época em que a crosta sólida, pela sua fraca espessura, só oferecia uma ténue resistência à efervescência das matérias incandescentes do interior; essas alterações foram diminuindo de intensidade e de frequência à medida que a crosta se consolidou. Numerosos vulcões estão atualmente extintos, outros estão recobertos por terrenos de formação posterior.

Ainda há erupções vulcânicas na atualidade e inundações súbitas em certas regiões; ainda poderão surgir ilhas no mar, desaparecendo outras, mas o tempo dos cataclismos dos grandes períodos geológicos, passou. A Terra adquiriu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, põe os seres humanos ao abrigo das perturbações gerais, salvo os fenómenos raros que não são previsíveis.

12. – Quanto aos cometas, conhecemos bem influência que exercem, mais salutar que nociva, pois parecem destinados a reabastecer os mundos, se assim se pode dizer, trazendo-lhes os princípios vitais que colheram durante as suas viagens através do espaço e nas vizinhanças dos Sois. Seriam, assim, fontes de prosperidade e não mensageiros do mal.

Em consequência da sua natureza fluídica, [90]atualmente bem comprovada (capítulo VI n° 28 e seguintes), não há que recear um choque violento de um cometa com o nosso planeta, porque no caso em que um deles se encontrasse com a Terra seria esta que passaria através do cometa, como através de uma neblina.

Menos temível ainda é a cauda, já que é apenas a reflexão da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, motivo pelo qual ela está sempre voltada para o lado oposto ao Sol e muda de direção conforme a posição deste astro. Esta matéria gasosa poderia também, por motivo da rapidez da sua marcha, formar uma espécie de cabeleira como o rasto deixado pelo navio, ou o fumo de uma locomotiva.

De resto, vários cometas já se aproximaram da Terra sem lhe causar qualquer prejuízo; e, devido à densidade respetiva, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior do que a do cometa sobre a Terra. Somente um resto de velhos preconceitos pode inspirar crendices sobre a sua presença.[91]

13. – É preciso igualmente afastar, entre as hipóteses quiméricas, a possibilidade da colisão da Terra com outro planeta; a regularidade e a invariabilidade das leis que presidem aos movimentos dos corpos celestes tornam impossível esse encontro.

Sem dúvida a Terra terá um fim. Como? É impossível prever; mas, como ainda está longe da perfeição que pode atingir, e da velhice que seria um sinal de declínio, os seus habitantes atuais estão seguros de que não será no seu tempo (Cap. VI, n° 48 e seguintes).[92]

14. – Fisicamente, a Terra passou pelas convulsões da sua infância; entrou, desde então, num período de estabilidade relativa: o do progresso pacífico, que se realiza pela repetição regular dos mesmos fenómenos físicos e pelo concurso inteligente do homem. Mas ela está *ainda em pleno trabalho de gestação do progresso moral*. Aqui residirá a causa das suas maiores perturbações. Até

[90] No tempo de Kardec a hipótese mais aceite sobre a constituição de um cometa era de que não fosse sólida. (N.T.)

[91] O cometa de 1861 cruzou a rota da Terra a vinte horas de distância, à frente dela, que deve ter estado mergulhada na sua atmosfera, sem que disso resultasse qualquer acidente. (Nota de A.K.)

[92] No tempo de A.K. ainda não se podia prever o Aquecimento Global e a Poluição como grandes perigos para o Planeta e sobretudo para a Humanidade. (Nota de A.K.)

que a Humanidade tenha crescido suficientemente em perfeição tanto pela inteligência como pela prática das leis divinas, as maiores perturbações serão causadas mais pelos homens do que pela natureza, quer dizer, serão mais morais e sociais que físicas.[93]

[93] Independentemente das referências científicas então disponíveis, muitas delas ultrapassadas, a ideia principal de A.K. neste capítulo apoia-se em novas descobertas e constatações: não se deve temer ou interpretar as profecias do fim do mundo como tendo características físicas, catastróficas, mas sim transformações morais da humanidade. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

Primeira formação dos seres vivos

1. – Houve um tempo em que os animais não existiam. Portanto, tiveram um começo. Cada espécie apareceu à medida que o globo adquiria as condições necessárias à sua existência, o que é natural.

Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, havendo um primeiro casal, os indivíduos se tenham multiplicado; mas este primeiro par, de onde surgiu? É um destes mistérios inerentes ao princípio das coisas e sobre os quais só se podem enunciar hipóteses. Se a ciência não pode ainda resolver completamente o problema, pode, pelo menos, procurar a solução.

2. – A primeira questão que se apresenta é esta: cada espécie animal saiu de um *primeiro casal* ou de vários casais criados, ou, se preferirem, *que brotaram* simultaneamente em diferentes lugares?

Esta última hipótese é a mais provável; pode mesmo dizer-se que resulta da observação. Com efeito, em cada género há uma grande diversidade de espécies, que se distinguem por características mais ou menos específicas.[94]Seria preciso, necessariamente, pelo menos um tipo por cada variedade, adequada ao meio em que devia viver, pois que cada uma se reproduz de forma idêntica a si mesma.

Por outro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo a de um recém-nascido, está sujeita a tantas vicissitudes, que uma criação inteira poderia estar comprometida sem a pluralidade dos tipos primitivos, o que implicaria uma falha de previsão inadmissível da parte do soberano criador. Aliás, se um tipo pode ter-se formado num ponto, não haveria razão para não ter podido formar-se em vários outros pontos, e pela mesma causa.

Por último, a observação das camadas geológicas confirma a presença, em terrenos com idêntica formação e em proporções enormes, das mesmas espécies em pontos do globo muito distantes entre si. Essa multiplicação tão generalizada, e de certo modo contemporânea, teria siso impossível com um único tipo primitivo.

Tudo concorre, pois, para provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. – A formação dos primeiros seres vivos pode-se deduzir, por analogia, da mesma lei pela qual se formaram, e se formam diariamente, os corpos inorgânicos. À medida que se aprofunda o estudo das leis da natureza, vêem-se os seus mecanismos, que à primeira vista pareciam tão complicados, simplificar-se e confundir-se na grande lei da unidade que preside a toda a obra da criação.

---

[94] Karl von Linné, em português Lineu, foi o responsável pela criação, em 1735, dos chamados **táxons**, que são grupos de seres vivos que apresentam determinada característica em comum. No sistema proposto por ele, existe um táxon mais abrangente (Reino) que vai se desmembrando em outros táxons de menor abrangência (Espécie).

A **espécie** é considerada o táxon básico da classificação, uma vez que nesse grupo estão organismos únicos e com características não encontradas em nenhum outro ser. Hoje a espécie pode ser definida como um grupo de organismos semelhantes que conseguem se reproduzir em condições naturais e produzir descendentes férteis. Hoje considera-se ainda a **variedade,** um escalão taxonómico inferior a espécie. Assim, uma espécie pode ter diversas variedades.

Acima da espécie, encontramos o **género**, **que é um grupo que possui espécies semelhantes**. Acima do género, temos a **família**, que agrupa um conjunto de géneros semelhantes, depois a **ordem**, que é um grupo de famílias com características próximas. Acima desse táxon está a **classe**, que pode ser definida como um grupo com ordens bastante similares. O **filo** aparece logo em seguida, agrupando classes semelhantes. Por fim, temos o **reino**, que é um conjunto de filos e o grupo mais abrangente de todos. (N.T.)

.

Compreende-se melhor quando se leva em conta a formação dos corpos inorgânicos como seu primeiro estágio.

4. – A química considera como elementares um certo número de substâncias tais como: o oxigénio, o hidrogénio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Quando se combinam formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, as bases, os sais e as inumeráveis variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro requer uma confluência de circunstâncias especiais: pode ser um determinado grau de calor, de secura ou de humidade, o movimento ou o repouso, uma corrente elétrica, etc. Se estas condições não existirem, a combinação não se produz.

5. – Quando há combinação, os corpos componentes perdem as suas propriedades características, enquanto o composto que daí resulta adquire novas, diferentes das primeiras. É assim, por exemplo, que o hidrogénio e o oxigénio, que são gases invisíveis, combinando-se quimicamente, formam a água que é líquida, sólida ou gasosa, conforme a temperatura. Na água já não existe, para sermos precisos, nem oxigénio nem hidrogénio, mas um novo corpo; se esta água for decomposta, os dois gases voltam a ser livres, recuperando as suas propriedades e já não existe água. Assim, a mesma quantidade de água pode ser alternadamente decomposta e recomposta infinitas vezes.

Na simples mistura não há produção de uma nova substância e os produtos misturados conservam as suas propriedades intrínsecas que estão simplesmente enfraquecidas, como acontece com o vinho misturado com água. É assim que uma mistura de 21 partes de oxigénio e de 79 partes de azoto forma o ar respirável, enquanto uma combinação química de 5 partes de oxigénio e 2 de azoto produz o ácido nítrico.

6. – A composição e a decomposição dos corpos produzem-se devido ao grau de afinidade que tenham entre si os princípios elementares. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca entre o oxigénio e o hidrogénio; mas, se colocarmos em contato com a água um corpo que tenha maior afinidade com o oxigénio do que com o hidrogénio, a água decompõe-se; o oxigénio é absorvido, libertando o hidrogénio, e já não há água.

7. – Os corpos compostos formam-se sempre em proporções definidas, quer dizer, pela combinação de uma quantidade determinada dos princípios constituintes. Assim, para formar a água são necessárias uma parte de oxigénio e duas de hidrogénio. Mesmo que se pusesse, nas mesmas condições, uma proporção maior de um ou outro dos dois gases, só a quantidade necessária seria absorvida e a restante ficaria livre. Se, noutras condições, houver duas partes de oxigénio combinadas com duas de hidrogénio, em vez de água comum obter-se-á o dióxido de hidrogénio, líquido corrosivo formado com os mesmos elementos que entram na composição da água, mas noutra proporção.

8. – É esta, em poucas palavras, a lei que regula a formação de todos os corpos da natureza. A enorme variedade destes corpos resulta de um reduzido número de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigénio combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbónico, sulfúrico, fosfórico; o oxigénio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigénio e o chumbo, ambos inofensivos, dão lugar aos óxidos de chumbo, tais como o litargo (litargírio), o branco de cerusa (alvaiade), o mínio (zarcão), que são venenosos. O oxigénio, com os metais chamados cálcio, sódio, potássio, forma a cal, a soda, a potassa. A cal combinada com o ácido carbónico forma os carbonatos de cálcio ou pedras calcárias, tais como o mármore, o cré, a pedra

de construção, as estalactites das grutas; combinada com o ácido sulfúrico forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; combinada com o ácido fosfórico forma o fosfato de cálcio, base sólida dos ossos; o hidrogénio e o cloro formam o ácido clorídrico e este combinado com o sódio forma o cloreto de sódio ou sal marinho.

9. – Todas estas combinações e milhares de outras obtêm-se artificialmente, em pequena escala, nos laboratórios de química; e produzem-se espontaneamente e em grande escala no imenso laboratório da natureza.

A Terra, no seu princípio, não continha estas matérias combinadas, mas apenas os seus princípios constituintes volatilizados. Logo que as terras calcárias e outras, com o tempo, se transformaram em rochas, foram depositadas na superfície, mas não estavam completamente formadas; contudo, no ar encontravam-se todas as substâncias primitivas, no estado gasoso; estas substâncias, precipitadas pelo efeito do arrefecimento, submetidas a circunstâncias favoráveis, combinaram-se segundo o grau da sua afinidade molecular; foi então que se formaram as diferentes variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio dissolvidos nas águas, depois depositadas na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao seu estado de incandescência primitiva; tudo se decomporia de novo; os elementos separar-se-iam; todas as substâncias fundíveis se fundiriam; as que são voláteis se volatilizariam. Depois, um segundo arrefecimento conduziria a uma nova precipitação e as antigas combinações formar-se-iam novamente.

10. – Estas considerações demonstram a importância da Química para a compreensão da Génese. Antes do conhecimento das leis da afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. Esta ciência lançou uma luz completamente nova sobre esta questão, assim como a Astronomia e a Geologia fizeram sob outros pontos de vista.

11. – Na formação dos corpos sólidos, um dos fenómenos mais notáveis é o da cristalização, que consiste na forma regular que certas substâncias adquirem ao passar do estado líquido ou gasoso para o estado sólido. Esta forma, que varia conforme a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo e a pirâmide. Todos conhecem os cristais de açúcar cândi, os cristais de rocha ou sílica cristalizada que são prismas com seis faces terminadas por uma pirâmide igualmente hexagonal; o diamante é carbono puro ou carvão cristalizado. As figuras que se produzem nos vidros, no inverno, são devidas à cristalização do vapor de água sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais tem a forma das moléculas de cada substância; estas partículas, infinitamente pequenas para nós, não deixam de ocupar um certo espaço; aproximadas umas das outras pela atração molecular, arranjam-se e justapõem-se conforme a exigência da sua forma, de maneira que cada uma tome o seu lugar à volta do núcleo ou primeiro centro de atração, para formar um conjunto simétrico.

A cristalização só acontece em certas circunstâncias favoráveis, fora das quais não pode produzir-se; o grau da temperatura e o repouso são condições essenciais. Compreende-se que demasiado calor, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permitiria condensarem-se e que a agitação, impedindo que se acomodem simetricamente, apenas permitiria formar uma massa confusa e irregular e, portanto, não cristalizada.

12. – A lei que regula a formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra-nos que todas as substâncias animais e vegetais são compostas pelos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, os que desempenham um papel

de destaque, são: o oxigénio, o hidrogénio, o azoto e o carbono; os outros só se encontram eventualmente. Como no reino mineral, a diferença de proporção na combinação destes elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e as suas diversas propriedades, tais como os músculos, os ossos, o sangue, a bílis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, entre os animais; a seiva, o tronco, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas não entra nenhum elemento especial que não se encontre igualmente no reino mineral. [95]

13. – Alguns exemplos comuns permitem compreender as transformações que se realizam no mundo orgânico, pela simples modificação dos elementos constituintes.

No sumo da uva não há ainda vinho, nem álcool, mas simplesmente água e açúcar. Quando este sumo está maduro e as condições são propícias, produz-se nele uma atividade interna à qual se dá o nome de fermentação. Durante essa atividade, uma parte do açúcar decompõe-se: o oxigénio, o hidrogénio e o carbono separam-se e combinam-se nas proporções adequadas para produzir o álcool, de tal modo que, bebendo o sumo de uva, não se bebe álcool algum, porque ele ainda não existe.

No pão e nos legumes que comemos, não há, com certeza, carne, nem sangue, nem osso, nem bílis, nem matéria cerebral e, conforme estes mesmos alimentos se vão decompondo e recompondo pelo trabalho da digestão, vão produzir essas diferentes substâncias pela simples transmutação dos seus elementos constituintes.

Na semente de uma árvore também não há tronco, folhas, flores ou frutos, e seria um erro pueril acreditar que a árvore inteira, em tamanho microscópico, se encontra na semente; nesta semente não há sequer, nem perto disso, a quantidade de oxigénio, de hidrogénio e de carbono necessárias para formar uma folha da árvore. A semente contém um germe que eclode quando se encontra em condições favoráveis; este germe desenvolve-se por ação dos líquidos que tira da terra e dos gases que aspira do ar; essas essências, que não são troncos, nem folhas, nem frutos, ao infiltrar-se na planta vão formar a seiva, assim como os alimentos, nos animais, vão formar o sangue. Esta seiva, levada pela circulação a todas as partes da planta, conforme os órgãos a que chega, sofre uma elaboração, transforma-se em troncos, folhas, frutos, como o sangue se transforma em cabelo, osso, bílis, etc. Contudo, são sempre os mesmos elementos; oxigénio, hidrogénio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14. – As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais, só podem realizar-se nos meios e nas circunstâncias propícias; fora destas

[95] (Nota de A.K.) O quadro seguinte corresponde à análise de algumas substâncias e mostra a diferença de propriedades que resulta apenas da diferença na proporção em que entram os elementos constituintes. Em 100 partes, temos:

	Carbono	Hidrogénio	Oxigénio	Azoto
Açúcar de cana	42.470	6.900	50.630	-
Açúcar de uva	36.710	6.780	56.510	-
Álcool	51.980	13.700	34.320	-
Azeite de oliveira	77.210	13.360	9.430	-
Óleo de nozes	79.774	10.570	9.122	0.534
Gordura	78.996	11.700	9.304	-
Fibrina	53.360	7.021	19.685	19.934

circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia. Mas, logo que as circunstâncias sejam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximam-se e separam-se em virtude da lei das afinidades, e, através de combinações múltiplas, compõem a infinita variedade das substâncias. Se estas condições desaparecem, o trabalho cessa bruscamente, para recomeçar quando elas surgirem de novo. É assim que a vegetação se fortalece, definha, estaciona e se desenvolve, sob a ação do calor, da luz, da humidade, do frio ou da seca. É assim que uma planta prospera num clima ou num terreno, e enfraquece ou morre noutro.

15. – O que se passa diariamente sob os nossos olhos pode nos orientar acerca do que aconteceu na origem dos tempos, porque as leis da natureza são sempre as mesmas.

Visto que os elementos constituintes dos seres orgânicos e dos seres inorgânicos são os mesmos, que os vemos constantemente, em determinadas circunstâncias, formarem as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições de viabilidade do globo se tornaram propícias para tal ou tal espécie.

A semelhança de forma e de cores, na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode ser comparada à semelhança da forma de cada espécie de cristal. As moléculas, justapondo-se sob o domínio da mesma lei, produzem um conjunto análogo.

O princípio Vital[96]

16. – Ao dizer que as plantas e os animais são formados pelos mesmos princípios que constituem os minerais, estamos a falar exclusivamente no sentido material, pois se trata aqui só do corpo.

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, existe na matéria orgânica um princípio especial inapreensível e que não pôde ainda ser definido: é *o princípio vital.* Este princípio, que é ativo no ser vivo, *está extinto* no ser morto, mas, nem por isso deixa de conferir à substância propriedades características que a distinguem das substâncias inorgânicas.

A Química que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, mas nunca conseguiu reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente que existe nos seres orgânicos algo que não existe nos inorgânicos.

17. – Será o princípio vital algo diferente, que tem uma existência própria? Ou, integrado no sistema de unidade do elemento gerador, é apenas um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico universal que se converte no princípio da vida, do mesmo modo que se converte em luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações que apresentámos anteriormente. (Cap. VI, *Astronomia geral*). [97]

---

96 *Princípio vital* foi uma expressão adotada por fisiologistas e psicólogos, no século XIX, para fazer referência à causa da vida, independentemente da alma, sem citar qualquer hipótese ou teoria que a explique. Ou seja, o princípio vital não explica a causa da vida orgânica, mas diferencia-a da alma imaterial. A. K., nesta obra, faz uso desse conceito para se referir ao fenómeno da vida (princípio vital) como distinto da alma (princípio inteligente.) (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019, adaptada)

97 Em A GÉNESE, seguindo a orientação dos Espíritos, Allan Kardec abandonou a teoria do **fluido vital** e adotou a expressão genérica "**princípio vital"**, para se referir ao fenómeno da vida orgânica.

Allan Kardec tratou do **fluido vital** e do **princípio vital** em O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Princípio vital é uma expressão genérica, referindo-se ao fenómeno da vida orgânica, distinguindo-a dos corpos inorgânicos, sem fazer referência a nenhuma teoria. **Fluido vital** foi uma teoria criada no século 19, para tentar explicar o fenómeno da vida por meio de uma substância especial, átomos invisíveis, sem peso, como um combustível material para sustentar os movimentos dos corpos vivos. Na época, outros fluidos foram imaginados pela teoria dos fluidos especiais, como fluido luminoso e fluido calórico.

Mas, qualquer que seja a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, ele existe, já que se veem os seus efeitos. Pode-se, pois, admitir logicamente que, ao formarem-se, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital que era necessário para o seu destino; ou, se se quiser, que este princípio se desenvolveu em cada indivíduo pelo próprio efeito da combinação de elementos, tal como se desenvolvem, em certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade.

18. O oxigénio, o hidrogénio, o azoto e o carbono, combinando-se sem o princípio vital só formam um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular deste corpo, dá-lhe propriedades especiais e, em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é mantida, durante a vida, pela ação do funcionamento dos órgãos, como o calor pelo movimento de rotação de uma roda; como esta ação cessa com a morte, o princípio vital *extingue-se*, assim como o calor quando a roda deixa de girar. Contudo, o *efeito* produzido pelo princípio vital sobre o estado molecular do corpo subsiste após a extinção desse princípio, como a carbonização da madeira persiste depois da extinção do calor e a cessação do movimento da roda.

Na análise dos corpos orgânicos, a química reencontra os elementos que os constituem: oxigénio, hidrogénio, azoto e carbono, mas não pode reconstituir aqueles corpos, porque, já não existindo a causa, é impossível reconstituir *o efeito*, enquanto pode reconstituir uma pedra.

19. – Tomamos como elemento de comparação o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda, porque é um efeito vulgar, conhecido de toda a gente e mais fácil de compreender; contudo, teria sido mais exato dizer que, na combinação dos elementos para formar os corpos orgânicos, desenvolve-se a *eletricidade*.

Os corpos orgânicos seriam, assim, verdadeiras *pilhas elétricas* que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas estejam nas condições necessárias para produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar quando essas condições desaparecem: é a morte.

Posto isto, o princípio vital seria apenas uma espécie de eletricidade, designada *eletricidade animal,* [98] desenvolvida durante a vida pela ação dos órgãos e cuja produção cessa por ocasião da morte pela cessação desta ação.

Em oposição a essa teoria de fluidos especiais com existência própria, Franz Anton Mesmer criou a teoria do Fluido Cósmico Universal, considerando que todos os fenómenos seriam estados de vibração desse único elemento gerador, não havendo, portanto, existência própria de cada um deles. Ou seja, calor, eletricidade, magnetismo, luz, e o princípio da vida, como forças de movimento, seriam estados de vibração, modificações do elemento gerador, e não algo distinto. Ou seja, Mesmer jamais foi fluidista, pelo contrário, negou essa hipótese e explicou a ação do magnetismo pela comunicação de movimentos vibratórios do FCU, semelhante ao som, mas em níveis acima da velocidade da luz.

Pois bem, na sua obra de conclusão das questões científicas, A GÉNESE, **Allan Kardec apresenta a conclusão dos espíritos sobre esse assunto**. Por isso, **abandonou o termo fluido vital, que não foi citado uma vez sequer neste livro, e adotou em definitivo a expressão princípio vital.** E justifica essa solução justamente neste item com título: princípio vital, no qual fica explicado que o princípio vital não tem existência própria (o que seria um fluido vital), mas entra no sistema de unidade do elemento gerador (Fluido Cósmico Universal), sendo uma de suas modificações**. E o texto conclui afirmando que essa posição é a dos Espíritos**. Ou seja, sendo essa obra de 1868, trata-se da última palavra sobre este assunto na Doutrina Espírita. (Paulo Henrique de Figueiredo, Revolução Espírita).

98 A.K. não está a descrever uma hipótese originária do ensino dos Espíritos mas da ciência humana, de acordo com os conhecimentos da época. Recordar as experiências com pernas de rã, de Luigi Galvani. (N.T.)

20. – Pergunta-se, naturalmente, porque não se formam mais seres vivos nas mesmas condições que se formaram os primeiros que apareceram na Terra.

A questão da geração espontânea, que atualmente preocupa a ciência, se bem que ainda não haja um acordo quanto à sua resolução, não deixa de lançar luz sobre este assunto. O problema proposto é o seguinte: formam-se hoje, espontaneamente, seres orgânicos pela simples união dos elementos que os constituem, sem germes produzidos previamente pelo modo habitual de geração? Ou, dito de outro modo: formam-se seres sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea [100] respondem afirmativamente e apoiam-se em observações diretas que parecem conclusivas. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros, e apoiam-se sobre este facto, constatado pela experiência, que os germes de certas espécies vegetais e animais, que estão dispersos, podem conservar uma vitalidade latente durante um tempo considerável, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Esta opinião deixa sempre em aberto a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. – Sem discutir essas duas teorias, convém notar que o princípio da geração espontânea só pode aplicar-se, evidentemente, a seres das ordens mais inferiores do reino vegetal e do reino animal, naqueles em que a vida começa a despontar e cujo organismo, extremamente simples, é, de certa forma, rudimentar. Foram esses os primeiros que apareceram na Terra e cuja geração deve ter sido espontânea. Nesse caso, assistiríamos a uma criação permanente, análoga à que teve lugar nas primeiras idades do mundo.

22. – Mas, então, porque não se formam da mesma maneira os seres de organização complexa? É um facto que esses seres não existiram desde sempre, por conseguinte, tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem produzir-se espontaneamente, porque não acontece o mesmo com as árvores, os peixes, os cães ou os cavalos?

Aqui detêm-se, por agora, as investigações; o fio condutor perde-se, e até que ele seja encontrado, o campo está aberto às hipóteses; seria, pois, imprudente e prematuro apresentar estas teorias como verdades absolutas.

23. – Se a geração espontânea é um facto demonstrado, por limitado que seja, não deixa de constituir um facto fundamental, um marco capaz de indicar o caminho para novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se reproduzem desta maneira, como terão começado? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Quando se vê o carvalho sair da bolota, quem poderá dizer se um laço misterioso não existe entre o pólipo e o elefante?

---

99 Kardec, nesta obra, analisou as mais importantes questões que preocupavam o pensamento científico da sua época, que tinham relação com o tema de A Génese, e a geração espontânea estava entre elas. (N.T.)

100 Estes partidários baseavam-se na aparição de larvas de inseto nas carnes putrefeitas e que, para eles, representaria a dita geração espontânea que foi negada por Pasteur, quando encerrou um pedaço da mesma carne numa redoma de tela fina que os insetos não podiam atravessar para depositar os seus ovos (1860). Mas a mudança de paradigma levou uma geração de cientistas para se afirmar.

Kardec, nesta obra, analisou as mais importantes questões que preocupavam o pensamento científico da sua época, que tinham relação com o tema da Génese, e a geração espontânea estava entre elas.

O que se tem, atualmente, como provável geração espontânea é: a ideia de que os primeiros agentes estruturadores externos teriam atuado sobre as cadeias carbónicas dissolvidas nas águas primitivas, transformando-as em plâncton, os elementos fundamentais para a origem dos zoófitos. Daí em diante, ocorre o ciclo evolutivo da transformação das espécies. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy, modificada)

No estado atual dos nossos conhecimentos, só podemos apresentar a teoria da geração espontânea como hipótese provável e que, talvez um dia, poderá tornar-se numa verdade científica reconhecida.

Deixemos ao tempo o cuidado de levar luz ao fundo desse abismo, se um dia puder ser sondado. Esses conhecimentos são interessantes, sem dúvida, do ponto de vista da ciência pura, mas não são os que influenciam os destinos do homem. [101]

Escala dos seres orgânicos

24. – Entre o reino vegetal e o reino animal não há delimitação nítida. Nos limites dos dois reinos estão os *zoófitos ou animais-plantas* cujo nome indica que participam de um e do outro: é o traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, crescem, alimentam-se, respiram, vivem, reproduzem-se e morrem. Como os animais, precisam de luz para viver, de calor e de água; se forem privadas de algum destes elementos, definham e morrem. O ar viciado ou as substâncias nocivas, envenenam-as. A sua característica distintiva mais marcante é a de estarem fixas no solo e daí retirarem a sua alimentação sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência exterior da planta; como planta, está fixo no solo; como animal, a vida nele é mais acentuada; tira a sua alimentação do meio ambiente.

Um nível acima, o animal está livre e vai procurar o seu alimento; a princípio, temos as inumeráveis variedades de pólipos, com corpos gelatinosos, sem órgãos bem distintos e que só diferem das plantas pela locomoção; depois, seguem-se, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, uns são nus como as lesmas, os polvos ou as lulas, outros são revestidos de conchas como os caracóis e as ostras; os crustáceos em que a crosta é revestida de uma casca dura como os caranguejos e as lagostas; os insetos, cuja vida é de atividade prodigiosa e manifesta o instinto laborioso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem metamorfoses, como a lagarta que se transforma em elegante borboleta. Vem, a seguir, a ordem dos vertebrados, animais com estrutura óssea que compreende os peixes, os répteis, as aves, por fim os mamíferos, cujo organismo é o mais completo.

O ser humano

25. – Do ponto de vista corporal e puramente anatómico, o ser humano pertence à classe dos mamíferos, dos quais só difere por algumas características na forma exterior. Quanto ao resto, possui a mesma composição química que todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção e de reprodução. Nasce, vive e morre nas mesmas condições, e, quando morre, o seu corpo decompõe-se como o de todos os seres que vivem. Não tem no sangue, na carne, nos ossos, um átomo a mais nem a menos do que nos corpos dos animais. Tal como estes, ao morrer, devolve à terra o oxigénio, o hidrogénio, o azoto e o carbono que se tinham combinado para o formar, e estes elementos vão, em novas combinações, formar novos corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande que, quando as experiências não podem ser feitas no próprio indivíduo, estudam-se as suas funções orgânicas em certos animais.

[101] Revista Espírita, Julho de 1868, pág. 201 – Desenvolvimento da teoria da geração espontânea. (A.K.)

26. – Na classe dos mamíferos,[102] o ser humano pertence à ordem dos *bímanos*. Imediatamente abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais com quatro mãos) ou macacos, dos quais, alguns como o orangotango e o chipanzé têm certas semelhanças com ele, a tal ponto que foram designados, por muito tempo, como *homens dos bosques.* Como as pessoas, caminham eretos, servem-se de bastões, e levam os alimentos à boca com a mão, sinais característicos.

27. – O estudo da evolução orgânica dos seres vivos mostra-nos que, desde o líquen até às árvores e, desde o zoófito até ao ser humano, existe uma cadeia progressiva sem intervalos, e em que todos os elos têm pontos de contato com os precedentes.

Seguindo essa continuidade, observa-se que cada espécie é uma modificação da espécie anterior. Visto que as condições do corpo do ser humano são, química e constitucionalmente idênticas às dos outros corpos e que nasce, vive e morre da mesma maneira, também se deve ter formado nas mesmas condições que os outros.

28. – Embora possa custar ao seu orgulho, o ser humano deve habituar-se a ver no *seu corpo material* o último elo de animalidade *na Terra*. Esse é o argumento dos factos.[103]

Entretanto, quanto mais o corpo diminui de valor a seus olhos, mais o princípio espiritual ganha importância. Se o primeiro o coloca ao nível dos animais, o segundo eleva-o a uma altura incomensurável. Vemos o limite onde se detém o animal: não vemos o limite que o Espírito do ser humano pode atingir.

29. – O materialismo pode ver por aí que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da ciência e o seu positivismo, vai ao seu encontro e provoca-as, porque tem a certeza de que o princípio espiritual, que tem a sua existência própria, não pode sofrer por isso.

---

[102] Nos últimos anos, a classificação dos mamíferos sofreu grandes mudanças, e esta já não é usada. (N.T.)

[103] O raciocínio apresentado por A.K. ao longo dos itens 27 e 28 constitui um dos aspetos mais relevantes da teoria da evolução das espécies de Darwin e Wallace. Essa teoria, publicada por Darwin, em 1859, foi comentada por A.K. **na Revista Espírita de Julho 1868, no artigo intitulado "A geração espontânea e a Génese",** onde podemos ler:

Os partidários desta teoria que, repetimos, tende a prevalecer, e à qual nos ligamos sem reserva, estão longe de ser todos espiritualistas, e ainda menos espíritas. ***Não considerando senão a matéria, fazem abstração do princípio espiritual ou inteligente****. Essa questão, pois, nada prejulga sobre a filiação desse princípio da animalidade na Humanidade; é uma tese que não vamos tratar hoje, mas que já se debate em certas escolas filosóficas não materialistas.* ***Não se trata, portanto, senão do invólucro carnal, distinto do Espírito, como a casa o é do seu habitante****. Então o corpo do homem pode ser perfeitamente uma modificação do corpo do macaco, sem que se conclua que o seu espírito seja o mesmo que o do macaco.*

Complementando as palavras de A. K., hoje sabemos que a evolução da história humana é uma longa sucessão de factos desde a época em que se reconhece que ocorreu a divergência evolutiva, que levou a espécie humana para um lado e os macacos para outro. De facto, **o homem não é descendente do macaco, são só descendentes de um mesmo antepassado comum**. (N.T.)

Princípio espiritual[104]

1. – A existência do princípio espiritual não necessita de mais demonstração do que a existência do princípio material. É uma verdade axiomática; afirma-se, como a matéria, pelos seus efeitos.

De acordo com a máxima: "se todo o efeito tem uma causa, todo o efeito inteligente deve ter uma causa inteligente", todos sabem a diferença entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento, e o movimento dirigido intencionalmente para dar um sinal.

Como a matéria do sino não pensa, conclui-se que é movido por uma inteligência à qual serve de instrumento para se manifestar.

2. – O princípio espiritual é o corolário da existência de Deus. Sem esse princípio Deus não teria razão de existir, porque não se poderia conceber a soberana inteligência, reinando durante a eternidade, apenas sobre a matéria bruta; assim como não se poderia conceber um monarca terrestre reinando durante toda a sua vida unicamente sobre as pedras. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da divindade: a justiça e a bondade; estas qualidades seriam inúteis se Ele só pudesse exercê-las sobre a matéria.

3. – Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, criando seres inteligentes e sensíveis para os lançar no nada após alguns dias de sofrimento sem compensações, nutrindo-se da contemplação desta sucessão infinda de seres que nascem sem o ter pedido, pensam um instante apenas para conhecer a dor e se extinguem para sempre após uma existência efémera.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem motivo. É por isso que o materialismo e o ateísmo são equivalentes; negando a causa, não podem admitir o efeito; negando o efeito não podem admitir a causa. O materialismo é, pois, consequente consigo mesmo, embora o não seja com a razão.

4. A ideia da perpetuidade do ser espiritual é inata e intuitiva nos seres humanos, porque só ela pode justificar as dificuldades da vida. É por isso que sempre houve e haverá mais espiritualistas que materialistas, e mais crentes do que ateus.

À ideia intuitiva e ao poder do raciocínio, o Espiritismo vem acrescentar a prova material da existência do ser espiritual, da sua imortalidade, e concretizar o que esta ideia tinha de vago e de abstrato. Mostra-nos o ser inteligente agindo fora da matéria, quer após, quer durante a vida do corpo.

5. – O princípio espiritual e o princípio vital são uma e a mesma coisa?

Partindo da observação dos factos, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria alguma razão para os confundir. Contudo, como há seres que vivem e não pensam, como as plantas; que há corpos humanos ainda animados de vida orgânica quando já não existe manifestação do pensamento; movimentos vitais independentes de qualquer ato da vontade; que

[104] O materialismo nega a existência de um princípio espiritual, creditando todos os fenómenos ao princípio material.

A Ciência Psicológica, adotada oficialmente na França durante o século XIX, considerava o ser humano como "alma encarnada": um princípio espiritual dotado de faculdades como razão, vontade, senso moral, tendo o corpo como seu instrumento, por uma união necessária. Este facto facilitava a compreensão e aceitação do espiritismo. Para este, a criação compõe-se de dois princípios: o espiritual e o material. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

durante o sono a vida orgânica permanece, enquanto a vida intelectual não se manifesta, há lugar para admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria – independente da vida espiritual que é inerente ao Espírito.

Assim, se a matéria tem uma vida independente do Espírito, e o Espírito tem uma vida independente da matéria, fica evidente que esta dupla vitalidade repousa sobre dois princípios diferentes.

6. – O princípio espiritual terá origem no elemento cósmico universal? Ou será apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz ou o calor, quando produzidos pela eletricidade?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação como o princípio vital. O ser inteligente só teria uma existência momentânea como o corpo e, na morte, voltaria ao nada, ao todo universal. Seria, numa palavra, a confirmação das doutrinas materialistas.

As propriedades do princípio espiritual provam que ele tem existência própria, independente. Se a sua origem fosse material, não teria tais propriedades. Como a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se, recuando dos efeitos às causas, à seguinte conclusão: o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constituintes do Universo.

O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos,* como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

7 – Admitindo a existência não material do ser espiritual, qual seria a sua origem, o seu ponto de partida? Aqui, faltam-nos meios de investigação, como sucede com tudo o que se relaciona com o princípio das coisas.

O ser humano só pode tirar conclusões a respeito do que existe; sobre tudo o resto, só pode emitir hipóteses. Quer seja porque esse conhecimento ultrapassa a sua inteligência, ou porque neste momento pode ser inconveniente, Deus não lho concede nem mesmo por revelação.

O que Deus permite que os seus mensageiros lhe digam, e o que, além disso, o homem pode deduzir por si mesmo a partir do princípio da soberana justiça, que é um dos atributos essenciais da Divindade, é:

– Que todos os seres espirituais têm um mesmo ponto de partida;

– Que todos são criados simples e ignorantes com uma igual aptidão para progredir pela sua atividade individual;

– Que todos alcançarão o grau de perfeição compatível com os esforços pessoais da criatura;

– Que todos, porque são filhos do mesmo pai, são o objeto de uma igual solicitude;

– Que nenhum deles será mais favorecido ou melhor dotado que os outros, nem dispensado do trabalho imposto a todos para atingir o objetivo.

8. – Deus criou mundos materiais e seres espirituais desde sempre: se assim não fosse, os mundos materiais não teriam nenhum sentido. Conceber-se-iam mais facilmente os seres espirituais sem os mundos materiais do que estes últimos sem os primeiros. Os mundos materiais foram concebidos para fornecerem aos seres humanos o ambiente e os meios práticos para desenvolverem a sua inteligência.

9. – O progresso é a condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o objetivo que devem atingir. Tendo Deus criado eternamente e sem cessar, desde há uma imensidão de tempo existiram seres que tinham atingido o ponto culminante da escala evolutiva.[105]

Antes da criação da Terra, mundos e mundos se sucederam. Quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço era povoado por seres espirituais em todos os graus de evolução, desde os que nasciam para a vida, até aos Espíritos puros, vulgarmente chamados "anjos".

União do princípio espiritual e da matéria

10. – Sendo a vida material o meio do trabalho dos Espíritos para o desenvolvimento das suas faculdades, [106]foi essa a razão pela qual tiveram que habitar no mundo material. Como o mundo material se tornou o ambiente do seu trabalho, Deus criou, para seu uso, organismos corporais flexíveis, capazes de receberem todos os impulsos da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

O corpo é, ao mesmo tempo, o veículo existencial e o instrumento de trabalho do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, adquire novas propriedades adaptadas ao trabalho que deve realizar.

11. Para ser mais exato, é o próprio Espírito que modela o seu corpo e o adequa às suas novas necessidades. Aperfeiçoa-o, desenvolve-o e completa-o à medida que tem a necessidade de desenvolver novas faculdades, de acordo com a sua inteligência mais desenvolvida.

Deus fornece-lhe os materiais, para que faça uso deles; é assim que os povos avançados têm um organismo mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Assim se explica a marca especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às formas do corpo.

---

[105] Tanto nas 1ªs como na 5ª edição encontramos no original francês o seguinte: 9. — Le progrès est la condition normale des êtres spirituels, et la perfection relative le but qu'ils doivent atteindre; or, Dieu en ayant créé de toute éternité, et en créant sans cesse, de toute éternité aussi il y en a eu qui ont atteint le point culminant de l'échelle. Avant que la terre fût, des mondes avaient succédé aux mondes, et lorsque la terre sortit du chaos des éléments, l'espace était peuplé d'êtres spirituels à tous les degrés d'avancement, depuis ceux qui naissaient à la vie, jusqu'à ceux qui, **de toute éternité,** avaient pris rang parmi les purs Esprits, vulgairement appelés les anges.

Aparentemente temos o próprio Kardec afirmando claramente que os anjos existem desde toda a eternidade, o que não está de acordo com os ensinamentos espíritas, antes pelo contrário, **é uma afirmação roustainguista** que contraria tudo o que Kardec nos ensinou.

Porque sabemos que o conceito de eternidade é de difícil apreensão para nós, simples mortais, e tendo em conta o que é dito no capítulo VI desta obra, o espaço e o tempo, item 2 (Comunicação do espírito Galileu), que citamos, em parte: "Deste modo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderemos escrever um número tão longo como o equador terrestre, e supor que envelhecemos esse número de séculos sem que, na realidade, a nossa alma conte um dia mais; e, somando a este número indefinível de séculos uma série de números semelhantes ou mais consideráveis ainda, tão longa como daqui ao Sol, e imaginando-nos viver durante a sucessão prodigiosa de períodos seculares representados pela adição desses números, quando chegássemos ao fim, o amontoado incompreensível de séculos que pesaria sobre as nossas cabeças seria como se não existisse: **perante nós, restaria sempre a eternidade completa.** O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de ser medida, do ponto de vista da duração; para ela não há começo nem fim, tudo é presente."

Tendo em conta tudo isto, tentando evitar confusões, traduzimos como está.

[106] O Espiritualismo racional, aceite oficialmente pela Universidade na época de A.K., tinha por base a psicologia das faculdades da alma (razão, vontade, livre arbítrio, imaginação, senso moral).

A doutrina espírita afirma que essas faculdades ainda não existiam na alma na sua primeira encarnação humana, sendo conquistadas progressivamente pelo Espírito, pelo seu esforço, no decorrer de centenas de milhares de vidas. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

12. – Sempre que um Espírito surge para a vida espiritual, deve, para evoluir, fazer uso das suas faculdades, inicialmente rudimentares. É por isso que passa a habitar num corpo apropriado para o seu estado de infância intelectual, que depois vai evoluindo, necessitando, em novas vidas doutra espécie de corpo. Ora, como em todos os tempos houve mundos onde nasceram corpos próprios para os receber, em todos os tempos os Espíritos encontraram, qualquer que fosse o seu grau de adiantamento, os elementos necessários à sua vida carnal.

13. – O corpo, portanto, não passa de um organismo material que suporta as vicissitudes da matéria. Após ter funcionado algum tempo, desorganiza-se e decompõe-se; o princípio vital, não encontrando já o elemento para a sua atividade, extingue-se e o corpo morre. O Espírito, para quem o corpo privado de vida é daí em diante inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas ou uma roupa já completamente gasta.

14. – O corpo é apenas uma veste destinada a receber o Espírito. Pouco importa a sua origem e os materiais de que seja construído. Quer o corpo do homem seja uma criação especial ou não, é formado pelos mesmos elementos que o dos animais, animado com o mesmo princípio vital, ou seja, aquecido pelo mesmo fogo, assim como é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades: é um ponto sobre o qual não há contestação.

Ao considerar apenas a matéria, fazendo abstração do Espírito, a pessoa nada tem que a distinga do animal; mas tudo muda de aspeto se se fizer uma distinção entre a habitação e o habitante.

Um grande senhor, numa barraca ou vestido com a roupa de um camponês, não deixa de ser um grande senhor. Acontece o mesmo com o ser humano; não é o seu corpo carnal que o ergue acima do estúpido e o faz um ser à parte, é o seu ser espiritual, o seu Espírito.

Hipótese sobre a origem do corpo humano

15. – Da semelhança de formas exteriores que existe entre o corpo do homem e o do macaco, certos fisiologistas concluíram que o primeiro era uma transformação do segundo. Nada disso é impossível e, se assim fosse, a dignidade do homem em nada seria afetada. Os corpos dos macacos podiam muito bem ter servido de veículo aos primeiros Espíritos humanos, necessariamente pouco avançados, que vieram encarnar na Terra, sendo os mais apropriados às suas necessidades e ao exercício das suas faculdades do que os corpos de qualquer outro animal. Em vez de uma veste especial que tenha sido feita para o Espírito, teria encontrado um corpo já pronto. Pode, pois, ter-se vestido com a pele do macaco, sem deixar de ser um Espírito humano, como o homem se veste por vezes da pele de certos animais sem deixar de ser homem.

Que fique bem entendido que se trata aqui, apenas, de uma hipótese que de modo algum se enuncia como princípio, mas dada somente para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o corpo do macaco não implica semelhança entre o seu Espírito e o dele. [107]

16 – Admitindo-se esta hipótese, pode dizer-se que, sob a influência e pelo efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o corpo se modificou, embelezando-se nos pormenores, mas conservando a forma geral do conjunto. Os corpos melhorados, ao procriar, reproduziram-se nas mesmas condições, como acontece com as árvores enxertadas; deram nascimento a uma espécie nova que, pouco a pouco se distanciou do tipo primitivo à medida que o Espírito progrediu. O Espírito do macaco, que não desapareceu, continuou a procriar em corpos disponíveis de

[107] Ver nota 95, capítulo X, nº 28.

semelhantes seus, como o fruto da planta enxertada reproduz árvores dessa espécie. O Espírito humano procriou corpos de semelhantes seus, variantes do primeiro par com que se estabelecera. O tronco bifurcou-se; produziu um rebento e este rebento tornou –se um novo tronco.

Como não existem transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros seres humanos que apareceram na Terra tivessem pouca diferença dos macacos na forma exterior e na inteligência também. Há ainda, nos nossos dias, selvagens que pelo comprimento dos braços e dos pés e a configuração da cabeça, têm totalmente as linhas do macaco, e só lhes falta serem peludos para completar a semelhança.

Encarnação dos Espíritos

17. – O Espiritismo ensina-nos como se faz a união do Espírito e do corpo na encarnação.

O Espírito, pela sua essência espiritual, é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria.

Precisa de um intermediário, que é um corpo energético, semimaterial, que pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza puríssima. Como toda a matéria, é extraído do fluido cósmico universal com as devidas adaptações. Este corpo energético é o *perispírito*, e faz do Espírito – que é um ser abstrato – um ser concreto, definido, percetível pelo pensamento; torna-o apto para agir sobre a matéria tangível, como todas as energias imponderáveis que são, como se sabe, os mais possantes motores.

O perispírito é, portanto, o traço de união entre o Espírito e a matéria.

Na sua união com o corpo, é o veículo do pensamento para transmitir o movimento às diferentes partes do organismo que agem sob o impulso da sua vontade. Ao Espírito, transmite as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Tem por condutor o sistema nervoso, tal como a energia elétrica tem por condutor o fio metálico.

18. – Quando um Espírito deseja encarnar num corpo humano em vias de formação, depois de ter sido realizada pelos seus pais a necessária conceção, uma extensão energética do seu perispírito liga-se ao embrião para o qual se sente atraído por uma força irresistível.

À medida que o embrião se desenvolve, a ligação reforça-se; *sob a influência do princípio vital do embrião*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, vai-se unindo *molécula a molécula* ao corpo que se forma. Daí poder dizer-se que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, *ganha raiz* neste embrião, como uma planta na terra. Quando o embrião está completamente desenvolvido, a união está completa e o novo ser nasce para a vida exterior.

Na situação contrária, ao fim da vida, a união do perispírito e da matéria carnal, que se realizara à nascença pelo princípio vital do embrião, cessa quando este princípio deixa de atuar em consequência da desorganização do corpo, o que provoca a morte.

A união, que é mantida durante a vida por uma força atuante, cessa quando esta força se extingue. Então, o perispírito desprende-se *molécula a molécula,*[108] e o Espírito é devolvido à liberdade. *Portanto, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito*. [109]

---

[108] No tempo de Kardec não era ainda amplamente divulgado o facto de o corpo físico ser constituído por células, como unidades fundamentais da vida pluricelular. A.K. desenvolveu o seu raciocínio quanto à ligação e separação entre o perispírito e o corpo, de acordo com as limitações da Ciência no seu tempo. (N.T.)

[109] Segundo pesquisas feitas no final do século XX, a vida celular orgânica persiste após a morte, por algum tempo, e vai se deteriorando gradativamente, com maior ou menor velocidade, dependendo de cada caso. Por esse motivo, aceita-se a existência tácita deste campo perispiritual de que fala Kardec e que abandona o corpo no ato da morte; ele já foi detetado por espectrógrafos; os russos denominam-no de psicossoma, embora não seja um corpo, mas um campo de energia parapsíquica. (Nota de C. Brito Imbassahy)

19. – O Espiritismo ensina-nos, pelos factos cuja observação nos facilita, os fenómenos que acompanham esta separação. Algumas vezes é rápida, fácil, doce e insensível; outras vezes é muito lenta, laboriosa e muito penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. – Um fenómeno igualmente verificado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Desde que é ligado energeticamente ao embrião, apodera-se dele uma perturbação que cresce à medida que a ligação se concretiza e, nos últimos momentos, o Espírito perde toda a consciência de si mesmo, de tal modo que nunca é testemunha consciente do seu nascimento.

No momento em que a criança começa a respirar, o Espírito começa a recuperar as suas faculdades que se desenvolvem à medida que se formam e se consolidam os órgãos que servem para a sua manifestação.

Nisto se manifesta a sabedoria que preside a toda a obra da criação. Faculdades demasiadamente ativas destruiriam os órgãos ainda muito delicados. É por isso que a sua energia é proporcional à força da resistência desses órgãos.

21. – Contudo, ao mesmo tempo que o Espírito recupera a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente.

Estas aptidões estavam transitoriamente postas em estado latente e, ao voltar à sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes.

Renasce tal como tinha ficado após o seu trabalho anterior; esse renascimento constitui para si um novo ponto de partida, um novo degrau a subir.

Também aqui se manifesta a bondade do Criador, porque a lembrança de um passado frequentemente penoso ou humilhante, somado à angústia da sua nova existência, poderia perturbá-lo e criar-lhe impedimentos.

Só se lembra daquilo que aprendeu porque lhe será útil. Se por vezes conserva uma vaga intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugidio.

Trata-se, por conseguinte, de um homem novo, qualquer que seja a idade do seu Espírito. Adota novos hábitos, com a ajuda das conquistas anteriores.

Muito mais tarde, quando regressar à vida espiritual, o seu passado desenrolar-se-á perante si, e poderá avaliar se empregou bem ou mal o seu tempo.

22. – Não há, pois, quebra de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado; o Espírito é sempre *o mesmo,* antes, durante e depois da encarnação, pois esta é somente uma fase especial da sua existência.

O esquecimento só acontece, mesmo, durante a vida exterior de relação.

Durante o sono, parcialmente desprendido dos laços carnais, o Espírito, rendido à liberdade e à vida espiritual lembra-se do seu passado; a sua visão espiritual não está tão obscurecida pela matéria.

23. – Considerando a humanidade no seu grau mais baixo da escala intelectual, entre os seres humanos mais primitivos, perguntamo-nos se é esse o ponto de partida da alma humana.

Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, diferente do princípio material, individualiza-se, elabora-se, passando pelos diversos graus da animalidade.

É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve as suas primeiras faculdades pelo exercício; é o seu tempo de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento próprio, recebe as faculdades que constituem a alma humana.

Há assim filiação espiritual do animal ao ser humano, como há filiação corpórea na origem dos seres.

Este sistema, fundado sobre a grande lei de unidade que preside à Criação, corresponde à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, um destino evolutivo aos animais, que não são seres deserdados e encontram, no futuro que lhe está reservado, uma compensação para os seus esforços.

O que constitui o indivíduo espiritual não é a sua origem, mas os atributos especiais de que é dotado à sua entrada na humanidade, atributos que o transformam e o fazem um ser diferente, como o fruto saboroso é diferente da raiz amarga de onde saiu.

Por ter passado pela fileira da animalidade, o homem não será menos homem nem mais animal, assim como o fruto não é a raiz e que o sábio não é o disforme feto através do qual entrou neste mundo.

Este processo apresenta várias questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, do mesmo modo que não se justifica examinar as diferentes hipóteses que têm sido colocadas.

Sem procurar a origem da alma e o caminho percorrido, consideramo-la *a partir da sua entrada na Humanidade*, no ponto em que, dotada de senso moral e de livre arbítrio, começa a ficar sujeita à responsabilidade dos seus atos.[110]

24. – A obrigação que o Espírito encarnado tem de procurar alimento para o corpo, segurança e bem-estar, leva-o a aplicar as suas faculdades nestas tarefas, de as exercer e de as desenvolver. A união com a matéria é, portanto, útil ao seu avanço e, por isso, a encarnação é uma necessidade.

Alem disso, pelo trabalho inteligente que realiza sobre a matéria, em seu benefício, ajuda à transformação e ao progresso material do globo em que habita; é assim que, à medida que progride, colabora com a obra do Criador do qual é agente inconsciente.

25. – A encarnação do Espírito, contudo, não é nem constante nem perpétua; é apenas transitória. Deixando um corpo, não retoma outro imediatamente. Durante um lapso de tempo mais ou menos considerável vive a vida espiritual, que é a sua vida normal, de tal modo que a soma do tempo que duram as diferentes encarnações é pouca coisa, comparado com o que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo das suas encarnações, o Espírito também progride, no sentido em que aproveita os conhecimentos e a experiência adquiridos durante a vida corporal para o seu adiantamento – falamos do Espírito que alcançou o estado de alma humana, tendo liberdade de ação e consciência dos seus atos. Examina o que fez durante a sua estadia na Terra, passa em revista o que aprendeu, reconhece as suas faltas, elabora os seus planos e toma as resoluções que lhe servirão de guia numa nova existência, em que vai tentar fazer melhor. É assim que cada existência é um passo em frente no caminho do progresso, uma espécie de curso prático.

A encarnação não é uma punição para o Espírito, mas um meio de adquirir conhecimentos e realizar progressos.[111]

---

[110] Segundo o espiritismo, os espíritos, nas suas primeiras encarnações humanas, são simples e ignorantes, ou seja, sem moral e sem inteligência. O livre-arbítrio desenvolve-se pouco a pouco, como consequência do desenvolvimento da inteligência. Só então se inicia e cresce proporcionalmente a responsabilidade pelos seus atos. Isso não acontece de imediato nas primeiras encarnações: "Não é nem depois da primeira ou segunda encarnação que a alma tem uma consciência clara de si mesma para ser responsável pelos seus atos; é talvez depois da centésima ou milésima. Ocorre o mesmo com a criança que não goza da plenitude das suas faculdades nem um nem dois dias depois do seu nascimento, mas anos depois. E ainda, na medida em que a alma goza do seu livre-arbítrio, a sua responsabilidade cresce na razão do desenvolvimento da sua inteligência". (A.K., *Revista Espírita* de 1864).

[111] Kardec afasta, por esta definição, os dogmas das religiões ancestrais (quer sejam cristãs quer também o hinduísmo e o budismo), que consideram todas as encarnações como um castigo causado pelo erro original (a queda) de uma alma originalmente justa, sábia e virtuosa.

Para o Espiritismo, a reencarnação é um processo natural e progressivo, desde o momento em que o Espírito é simples e ignorante até que adquire, progressivamente e pelo seu esforço, as suas faculdades: inteligência, livre arbítrio, senso

À medida que progride moralmente, o Espírito desmaterializa-se, quer dizer, reduz em si a influência da matéria. A sua vida espiritualiza-se, as suas faculdades e as suas perceções aumentam; a sua felicidade é proporcional ao progresso realizado. Porém, como age de acordo com o seu livre arbítrio pode, por negligência ou falta de vontade, atrasar-se. Prolonga, por consequência, a duração das suas encarnações materiais, permanecendo mais tempo nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar as mesmas tarefas. Depende, pois, do Espírito, por meio do trabalho de aperfeiçoamento sobre si próprio, abreviar a duração do período das encarnações.

26. – O progresso material de um planeta corresponde ao progresso moral de seus habitantes.

Como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante, e como estes progridem mais ou menos rapidamente, conforme o emprego que façam do seu livre arbítrio, resulta daí que há mundos mais ou menos antigos, com diferentes graus de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos é mais ou menos árduo.

Deste ponto de vista, a Terra é dos mundos menos adiantados. Povoada por Espíritos relativamente inferiores, a sua vida corpórea é mais penosa do que noutros. Contudo, ainda os há mais atrasados, onde ainda é mais penoso viver que na Terra, e para os quais esta seria um mundo relativamente feliz.

27. – Os Espíritos que alcançaram num mundo a totalidade do progresso que esse mundo permite, vão encarnar noutro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos e assim sucessivamente, até que, deixando de ter utilidade para ele a encarnação num corpo material, passem a viver exclusivamente a vida espiritual, continuando o seu progresso, noutro sentido e por outros meios.

Quando alcançam o ponto culminante do progresso, vivem na suprema felicidade.[112] São admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, conhecem o seu pensamento e tornam-se seus mensageiros, seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo sob as suas ordens Espíritos de diferentes graus evolutivos.

Deste modo, seja qual for o grau da hierarquia em que se encontrem, desde o mais baixo até ao mais elevado, todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, têm as suas atribuições no grande mecanismo do Universo.

Todos os Espíritos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo que são úteis a si mesmos; aos menos adiantados, como simples operários, incumbe uma tarefa material, inicialmente mais simples, depois cada vez mais inteligente. No mundo espiritual existe atividade em toda a parte, em nenhum lugar existe ociosidade inútil.[113]

A coletividade dos Espíritos constitui, de certo modo, a alma do Universo. O elemento espiritual atua em tudo e por todo o lado, sob o impulso do pensamento divino. Sem este elemento, só existe

---

moral e virtudes, depois de centenas de vidas nas quais elabora a consciência de si mesmo. O mal é um abuso das paixões e dos instintos, a partir de um desvio da finalidade da inteligência, criando maus hábitos, que são as imperfeições. Essa condição, trilhada por alguns, pedirá consciencialização e descondicionamento, denominados arrependimento, expiação e reparação nas palavras de A.K.

O sofrimento moral é, então, inerente a essa condição de imperfeição. O primeiro dura enquanto durar a segunda, e cessará quando aquela for superada. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

[112] Assim como o sofrimento moral é inerente à imperfeição (ver o céu e o inferno), a felicidade é uma conquista que se amplia na medida do progresso realizado. Deus não castiga nem premeia, mas age por meio de leis naturais morais que regem as sensações dos Espíritos, como também o fazem quanto ao elemento material. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

[113] Pela definição da importância proporcional de todos os seres na estrutura do Universo, justifica-se por leis naturais a igualdade que fundamenta a moral autónoma, consagrando como universais os princípios do apoio mútuo, reciprocidade, cooperação e solidariedade. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

a matéria inerte, sem finalidade, sem inteligência, sem outro motor além das forças materiais que deixam uma grande quantidade de problemas por resolver. Com a ação do elemento espiritual *individualizado,* tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Por esta razão, sem a espiritualidade, o ser humano tropeça em dificuldades insuperáveis.

28. – Quando a Terra se encontrou nas condições climáticas apropriadas para a existência da espécie humana, encarnaram nela Espíritos. Se admitirmos que encontraram corpos materiais já formados e que só tiveram que os adaptar ao seu uso, compreende-se melhor ainda que tenham podido nascer simultaneamente em vários pontos do globo. (Ver § 15 e 16 deste capítulo)

29. – Embora os que chegaram primeiro fossem pouco adiantados, até por terem encarnado em corpos muito imperfeitos, é provável que houvesse entre eles diferenças sensíveis de carácter e de aptidões, conforme o grau do seu desenvolvimento moral e intelectual. Os Espíritos que se assemelhavam agruparam-se, naturalmente, por analogia e simpatia.

A Terra encontrou-se assim povoada de diferentes categorias de Espíritos, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Visto que os corpos recebiam a impressão do caráter do Espírito e procriaram conforme o seu tipo respetivo, daí resultaram grupos [114] diferentes tanto no aspeto físico como no moral. Ao continuar a encarnar de preferência entre os seus semelhantes, os Espíritos perpetuaram o caráter distintivo físico e moral dos povos, carácter que só desaparece com o tempo, através da fusão e do progresso dos Espíritos. (Ver Revista Espírita, julho 1860, página 198: Frenologia e Fisionomia).

30. –Os Espíritos que vieram povoar a Terra podem comparar-se aos grupos de emigrantes de origens diversas que se vão estabelecer num território virgem. Encontram aí a madeira e a pedra para fazer as suas casas e cada qual dá à sua um cunho especial, conforme o grau do seu saber e da sua inteligência. Agrupam-se, então, por analogia de origens e de gostos. Acabam por formar tribos, a seguir povos tendo cada qual os seus costumes e características próprias.

31. – O progresso não foi uniforme em toda a espécie humana; os grupos mais inteligentes adiantaram-se aos outros, e os Espíritos recentemente chegados à vida espiritual vieram também encarnar na Terra, acentuando a variedade de níveis evolutivos. Seria impossível atribuir a mesma antiguidade aos aborígenes [115] que mal se distinguiam dos macacos, que a dos chineses e dos europeus civilizados.

Contudo, esses Espíritos de povos primitivos também fazem parte da Humanidade; alcançarão um dia o nível dos seus antepassados, com corpos adequados para um certo desenvolvimento intelectual e moral. [116]Quando o instrumento deixar de ser adequado ao seu desenvolvimento,

---

[114] Allan Kardec utiliza o termo "raça" (race) como era entendido no seu tempo e adotado por cientistas eminentes. Esse entendimento era hegemónico no mundo científico, contextualizando assim as descrições ultrapassadas, aqui desenvolvidas, pertencentes à ciência da época e não ao Espiritismo. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

[115] A palavra "sauvages", usada por Kardec, empregava-se nos meados do século XIX para designar o que hoje poderíamos chamar "aborígenes". Atualmente a palavra "selvagem" tem uma conotação negativa e, como sabemos que essa não era a sua intenção, foi substituída, sempre que conveniente, por "aborígenes", "ditos primitivos", expressão usada pelos antropólogos, à falta de melhor, para evitar qualquer sentido pejorativo. (N.T.)

[116] Quando A.K. escreveu esta obra, a hierarquização evolutiva das então consideradas "raças" humanas, não era vista como racismo, mas adotadas por cientistas eminentes como Cuvier, Charles Darwin, Buchner ou Carl Vogt, que afirmou: "Logo que os jovens negros atingem o período da puberdade, assiste-se a um fenómeno idêntico ao que ocorre nos macacos. Daí em diante as faculdades intelectuais permanecem estacionárias e o indivíduo, tal como toda a raça, torna-se incapaz de qualquer progresso." (*Leçons sur l´homme*, pag. 235).

migrarão deste meio para encarnar num grau superior, e assim sucessivamente até que tenham atingido todos os graus terrenos. A seguir, deixarão a Terra para passar a mundos cada vez mais avançados. (Revista Espírita, abril 1862 página 97: Perfetibilidade da raça negra).

Reencarnações

32. – O princípio da reencarnação é necessário à lei do progresso. Sem a reencarnação seria impossível, tendo partido da barbárie, ter chegado ao nível do estado social. Se as almas foram criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje seriam tão primitivas como as que viveram há mil anos. Além disso, não haveria entre elas qualquer relação necessária; seriam completamente alheias umas às outras.

Porque serão as almas da atualidade melhor dotadas por Deus que as precedentes? Porque compreendem melhor? Porque possuem inclinações mais apuradas? Porque têm a intuição de certas coisas sem as ter aprendido? É impossível a resposta, a menos que Deus tivesse criado almas conforme os tempos e os lugares, fora dos princípios de uma soberana justiça.

Se reconhecermos, que as almas atuais já foram bárbaras, mas que progrediram; que a cada nova existência trazem as aquisições das existências anteriores; que as almas dos tempos civilizados se aperfeiçoaram por si mesmas com o tempo, teremos a única explicação plausível da causa do progresso social. (O Livro dos Espíritos, capítulo IV e V). [117]

Esse entendimento era hegemónico no meio científico, contextualizando assim as descrições ultrapassadas aqui desenvolvidas, pertencentes à Ciência da época e não ao Espiritismo. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

[117] Algumas pessoas pensam que as diferentes existências da alma se efetuam de mundo em mundo, e não no mesmo mundo onde cada Espírito só viveria uma única vez. Esta doutrina seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente ao mesmo nível intelectual e moral; eles não poderiam então progredir senão indo para outro mundo e a sua reencarnação na Terra não teria utilidade; ora, Deus não faz nada de inútil. Uma vez que aí se encontram todos os graus de inteligência e de moralidade, desde a dos "ditos primitivos" que beiram o animal, até à civilização mais avançada, ela oferece um vasto campo de progresso; perguntar-se-ia porque o homem primitivo seria obrigado ir procurar noutro lugar o grau acima dele quando se encontra a seu lado, e assim sucessivamente? Por que motivo o homem adiantado só teria podido fazer as suas primeiras etapas em mundos inferiores, quando à sua volta há outros seres análogos a esses mundos e sempre que há diferentes graus de progresso não somente de povo a povo, mas também no mesmo povo e na mesma família? Se fosse assim, Deus teria feito algo de inútil, colocando lado a lado a ignorância e o conhecimento, a barbárie e a civilização, o bem e o mal. Contudo, é precisamente este contacto que faz avançar os retardatários.

Não há necessidade que os homens mudem de mundo a cada etapa, como não o há para que um estudante mude de escola ao passar de um ano para outro; longe de ser uma vantagem para o progresso, seria um entrave, porque o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a vida terrena nos graus superiores, e a possibilidade de reparar os seus erros no mesmo meio e na presença daqueles a quem ofendeu, possibilidade que é para ele o mais poderoso meio de adiantamento moral. Se, após uma curta coabitação, os Espíritos se dispersassem e se tornassem estranhos uns aos outros, os laços de família e de amizade, não tendo tempo de se consolidar, seriam rompidos.

Que os Espíritos deixem, por um mundo mais avançado, aquele onde não possam adquirir mais nada, deve acontecer e acontece; é esse o princípio. Se o deixam antes, é sem dúvida por causas individuais que Deus pesa na sua sabedoria.

Tudo tem um objetivo na criação. Se assim não fosse, Deus não seria prudente nem sábio; ora, se a Terra não devesse ser senão uma só etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade teria ela para as crianças que morrem de tenra idade, de aí vir passar alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante as quais nada podem adquirir? Da mesma forma, para os doentes mentais. Uma teoria só é boa quando resolve todas as questões que a ela se ligam. A questão dos mortos prematuros tem sido um obstáculo para todas as doutrinas, exceto para a doutrina espírita que é a única que a resolveu de forma racional. Para os que vivem na Terra uma vida normal, há uma vantagem real para o seu progresso no facto de se reencontrarem no mesmo meio, para aí continuar o que deixaram inacabado, na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que eventualmente tenham feito ou para sofrer a pena de talião (A.K.).

33. – No intervalo das suas existências corpóreas, os Espíritos formam a população espiritual ambiente do globo. Através das mortes e nascimentos, estas duas populações misturam-se incessantemente. Assim, realizam-se diariamente saídas do mundo corpóreo para o mundo espiritual e entradas do mundo espiritual para o mundo corpóreo: é o estado normal.

34. – Em certas épocas, reguladas pela sabedoria divina, estas saídas e entradas realizam-se em massas mais ou menos consideráveis devido a grandes revoluções que fazem partir, ao mesmo tempo, grande número de almas, que são logo substituídas por números equivalentes de encarnações.

Por conseguinte, é preciso considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e de partidas coletivas, formas providenciais de renovar a população do globo, de revigorá-la pela introdução de novos elementos espirituais mais purificados. Se nestas catástrofes há destruição de um grande número de corpos, são unicamente *corpos destruídos,* mas nenhum Espírito perece: só muda de meio; em lugar de partirem isoladamente, partem em quantidade, é a única diferença; porque, por uma causa ou por outra, têm fatalmente de partir, mais cedo ou mais tarde.

As renovações rápidas e quase instantâneas que se produzem no elemento espiritual da população, em consequência dos flagelos destruidores, aceleram o progresso social; sem as saídas e as entradas que de tempos a tempos vêm dar-lhe um violento impulso, esse progresso realizar-se-ia com extrema lentidão.

É de notar que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual ou moral e, por consequência, no estado social das nações onde se verificam. É porque tiveram por objetivo produzir uma transformação na população espiritual que é a população normal e ativa do globo.

35. – Esta transfusão, que se efetua entre a população encarnada e a desencarnada de um mesmo globo, efetua-se também entre os mundos, quer seja individualmente, nas condições normais, quer em grande número em circunstâncias especiais. Há, pois, saídas e entradas coletivas de um mundo para outro. Resulta daí a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos; novos tipos de Espíritos, que vêm misturar-se aos existentes, constituem novos tipos de população humana. Ora, como os Espíritos nunca perdem o que adquiriram, levam consigo a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; imprimem, por conseguinte, as suas características ao grupo humano em que venham encarnar. Para isso, só têm necessidade de que sejam criados novos corpos especialmente para seu uso; visto que este tipo de corpo existe, eles encontram-nos prontos para os receber. São, pois, simplesmente novos habitantes; chegando à Terra, fazem, a princípio, parte da sua população espiritual, depois encarnam como os outros.

Grupo Adâmico [118]

118

Como já referimos em "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec utiliza o termo "raça" como era entendido no seu tempo. Contudo, a genética veio provar que as "raças" tradicionais não existem e que pode haver maior diferença genética entre dois indivíduos de pele branca do que entre um branco e um negro, por exemplo. Citando os cientistas Sérgio Pena e Telma Birchal:

"No passado existia a crença de que as "raças" humanas, entre si, possuíam diferenças biológicas substanciais e bem demarcadas. Isso contribuiu para justificar a discriminação, a exploração e enormes atrocidades. Recentemente, porém,

36. – De acordo com o ensinamento dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou uma dessas *colónias de Espíritos* vinda de outra esfera que deu origem ao grupo simbolizado pela pessoa de Adão e, por esta razão, denominado *grupo adâmico*. Quando chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, *como a América quando lá chegaram os europeus.*

O grupo adâmico, mais adiantado dos que já estavam na Terra era, de facto, mais inteligente.

Foram os seus que impulsionaram os outros para o progresso. *O Génesis* mostra-os industriosos desde o seu começo, aptos às artes e às ciências, sem terem passado pela infância intelectual, o que não acontecia com os grupos primitivos, mas que confirma que o grupo se compunha de Espíritos que já tinham alcançado certo progresso. Tudo prova que não eram antigos na Terra, e nada se opõe a que só existissem aqui há alguns milhares de anos, o que não estava em contradição nem com os factos geológicos, nem com as investigações antropológicas, e tendia, pelo contrário, a confirmá-lo.

37. – A teoria de que o género humano proveio, na sua totalidade, de um só individuo desde há seis mil anos, não é admissível no estado atual dos conhecimentos. As principais considerações que a rejeitam, apoiadas em causas de ordem física e de ordem moral, resumem-se nos seguintes pontos:

38. – Do ponto de vista fisiológico, certos grupos apresentam particularidades características que não permitem atribuir-lhes uma origem comum. Há diferenças que, evidentemente, não se devem ao efeito do clima, visto que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros, e reciprocamente.

O calor do Sol queima e escurece a epiderme, mas, nunca converteu um branco num negro, não lhe achatou o nariz, não mudou os traços fisionómicos, nem transformou os cabelos longos e sedosos em crespos e lanosos.

Sabe-se atualmente que a cor dos negros provém de um tecido subcutâneo especial, característico da espécie.

Devemos, pois, considerar que os negros, os mongólicos e caucasianos tiveram as suas origens próprias e surgiram simultânea ou sucessivamente em diferentes partes do globo. O seu cruzamento produziu os grupos mistos secundários. As características fisiológicas dos grupos primitivos são um indicativo evidente de que eles provêm de tipos especiais. As mesmas considerações aplicam-se, por conseguinte, tanto para o homem como para os animais, quanto à pluralidade dos troncos.[119]

---

os avanços da genética molecular e o sequenciamento do genoma humano permitiram um exame detalhado da correlação entre a variação genómica humana, a ancestralidade biogeográfica e a aparência física das pessoas, e mostraram que os rótulos previamente usados para distinguir "raças" não têm significado biológico. Pode parecer fácil distinguir fenotipicamente um europeu de um africano ou de um asiático, mas tal facilidade desaparece, completamente, quando procuramos provas dessas diferenças "raciais" no genoma das pessoas. Apesar disso, o conceito de "raça" persiste, na construção social e cultural, como forma de privilegiar culturas, línguas, crenças, e diferenciar grupos com interesses económicos diferentes.

… Embora a ciência não seja o campo de origem dos mandamentos morais, ela tem um papel importante na instrução da esfera social, pois, ao mostrar "o que não é", liberta, ou seja, tem o poder de afastar erros e preconceitos. … O facto científico da inexistência de "raças" deve ser absorvido pela sociedade e incorporado nas suas convicções e atitudes morais, no sentido de reforçar a oposição às afirmações de diferentes formas de hierarquia entre povos ou grupos humanos."

Por tudo isto, entendemos dever substituir a palavra "raça" por outras, mais de acordo com o atual conhecimento científico, como "povo", "grupo", "grupo étnico", "grupo humano", conforme as situações.

Allan Kardec afirmou que o espiritismo devia avançar "passo a passo com a ciência". (N.T.)

119 Neste parágrafo, A.K. transcreve a teoria "poligenista" do aparecimento das raças, vigente na Biologia do século XIX. O alemão Karl Vogt (1817-1895), por exemplo, justificava, observando a existência de três estirpes diferentes de macacos (chimpanzee, gorilla e orangotango), que, segundo ele, teriam gerado três raças humanas diferentes. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

39. – Adão e os seus descendentes foram representados no *Génesis* como pessoas essencialmente inteligentes, já que, desde a segunda geração, construíam cidades, cultivavam a terra, trabalhavam os metais. Os seus progressos nas artes e nas ciências foram rápidos e duradouros. Não se conceberia que este tronco tenha tido como ramos numerosos povos de uma inteligência tão rudimentar que ainda nos nossos dias roçam a animalidade e que tenham perdido todos os traços e até as lembranças tradicionais do que faziam os seus pais.

Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral constitui uma prova evidente, de que existe uma diferença de origem.

40. – Independentemente dos dados geológicos, a prova da existência do homem na Terra antes da época fixada pelo *Génesis* tira-se da observação da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que recua, diz-se, a trinta mil anos, documentos de autenticidade comprovada mostram que o Egito, a Índia e outros países já eram povoados e florescentes pelo menos três mil anos antes da era cristã, portanto, mil anos após a criação do primeiro homem, segundo a cronologia bíblica.

Documentos e observações recentes não parecem deixar nenhuma dúvida sobre as relações que existiram entre a América e os antigos Egípcios; de onde se conclui que esta região já era povoada nessa época.

Seria necessário admitir que em mil anos a posteridade de um só homem fosse capaz de povoar a maior parte da Terra. Ora, uma tal fecundidade seria contrária a todas as leis antropológicas.

O próprio *Génesis* nunca atribuiu aos primeiros descendentes de Adão uma fecundidade anormal, já que dá a enumeração nominal dos seus descendentes até Noé.

41. – Diz-nos o Génesis que o dilúvio destruiu todo o género humano, à exceção de Noé e sua pouco numerosa família, no ano 1656 do mundo, ou seja, 2348 anos antes de Cristo, o que é comprovada e absolutamente impossível.

Se assim fosse, o povoamento do globo dataria apenas do tempo de Noé, numa época em que a História designa Menés como rei do Egito. Quando os hebreus se estabeleceram neste país, 642 anos depois do dilúvio, o Egito já era um poderoso império que teria sido povoado, sem falar das outras regiões, em menos de seis séculos, apenas pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

Notemos que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros; seria espantoso que eles tivessem perdido a lembrança de uma comunidade de origem tão próxima, enquanto conservavam religiosamente os monumentos da sua História.

Uma rigorosa lógica, corroborada pelos factos, demonstra, pois, da maneira mais categórica, que o homem está na Terra desde um tempo indeterminado, bem anterior à época assinalada pelo *Génesis.*

Acontece o mesmo quanto à diversidade dos troncos primitivos, porque, demonstrar a falsidade de uma proposição, equivale a demonstrar a proposição contrária. Visto que a Geologia descobriu marcas verdadeiras da presença do homem antes do dilúvio, a demonstração está feita de forma absoluta.

Doutrina dos anjos decaídos e o paraíso perdido[120]

[120] Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina *dos anjos decaídos*, apresentámo-la apenas como uma hipótese, tendo somente a autoridade de uma opinião pessoal controversa, já que, então, faltavam-nos elementos suficientemente completos para uma afirmação absoluta. Demo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame, bem determinado, para a abandonar ou modificar, se fosse necessário. Atualmente, esta teoria sofreu a prova do controle universal; não somente foi acolhida pela grande maioria dos Espíritos como a mais racional e mais de acordo com a soberana justiça de Deus; foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos sobre este assunto, acontecendo o mesmo em relação à origem do grupo adâmico. (A.K.)

42. – A palavra *anjo,* como tantas outras, tem vários significados. Usa-se indiferentemente no bom ou no mau sentido, uma vez que se diz: os bons e os maus anjos, o anjo de luz e o anjo das trevas, donde se conclui que significa simplesmente *Espírito*.

Os anjos não são seres fora da Humanidade criados perfeitos, mas Espíritos que alcançaram a perfeição, como todas as criaturas, pelos seus esforços e pelo seu mérito. [121]

Se os anjos fossem seres criados perfeitos, dado que a rebelião contra Deus é um sinal de inferioridade, os que se revoltaram não poderiam ser anjos. A rebelião contra Deus é inconcebível em seres que Ele criou perfeitos, ao passo que é possível da parte de seres ainda atrasados.

A palavra *anjo*, pela sua etimologia, (do grego *aggelos),* significa *enviado, mensageiro*; ora, não é racional supor que Deus tenha escolhido os seus mensageiros entre seres suficientemente imperfeitos para se revoltarem contra Ele.

43. – Até que os Espíritos tenham atingido um certo grau de perfeição, estão sujeitos a cometer faltas, tanto no estado de liberdade, como quando estão encarnados. Cometer faltas é infringir a lei de Deus. Se bem que esta lei esteja inscrita no coração de todos os homens e que eles não tenham necessidade da revelação para conhecer os seus deveres, o Espírito só a compreende gradualmente à medida que a sua inteligência se desenvolve.

Quem infringe esta lei por ignorância e falta de experiência, que só se adquire com o tempo, apenas assume uma responsabilidade relativa.

Aqueles cuja inteligência está desenvolvida e que têm todos os meios de se esclarecerem, se desrespeitam a lei voluntariamente e praticam o mal com conhecimento de causa, incorrem numa revolta, numa rebelião contra o autor da lei.

44. – Os mundos progridem fisicamente pela elaboração da matéria, e moralmente pela purificação dos Espíritos que os habitam.

A felicidade está na razão direta da predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é o resultado do avanço moral dos Espíritos. O progresso intelectual não é suficiente já que, usando só a inteligência, pode fazer-se muito mal.

Quando um mundo chega a um dos períodos de transformação que lhe permite subir na hierarquia, dão-se mutações na sua população encarnada e desencarnada e é então que têm lugar as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

Aqueles Espíritos que, apesar da sua inteligência e do seu saber, insistem no mal, na sua revolta contra Deus e as suas leis, seriam, daí em diante, um entrave para o progresso moral, uma causa permanente de perturbação para o repouso e a felicidade dos bons, sendo por isso enviados para mundos menos adiantados.

Lá aplicarão a inteligência e a intuição para o progresso daqueles entre os quais são chamados a viver; ao mesmo tempo expiarão, numa série de existências penosas e num duro trabalho, as suas faltas passadas e o seu endurecimento *voluntário.*

Tais Espíritos, entre novas populações ainda na infância da barbárie, poderão ser chamados "anjos" ou "Espíritos caídos", enviados em expiação.

---

[121] As religiões antigas como o judaísmo, o cristianismo, o induísmo, o budismo, partem do princípio de que Deus teria criado os seres numa condição de perfeição, e que, por terem errado ou se terem revoltado, teriam sofrido uma queda na encarnação humana. Ou seja, caracterizam a degeneração da alma e a vida humana como castigo. Todas adotam, portanto, a moral heterónoma (leis externas, castigos e recompensas, submissão).

O Espiritismo, pelo contrário, fundamenta-se na moral *autónoma*, justificada pela evolução do Espírito, desde simples e ignorante, conquistando as suas faculdades (inteligência, livre arbítrio, senso moral) pelo próprio esforço e adesão voluntária e racional ao princípio moral, pela compreensão do que é bom e universal. No lugar de fé cega e obediência passiva, requer reciprocidade, cooperação e solidariedade. Desse modo, a felicidade não é uma recompensa divina, mas meritória e progressiva, proporcional ao progresso moral. (adaptado de Paulo Henrique de Figueiredo)

A terra de onde foram expulsos será, na sua memória inconsciente, um "paraíso perdido", um "jardim de delícias" em comparação com o meio ingrato onde vão ficar relegados durante séculos, até ao dia em mereçam libertar-se.

A vaga lembrança intuitiva que conservam daquela terra é como uma miragem distante que lhes lembra aquilo que perderam, por sua própria culpa.

45. – Mas, ao mesmo tempo que os maus se afastam do mundo que habitavam, são substituídos por Espíritos melhores, provenientes quer da população espiritual desse mesmo mundo, ou de um mundo menos avançado, que tiveram o mérito de deixar, e para os quais a sua nova morada é uma recompensa.

Assim, a população espiritual renovada e purgada dos seus piores elementos, ao fim de algum tempo contribuirá para que o estado moral do mundo melhore.

Algumas vezes estas mutações são parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma nação; outras vezes são gerais, quando o período de renovação para o globo tiver chegado.

46. – O grupo adâmico apresenta todos as características de um grupo proscrito; os Espíritos que o constituem foram exilados na Terra, já povoada, mas por homens primitivos, mergulhados na ignorância, e que eles tiveram por missão fazer progredir, trazendo-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não foi este, com efeito, o papel que esse povo desempenhou até hoje? A sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde saíram estava mais avançado que a Terra.

Esse mundo, contudo, devia entrar numa nova fase de progresso e estes Espíritos, devido à sua obstinação, não tendo sabido portar-se à altura, seriam um entrave à evolução providencial que estava destinada. Por isso foram excluídos da vida nesse planeta, tendo sido substituídos por outros mais merecedores.

Exilando este povo para esta terra de trabalho e de sofrimentos, Deus teve razão em lhes dizer: "Semearás os alimentos com o suor do teu rosto".

Na sua bondade, prometeu que lhe enviaria um *Salvador*, isto é, alguém que deveria iluminar-lhes o caminho a seguir para sair deste lugar de misérias, deste *inferno,* e alcançar a felicidade dos eleitos.

Esse Salvador foi-lhes enviado na pessoa de Jesus, que ensinou a lei de amor e de caridade que esse povo ignorava, e que seria uma verdadeira âncora para a sua salvação.

Jesus não só lhes ensinou a lei, mas deu o exemplo da prática desta lei, pela sua bondade, a sua humildade, a sua paciência em sofrer sem queixumes os tratos mais ignominiosos e as maiores dores. Para que uma tal missão fosse cumprida sem desvios, era preciso um Espírito acima das fraquezas humanas.

Além disso, e igualmente para fazer avançar a Humanidade num certo sentido, Espíritos Superiores, embora sem terem as qualidades de Jesus, encarnam de tempos a tempos na Terra para aí desempenharem missões especiais, que também são proveitosas para o seu aperfeiçoamento pessoal se as executarem de acordo com os desígnios do Criador.

47. – Sem a reencarnação, a missão de Jesus seria um contrassenso, tal como a promessa feita por Deus. Suponhamos que a alma de cada ser humano fosse criada na ocasião do nascimento do seu corpo e que não fizera mais do que aparecer e desaparecer na Terra; nesse caso, não haveria nenhuma relação entre as que vieram desde Adão até Jesus, nem entre as que vieram depois; são todas estranhas umas às outras. A promessa feita por Deus de enviar um Salvador não poderia aplicar-se aos descendentes de Adão uma vez que as suas almas ainda não tinham sido criadas.

Para que a missão de Jesus tivesse correspondência nas palavras de Deus, era preciso que elas se aplicassem às mesmas almas. Se estas almas são novas não podem estar manchadas com as faltas

do primeiro pai que seria apenas um pai carnal e não um pai espiritual; de outro modo, Deus teria criado *almas* maculadas por uma falta que não teriam cometido.

A ideia do pecado original implica a necessidade de uma relação entre as almas do tempo de Jesus e as do tempo de Adão e, por consequência, da reencarnação.

Se todas essas almas faziam parte da colónia de Espíritos exilados na Terra no tempo de Adão, que estavam maculadas pela falta porque tinham sido excluídas de um mundo melhor, tereis a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio de cada indivíduo, e não o resultado da responsabilidade da falta de outro que nunca conhecera.

Que tais almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra para a vida corpórea, para progredir e purificar-se; que Jesus veio esclarecer essas mesmas almas não apenas acerca das suas vidas passadas, mas também em relação às vidas futuras; somente então dareis à sua missão um papel real e sério, aceitável pela razão.

48. – Um exemplo familiar, chocante pela sua analogia, fará compreender melhor ainda os princípios que acabámos de expor:

Em 24 de maio de 1861, a fragata Ifigénia, levou à Nova Caledónia uma companhia disciplinar composta por 291 homens. À sua chegada, o comandante da colónia endereçou-lhes uma ordem do dia assim concebida:

"Colocando os pés nesta terra longínqua, já cumpristes o papel que vos está reservado.

"A exemplo dos nossos bravos soldados da marinha, que prestam serviço a vosso lado, ajudar-nos-eis a levar com brilho a bandeira da civilização às tribos selvagens da Nova Caledónia. Pergunto-vos: Não é uma bela e nobre missão? Desempenhá-la-eis com dignidade.

"Escutai a palavra e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles; entendei devidamente as minhas palavras.

"A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos constitui uma garantia segura de que faremos todos os esforços para fazer de vós excelentes soldados; digo mais, para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados se assim o desejardes.

"A Vossa disciplina é severa e assim deve ser. Colocada nas nossas mãos será firme e inflexível, tomai bem nota; mas, ao mesmo tempo justa e paternal, saberá distinguir o erro do vício e da degradação…"

Vemos aqui um grupo de homens expulsos por sua má-conduta, de um país civilizado, e enviados, como punição, para o meio de um povo bárbaro. Que lhe diz o chefe? "Infringistes as leis do vosso país; lá, causastes embaraços e escândalos, e então, expulsaram-vos; e enviaram-vos para aqui, mas podereis resgatar o vosso passado; podereis, pelo trabalho, aqui criar uma posição honrada e tornar-vos honestos cidadãos. Tendes aí uma bela missão a cumprir, a de levar a civilização às tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederam corretamente."

Para esses homens relegados para o meio da selvageria, a mãe pátria será um paraíso perdido pelas suas faltas e pela sua desobediência à lei. Nesta terra longínqua, seriam anjos decaídos.

A linguagem do chefe seria a que Deus usou quando se dirigiu aos Espíritos exilados na Terra: "Haveis desobedecido às minhas leis e é por isso que vos expulsei do mundo onde poderíeis viver felizes e em paz; aqui sereis condenados ao trabalho, mas podereis, por vossa boa conduta, tornar-vos merecedores do perdão e reconquistar a pátria que perdestes por vossa falta, quer dizer, o céu."

49. – À primeira vista, a ideia de queda parece estar em contradição com o princípio de que os Espíritos não podem regredir. Mas é necessário considerar que não se trata de um regresso ao estado primitivo. O Espírito, embora numa posição inferior, não perde nada daquilo que adquiriu; o seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se encontre

colocado. Está na mesma situação do homem do mundo condenado à prisão pelos seus erros; certamente está em decadência do ponto de vista social, porém, não se tornou nem estúpido, nem mais ignorante.

50. – Alguém acreditaria que estes homens enviados à Nova Caledónia se vão transformar subitamente em modelos de virtude? Que vão repudiar, de uma só vez, todos os seus erros passados? Seria preciso não conhecer a Humanidade para o supor.

Pela mesma razão, os Espíritos do grupo adâmico, uma vez transferidos para a Terra do exílio, não se despojaram instantaneamente do seu orgulho nem dos seus maus instintos; por muito tempo conservaram as tendências que traziam, um resto da sua antiga agitação, equivalente ao pecado original.

A mancha que trazem ao nascer é a do grupo de Espíritos culpados e punidos a que pertencem, mancha que podem apagar pelo arrependimento, a expiação e a renovação do seu ser moral.

O pecado original, considerado como a responsabilidade por uma falta cometida por outro, é um absurdo e a negação da justiça de Deus. Considerado, ao contrário, como consequência e vestígio de uma imperfeição anterior do indivíduo, não somente a razão o admite, mas ainda a responsabilidade que daí provenha é de total justiça.

Os seis dias da criação [123]

1. – *O Génesis,* Capítulo I [124]

1 No princípio, criou Deus os céus e a terra. 2 E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. 3 E disse Deus: Haja luz. E houve luz. 4 E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus a separação entre a luz e as trevas. 5 E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro.

6 E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. 7 E fez Deus a expansão e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. E assim foi. 8 E chamou Deus à expansão Céus; e foi a tarde e a manhã: o dia segundo.

9 E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca. E assim foi.10 E chamou Deus à porção seca terra; e ao ajuntamento das águas chamou mares. E viu Deus que era bom. 11 E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra. E assim foi. 12 E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie e árvore frutífera, cuja semente está nela conforme a sua espécie. E viu Deus que era bom. 13 E foi a tarde e a manhã: o dia terceiro.

14 E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos. 15 E sejam para luminares na expansão dos céus, para alumiar a terra. E assim foi. 16 E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas. 17 E Deus pô-los na expansão dos céus para alumiar a terra, 18 e para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que era bom.19 E foi a tarde e a manhã: o dia quarto.

20 E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus. 21 E Deus criou as grandes baleias, e todos os répteis de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies, e todas as aves de asas conforme a sua espécie. E viu Deus que era bom. 22 E Deus abençoou-os, dizendo: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra. 23 E foi a tarde e a manhã: o dia quinto.

24 E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado e répteis, e bestas-feras da terra conforme a sua espécie. E assim foi. 25 E fez Deus as bestas-feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie. E viu Deus

---

122 No tempo de Kardec acreditava-se que Moisés escrevera os 5 livros do Pentateuco, tal como estes indicam. Porém, hoje sabe-se que o facto de se atribuir a sua escrita a Moisés foi só para lhes dar autoridade, já que para os hebreus a palavra de Moisés era a palavra de Deus. Está provado, pelos exegetas bíblicos, que não foram escritos por Moisés, mas muito depois da sua morte. Inclusive a sua morte é narrada em Deuteronómio, 34: 5-8. Sabe-se hoje que o *Génesis* terá sido escrito por autor desconhecido, entre os anos 1225 e 1000 a. C., que terá recolhido tradições orais e histórias de povos tribais.

Nesta tradução passaremos a usar as palavras "Génese bíblica", ou *"O Génesis"* – (nome do 1º livro da Bíblia) *(N.*T.)

123 O texto do Génesis não foi traduzido do francês mas transcrito diretamente da tradução da Bíblia do Padre Ferreira de Almeida, *Versão Revista e Corrigida,* 2ª Edição (N.T.)

124 Kardec só pode ter colocado este trecho aqui porque está no contexto do tema do livro e precisa ser discutido, já que o que aqui se encerra não tem o menor cabimento da Razão. Nem com a hermenêutica dos seus intérpretes.

Cabe ainda lembrar que foi baseado nesta conceção que Ptolomeu engendrou a sua dita teoria geocêntrica a respeito da existência do Universo, para não contrariar as leis religiosas do seu povo. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

que era bom. 26 E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. 27 E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. 28 E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. 29 E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda erva que dá semente e que está sobre a face de toda a terra e toda árvore em que há fruto de árvore que dá semente; ser-vos-ão para mantimento.

30 E a todo animal da terra, e a toda ave dos céus, e a todo réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde lhes será para mantimento. E assim foi. 31 E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã: o dia sexto.

O Génesis, Capítulo II

1 Assim, os céus, e a terra, e todo o seu exército foram acabados. 2 E, havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. 3 E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera.

4 Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados; no dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus. 5 Toda a planta do campo ainda não estava na terra, e toda a erva do campo ainda não brotava; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrar a terra. 6 Um vapor, porém, subia da terra e regava toda a face da terra. 7 E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. 8 E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado.

2. Depois das explicações contidas nos capítulos anteriores sobre a origem e a constituição do Universo, quanto à parte material de acordo com os dados fornecidos pela Ciência, e quanto à parte espiritual de acordo com o Espiritismo, seria útil comparar tudo isso com o próprio texto do *Génesis* Bíblico, a fim de que cada um possa estabelecer uma comparação e julgar com conhecimento de causa. Algumas explicações suplementares bastarão para tornar compreensíveis as partes que necessitem de esclarecimentos especiais.

3. Sobre alguns pontos, há certamente uma concordância notável entre a Génese bíblica e a doutrina científica. Porém, seria um erro acreditar que bastaria substituir os seis dias de vinte e quatro horas da Criação, por seis períodos indeterminados para encontrar uma analogia completa. Também seria um erro grave acreditar que, salvo o sentido alegórico de algumas palavras, *o Génesis* e a Ciência são compatíveis.[125]

4. Dissemos (cap. VII, n° 14) que o número dos seis períodos geológicos é arbitrário, visto que se contam mais de vinte e cinco formações bem caracterizadas. Este número só determina as grandes fases gerais e só foi adotado no início, para ordenar as coisas de acordo com o texto bíblico, numa época – de resto já muito distante - em que se acreditava que a Bíblia devia controlar a Ciência.

[125] Naquela época, os estudos científicos permitiam que se fizesse uma comparação entre as afirmações da Génese bíblica e os ciclos ou períodos de formação da Terra; contudo, pelos novos conhecimentos, sabe-se, com exatidão, que, nem simbolicamente se pode tirar qualquer ilação a respeito da formação do Universo, já que a Génese bíblica encerra a narração como se a obra da Criação se limitasse à Terra. Os povos deste tempo nunca poderiam imaginar que o Universo fosse tão complexo e existisse algo relativo à vida fora da Terra. (texto de C. Brito Imbassahy, adaptação dos tradutores)

É por isso que os autores da maioria das teorias cosmogónicas, com o propósito de facilitar a sua aceitação, se esforçaram por manter a concordância com o texto bíblico. Logo que a ciência se apoiou no método experimental, sentiu-se fortalecida e emancipou-se. Hoje, prevalece a visão científica.

Por outro lado, a Geologia, tomando como ponto de partida a formação dos terrenos graníticos, não conta, no número dos seus períodos, o estado primitivo da Terra. Também não se ocupa do Sol, da Lua e das estrelas, nem do conjunto do Universo, que pertence à Astronomia. Portanto, para enquadrar todo *o Génesis* é preciso acrescentar um primeiro período abrangendo esta ordem de fenómenos, que poderia chamar-se de *período astronómico.*

Por outro lado, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como formando um período distinto, mas como um acontecimento transitório e passageiro que não mudou consideravelmente o estado climático do globo, nem marcou uma nova fase para as espécies vegetais e animais, já que, com poucas exceções, se encontram as mesmas espécies antes e depois do dilúvio. Portanto, podemos deixar de considerar este período sem nos afastarmos da verdade.

5. – O quadro seguinte resume os fenómenos de cada um dos seis períodos, permite abranger o conjunto e julgar as descrições e as diferenças que existem entre eles e a Génese bíblica.

Ciência	*Génesis*
I. PERÍODO ASTRONÓMICO - Aglomeração da matéria cósmica universal numa nebulosa que deu origem, por condensação da matéria em diversos pontos, às Estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas. Estado primitivo fluídico e incandescente da Terra. Atmosfera imensa carregada de toda a água em forma de vapor e de todas as matérias volatilizáveis	1º Dia – O céu e a Terra. A luz
II. PERÍODO PRIMÁRIO – Endurecimento da superfície da Terra; arrefecimento; formação das camadas graníticas. Atmosfera espessa e escaldante, impenetrável aos raios do Sol. Precipitação gradual da água e das matérias sólidas, volatilizadas no ar. Ausência de qualquer vida orgânica.	2º Dia – O firmamento. Separação das águas que estão por baixo do firmamento das que estão por cima
III. PERÍODO DE TRANSIÇÃO – As águas cobrem toda a superfície do globo. Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. Calor húmido. O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. Primeiros seres organizados da mais elementar constituição. Líquenes, musgos, fetos, licopódios. Plantas herbáceas. Vegetação colossal. Primeiros animais marinhos: zoófitos, pólipos, crustáceos. Depósitos de hulha.	3º Dia – As águas que estão debaixo do firmamento reúnem-se. O elemento árido aparece. A terra e os mares. As plantas
IV. PERÍODO SECUNDÁRIO – Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos escaldante. Atmosfera mais limpa. Consideráveis depósitos de calcários, pelas águas. Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. Peixes; cetáceos; animais com concha; grandes répteis aquáticos e anfíbios.	4º Dia – O Sol, a Lua e as Estrelas.
V. PERÍODO TERCIÁRIO – Grandes levantamentos da crosta sólida. Formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares mais baixos; formação dos mares. Atmosfera purificada. Temperatura atual produzida pelo calor solar. Animais terrestres gigantescos. Vegetais e animais da atualidade. Aves.	5º Dia – Os peixes e as aves.
DILÚVIO UNIVERSAL	
VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO – Terrenos aluviais. Vegetais e animais da atualidade. O homem.	6ºDia – Os animais terrestres. O homem

6. – Um primeiro facto que ressalta é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde, de uma maneira rigorosa, como muitos pensam, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável é a da sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, e a aparição do homem por último é um facto importante. Há igualmente coincidência, não com a ordem numérica dos períodos, mas na passagem onde se diz que, no terceiro dia: "As águas que estão sob o céu reuniram-se num só lugar e o elemento árido apareceu". É a expressão do que aconteceu no

período terciário, quando os levantamentos da crosta sólida deixaram a descoberto os continentes e expulsaram as águas que formaram os mares. Só então apareceram os animais terrestres, conforme a Geologia e conforme a Bíblia.

7. – Quando "*O Génesis"* diz que a criação foi realizada em seis dias, teria querido falar em dias de 24 horas, ou utilizou este termo no sentido de período, duração, espaço de tempo indeterminado? O termo hebreu traduzido por dia tem esta dupla aceção?

A primeira hipótese é a mais provável, se nos basearmos no próprio texto. A especificação de tarde e de manhã que limitam cada um dos seis dias permite que se suponha que ele quis falar de dias comuns. Não se pode, mesmo, ter nenhuma dúvida a este respeito, dado o que se diz no versículo 5: "*ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite, e, de tarde e de manhã se fez o primeiro dia*". Isto só se pode aplicar ao dia de 24 horas, dividido pela luz e as trevas. O sentido é ainda mais preciso quando diz, no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: "*Ele colocou-os no firmamento para brilhar sobre a Terra; para presidir ao dia e à noite e para separar a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia*".

Além disso, tudo na Criação era miraculoso e quando se entra na via dos milagres, pode-se perfeitamente acreditar que a Terra foi feita em seis vezes vinte e quatro horas, sobretudo quando se ignoram as leis naturais elementares. Esta crença tem sido bem partilhada por todos os povos civilizados até ao momento em que a Geologia apresentou as provas que demonstram a sua impossibilidade.

8. – Um dos pontos mais criticados no *Génesis* é a criação do Sol depois da luz. Temos procurado explicar, com o auxílio dos dados fornecidos pela Geologia, que nos primeiros tempos da sua formação, a atmosfera terrestre, estando carregada de vapores densos e opacos, não permitia ver o Sol, que por isso não existia para a Terra. Esta razão seria talvez admissível se, nessa época, houvesse habitantes que verificassem a presença ou ausência do Sol; ora, conforme o próprio *Génesis*, nessa época nem plantas ainda havia que, de facto, não poderiam crescer e multiplicar-se sem a ação do calor solar.

Há, pois, um evidente anacronismo na ordem em que o *Génesis* assinala a criação do Sol, mas, involuntariamente ou não, não cometeu qualquer erro ao dizer que a luz tinha precedido o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal, mas uma concentração do elemento luminoso num ponto, ou dito de outro modo, duma energia que, em determinadas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Essa energia, que é a causa, devia necessariamente existir antes do Sol, que é apenas um efeito. O Sol é *causa* em relação à luz que irradia, mas é *efeito* em relação à luz que recebeu.

Num quarto escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. O que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade iluminante da energia luminosa e concentrou-se num ponto; a vela é a causa da luz que se difunde no quarto, mas se o princípio luminoso não existisse antes da vela, ela não poderia ter sido acesa.

Acontece o mesmo com o Sol. O erro advém da ideia falsa que se teve durante muito tempo, de que o Universo inteiro tinha começado com a Terra e, assim sendo, não se compreendia que o Sol pudesse ter sido criado depois da luz. Sabemos atualmente que, antes da criação do Sol e da Terra já existiam milhões de sóis e de terras que, por consequência, gozavam da luz.

A afirmação do *Génesis* é, pois, perfeitamente exata. Em princípio é falsa quando faz acreditar que a Terra foi criada antes do Sol; a Terra, ao estar sujeita ao Sol pelo seu movimento de translação, só pode ter sido formada depois dele; é o que os hebreus não podiam saber, pois ignoravam a lei da gravitação.

O mesmo pensamento encontra-se na Génese dos antigos persas, no primeiro capítulo do *Vendidad.* Ormuzd ao descrever a origem do mundo, disse: "criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua

e as estrelas" (Dicionário de Mitologia Universal). A forma, aqui, é certamente mais clara e mais científica que no *Génesis* e dispensa comentários.

9. – No tempo de Moisés partilhavam-se as crenças mais primitivas sobre a cosmogonia. Acreditava-se na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Este pensamento está expresso sem alegorias nem ambiguidades nesta passagem (versículo 6 e seguintes): *"Deus disse; que o firmamento seja feito no meio das águas e que ele separe as águas das águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam por cima dele".* (Ver cap. V, Sistema dos mundos antigos e modernos n° 3,4,5).

Uma antiga crença considerava a água como o princípio, o elemento gerador primitivo.

O Génesis também não fala da criação das águas que parece já existirem. "*As trevas cobriam o abismo",* ou seja, as profundezas do espaço que a imaginação concebia vagamente ocupada pelas águas e no meio das trevas, antes da criação da luz; por isso *o Génesis* diz que "*o Espírito de Deus pairava sobre as águas".*

Estando a Terra supostamente formada no meio das águas, era preciso isolá-la; supôs-se, pois, que Deus tinha feito o firmamento, abóbada sólida, para separar as águas do alto das restantes que tinham ficado na Terra.

Para compreender certas partes do *Génesis,* é preciso, necessariamente, que nos coloquemos no ponto de vista das ideias cosmogónicas do tempo que ele reflete.

10 – Ante o progresso da Física e da Astronomia, uma semelhante doutrina não é sustentável [126] Contudo, *Moisés* atribui estas palavras ao próprio Deus. Uma vez que elas exprimem um facto notoriamente errado, das duas uma: ou Deus se enganou no relato que fez da sua obra, ou este relato não é uma revelação divina. Não sendo admissível a primeira suposição, é necessário concluir que o Génesis exprimiu as ideias da época. (Cap. I, n° 3).

11. – *Moisés* está mais próximo da verdade quando diz que Deus formou o homem com o limo da Terra [127]**.** A Ciência mostra-nos, com efeito, (cap. X) que o corpo do homem é composto de elementos retirados da matéria inorgânica, ou seja, do limo da terra.

A mulher, formada de uma costela de Adão, é uma alegoria pueril na aparência, se a tomarmos à letra, mas profunda quanto ao sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza do homem, por consequência, sua igual perante Deus e não uma criatura à parte, feita para ser sujeita e tratada como escrava. Saída da sua própria carne, a imagem da igualdade é bem mais expressiva do que se tivesse sido formada separadamente do mesmo barro; é para dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava. Que ele deve amá-la como uma parte de si próprio.

12. – Para Espíritos incultos sem nenhuma noção das leis gerais, incapazes de abranger o conjunto e conceber o infinito, esta criação miraculosa e instantânea apresentava algo de fantástico que impressionava a sua imaginação.

O quadro do Universo tirado do nada em poucos dias, por um só ato da vontade criadora, era para eles o sinal mais evidente do poder de Deus. Que melhor descrição, mais sublime e mais poética deste poder, do que estas palavras: "Deus disse: faça-se luz e a luz fez-se!"

Deus, criando o Universo por realização lenta e gradual das leis da natureza, ter-lhes-ia parecido menor e menos poderoso; necessitavam de algo maravilhoso que saísse das normas comuns, caso

---

[126] Por mais grosseiro que seja o erro numa tal crença, ainda se conta às crianças, atualmente, como sendo uma verdade sagrada. É com receio que alguns educadores ousam arriscar uma tímida interpretação. Como querem que isto não faça incrédulos mais tarde? (A.K.)

[127] A palavra hebraica "haadam", de onde deriva Adão, e a palavra "haadama", terra, têm a mesma raiz. (A.K.)

contrário teriam dito que Deus não era mais hábil que os homens. Uma teoria científica e racional da Criação tê-los-ia deixado frios e indiferentes.

Os homens primitivos são como as crianças, a quem é preciso dar só o alimento intelectual que a sua inteligência comporta. Hoje, que estamos esclarecidos pelas luzes da Ciência, relevamos os erros materiais do relato do *Génesis,* mas não o censuramos por ter falado a linguagem do seu tempo, pois de outro modo não seria compreendido nem aceite.

Respeitemos estas descrições que hoje nos parecem pueris, assim como respeitamos as fábulas que ilustraram a nossa primeira infância e abriram a nossa inteligência, ensinando-nos a pensar. Foi com estas descrições que o *Génesis* inculcou nos corações dos homens antigos a fé em Deus e no seu poder, fé ingénua que mais tarde devia aperfeiçoar-se à luz da Ciência. Porque já sabemos ler corretamente, não desprezemos o livro onde aprendemos a soletrar.

Não rejeitemos, pois, a Génese bíblica; estudemo-la, pelo contrário, como se estuda a história da infância dos povos. É uma epopeia rica em alegorias onde é necessário procurar o sentido oculto; que é necessário comentar e explicar com a ajuda das luzes da razão e da Ciência. Ao mesmo tempo que salientamos as suas belezas poéticas e os seus ensinamentos velados sob a forma de metáforas, é preciso demonstrar decididamente os seus erros, no próprio interesse da religião.

Respeitá-la-emos melhor quando estes erros deixarem de ser impostos como verdades, e Deus parecerá maior e mais poderoso quando o seu nome não estiver envolvido em factos controversos.

O Paraíso perdido [128]

13. *O Génesis,* Capítulo II

8. Ora, o Senhor Deus tinha plantado, desde o começo, um jardim delicioso, e pôs ali o homem que tinha formado.

9. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do paraíso [129], com a árvore da ciência do bem e do mal. [*Jeová Eloim fez sair da terra* (min haadama) *toda a árvore formosa à vista e boa para comer e a árvore da vida* (vehetz hachayim) *no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal*].

15. E tomou o Senhor Deus o homem e pô-lo no paraíso das delícias para o cultivar e o guardar.

16. E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: de toda a árvore do jardim comerás livremente, [*Jeová Eloim ordenou ao homem* (hal haadam) *dizendo: de toda a árvore do jardim* (hagan) *podes comer*]

17. Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás [*e da árvore da ciência do bem e do mal* (oumehetz hadaat tob vara) *não comerás, porque no dia em que a comeres, morrerás*].

14. *O Génesis,* Capítulo III

1. Ora, a serpente era o mais subtil de todos os animais que o Senhor Deus havia criado na Terra; e ela disse à mulher. Por que Deus vos ordenou não comer do fruto de todas as árvores do Paraíso? [*E a serpente era astuta mais que todos os animas terrestres que houvera feito Jeová Eloim; ela disse à mulher (el haïscha): eis o que lhe disse Eloim: Vós não comereis de nenhuma árvore do jardim?]*

2. A mulher respondeu-lhe: Comemos os frutos de todas as árvores que estão no paraíso. [*disse ela, a mulher, à serpente: do fruto* (miperi) *das árvores do jardim nós podemos comer*].

---

128 A seguir a alguns versículos colocámos a tradução literal do texto hebreu, que expressa mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico sobressai com mais clareza. (A.K.)

129 Paraíso, do latim *paradisus*, derivado do grego *paradeisos,* jardim, pomar, lugar plantado com árvores. A palavra hebraica empregada no Génesis é *hagan,* que tem o mesmo significado. (A.K.)

3. Mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos dele e que nem lhe tocássemos, para que não corramos perigo de morrer.

4. A serpente replicou à mulher: "seguramente não morrereis".

5. É que Deus sabe que, logo que comerdes destas frutas os vossos olhos se abrirão e vós sereis como *deuses,* conhecedores do bem e do mal.

6. E, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. [*A mulher viu que a árvore era boa como alimento e que era desejável para compreender* (léaskil) *e tomou de seu fruto, etc*.]

8. E ouviram a voz do Senhor Deus que passeava no jardim pela tardinha; e escondeu-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. 9 E chamou o Senhor Deus a Adão e disse-lhe: Onde estás? 10 E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.

11. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?

12. Então, disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela deu-me o fruto da árvore e eu comi.

13. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isso? E disse a mulher: A serpente enganou-me e eu comi.

14 Então, o Senhor Deus disse à serpente: Porque fizeste isso, maldita serás mais que toda a besta e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida.

15. E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

16. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.

17. E a Adão disse: Porque deste ouvidos à voz de tua mulher e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. 18 Espinhos e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo.

19 No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que voltes à terra; porque dela foste tomado, porque és pó e em pó te tornarás.

20. E chamou Adão o nome de sua mulher Eva, porquanto ela era a mãe de todos os viventes.

21. E fez o Senhor Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles e vestiu-os.

22. Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem *é como um de nós,* sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente *[Jeová Eloim disse: "Eis que o homem é como um dos nossos para o conhecimento do bem e do mal, e agora pode estender a mão e tomar a árvore da vida* (veata pen ischlachyado velakach mehetz hachayim) *comerá dela e viverá eternamente.*

23. O Senhor Deus fê-lo sair do jardim do Éden, para lavrar a terra, de onde fora tirado.

24. E havendo-o expulsado, pôs querubins [130] ao oriente do jardim do Éden, que faziam brilhar uma espada de fogo para guardar o caminho da árvore da vida.

15. – Sob uma imagem pueril e ridícula, se considerarmos apenas a forma, a alegoria oculta, por vezes, as maiores verdades. Existirá uma fábula mais absurda que a de Saturno, um deus devorando pedras confundindo-as com os seus filhos? Ao mesmo tempo, quão profundamente filosófica e verdadeira é esta figura, se nela procurarmos o sentido moral.

---

[130] Do hebreu cherub, keroub (boi) e charab (lavrar). Anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que eram representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi. (A.K.)

Saturno é a personificação do tempo. Sendo todas as coisas obra do tempo, Saturno será o pai de tudo o que existe, embora tudo se destrua com o tempo. Saturno, devorando pedras, é o símbolo da destruição dos corpos mais duros que são seus filhos, já que se formaram com o tempo.

E quem escapa a esta destruição, segundo esta mesma alegoria? Júpiter, o símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual que é indestrutível. Esta imagem é mesmo tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à antiga fábula, diz-se de uma coisa que se deteriorou com a velhice, que é devorada pelo tempo, corroída e devastada pelo tempo.

16. – Toda a mitologia pagã é apenas um vasto quadro alegórico dos diversos lados bons e maus da Humanidade. Para aqueles que estudam o seu significado íntimo, são um curso completo da mais alta filosofia, equivalente a uma análise aprofundada da história cultural da atualidade.

O erro, que não pode cometer-se em tudo isso, é tomar a forma pelos significados profundos.

Os sacerdotes pagãos só ensinavam a forma, quer por falta de cultura, quer por terem interesse em manter o povo sujeito às crenças que consolidavam a sua influência, que lhes eram mais favoráveis do que a filosofia.

A veneração do povo pela forma era e sempre foi uma fonte inesgotável de riquezas para os donativos acumulados nos templos, as oferendas e os sacrifícios feitos por intenção aos deuses, mas, na realidade, em proveito dos seus representantes.

Um povo menos crédulo era menos dado às imagens, às estátuas, aos símbolos e aos oráculos.

Sócrates foi condenado como ímpio, a beber cicuta, por ter querido secar esta fonte, colocando a verdade no lugar do erro. Então, não estava ainda em uso queimar vivos os que eram designados como heréticos.

Cinco séculos mais tarde, Jesus foi condenado a uma morte infamante, como ímpio, por ter, como Sócrates, querido substituir o sentido literal das ideias dominantes, a forma do poder, pelo sentido real das ideias – o conteúdo concreto da moral. E porque a sua doutrina, toda espiritual, arruinava a supremacia dos escribas, dos fariseus e dos doutores da lei.

17. – Acontece o mesmo com *o Génesis,* onde é preciso ver grandes verdades morais em vez de realidades materiais, que tomadas à letra seriam tão absurdas como se, nas nossas fábulas, levássemos a sério as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é a personificação da Humanidade;[131] o seu pecado configura a fraqueza do ser humano no qual predominam os instintos materiais a que não sabe resistir.

A árvore, como árvore da vida, é o símbolo da vida espiritual.

Como árvore da ciência representa a consciência do bem e do mal, que o homem alcança pelo desenvolvimento da sua inteligência e do seu livre arbítrio, em virtude do qual escolhe entre um e outro. Marca o momento em que a alma do ser humano, deixando de ser guiada unicamente pelos seus instintos, toma posse da sua liberdade e assume a responsabilidade dos seus atos.[132]

---

131 Está hoje perfeitamente reconhecido que a palavra hebraica *haadam* não é um nome próprio, mas significa o homem em geral, a Humanidade, o que destrói toda a estrutura levantada sobre a personalidade de Adão. (N.T.)

132 Interpretando dogmaticamente esta passagem, a Igreja, como todas as religiões antigas, considera a degeneração da alma: afirma que Adão foi criado virtuoso, justo e sábio, tornando-se ignorante, mortal e passível de sofrimento físico depois da queda.

A doutrina Espírita explica a alegoria do fruto do bem e do mal como a aquisição do livre arbítrio de forma progressiva. Assim, a responsabilidade dos seus atos também é progressiva, autónoma, respondendo pelos seus atos só na medida em que adquire entendimento e experiência, no decorrer das reencarnações: supera os instintos pela razão, da razão advém o livre arbítrio e por meio deste adquire o senso moral. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

O fruto da árvore simboliza o objeto dos desejos materiais; é a alegoria da cobiça; resume, numa mesma figura, os motivos de inclinação para o mal; comer o fruto é sucumbir à tentação. [133]

A árvore cresce no meio do jardim das delícias para ensinar que a sedução se encontra no meio dos prazeres, e lembrar, ao mesmo tempo, que se o ser humano dá preponderância aos prazeres materiais, prende-se à Terra e afasta-se do seu destino espiritual.[134]

A morte de que está ameaçado, se ele transgredisse a proibição que lhe é feita, é um aviso acerca das consequências inevitáveis, físicas e morais, que derivam da violação das leis divinas que Deus gravou na sua consciência.

É bem evidente que não se trata aqui da morte corporal, mas sim da morte espiritual, isto é, da perda dos bens que resultam do progresso moral, perda representada pela sua expulsão do jardim de delícias.

A serpente está longe de ser considerada, atualmente, o protótipo da esperteza. Aqui está incluída mais pela sua forma do que pelo seu caráter, como uma alusão à perfídia dos maus conselhos que se insinuam como a serpente e dos quais, por esta razão, não se desconfia. Aliás, se a serpente, por ter enganado a mulher, foi condenada a rastejar sobre o ventre, quer dizer que antes tinha pernas e, então, não seria uma serpente.

Porquê impor como verdades, à fé ingénua e crédula das crianças, alegorias tão evidentes que, falseando o seu julgamento, lhes fazem mais tarde ver a Bíblia como uma trama de fábulas absurdas?

18. – Se a falta de Adão foi ter comido um fruto, essa falta não poderia, pela sua simplicidade, justificar o rigor com que foi castigado. Nem seria racional admitir que esse facto tenha sido como se conta. Se Deus o considerasse um crime imperdoável, teria condenado a sua própria obra, visto que criara o homem para se reproduzir. Se Adão tivesse seguido a proibição de tocar no fruto da árvore e se se tivesse conformado com isso, onde estaria a Humanidade e o que teria sido dos desígnios do Criador?

Se assim fosse, Deus teria criado o imenso aparelho do Universo para dois indivíduos e a humanidade ter-se-ia formado contra a sua vontade e as suas previsões.

Deus nunca teria criado Adão e Eva para ficarem sozinhos na Terra, e a prova está nas palavras que lhes dirigiu imediatamente depois de os ter criado, quando estavam ainda no Paraíso terrestre; "Deus abençoou-os e disse-lhes: *Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra* e subjugai-a". (*Génesis,* 1:28). Pois, se a multiplicação do homem era uma lei desde o paraíso terrestre, a sua expulsão não pode ter tido por causa o episódio referido.

O que deu crédito a esta suposição foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva sentiram na presença de Deus e que os levou a cobrirem-se. Mas esta vergonha simboliza apenas a confusão que qualquer culpado sente na presença de quem ofendeu.

19. – Qual é, ao fim e ao cabo, esta falta tão grave que provocou a condenação perpétua de todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fratricida não foi tratado tão severamente.

---

[133] Em nenhum texto o fruto é designado por maçã. Esta palavra só se encontra nas versões infantis. A palavra do texto hebraico é *peri,* que tem as mesmas aceções que em francês, sem especificação da espécie, e pode ser tomado no sentido material, moral, próprio ou figurado. Entre os israelitas, não há interpretação obrigatória; sempre que uma palavra tem várias aceções, cada um usa a que entender, desde que a interpretação não seja contrária à gramática. A palavra *peri* foi traduzida em latim por *malum*, que se aplica tanto a maçã como a qualquer outra espécie de fruto. Deriva do grego *mélon*, particípio do verbo *mélo*, interessar, cuidar, atrair. (A.K.)

[134] Na interpretação psicológica dada pelo Espiritismo, o mal é o abuso das necessidades instintivas, e quando transformado em hábito torna-se imperfeição. O Espírito simples e ignorante não é bom nem mau, somente quando adquire razão e livre arbítrio é que se torna responsável pelos seus atos e escolhas, e pode, então, adquirir imperfeição se escolher esse caminho. Sendo o sofrimento moral inerente à imperfeição, ele só termina quando a imperfeição é superada. Assim, o mundo moral é regido por leis naturais e não por atos intempestivos de Deus, como castigos e recompensas. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

Nenhum teólogo pode defini-la com lógica, porque todos eles, presos à letra, raciocinaram dentro de um círculo vicioso.

Atualmente entendemos que esta falta não foi um facto isolado, pessoal, mas que abarca, como alegoria, todas as *infrações às leis de Deus* que a Humanidade da Terra, ainda imperfeita, terá cometido. É por isso que o erro do primeiro homem, representante da Humanidade, é o símbolo da desobediência.

20. – Ao dizer a Adão que teria de procurar o seu sustento na Terra com o suor do seu rosto, Deus torna a obrigação do trabalho num símbolo. E porque razão também num castigo? Que seria a inteligência do homem se ele não a tivesse desenvolvido pelo trabalho? Que seria da Terra se não fosse fecundada, transformada, saneada pelo trabalho inteligente do homem?

É dito no *Génesis* 2: 5 e 7: "*O Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a Terra e não havia nenhum homem para trabalhá-la. O Senhor formou, pois, o homem do limo da Terra*".

Estas palavras comparadas com as seguintes: "*Povoai a Terra",* provam que o homem estava, desde a origem, destinado a ocupar *toda a Terra e a cultivá-la;* e prova outra coisa, que o Paraíso não era um lugar circunscrito num canto do globo. Se a cultura da Terra tivesse sido uma consequência da falta de Adão, resultaria que, se Adão não tivesse pecado, a Terra não teria sido cultivada e que os desígnios de Deus não se teriam cumprido.

Por que motivo terá dito Deus à mulher, que cometeu um erro, que pariria com dor? Como é que a dor do parto pode ser um castigo, quando é um efeito inevitável do organismo, como está fisiologicamente provado? Como é que uma coisa, que está conforme as leis da natureza, pode ser um castigo?

É o que os teólogos não conseguem ainda explicar e o que não poderão fazer enquanto não saírem do ponto de vista onde se colocaram; contudo, estas palavras, que parecem tão contraditórias, podem ser justificadas.

21. – Em primeiro lugar notemos que, se no momento da criação de Adão e Eva, as suas almas tivessem sido tiradas do nada, como se ensina, deveriam ser principiantes em todas as coisas; não deveriam saber o que é morrer.

Visto que estavam *sozinhos* na Terra, pelo menos enquanto viveram no Paraíso terrestre, não tinham visto ninguém morrer; como teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como poderia Eva compreender que parir com dor seria um castigo, já que, acabada de nascer para a vida, nunca tinha tido filhos e era a única mulher que existia no mundo?

As palavras de Deus, portanto, não deviam fazer o mínimo sentido para Adão e Eva. Recém-saídos do nada, não podiam saber nem porquê nem como tinham aparecido. Não podiam compreender nem o Criador nem o motivo da proibição que lhes fazia. Sem nenhuma experiência das condições da vida, pecaram como crianças que atuam sem discernimento, o que torna mais incompreensível, ainda, a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre toda a humanidade.

22. – O que é um impasse para a Teologia, é explicado pelo Espiritismo sem dificuldade e de uma maneira racional, pela anterioridade da alma e a pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do ser humano. Com efeito, se admitirmos que Adão e Eva já tivessem vivido, tudo se encontra justificado.

Deus não lhes falou nunca como se fala com crianças, mas como a seres em estado de o compreender e que, de facto, o compreendem; prova evidente que ambos tinham conhecimentos prévios.

Admitamos, além disso, que eles tivessem vivido num mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito suplantava o trabalho do corpo; que, pela sua rebelião à lei de Deus, caracterizada pela desobediência, eles tivessem sido excluídos de lá e exilados na Terra, como castigo. Na Terra, onde os seres humanos, devido à natureza do planeta, estão sujeitos a um trabalho corporal.

Reconheceremos, então, que Deus tinha razão ao ter-lhes dito que, no mundo em que iriam viver "cultivariam a terra e dela tirariam o alimento com o suor do seu rosto"; e, para Eva: "Darás à luz com dor", porque tal é a condição deste mundo (Cap. XI, n° 31 e seguintes).

O Paraíso terrestre, de que se tem inutilmente procurado os vestígios na Terra era, pois, a imagem do mundo feliz onde tinha vivido Adão, ou antes, onde tinham vivido o grupo dos Espíritos de que ele é a personificação. A expulsão do paraíso marca o momento em que estes Espíritos vieram encarnar entre os habitantes do nosso mundo, e a mudança de situação que veio a seguir. O anjo armado com uma espada reluzente, que defende a entrada do Paraíso, simboliza a impossibilidade em que se encontram os Espíritos dos mundos inferiores em penetrar nos mundos superiores antes de terem mérito para isso, pela sua evolução espiritual. (ver, mais adiante, o cap. XIV n° 9 e seguintes).

23. – *Caim (depois da morte de Abel) respondeu ao Senhor: a minha iniquidade é demasiado grande para que possa ser perdoado. Expulsais-me hoje da Terra e irei esconder-me da vossa presença. Serei um fugitivo e um vagabundo na Terra, qualquer um que me encontrar, me matará.*

O Senhor respondeu-lhe:

– Não, isso não acontecerá, porque quem matar Caim será punido severamente. E o Senhor colocou um sinal em Caim, a fim de que, quem o encontrasse, não o matasse.

Caim, tendo-se retirado da presença do Senhor, tornou-se vagabundo na Terra e habitou na região oriental do Éden. Tendo conhecido a sua mulher, ela concebeu e deu à luz Henoch. Construiu, em seguida, uma cidade, que se chamou Henochia (Enóquia), do nome do seu filho (*Génesis,* 4:13 a 16).

24. Seguindo o texto do *Génesis,* chegaríamos às seguintes conclusões: Adão e Eva estavam sozinhos no mundo depois da sua expulsão do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram dois filhos, Caim e Abel.

Tendo Caim assassinado o seu irmão e retirando-se para outra região, não voltou a ver o seu pai e a sua mãe, que ficaram novamente sós. Só muito mais tarde, com a idade de cento e trinta anos, Adão teve um terceiro filho, chamado Seth.

Depois do nascimento de Seth, Adão viveu ainda, conforme a genealogia bíblica, oitocentos anos e teve mais filhos e filhas.

Por conseguinte, quando Caim foi estabelecer-se no oriente do Éden, existiam apenas três pessoas na Terra: seu pai, sua mãe e ele próprio. Entretanto, teve uma mulher e um filho; quem poderia ser essa mulher e onde teria podido encontrá-la?

Caim construiu uma cidade; mas uma cidade supõe habitantes, pois não é presumível que ele a tenha feito só para si próprio, sua mulher e seu filho, nem que a tenha podido construir sozinho.

É preciso concluir deste relato que a região era povoada, não podendo sê-lo pelos descendentes de Adão, dos quais, nessa altura, só existia Caim.

A presença de outros habitantes é dada a conhecer por estas palavras de Caim: *"serei fugitivo e vagabundo e qualquer um que me encontrar me matará*"; assim como pela resposta que Deus lhe deu. Por quem Caim temeria ser morto e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs, para o proteger, não existindo alguém que pudesse encontrá-lo? Se havia na Terra outros seres humanos além da família de Adão, significa que estavam lá antes dela.

De onde chegamos à conclusão seguinte, tirada do próprio texto do *Génesis*: Adão não foi o primeiro nem o único pai do género humano (Cap. XI, n° 34).

25. – Faziam falta os conhecimentos que o Espiritismo trouxe acerca:

– Das relações entre o princípio espiritual e o princípio material;

– Da natureza da alma, da sua criação no estado de simplicidade e ignorância, da sua união com o corpo;

– Da sua marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos, que são igualmente degraus na via do aperfeiçoamento;

– Da sua libertação gradual da influência da matéria pelo uso do seu livre arbítrio, da causa das suas tendências boas ou más e das suas aptidões;

– Do fenómeno do nascimento e da morte; da situação do Espírito entre vidas;

Finalmente, acerca do futuro, como prémio dos seus esforços para evoluir espiritualmente e da sua perseverança no bem, para que se fizesse sobre todos os aspetos da Génese espiritual.

Graças a este conhecimento, os seres humanos sabem, daqui em diante, de onde vêm, para onde vão, porque estão na Terra e porque sofrem;

– Sabem que o seu futuro está nas suas mãos e que a duração do seu cativeiro neste mundo depende de si mesmos. [135]

A Génese, libertada da alegoria redutora e irracional, mostra-se grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador.

Com tão clara visão, a Génese dominará a incredulidade e vencê-la-á pelo esclarecimento.

135 Quando toda a Humanidade, agindo pelo dever, sem desejo de privilégios, em nome da igualdade, por meio da solidariedade participativa, permitindo o acolhimento de todos os seres por meio da fraternidade social, é que se conquistará a verdadeira liberdade. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

Características dos milagres

1.– Na sua aceção etimológica, a palavra milagre (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente.* A academia definiu-a assim: *um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza.*

No seu emprego corrente esta palavra perdeu, como tantas outras, o seu significado primitivo. Era um termo geral e passou a restringir-se a certo tipo de factos. No pensamento do povo, um *milagre* implica a ideia de um facto sobrenatural. No sentido litúrgico, trata-se da ultrapassagem das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. É esse o seu sentido vulgar, que se tornou significado próprio, de modo que só por comparação e no sentido metafórico se aplica às circunstâncias comuns da vida.

Uma das características do milagre é ser inexplicável, porque se realiza fora das leis naturais. Tão forte é esta ideia que, se um facto miraculoso encontra explicação, diz-se que já não é milagre, por mais surpreendente que o seja.

Uma outra característica do milagre é o de ser insólito, isolado e excecional. A partir do momento em que um fenómeno se reproduz, quer espontaneamente, quer por um ato da vontade, é porque está sujeito a uma lei, e a partir daí, quer esta lei seja conhecida ou não, já não é considerado milagre.

2. – A Ciência realiza todos os dias milagres aos olhos dos ignorantes. Se um homem realmente morto fosse ressuscitado por uma intervenção divina, seria um verdadeiro milagre, porque é um facto contrário às leis da natureza. Se esse homem tivesse apenas a aparência da morte, se ainda lhe restasse alguma *vitalidade latente,* e que a ciência ou uma ação magnética[136] voltasse a reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas é um fenómeno natural. Aos olhos de um ignorante, o facto passaria por milagroso.

Se, nas suas experiências, um físico lançar um "papagaio elétrico" e fizer cair um raio sobre uma árvore, será olhado como armado de um poder diabólico.[137] Se se admitir que Josué parou o movimento do Sol, ou melhor, da Terra, esse seria o verdadeiro milagre, porque ninguém tem poder suficiente para realizar tal prodígio. [138]

Os séculos da ignorância foram fecundos em milagres, porque tudo o que tivesse causa desconhecida, passava por milagroso. À medida que a Ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso foi-se restringindo. Contudo, como a Ciência não tinha ainda explorado todo o campo da natureza, uma grande parte ficou reservada para o maravilhoso.

3. – O maravilhoso, excluído do domínio da materialidade pela Ciência, encastelou-se no da espiritualidade, que tem sido o seu último refúgio. O Espiritismo, demonstrando que o elemento [139] espiritual, é uma das forças vivas da natureza, força que atua em conjunto com a força material, faz com que regressem ao âmbito dos efeitos naturais os fenómenos que de lá tinham saído, porque, como os outros, estes fenómenos estão sujeitos a leis. Se o maravilhoso for expulso da

---

136 A.K. refere-se à Ciência do magnetismo animal (cuja teoria médica era tão comum na época como hoje é a homeopatia) e não ao fenómeno magnético comum, da Física. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019).

137 Referência a Benjamin Franklin, inventor do para-raios. (N.T.)

138 Referência a uma passagem do Antigo Testamento, livro de Josué, capítulo 10; 12-13. (N.T.)

139 A palavra elemento não se emprega aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas,* mas, no de *parte constituinte de um todo.* Neste sentido, pode-se dizer que o *elemento espiritual* desempenha um papel ativo na economia do Universo, como se diz que *o elemento civil e o elemento militar* integram uma população; que *o elemento religioso* faz parte da educação; que na Argélia é preciso ter em conta *o elemento árabe*, etc. (A.K)

espiritualidade, já não terá razão de existir, e só então se poderá dizer que o tempo dos milagres acabou.

4. – O Espiritismo vem fazer o que cada Ciência faz quando surge: revelar novas leis e explicar os fenómenos que delas resultam.

Tais fenómenos prendem-se à existência dos Espíritos e à sua intervenção no mundo material. É nisso, diz-se, que está o "sobrenatural". Então, seria necessário provar que os Espíritos e as suas manifestações são contrários às leis da natureza e que isso não é, nem pode ser, uma das suas leis.

O Espírito é a alma que sobrevive ao corpo. É o ser principal, já que não morre, ao passo que o corpo é um acessório que deixa de existir.

A existência do Espírito é tão natural depois como durante a encarnação. Está sujeita às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo está sujeito às leis do princípio material. Como estes dois princípios possuem afinidade fundamental e atuam incessantemente entre si, produzindo o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma como a outra, e que a primeira não é exceção ou anomalia na ordem das coisas.

5. –Durante a encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito [140]; acontece o mesmo quando não está encarnado. Como Espírito, e, na medida das suas capacidades, faz o que faria como criatura humana, apenas, como já não pode servir-se do seu corpo carnal, como instrumento, serve-se, quando é necessário, dos órgãos materiais de um encarnado a que chamamos *médium.* Faz como aquele que, não podendo escrever por si mesmo, recorre a um secretário, ou que, não sabendo uma língua, serve-se de um intérprete. Um secretário, ou um intérprete são os *médiuns* de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6 – O meio no qual agem os Espíritos e o modo como o fazem, não sendo o mesmo que no estado de encarnação, tem também efeitos diferentes. Estes só parecem sobrenaturais porque são produzidos com a ajuda de agentes diferentes daqueles de que nos servimos. Como esses agentes estão na natureza, e as manifestações se produzem em virtude de certas leis, não há nisso nada de sobrenatural nem de maravilhoso.

Antes de conhecer as propriedades da eletricidade, os fenómenos elétricos eram considerados prodígios aos olhos de certas pessoas. Depois de conhecidas as suas causas, o maravilhoso desapareceu.

Acontece o mesmo com os fenómenos espíritas, que não se afastam da ordem das leis naturais mais do que se afastam os fenómenos elétricos, acústicos, luminosos e outros que têm sido a fonte de uma enorme quantidade de crenças supersticiosas.

6. – Contudo, sabeis que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Não será uma violação da lei da gravidade? Sim, da lei que se conhece; e todas as outras que não se conhecem?

Antes de se ter experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada estrutura, transportando várias pessoas, pudesse vencer a força da gravidade? Aos olhos do comum dos mortais, isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico?

Aquele que há um século atrás se propusesse transmitir uma mensagem a quinhentas léguas, e receber a resposta em poucos minutos, teria passado por louco. Se o tivesse conseguido teriam

[140] Na época de Kardec tudo o que transcendia a matéria era conhecido como fluido; atualmente, depois das experiências suecas, a tendência é admitir-se que o perispírito seja um campo considerado paranormal e dito psicossoma pelos russos. Também é conhecido como "life's field." (Carlos de Brito Imbassahy)

acreditado que possuía o diabo às suas ordens, porque, diziam, só o diabo seria capaz de ir tão depressa; contudo, atualmente, isso é não apenas possível, mas totalmente natural.

Por que motivo, pois, uma energia desconhecida não teria a propriedade, nas circunstâncias apresentadas, de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogénio contrabalança o peso do balão? É isso que sucede realmente no caso de que se trata. (Livro dos Médiuns, cap. IV).

7. – Sendo naturais, os fenómenos espíritas produziram-se desde sempre. Devido ao facto de que o seu estudo não podia fazer-se pelos meios materiais de que dispõe a ciência, permaneceram mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, de onde o Espiritismo os fez sair, na atualidade.

Baseado em aparências inexplicáveis, o sobrenatural deixa livre curso à imaginação que, vagueando pelo desconhecido gera, então, as crenças supersticiosas.

Uma explicação racional, baseada nas leis da natureza, reconduz os factos ao terreno da realidade, coloca um ponto final nos desvios da imaginação e destrói as superstições.

Longe de alargar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo restringe-o nos seus últimos limites e tira-lhe o seu último refúgio. Se faz acreditar na possibilidade de certos factos, impede a crença em muitos outros, porque demonstra, no âmbito da espiritualidade, como a ciência faz no âmbito da materialidade, o que é possível e o que não o é.

Todavia, como não tem a pretensão de possuir a última palavra sobre todas as coisas, nem mesmo sobre as que são da sua competência, não se coloca em regulador absoluto do possível e faz parte dos conhecimentos reservados pelo futuro.

9. – Os fenómenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito,[141] quer durante as encarnações, quer no intervalo entre elas. É pelas suas manifestações que a alma revela a sua existência, a sua sobrevivência e a sua individualidade. Julgamo-la pelos seus efeitos, dado que sendo a causa natural é natural o efeito.

Estes efeitos são o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, para chegar ao conhecimento, tão completo quanto possível, da natureza e dos atributos da alma, como das leis que regem o princípio espiritual.

10. – Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente e, por conseguinte, da existência da alma individual e sobrevivente, toda a natureza está na matéria tangível. Todos os fenómenos que se ligam à Espiritualidade são, a seus olhos, sobrenaturais e, por conseguinte, quiméricos. Não admitindo a causa, não podem admitir o efeito; e quando os efeitos são patentes, atribuem-nos à imaginação, à ilusão, à alucinação e recusam-se a aprofundar o seu estudo. Daí a opinião preconcebida que os impede de apreciar racionalmente o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não é material.

11. – Admitindo o Espiritismo os efeitos que são consequência da existência da alma, isso não significa que aceite todos os efeitos qualificados de maravilhosos nem que pretenda justificá-los ou dar-lhes crédito. Nem que se converta no defensor de todos os devaneios, utopias e excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas. Seria ignorar totalmente o espiritismo pensar desse modo.

Os seus adversários acreditaram opor-lhe um argumento sem réplica, quando, após terem feito documentadas investigações sobre os convulsionários de Saint-Médard, os camisardos de

---

[141] A Psicologia Experimental do século XIX considerava o ser humano como "alma encarnada" e o Espiritismo definiu o espírito como "alma desencarnada". Deste modo, utilizamos o t ermo "alma" para os encarnados e "Espírito" para os desencarnados. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

Cévennes, ou as religiosas de Loudun, descobriram aí factos patentes de fraude que ninguém contesta.

Essas histórias são verdades respeitadas pelo Espiritismo? Não, os seus adeptos sabem do que trata o charlatanismo e do que é capaz.

O espiritismo não é solidário com as extravagâncias que se possam cometer em seu nome, tal como verdadeira ciência não confirma os abusos da ignorância, ou a verdadeira religião não apoia os excessos de fanatismo.

12. – A maioria das vezes os fenómenos espíritas são espontâneos e produzem-se por intermédio de pessoas sem qualquer ideia preconcebida e que nem sequer pensam nisso. Em certas circunstâncias podem ser provocados por agentes designados pelo nome de *médiuns*. No primeiro caso, o *médium é inconsciente* relativamente ao que acontece por seu intermédio; no segundo, atua com conhecimento de causa. Daí a distinção entre *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e encontram-se, frequentemente, entre os incrédulos mais obstinados, que praticam assim o espiritismo sem o saber e sem o querer.

Os fenómenos espontâneos têm, por isso mesmo, uma importância fundamental, porque não se pode suspeitar da boa-fé dos que os obtêm. Acontece aqui o mesmo que no sonambulismo, que, em certos indivíduos é natural e involuntário, enquanto noutros é provocado pela ação magnética [142].

Quer estes fenómenos sejam ou não o resultado de um ato da vontade, a causa primeira é a mesma e completamente natural. Os médiuns não fazem milagres, só produzem fenómenos naturais. As curas instantâneas não são miraculosas. Resultam de uma forma de energia, que funciona como agente terapêutico, com propriedades naturais, embora desconhecidas até ao presente. O epíteto de *taumaturgos,* dado a certos médiuns pela crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, é totalmente impróprio. A qualificação de *milagre,* atribuída por comparação, é errada.

13. – A intervenção de inteligências ocultas nos fenómenos espíritas não os torna mais miraculosos do que todos os outros fenómenos devidos a agentes invisíveis, já que esses seres ocultos, que povoam os espaços, são uma das forças da natureza, cuja ação é incessante tanto sobre o mundo material, como sobre o mundo moral.

O Espiritismo, esclarecendo essas forças, explica uma multidão de factos ignorados, que em tempos remotos foram tidos como prodígios. Do mesmo modo que o magnetismo, o espiritismo revelou uma lei que, sem ser desconhecida, foi mal compreendida. Dizendo melhor, conheciam-se os efeitos, porque eles se produziam sempre, mas não se conhecia a lei, o que originou a superstição.

Conhecida a lei, o maravilhoso desaparece e os fenómenos entram na ordem natural das coisas. É por isso que os Espíritos não fazem milagres fazendo girar uma mesa ou escrevendo mensagens dos mortos, da mesma forma que um médico trata um doente, ou um químico que faz uma reação laboratorial. Aquele que quisesse dar a ideia de fazer milagres com a ajuda dessa ciência seria um embusteiro.

14. – Uma vez que o Espiritismo repudia qualquer pretensão a coisas miraculosas, haveria milagres por efeitos exteriores a ele, na aceção usual da palavra?

Digamos primeiramente que entre os factos reputados miraculosos que se passaram antes do começo do Espiritismo, e que se passam ainda hoje, a maior parte, senão todos, encontram explicação nas novas leis que ele veio revelar. Esses factos incluem-se, ainda que com outro nome, na ordem dos fenómenos espíritas, e como tal, nada têm de sobrenatural. Compreenda-se bem que só nos referimos a factos autênticos e não aqueles que, sob o nome de milagre, são o produto de charlatanice indigna que pretende explorar a credulidade. Também não nos referimos a certos factos lendários que podem ter tido, na origem, um fundo de verdade, mas que a superstição

[142] Livro dos Médiuns, cap. V. – Revista Espírita; exemplares: dezembro 1865, pág. 370; – agosto 1865, pág. 231. (A.K.)

ampliou até ao absurdo. É sobre estes factos que o Espiritismo vem lançar a luz, pois proporciona os meios de separar o erro da verdade.

15. – Quanto aos milagres propriamente ditos, Deus pode fazê-los, visto que nada lhe é impossível. Mas, se isso acontecesse, Deus teria que desrespeitar as leis que ele próprio estabeleceu. Não cabe ao homem julgar antecipadamente os atos da divindade e subordiná-los à fraqueza do seu entendimento. Contudo, a respeito das coisas divinas, utilizamos como critério do nosso julgamento os próprios atributos de Deus. Ao poder supremo Deus associa a suprema sabedoria, sendo inevitável concluir que nada faz que seja inútil.

Então, por que faria milagres? Para dar testemunho do Seu poder, diz-se.

Mas o poder de Deus manifesta-se de uma maneira muito mais eloquente através do conjunto grandioso das obras da criação; pela sabedoria previdente que preside a todas as suas partes, desde as mais ínfimas até às maiores; e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequenas e pueris revogações que os prestidigitadores gostam de imitar.

Que se diria de um engenheiro mecânico que, para provar a sua habilidade, desmontasse o relógio que construíra, obra-prima da ciência, só para mostrar que pode desfazer o que fez? Pelo contrário, o seu saber destaca-se muito mais através da regularidade da precisão do funcionamento da sua obra.

A questão dos milagres propriamente ditos não é da alçada do Espiritismo. Contudo, apoiando-se no raciocínio de que Deus nada faz de inútil, a doutrina espírita emite a opinião de que, dado que os milagres não são necessários para a glorificação de Deus, nada no Universo se afasta das leis gerais. Se há factos que não compreendemos é porque nos faltam ainda os conhecimentos necessários.

16. – Supondo-se que Deus, por razões que não podemos precisar, tenha revogado acidentalmente as leis que ele mesmo estabeleceu, essas leis não seriam imutáveis. Contudo, é pelo menos racional pensar que só ele tem o poder de fazer semelhante coisa; não se poderia admitir, sem lhe negar a omnipotência, que seja dado ao Espírito do mal o poder de desorganizar a obra divina, para fazer prodígios capazes de seduzir mesmo os eleitos, o que implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus. Contudo, é isso que se ensina. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais, que são obra divina, sem a permissão de Deus, isso significaria que é mais poderoso que Deus. Logo, Deus não seria todo-poderoso; e se, como alguns pretendem, Deus lhe delega esse poder para induzir mais facilmente os homens ao mal, Deus não teria a soberana bondade. Num e outro caso, é a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Também a Igreja distingue os bons milagres que vêm de Deus, dos maus milagres que procedem de Satanás; mas, como fazer a diferença? Um milagre, seja ou não oficial, não deixaria de ser uma revogação das leis que emanam apenas de Deus; se um indivíduo é curado, como se diz, miraculosamente, quer o seja por Deus ou por Satanás, ele não estaria menos curado. É preciso ter uma ideia bastante pobre da inteligência humana, para esperar que semelhantes doutrinas pudessem ser aceites nos nossos dias.

Sendo reconhecida a possibilidade de certos factos que se consideram miraculosos, é preciso concluir que, qualquer que seja a origem que se lhes atribua, são efeitos naturais de que se podem valer os Espíritos, *encarnados ou desencarnados*, ou de qualquer outra coisa, inclusivamente da sua própria inteligência e dos seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, conforme predomine neles a bondade ou a perversidade. Um ser perverso, apelando ao saber que adquiriu, pode fazer coisas que passem por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas quando estes efeitos têm por resultado um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhe uma origem diabólica.

17. – A religião apoia-se em factos que não são explicados nem explicáveis? Inexplicados, pode ser, inexplicáveis, é uma outra questão. Que sabemos das descobertas e dos conhecimentos que o futuro nos reserva?

Sem falar no milagre da criação, o maior de todos sem contradita, e que hoje já entrou no domínio da lei universal, não se vê já no domínio do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, reproduzirem-se os êxtases, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com seres do mundo invisível? Estes fenómenos, conhecidos desde tempos imemoriais, considerados outrora como miraculosos,[143] está demonstrado atualmente que pertencem à ordem das coisas naturais, de acordo com a lei da constituição dos seres.

Os livros sagrados estão cheios de factos deste género classificados como sobrenaturais; mas, como se encontram outros, análogos a estes ou mais maravilhosos ainda, em todas as religiões pagãs da antiguidade, se a verdade de uma religião dependesse do número e da natureza desses factos, não se saberia dizer qual deveria prevalecer.

18. – Afirmar que o sobrenatural é o fundamento necessário de todas as religiões, a chave da abóbada do edifício cristão, é apoiar uma opinião perigosa; se as verdades do cristianismo se basearem apenas no maravilhoso, é dar-lhe apoio frágil que enfraquece dia após dia.

Essa opinião, defendida por eminentes teólogos, conduz diretamente à conclusão que, dentro de algum tempo, já não haverá religião possível, nem mesmo a religião cristã, se o que é olhado como sobrenatural for demonstrado como natural.

Não valerá a pena acumular argumentos, não se conseguirá manter a crença de que um facto é miraculoso, quando estiver provado que o não é. A prova de que um facto não é uma exceção às leis naturais, existe quando esse mesmo facto pode ser explicado por essas mesmas leis e quando, podendo reproduzir-se por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos.

Não é o *sobrenatural* que é necessário às religiões, mas o *princípio espiritual*, que se confunde erradamente com o maravilhoso, e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto de vista mais elevado; dá-lhe uma base mais sólida que a dos milagres: são as leis imutáveis de Deus, que regem tanto o princípio espiritual como o princípio material. Essa base desafia o tempo e a ciência, porque tanto o tempo como a ciência virão sancioná-la.

Deus não é menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento, do nosso respeito, por não ter revogado as suas leis, grandiosas, sobretudo, pela sua imutabilidade. Não é necessário o sobrenatural para render a Deus o culto que lhe é devido. A natureza é bastante imponente por si própria, nada sendo necessário acrescentar-lhe para provar o poder supremo.

A religião encontrará tanto menos incrédulos, quanto mais seja, em todos os aspetos, aprovada pela razão. O cristianismo nada tem que perder com tal aprovação, pelo contrário, só pode ganhar com isso. Se alguma coisa o tem prejudicado em certas opiniões, é precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.

19. – Se tomarmos o termo *milagre* na sua aceção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, temos *milagres* constantemente à nossa volta; aspiramo-los no ar e encontramo-los a cada passo, porque tudo é milagre na natureza.

---

143 O estado de sonambulismo é explicado pelo Espiritismo como decorrente de um desprendimento do perispírito do sonâmbulo de tal forma que os sentidos físicos adormecem e o sonâmbulo percebe pelo sentido espiritual. O êxtase é um estado mais profundo do que o sonambulismo, quando o indivíduo se desprendia do mundo físico e passava a perceber o mundo espiritual, comummente descrevendo as belezas, as sensações sublimes e as informações que percebe. Há relatos de dificuldade em voltar à condição lúcida pelas sensações agradáveis que sentiam. (Nota retirada da edição de A Génese, da FEAL, 2019)

Quereis dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito, uma ideia do poder de Deus? Mostrai-lho na sabedoria infinita que preside a tudo, na admirável organização de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na adequação de todas os órgãos de cada ser às suas necessidades, conforme o meio onde tenham de viver. Mostrai a ação de Deus no pé da planta, na flor que desabrocha, no Sol que tudo vivifica; mostrai-lhe a sua bondade na solicitude que dispensa a todas as criaturas, por mais ínfimas que sejam; na sua providência na razão de ser de cada coisa, em que nada é inútil; no bem que aparece sempre de um mal aparente e momentâneo. Fazei que compreendam, sobretudo, que o mal verdadeiro é obra do homem e não de Deus.

Não procureis apavorá-los com o quadro das penas eternas, nas quais acabam por deixar de acreditar e que os faz duvidar da bondade de Deus. Em vez disso, encorajai-os pela certeza de poderem redimir-se um dia e reparar o mal que tiverem feito; mostrai-lhes as descobertas da ciência como revelações das leis divinas e não como obra de Satanás; ensinai-lhes, por último, a ler no livro da natureza sempre aberto na sua frente; nesse livro inesgotável, em cujas páginas estão escritas a sabedoria e a bondade do Criador. Então, eles compreenderão que um Ser tão grande, que se ocupa de tudo, que cuida de tudo, que tudo prevê, deve ser soberanamente poderoso. O trabalhador vê-lo-á quando lavra o seu campo, e o infeliz abençoá-lo-á nas suas aflições, porque dirá, para si mesmo: “Se sou infeliz é por minha culpa”.

Então, os homens serão verdadeiramente religiosos, sobretudo racionalmente religiosos, muito mais que se vos esforçais por fazê-los acreditar em pedras que suam sangue ou em estátuas que piscam os olhos e vertem lágrimas.

Natureza e propriedades dos fluidos

1. – A Ciência revelou o enigma dos "milagres" que derivam do elemento material, quer explicando-os, quer demonstrando a sua impossibilidade, pelas *leis que regem a matéria*; em contrapartida, nos fenómenos em que prevalece o elemento espiritual, como não podem ser explicados somente *pelas leis da matéria,*[144] escapam às investigações da Ciência: é por que esses fenómenos, mais do que os outros, apresentam as características *aparentes* do maravilhoso. É, pois, nas *leis que regem a vida espiritual* que se podem explicar os "milagres" desta categoria.

3. – O fluido cósmico universal é, tal como ficou demonstrado, a matéria elementar primitiva,[145] cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza.

---

144 Convém anotar aqui que na 5ª edição de A Génese, neste ponto, é cometido um grave erro semântico que distorce o significado doutrinário, ao substituir a expressão *leis da matéria* por *leis da natureza.* Ao discorrer sobre os limites da ciência para investigar os fenómenos espirituais, Kardec destaca que esses não podem ser explicados unicamente pelas "leis da matéria". As alterações sofridas na 5ª edição francesa distorceram essa afirmação, apontando que aqueles fenómenos não podiam ser explicados apenas pelas "leis da natureza". A seguir, os trechos no original:

1ª edição (1868) – Cap. 14, item 1: "*... mais les phénomènes où l'élément spirituel a une part prépondérante, ne pouvant être expliqués par les seules* ***lois de la matière****, échappent aux investigations de la science: c'est pourquoi ils ont, plus que les autres, les caractères apparents du merveilleux."*

5ª edição (1872) – Cap. 14, item 1: "*... mais les phénomènes où l'élément spirituel a une part prépondérante, ne pouvant être expliqués par les seules* ***lois de la nature****, échappent aux investigations de la science: c'est pourquoi ils ont, plus que les autres, les caractères apparents du merveilleux."*

Uma vez que matéria e natureza possuem significados diferentes e são conceitos que não foram utilizados como sinónimos por Kardec em suas obras, o texto modificado apresenta um claro contraste semântico.

Por "natureza", entende-se o conceito amplo que envolve tudo o que é natural, ou seja, todos os elementos do universo: espírito e matéria. Os fenómenos espirituais estão, portanto, dentro das leis naturais e podem ser explicados por elas. Na 5ª edição francesa de A Génese, a alteração da frase faz com que se negue essa explicação natural e se afirme que os fenômenos espirituais estariam fora da própria natureza.

Na questão nº 617, de O Livro dos Espíritos, destaca-se a associação direta de que "todas as leis da Natureza são leis divinas, pois que Deus é o autor de tudo. O cientista estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda e pratica as da alma."

Ainda nesta questão, reforça-se o conceito de que, de entre as leis divinas, "umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: as leis físicas, cujo estudo pertence ao domínio da Ciência" e "as outras dizem respeito especialmente ao homem considerado em si mesmo e nas suas relações com Deus e com os seus semelhantes. Contêm as regras da vida do corpo, bem como as da vida da alma: são as leis morais."

No item 41 do capítulo 1, em todas as edições de A Génese, destaca-se que as leis da natureza reveladas pelo Espiritismo confirmam, explicam e desenvolvem tudo quanto Jesus disse e fez, elucidando os pontos obscuros do ensino cristão. As leis morais, portanto, são naturais. Essa condição impede qualquer tentativa de substituição semântica de leis da natureza por leis da matéria.

(Nota de *Marco Milani - Diretor do Departamento de Doutrina da USE-SP- (Texto publicado no Boletim Dirigente Espírita, n.169, Jan/Fev de 2019, p. 5 com o título "*Natureza e matéria não são sinônimos").

145 Temos que ter em conta que, na época de Kardec, a energia era tida como uma forma fluida e que foi Sir Isaac Newton (1643-1727), que denominou de FCU (fluido cósmico universal) a energia fundamental do Universo e só em 1905 é que Einstein provou que desta energia – chamada de matéria elementar primitiva por Kardec – derivavam todos os demais fenómenos da natureza, inclusive a própria matéria, expressão pela famosa fórmula $E = mc^2$. Kardec antecipou-se a ele.

Nunca é demais repetir que o FCU (definido por Newton) nada mais é do que a energia fundamental do Universo e, como tal, o primeiro estado físico de tudo o que possa existir dentro dele. Por isso, quando Kardec se antecipa à época, definindo-o como "matéria elementar primitiva" ele já se antecipava ao seu tempo neste conceito. Ainda não se sabia que a própria matéria, ou terceiro estado físico da energia, era, exatamente, esta mesma energia (conhecida como FCU) condensada. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy)

Enquanto princípio elementar universal, apresenta dois estados diferentes: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar como o estado normal primitivo, e o de materialização ou ponderabilidade que é resultante do primeiro. [146]

O ponto intermediário é o de transformação do fluido em matéria tangível, mas, ainda aí, não existe transição brusca, pois podemos considerar os nossos fluidos imponderáveis como uma fronteira entre os dois estados (Cap. IV, n° 10 e seguintes).

Cada um destes dois estados dá necessariamente lugar a fenómenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível.

Uns, chamados fenómenos materiais estão no domínio da Ciência propriamente dita; os outros, classificados como fenómenos espirituais ou psíquicos [147], porque se ligam mais especificamente à existência do Espírito, estão no âmbito do Espiritismo. Como a vida espiritual e a vida corpórea estão em contato permanente, os fenómenos de ambas as categorias apresentam-se simultaneamente. O ser humano encarnado, só tem a perceção dos fenómenos físicos que se ligam à vida corpórea; os que são da vida espiritual escapam aos sentidos materiais, e só podem ser percebidos no Estado de Espírito.[148]

3. – No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações também variáveis no seu género, e mais numerosas, talvez, que no estado de matéria tangível. Estas modificações constituem fluidos diferentes que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenómenos peculiares do mundo invisível.

Sendo tudo relativo, estes fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material como a dos objetos tangíveis para os encarnados, e são para eles o que as substâncias do mundo terrestre são para nós; elaboram-nos e combinam-nos para produzir determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, contudo, por processos diferentes.

Lá como cá, só é dado aos Espíritos mais esclarecidos compreenderem o papel dos elementos constitutivos do seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são também incapazes de explicar muitos fenómenos que observam e para os quais contribuem maquinalmente, muitas vezes, como os ignorantes da Terra explicam os efeitos da luz ou da eletricidade, tal como os veem e entendem.

4. – Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à perceção dos nossos sentidos, concebidos para o tangível e não para o etérico. É que eles pertencem a um meio totalmente diferente do nosso, de que só podemos fazer uma ideia, mediante comparações tão imperfeitas como aquelas pelas quais um cego de nascença procura dar uma ideia da teoria das cores.

Entre os fluidos, alguns estão intimamente ligados à vida corpórea e pertencem, de certa forma, ao meio terrestre. Na falta de uma perceção direta, podemos observar os seus efeitos e adquirir, sobre a sua natureza, conhecimentos de alguma precisão. Este estudo é essencial, porque nele reside a chave de uma multidão de fenómenos inexplicáveis unicamente pelas leis da matéria.

---

[146] Naquela época não se tinha a menor noção da existência desta energia fundamental descrita por Kardec e que só meio século após veio a ser conhecida, confirmando as presentes assertivas. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy).

[147] Atualmente, a Parapsicologia denomina de psíquicos os fenómenos anímicos e de parapsíquicos os mediúnicos, ditos espirituais (ou espiríticos por Akzakof) e que dependem da presença do desencarnado. (Nota de Carlos de Brito Imbassahy).

[148] A denominação de fenómeno *psíquico* exprime mais exatamente o pensamento que o de fenómeno *espiritual*, atendendo a que estes fenómenos se baseiam nas propriedades e nos atributos da alma, ou melhor, dos fluidos perispirituais que são inseparáveis da alma. Esta qualificação liga-os mais intimamente à ordem dos factos naturais regidos por leis; é possível, pois, admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir como milagres. (A.K.)

5. – O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, do qual nada nos pode dar uma ideia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria palpável.

Entre estes dois extremos existem inumeráveis transformações que se aproximam, mais ou menos, de um ou de outro. Os fluidos mais próximos da matéria, os menos puros, constituem o que se pode chamar "*a atmosfera espiritual terrestre"*.

É neste meio, onde se encontram igualmente diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra tiram os elementos necessários à sua existência. Estes fluidos, por mais subtis ou impalpáveis que nos pareçam, são de uma natureza grosseira comparativamente aos fluidos etéreos das regiões superiores.

Acontece o mesmo na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vida próprias de cada um. Quanto menos a vida aí for material, menos os fluidos espirituais têm afinidade com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é exata, já que é sempre matéria muito subtil. Só a alma ou princípio inteligente é realmente *espiritual.* Designam-se assim por comparação, e sobretudo, pela sua afinidade com os Espíritos. Pode dizer-se que são a matéria do mundo espiritual: é por isso que lhe chamamos "*fluidos espirituais*".

6 – Quem conhece a constituição íntima da matéria palpável? [149]

Talvez só seja compacta para os nossos sentidos, o que seria provado pela facilidade com que é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos aos quais não oferece maior obstáculo que os corpos transparentes oferecem à luz.

A matéria palpável, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo deve poder, ao desagregar-se, voltar ao estado de eterização, assim como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. Na realidade, a solidificação da matéria é apenas um estado transitório do fluido universal, que pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão deixam de existir.

Quem sabe até se, no estado palpável, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades especiais? Certos fenómenos, aparentemente autênticos, levam-nos a supor que assim é. Por agora, só conhecemos as fronteiras do mundo invisível e o futuro reserva-nos, sem dúvida, o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que é ainda, para nós, um mistério.

7 – O perispírito, ou corpo fluídico do Espírito é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação deste fluido em volta de um centro de inteligência ou alma. Já vimos que o corpo carnal tem igualmente o seu princípio neste mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível.

No perispírito a transformação molecular realiza-se de outro modo, pois o fluido conserva a sua imponderabilidade e as suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal têm, portanto, origem no mesmo elemento primitivo: ambos são matéria, embora em dois estados diferentes.

8. – Os Espíritos tiram o seu perispírito do meio onde se encontram, quer dizer, o perispírito é formado dos fluidos ambientais; consequentemente, os seus elementos constituintes devem variar conforme os mundos. Júpiter, sendo dado como um mundo muito avançado comparativamente à Terra, onde a vida corporal não apresenta a materialidade da nossa, os perispíritos devem ter aí uma natureza mais purificada do que na Terra.

---

[149] Na época de Kardec ainda não se sabia que a molécula era constituída de átomos e estes de partículas, quanto mais que ela seria a condensação da energia fundamental ou "fluido cósmico" como diziam. (C.B. Imbassahy.)

Ora, da mesma forma que não poderíamos viver nesse mundo com o nosso corpo carnal, também os nossos Espíritos não poderiam aí entrar com o seu perispírito terrestre. Ao deixar a Terra, o Espírito deixa aí o seu corpo fluídico e toma outro, apropriado ao mundo para onde deve ir.

9– A natureza do perispírito está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem trocá-lo à sua vontade e, por consequência, não podem transportar-se de um mundo para outro, quando quiserem. O corpo fluídico de alguns, embora etéreo e imponderável em relação à matéria, é ainda muito pesado em relação ao mundo espiritual, e não lhes permitir sair do seu meio. Devem-se incluir nesta categoria aqueles cujo perispírito é tão denso que eles o confundem com o corpo carnal e que, por este motivo, supõem que continuam vivos.

Estes Espíritos, e é grande o seu número, ficam na superfície da Terra como os encarnados, acreditando sempre que continuam nas ocupações que tinham neste mundo.

Outros, um pouco mais desmaterializados, não o são suficientemente para se elevarem acima das regiões terrestres. [150]

Os Espíritos superiores, pelo contrário, podem vir aos mundos inferiores e até encarnarem neles. Tiram dos elementos constituintes desse mundo onde entram, os materiais para a formação do corpo fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontram. Fazem como o grande senhor que deixa as suas roupas douradas para se vestir momentaneamente com uma roupa humilde, sem deixar de ser o grande senhor.

É assim que os Espíritos de ordem mais elevada podem manifestar-se aos habitantes da Terra, ou encarnar em missão, entre nós. Estes Espíritos trazem consigo, não o corpo fluídico, mas a lembrança intuitiva das regiões de onde vieram e que veem através do pensamento. São videntes entre os cegos.

10. – A camada dos fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada com as camadas inferiores da atmosfera: mais pesadas, mais compactas, menos puras que as camadas superiores.

Estes fluidos não são homogéneos; constituem uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais se encontram, necessariamente, as moléculas elementares que formam a sua base, mais ou menos alteradas.

Os efeitos produzidos por estes fluidos estão na razão da *soma* das partes puras que contêm. Tal é, por comparação, o álcool retificado ou misturado, em diferentes proporções, com água ou outras substâncias: o seu peso específico aumenta em função desta mistura, ao mesmo tempo que sua a potência e a sua inflamabilidade diminuem, muito embora, no todo, continue a existir álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver neste meio tiram dele o seu perispírito, mas, conforme o Espírito seja, ele mesmo, mais ou menos puro, o seu perispírito forma-se das partes mais puras ou mais densas desse meio. O Espírito produz aí, sempre por semelhança e não por adaptação, o efeito de uma reação química que atrai para si as moléculas assimiláveis à sua natureza.

Daí resulta este facto *fundamental: a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço envolvente.* [151]

---

[150] Exemplo de Espíritos que acreditam ainda pertencer a este mundo, depois da morte: Revista Espírita dez. 1859, p. 310; – nov. 1864, p. 339; – abr. 1865, p. 117 (A.K.)

[151] Esta explicação demonstra como é falsa a ideia de localidade geográfica imaginada pelas doutrinas religiosas e mitológicas ao se referirem ao destino da alma após a morte como céu, inferno, trevas ou hades. Se o corpo espiritual altera a sua constituição conforme o estado evolutivo intelecto-moral do Espírito, as suas relações físicas e o seu meio estabelecem-se fundamentalmente por meio de sintonia e não por localidade (Nota de A Génese, edições FEAL)

Não acontece o mesmo com o corpo carnal, que, conforme foi demonstrado, é formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos em todos, as necessidades semelhantes, ao passo que diferem para tudo o que seja inerente ao perispírito.

Daí resulta, ainda, que o corpo perispiritual do mesmo Espírito modifica-se com o seu progresso moral em cada encarnação, embora encarnando no mesmo meio; e que os Espíritos superiores, que excecionalmente encarnam para cumprir uma missão num mundo inferior, têm um perispírito menos denso que os naturais desse mundo.

11. – O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que aí devem viver; os peixes com a água, os seres terrestres com o ar; os seres espirituais com o fluido espiritual ou etéreo, mesmo quando estão na Terra.

O fluido etéreo é para as necessidades do Espírito tal como a atmosfera para as necessidades dos encarnados. Tal como os peixes não podem viver no ar ou os animais terrestres não podem viver numa atmosfera demasiado rarefeita para os seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho nem a impressão dos fluidos mais etéreos. Não morreriam no meio desses fluidos, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva mantém-nos afastados, assim como nos afastamos de um fogo muito quente ou de uma luz muito ofuscante.

É por isso que não podem sair do meio apropriado à sua natureza. Para mudar de meio, é preciso que mudem primeiro a sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos ambientes materiais; numa palavra, que se purifiquem e se transformem moralmente.

Então, gradualmente, identificar-se-ão com um meio mais puro, que se converte para eles numa necessidade, assim como os olhos de quem viveu por longo tempo nas trevas se habitua, paulatinamente, à luz do dia e ao brilho do Sol.

12. – Assim, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo. Tudo obedece à grande e harmoniosa lei da unidade, desde a materialidade mais compacta até à espiritualidade mais pura. A Terra é como um recipiente de onde se escapa um fumo espesso que se rarefaz à medida que se eleva e cujas partículas rarefeitas se perdem no espaço infinito.

O poder divino manifesta-se em todas as partes deste grandioso conjunto e, apesar de tudo, para comprovar melhor a existência de Deus, alguns queriam que ele, não satisfeito com tudo o que realizou, viesse perturbar esta harmonia, que descesse ao papel de mágico produzindo efeitos pueris dignos de um prestidigitador!

E, como se isso não bastasse, ousam dar-lhe por rival em habilidade o próprio Satanás! Na verdade, nunca se rebaixou tanto a majestade divina; e depois, surpreendem-se com o aumento da incredulidade! Tendes razão em dizer: "*A fé está a desaparecer!"* Contudo, trata-se da fé que ofende o bom senso e a razão, a mesma fé que fazia dizer em tempos passados: "*Os deuses estão a desaparecer!*" Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade está sempre viva no coração das pessoas. Por mais que tenha sido sufocada pelas histórias pueris com que a subjugaram, ergue-se mais forte a partir do instante em que se liberta, como uma planta num lugar sombrio se recupera quando volta a receber de novo os raios do Sol!

Tudo é milagre na natureza, porque tudo é admirável e testemunho da sabedoria divina! Estes milagres são para toda a gente, para todos os que tenham olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não só em proveito de uns poucos. Não há milagres no sentido que se atribui a essa palavra, porque tudo provém das leis eternas da criação.

13. – Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, [152] são a atmosfera dos seres espirituais; são os elementos de onde eles tiram os materiais sobre os quais operam; o meio onde se passam os fenómenos especiais, percetíveis à vista e ao ouvido do Espírito e que escapam aos sentidos do corpo carnal, impressionados apenas pela matéria tangível; são, por fim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14. – Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para o Espírito como a mão é para os seres humanos. Pelo pensamento, imprimem aos fluidos esta ou aquela direção, aglomeram-nos, combinam-nos ou dispersam-nos e formam com eles conjuntos com uma aparência, uma forma ou uma cor determinada; modificam as propriedades como um químico modifica as de um gás ou de outros corpos, combinando-as segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Nalguns casos, essas transformações são o resultado de uma intenção; a maioria das vezes são o produto de um pensamento inconsciente. Basta que um Espírito pense numa coisa para que ela se reproduza.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta a uma pessoa que seja vidente com a aparência que tinha na sua existência, na época em que ela o tenha conhecido, embora tendo passado por várias encarnações posteriores. Apresenta-se com a roupa, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado apresentar-se-á sem a cabeça. Não quer dizer que tenham conservado estas aparências. Como Espírito, não é coxo, maneta, zarolho ou decapitado; o seu *pensamento,* porém, refere-se à época em que era assim. O seu perispírito adota instantaneamente as aparências respetivas, e abandona-as também de forma repentina. Se tiver sido negro e outra vez branco, apresentar-se-á como negro ou branco, de acordo com a época a que corresponda a evocação.

Analogamente o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que estava habituado a utilizar; um avaro manipulará ouro, um militar mostrará as suas armas e o seu uniforme, um fumador o seu cachimbo, um trabalhador a sua charrua e os seus bois, uma velha mulher a sua roca.

Estes objetos fluídicos são tão reais para o Espírito como o eram no estado material para o ser humano; no entanto, como criações do pensamento, a sua existência é tão efémera como este. [153]

15. – A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de uma importância direta e fundamental para os seres humanos. Uma vez que estes fluidos são o veículo do pensamento, e que este pode modificar-se, é evidente que estará impregnado pela qualidade dos sentimentos que lhe deram origem. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, tal como os bons poderão elevá-los. Os fluidos que envolvem os maus Espíritos são viciados, ao passo que aqueles que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto lhes permite o seu grau de perfeição moral.

Não seria possível enumerar ou classificar os bons e os maus fluidos, nem especificar as suas qualidades, visto que a sua diversidade é tão vasta como podem ser os pensamentos.

16. – Se os fluidos circundantes são modificados pela projeção dos pensamentos do Espírito, o seu corpo perispiritual, que é parte constituinte do seu ser e que recebe de forma direta e permanente a impressão dos seus pensamentos, conserva a impressão das suas qualidades boas ou más. Os fluidos alterados pelas emanações dos maus Espíritos podem purificar-se afastando-se deles, mas o seu perispírito será sempre o que é, enquanto o Espírito não se modificar por si mesmo.

---

[152] Há muita correlação entre o que Kardec descreve e o que os Astrofísicos acabam de descobrir sobre a energia estranha que corresponde a 73% da energia sideral. (Nota de C. B. Imbassahy)

[153] Revista Espirita, jul. 1859, p. 184. Livro dos Médiuns cap. VIII (A.K.)

17. – Os seres humanos, sendo Espíritos encarnados, possuem, em parte, os atributos da vida espiritual, porque vivem essa vida tanto como a vida corpórea. Primeiro durante o sono, e muitas vezes no estado de vigília. O Espírito, ao encarnar, conserva o seu perispírito com as qualidades que lhe são próprias e este, como se sabe, não é circunscrito ao corpo; irradia à sua volta e envolve-o como se fosse numa atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel absolutamente fundamental no organismo. Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados.

O pensamento do Espírito encarnado atua sobre os fluidos espirituais como o pensamento dos Espíritos desencarnados; transmite-se de Espírito a Espírito pela mesma via e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos circundantes.

18. – O perispírito dos encarnados, sendo de uma natureza idêntica à dos fluidos espirituais, assimila-os com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Estes fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto, pela sua expansão e pela sua radiação, se fundem com ele.

Atuando sobre o perispírito, estes fluidos, por sua vez, reagem sobre o organismo material com o qual estão em contato molecular. Se as emanações forem de uma natureza boa, o corpo recebe uma impressão salutar; se são más, a impressão é penosa; se as emanações más forem permanentes e enérgicas, podem determinar desordens físicas. Essa é origem de certas doenças.

Os ambientes onde predominam os Espíritos maus encontram-se impregnados de fluidos nocivos, que o ser humano absorve pelos poros perispirituais, assim como absorve as emanações tóxicas pelos poros do corpo.

19. – Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembleia é um foco de irradiação de pensamentos diversos. O pensamento atua sobre os fluidos como o som sobre o ar. Esses fluidos trazem-nos os pensamentos como o ar nos traz o som. Pode dizer-se, com toda a verdade, que existem nestes fluidos ondas e emissões de pensamento que se cruzam sem se confundir, assim como no ar há ondas e vibrações sonoras.

Uma assembleia é como uma orquestra, um coro de pensamentos no qual cada pessoa participa produzindo a sua nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de emanações fluídicas, cuja resultante cada um recebe por meio do sentido espiritual, como num coro de música cada um recebe a impressão dos sons através do sentido da audição.

Contudo, tal como há emissões sonoras harmónicas ou dissonantes, também há pensamentos harmónicos ou discordantes. Se o conjunto for harmónico, a impressão será agradável; se for dissonante, a impressão será negativa. Para isso, não é necessário que o pensamento se formule em palavras; as radiações fluídicas manifestam-se subjetivamente; se nelas existirem maus pensamentos, produzirão uma corrente de ar gelado.

Numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benevolentes, reina uma atmosfera moral saudável onde se respira livremente; sai-se de lá reconfortado, porque se vem impregnado de emanações fluídicas salutares. Assim se explicam também a ansiedade e o mal-estar que se sente num ambiente antipático, onde pensamentos maledicentes provocam o equivalente a correntes de ar poluído.

20. – O pensamento produz, portanto, uma espécie de efeito físico que acuta sobre o moral, facto este que só o Espiritismo poderia revelar. A pessoa sente-o instintivamente e é por isso que procura as reuniões homogéneas e simpáticas onde sabe que pode absorver novas forças morais.

Nessas reuniões recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, tal como recupera as perdas do corpo material, alimentando-se.

O pensamento é uma emissão energética de fluidos espirituais, que resulta na perda de fluidos materiais. Isso dá às pessoas a necessidade de se recomporem do efeito das emanações recebidas do exterior.

Quando se diz que um médico cura o seu enfermo com boas palavras, é a pura verdade, porque o pensamento bondoso é portador de fluidos reparadores, que atuam tanto sobre o físico como sobre o moral.

21. – É possível evitar as pessoas que sabemos serem mal-intencionadas; porém, como evitarmos a influência dos maus Espíritos, que pululam à nossa volta e se insinuam por toda a parte, sem que os vejamos?

O meio é muito simples, já que depende da vontade da própria pessoa, que traz consigo as defesas necessárias. Os fluidos semelhantes combinam-se, enquanto os fluidos opostos se repelem; existe uma incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o azeite e a água.

O que se faz quando o ar está viciado? Purifica-se, expulsando-o, abrindo janelas para a entrada de ar saudável. Contra os maus fluidos, é necessário reunir fluidos bons. Cada um de nós tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica capaz de reforçar os bons pensamentos e elevar o nível dos sentimentos; enriquecendo essa fonte construímos defesas contra as más influências e reforçando as que são mais luminosas.

O perispírito é uma couraça a que é preciso dar a maior resistência possível. Como as qualidades do perispírito estão na razão das qualidades da alma, é preciso que esta trabalhe na sua própria melhoria, porque são as imperfeições da alma que atraem os maus Espíritos.

Do mesmo modo que os maus Espíritos vão onde o mal os atrai, eliminado o mal, afastar-se-ão.

Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm a temer pela influência dos maus Espíritos.

Explicação de alguns factos considerados sobrenaturais

22. – O perispírito é o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual; é através dele que o Espírito encarnado se encontra em relação constante com os Espíritos; é também por intermédio dele que se produzem nas pessoas fenómenos especiais cuja causa primária não se encontra na matéria tangível, razão pela qual parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e na radiação do fluido perispiritual que devemos procurar a causa da *dupla vista* ou *visão espiritual* a que se pode também chamar *visão psíquica*, com a qual muitas pessoas são dotadas, frequentemente sem o saberem, assim como da visão sonambúlica.[154]

O perispírito é *o órgão sensitivo* do Espírito; é por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a perceção das coisas espirituais que escapam aos sentidos físicos. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações estão localizadas e limitadas à perceção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, essas sensações são alargadas; o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser o que está na esfera da radiação de seu fluido perispiritual.

Estes fenómenos constituem nos seres humanos, a manifestação da vida espiritual; é a alma que atua fora do organismo. Na dupla vista ou perceção pelo sentido espiritual, não veem pelos olhos

[154] A dupla vista é um fenómeno que pode ser natural (clarividência, intuição) ou provocado pela ação de um magnetizador ao colocar um indivíduo num estado sonambúlico, podendo surgir então a capacidade de ver por meio de corpos opacos, à distância, ou ainda ver factos passados ou prever factos futuros.

Ao criar a Ciência do magnetismo animal, Mesmer explicou o fenómeno por um sexto sentido, por meio do qual seria possível perceber as vibrações subtis do fluido cósmico universal, acima da luz, pelo sistema nervoso.

O Espiritismo esclarece a questão, qualificando a capacidade como proveniente das perceções por meio do perispírito do encarnado.

do corpo, se bem que frequentemente os dirijam para onde se volta a sua atenção. Neste caso, veem pelos olhos da alma, e a prova disso está no facto de que veem também de olhos fechados e além do alcance do raio visual. [155]

23. – Embora, durante a vida, o Espírito se encontre preso ao corpo por meio do perispírito, a sua escravidão não impede de se alongar e transportar a um ponto distante, quer na Terra, quer no espaço. O Espírito está preso ao corpo com pesar, porque a sua vida normal é a liberdade, ao passo que a vida corpórea é comparável à do servo ligado à gleba.

O Espírito, portanto, fica feliz em deixar o corpo, como o pássaro que abandona a gaiola; ele serve-se de todas as ocasiões para se libertar e aproveita todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. É o fenómeno designado pelo nome de *emancipação da alma* e produz-se sempre durante o sono; todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos estão inativos, o Espírito liberta-se. (*O Livro dos Espíritos*, cap. VIII)

Nestes momentos, o Espírito vive a vida espiritual, enquanto o corpo vive apenas a vida vegetativa; está, em parte, no estado em que ficará depois da morte; percorre o espaço, conversa com os amigos e outros Espíritos *livres ou encarnados* como ele.

O laço fluídico que o prende ao corpo só se rompe definitivamente com a morte; a separação completa só tem lugar pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito, a qualquer distância que esteja, é imediatamente chamado se a sua presença for necessária; então, retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva uma lembrança das suas peregrinações, uma imagem mais ou menos precisa que constitui o sonho; em todos os casos é portador das intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e que justificam o provérbio: *A noite é boa conselheira*.

Assim se explicam igualmente certos fenómenos característicos do sonambulismo natural e magnético[156], da catalepsia, da letargia, do êxtase e que nada mais são do que a vida espiritual. [157]

24. – Uma vez que a visão espiritual não se efetua por meio dos olhos do corpo, a perceção das coisas não depende da luz ordinária: com efeito, a luz material está feita para o mundo material; para o mundo espiritual existe uma luz especial cuja natureza ignoramos, mas que é sem dúvida uma das propriedades do fluido etéreo, destinada às perceções visuais da alma. Por conseguinte, existe a luz material e a luz espiritual. A primeira tem os seus focos circunscritos aos corpos luminosos, a segunda tem o seu foco em todo o lado. Por isso não existem obstáculos para a visão espiritual, que não é afetada pela distância nem pela opacidade da matéria; para ela não existe a obscuridade. O mundo espiritual é, pois, iluminado pela luz espiritual, que tem os seus efeitos próprios, assim como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25. – A alma, no seu perispírito, transporta consigo o seu princípio luminoso. Como penetra a matéria em virtude da sua essência etérea, não existem corpos opacos para a sua visão.

Contudo, a visão espiritual não tem o mesmo alcance nem a mesma penetração em todos os Espíritos. Só os que são puros a possuem integralmente. A dos Espíritos inferiores é debilitada pela densidade relativa do perispírito, que se interpõe como uma espécie de neblina.

---

155 Factos de dupla visão e de lucidez sonambúlica relatados na Revista Espirita: jan. 1858, p. 253; nov. 1858, p. 213; jul. 1861, p. 197; nov. 1865, p. 352 (A.K.)

156 Explicando o sonambulismo magnético pela emancipação da alma, o sonâmbulo pensa e fala pela sua mente espiritual, e o corpo expressa esse pensamento. O investigador e outros presentes podem ouvi-lo. Como não está a fazer uso consciente do seu cérebro físico, nada recorda ao acordar. O Espiritismo explica e completa a Ciência do Magnetismo Animal pelos ensinamentos dos Espíritos. (Nota de A Génese, edições FEAL)

157 Exemplos de letargia e catalepsia: Revista Espirita: Senhor Schwabenhaus, set. 1858, p. 255; – A jovem cataléptica da Suábia, Jan. 1866, p. 18. (A.K.)

Nos Espíritos encarnados, a visão espiritual manifesta-se em diferentes graus pelo fenómeno da segunda vista, tanto no sonambulismo natural ou magnético como no estado de vigília.

Conforme o poder da faculdade diz-se que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio desta faculdade que certas pessoas veem o interior do organismo e descrevem a causa das doenças.

26. – A visão espiritual dá lugar a perceções especiais que, como não fazem parte dos órgãos fisiológicos, se produzem em condições completamente diferentes da visão corporal. Ao realizar-se fora do organismo, a visão espiritual tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. É preciso estudá-la nos seus efeitos e nas suas causas, não por semelhança com a visão ordinária, que não está destinada a suprir, salvo em casos excecionais que não se podem tomar como regra.

27. – A visão espiritual é incompleta e imperfeita nos Espíritos encarnados e sujeita a erros. Como tem a sede na alma, o estado desta influencia as perceções a que dá lugar. Conforme o grau do seu desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, a visão espiritual pode dar, quer seja durante o sono, ou no estado de vigília, a perceção de:

1° – Certos factos materiais que se passam à distância, os pormenores descritivos de uma localidade, as causas de uma doença e os remédios convenientes para o seu tratamento;

2° – Coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos;

3° – Imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento. (Veja-se, acima, o n° 14.)

Estas perceções estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as produz. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas e preocupadas com certas crenças religiosas lhes apresenta o inferno, as suas fogueiras, as suas torturas e os seus demónios, tal como essas pessoas os imaginam.

Os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Se, ao despertar ou ao sair do êxtase, estas pessoas conservarem uma lembrança precisa das suas visões, tomam-nas por realidades e confirmações das suas crenças, embora isto seja apenas o produto dos seus próprios pensamentos. [158]

É preciso, por conseguinte, fazer uma escolha muito rigorosa nas visões estáticas, antes de aceitá-las. O remédio para a excessiva credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. – Os sonhos apresentam os três tipos de visões descritas anteriormente.

É às duas primeiras que pertencem os sonhos de previsões, pressentimentos e advertências.

Na terceira, nas criações fluídicas do pensamento, é que se pode encontrar a causa de certas imagens fantásticas que nada têm de real em relação à vida material, mas que às vezes têm para o Espírito uma realidade tal, que o corpo sofre o seu impacto. Houve casos em que os cabelos embranqueceram por causa da impressão de um sonho.

Estas criações podem ser provocadas pela exaltação das crenças; por lembranças retrospetivas; por gostos, desejos, paixões, medo, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou um incómodo nas funções do organismo; e, finalmente, por outros Espíritos, com um objetivo benévolo ou malévolo, conforme a sua natureza. [159]

29. – A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual também o é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem-se no Espírito, como

---

[158] Deste modo se podem explicar as visões da Irmã Elmerich, que, ao referir-se ao tempo da Paixão de Cristo, manifesta ter visto coisas materiais que nunca existiram senão nos livros que ela lera; assim como as visões da senhora Cantanille (Revista Espirita, ago. 1866, pág. 240) e uma parte das de Swedenborg. (A.K.)

[159] Revista Espirita – jun. 1866, p. 172 – set. 1866, p. 281. – Livro dos Espíritos, 2 parte cap. VIII, pergunta nº 400. (A.K.)

um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual cujos fios condutores parecem ser os nervos. É o influxo nervoso dos fisiologistas que, não conhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, não puderam encontrar uma explicação para todos os seus efeitos.

Pode ocorrer uma interrupção pela amputação de um membro ou por algum nervo seccionado, mas também, parcialmente ou de uma maneira geral, e sem que haja lesões, nos momentos de emancipação, de grande sobre-excitação ou preocupação do Espírito.

Nesse estado, o Espírito já não pensa no corpo e, na sua febril atividade, atrai a si o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz nele uma insensibilidade momentânea. É assim que, no ardor do combate, um militar não se apercebe frequentemente que está ferido; que alguém, cuja atenção está concentrada num trabalho, não ouça o barulho que se faz à sua volta. Um efeito análogo, ainda mais pronunciado, produz-se em certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. É assim, enfim, que se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires. (Revista Espírita, jan.1868: Estudo sobre os Aïssaouas)

A paralisia não tem de todo a mesma causa: nesse caso, o efeito é totalmente orgânico; são os próprios nervos, os filamentos condutores que já não estão aptos para a circulação fluídica; são as cordas do instrumento que estão alteradas.

30. – Em certos estados patológicos, quando o Espírito já não está no corpo e o perispírito só se mantém preso a ele por alguns pontos, o corpo apresenta todas as aparências da morte e enuncia-se uma grande verdade quando se diz que a vida está presa por um fio.

Este estado pode durar mais ou menos tempo; certas partes do corpo podem até entrar em decomposição, sem que a vida esteja definitivamente extinta. Enquanto o último fio não estiver cortado, o Espírito pode, quer por uma ação enérgica da sua *própria* vontade, quer por *um influxo fluídico estranho igualmente poderoso,* ser chamado de volta ao corpo.

Assim se explicam certos casos em que a vida se prolonga, contra todas as probabilidades, e certas pretensas ressurreições. É a planta que volta a brotar por vezes com uma única fibra da raiz; mas quando as últimas moléculas do corpo fluídico são desligadas do corpo carnal ou quando este último chegou a um estado de degradação irreparável, o regresso à vida é impossível.[160]

31. – O fluido universal é, como vimos, o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que são apenas transformações suas.[161]

Pela identidade da sua natureza, este fluido, condensado no perispírito, pode fornecer ao corpo os princípios reparadores; o agente propulsor é o Espírito – encarnado ou desencarnado – que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu corpo fluídico. A cura opera-se pela substituição de uma molécula nociva por outra molécula *sadia.* O poder curador estará, pois, na razão da pureza da substância inoculada; depende também da energia e da vontade que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá ao fluido uma maior força de penetração; por fim, depende das intenções que animam aquele que quer curar, quer seja um *ser humano* ou um *Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias médicas alteradas.

32. – Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e requer um tratamento prolongado, como no magnetismo comum; outras vezes é rápida como uma corrente elétrica.

---

160 Exemplos: Revista Espirita, O doutor Cardon, ago. 1863, p. 251; – A mulher corsa; mar. 1866, p. 134 (A.K.)

161 Pela equação de Einstein, $E = mc^2$, esta energia fundamental, então conhecida como fluido universal, é que se condensa para formar a matéria. (Nota de C. de Brito Imbassahy)

Há pessoas dotadas de um poder tal que em alguns doentes produzem curas instantâneas pela simples imposição das mãos, ou mesmo por um simples ato da vontade. Entre os dois polos extremos desta faculdade há infinitos matizes.

Todas as curas deste género são variedades do magnetismo e só diferem pela potência e rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo, o fluido desempenha o papel de agente terapêutico e o seu efeito está subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. – A ação magnética pode produzir-se de várias maneiras:

1° Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano,* [162] cuja ação se encontra subordinada à potência e, sobretudo, à qualidade do fluido.

2° Pelo fluido dos Espíritos atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, quer seja para o curar ou acalmar um sofrimento, quer seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo ou para exercer sobre o indivíduo alguma influência física ou moral.[163] É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade é proporcional à qualidade do Espírito. [164]

3° Pelo fluido que os Espíritos derramam sobre o magnetizador ao qual este serve de condutor. É o magnetismo *misto, semi espiritual*, ou, se se preferir, *humano-espiritual*. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual transmite-lhe as qualidades que lhe faltam. Nestas circunstâncias, o concurso dos Espíritos algumas vezes é espontâneo, mas o mais comum é que seja provocado pelo apelo do magnetizador.[165]

34. – A faculdade de curar pelo influxo fluídico é muito comum e pode-se desenvolver pelo exercício,[166] mas a de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara e o seu apogeu pode ser considerado excecional.

Em épocas diferentes e em quase todos os povos, existiram indivíduos que a possuíam num grau elevado. Nestes últimos tempos tem-se visto vários exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada.

---

[162] Mesmer chamou-lhe magnetismo animal. (Nota de C. de Brito Imbassahy)

[163] Destas definições se deduz que, tanto o magnetismo humano quanto o misto apenas fazem efeito no que diz respeito à atuação humana, quando aplicados para curar uma doença, sendo inerte em indivíduos saudáveis. Já a atuação do magnetismo espiritual pode ter finalidade moral, pela ação dos bons Espíritos. (Nota de A Génese, edições FEAL)

[164] Exemplos: Revista Espirita, fev. 1863 p. 04; – abr.1865, p. 113; – set. 1865, p. 264 (A.K.)

[165] Em 1864, o Espírito de Mesmer, o criador da Ciência do magnetismo animal, fez uma comunicação, publicada na Revista Espírita de 1864, em que considera fundamental a união do magnetismo humano ao concurso dos bons Espíritos e à prece: "Em geral, aquele que magnetiza só pensa em desdobrar a sua força fluídica (…) ao passo que os nossos médiuns curadores começam por elevar a sua alma a Deus (…) Deus, na sua solicitude, envia-lhe poderosos recursos que o primeiro não pode obter (…). Envia os Bons Espíritos. (…)Também é por isso que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão poderoso e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas, simplesmente, à natureza do fluido derramado sobre o médium. Enquanto o magnetizador comum se esgota, frequentemente em vão, a fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador unicamente pela imposição das mãos."

Depois do Espiritismo, não faz sentido valer-se do magnetismo humano sem o auxílio indispensável do magnetismo espiritual e da prece, ampliando assim a sua eficácia". (Nota de A Génese, edições FEAL, 2019)

[166] Durante o século XIX a cura pelo magnetismo animal estava difundida, sendo praticada em consultórios de magnetizadores, além dos médicos homeopatas, havendo escolas manuais, associações e até mesmo hospitais mesméricos. (Nota de A Génese, edições FEAL, 2019)

Uma vez que estes tipos de curas dependem de um princípio natural e que o poder de as realizar não é um privilégio, é prova de que não fogem das leis da natureza e nada têm de milagroso senão a aparência. [167]

35. – O perispírito é invisível para nós, no seu estado normal. Porém, como é formado de matéria de baixíssima densidade, o Espírito pode, em certos casos e por um ato da sua vontade, fazê-lo sofrer uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível.

É assim que se produzem *as aparições* que, tal como outros fenómenos, não estão fora das leis da natureza. Este acontecimento não é mais extraordinário que o vapor de um líquido, como a água, que é invisível quando se evapora e se torna visível quando condensada.

Conforme o grau de condensação do fluido perispiritual a aparição é, em certos casos, vaga e vaporosa, noutros casos mais nitidamente definida e outras vezes tem todas as aparências da matéria tangível. Pode até chegar à tangibilidade real, a tal ponto que seja possível duvidar da natureza do ser que se observa.

As aparições vaporosas são frequentes e esse é o aspeto com que, bastante amiúde, se apresentam alguns indivíduos após a morte, às pessoas por quem sentem afeição. As aparições palpáveis são mais raras, embora haja numerosos exemplos, perfeitamente autênticos. Se o Espírito deseja fazer-se reconhecer, dará ao seu perispírito todos os sinais exteriores que tinha quando estava vivo.

36. – É de se assinalar que as aparições palpáveis têm apenas a aparência da matéria carnal, mas não têm as suas qualidades. Devido à sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão porque, na realidade, não são de carne. Formam-se e desaparecem instantaneamente, ou evaporam-se pela desagregação das moléculas fluídicas.

Os seres que se apresentam nestas condições não nascem nem morrem, como as outras pessoas; vemo-los e deixamos de os ver sem sabermos de onde vieram, como vieram ou para onde vão. Ninguém poderia matá-los, nem acorrentá-los ou encarcerá-los, visto que não possuem um corpo real. As pancadas que se lhes dessem perdiam-se no vazio.

São essas as características dos *agéneres,* com os quais se pode conversar sem se saber quem são, mas cuja permanência é fugaz, não podem ser visitas naturais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

Aliás, *os agéneres* revelam, em si e nas suas maneiras, algo de estranho que participa tanto da materialidade como da espiritualidade. O seu olhar, ao mesmo tempo vaporoso e penetrante, não tem a nitidez própria da visão normal; a sua linguagem, concisa e quase sempre sentenciosa, não tem naturalidade e o seu aparecimento produz uma sensação indefinível de surpresa, que inspira certo temor. Tomando um agénere por indivíduo normal, pensar-se-á involuntariamente que se trata de uma estranha personagem. [168]

37. – O perispírito é exatamente o mesmo para encarnados e desencarnados. Por um efeito completamente idêntico, um Espírito encarnado, num momento de liberdade, pode aparecer noutro lugar daquele em que o seu corpo físico se encontra, com os seus traços habituais e com todas os

---

[167] Exemplos de curas instantâneas reportadas na Revista Espirita: O Príncipe de Hohenlohe, Dez. 1866, p. 368; Jacob, Out. e Nov. 1867, pags. 306 e 339; – Simonet, Ago. 1867, p. 232; – Caid Hassan, Out. 1867, p. 303; – o pároco Gassner, Nov. 1867, p. 331. (A.K.)

[168] Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agéneres: Revista Espirita – Jan. 1858, p. 24; – Out. 1858, p. 291; – Fev. 1859, p. 38; – Mar. 1859, p. 80; – Jan. 1859, p. 11; – Nov. 1859, p. 303; – Ago. 1859, p. 210; – Abr. 1860, p. 117: – Mai. 1860, p. 150; – Jul. 1861, p. 199; – Abr. 1866, p.120; – O trabalhador Martin apresentado a Luís XV, pormenores completos; Dez. 1866, p. 353. (A.K.)

sinais característicos da sua identidade. Foi este fenómeno, de que temos exemplos autênticos, que deu lugar à crença nos homens duplos. [169]

38. – Este tipo de fenómenos é especial porque as aparições vaporosas ou palpáveis não são percetíveis indistintamente por todas as pessoas. Os Espíritos só se mostram quando querem e a quem querem.

Um Espírito poderá aparecer numa assembleia a um ou a vários assistentes e não ser visto pelos outros, dado que as perceções deste tipo se produzem por meio da visão espiritual e não pela visão física. Nem todas as pessoas são dotadas de visão espiritual e os Espíritos, mediante a sua vontade, só se mostram a quem querem.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições, mesmo nos casos de tangibilidade, não tem as propriedades da matéria. Se assim fosse, as aparições, sendo percetíveis pelos olhos do corpo, sê-lo-iam por todas as pessoas presentes. [170]

39. – O Espírito pode realizar a configuração de seu corpo perispiritual irradiando esse corpo uma atmosfera fluídica, que pode produzir à superfície do corpo um fenómeno análogo ao das aparições. Sob a camada fluídica, a figura real do corpo pode apagar-se mais ou menos completamente e assumir outras aparências; ou os traços originais, vistos por meio da camada fluídica alterada, podem tomar outra expressão.

Se o Espírito se afasta das coisas terrenas e se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão pode tornar-se bela, radiosa e até luminosa. Ao contrário, se o Espírito estiver animado de paixões negativas, em vez de um rosto formoso pode tomar um aspeto hediondo.

É assim que se operam as *transfigurações* que são sempre um reflexo das qualidades e dos sentimentos predominantes no Espírito. Esse fenómeno é o resultado de uma transformação fluídica; uma espécie de aparição perispiritual sobre o corpo de uma pessoa viva e, por vezes, no momento da morte, em vez de se produzir à distância, como no caso das aparições propriamente ditas.

O que distingue as aparições deste género de fenómeno é que geralmente ele é percetível por todos os presentes pelos olhos do corpo físico, precisamente porque tem por base a matéria carnal visível, enquanto nas aparições puramente fluídicas não existe matéria palpável. [171]

40. – Os fenómenos das mesas girantes e falantes, da suspensão no ar de corpos pesados, da escrita mediúnica, tão antigos como o mundo, mas comuns atualmente, explicam alguns fenómenos análogos espontâneos, aos quais, na ignorância da lei que os rege, se tinha atribuído um caráter sobrenatural e miraculoso. Estes fenómenos baseiam-se nas propriedades do fluido perispiritual, quer seja dos encarnados, quer dos Espíritos livres.

41. – É com a ajuda do seu perispírito que o Espírito agia sobre o seu corpo vivo. É ainda com este mesmo fluido que ele se manifesta agindo sobre a matéria inerte, que produz os ruídos, os movimentos das mesas e de outros objetos que levanta, derruba ou transporta. Este fenómeno nada

---

[169] Exemplo de aparições de pessoas vivas: Revista Espirita, dez. 1858, p. 329 e 331; – fev. 1859, p. 41; – ago. 1859, p. 197; – nov. 1860, p. 356. (A.K.)

[170] É preciso aceitar com extrema reserva o relato de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam ser o efeito da imaginação sobre-excitada e por vezes uma invenção feita com um objetivo interesseiro. Convém, pois, fazer uma análise escrupulosa das circunstâncias, da honorabilidade da pessoa, assim como do interesse que pudesse ter para abusar da credulidade de indivíduos demasiadamente confiantes. (A.K.)

[171] Exemplo e teoria da transfiguração, Revista Espirita, mar. 1859, p. 62. (Livro dos Médiuns, cap. VII, p. 142) – (A.K.)

tem de surpreendente, se considerarmos que, entre nós, as energias mais potentes atuam por intermédio dos fluidos mais rarefeitos e até imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com a ajuda do seu perispírito que o Espírito faz com que os médiuns escrevam, falem (psicofonia) ou desenhem. Como já não tem corpo físico para atuar ostensivamente, quando deseja manifestar-se, serve-se do organismo físico de um médium como se fosse o seu próprio corpo, mediante as emanações fluídicas que faz atuar sobre ele.

42. – É pelo mesmo meio que o Espírito atua sobre a mesa, seja para fazê-la movimentar-se sem qualquer significado determinado, seja para que dê pancadas inteligentes que indiquem as letras do alfabeto a fim de formar palavras e frases, fenómeno designado pelo nome de *tiptologia*.

A mesa, aqui, é apenas um instrumento de que se serve o Espírito, como se serve do lápis para escrever, dando-lhe uma vitalidade momentânea por meio do fluido que a penetra, sem nunca *se identificar* com ela.

As pessoas que, embargadas pela emoção, quando se manifesta um ente querido abraçam a mesa, têm uma atitude ridícula, porque é exatamente como se abraçassem um pau de que um amigo se serve para comunicar, dando pancadas no chão.

O mesmo acontece com os que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse dentro da madeira ou como se a madeira se tivesse transformado em Espírito.

Quando se produzem comunicações por este meio, é preciso imaginar que o Espírito está, não na mesa, mas junto dela, *tal como aconteceria se estivesse vivo*, e tal como seria visto, nesse momento, se pudesse tornar-se visível. O mesmo acontece nas comunicações pela escrita: ver-se-ia o Espírito ao lado do médium guiando a sua mão ou transmitindo-lhe o seu pensamento por meio de uma corrente fluídica.

43. – Quando a mesa se levanta do chão e flutua, o Espírito não a levanta com a força dos seus braços, mas envolve-a e penetra-a com uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como faz o ar com os balões e os papagaios de papel. O fluido que penetra na mesa tira-lhe o seu peso normal. Quando está agarrada ao chão, está numa situação análoga ao da campânula pneumática dentro da qual se produziu o vácuo. São apenas comparações para mostrar a analogia dos efeitos, mas não a semelhança absoluta das causas. (*O Livro dos Médiuns*, cap. IV)

De acordo com o que acabamos de dizer, compreende-se que não é mais difícil ao Espírito levantar uma pessoa que levantar uma mesa, transportar um objeto de um local para outro ou atirá-lo para algures. Todos estes fenómenos se produzem-se devido à mesma lei. [172]

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre nessa direção, pois pode ficar tranquilamente no mesmo lugar; dá uma impulsão à mesa através de uma corrente fluídica com a ajuda da qual a faz mover conforme o seu desejo.

Quando se ouvem pancadas na mesa ou noutro lugar, o Espírito não bate com a mão nem com qualquer objeto; ele dirige sobre o ponto de onde parte o barulho um jato de fluido que produz o

[172] Este é o princípio do fenómeno dos transportes, fenómeno muito real, contudo, só deve ser admitido com extrema reserva porque é um dos que mais se prestam a imitações e fraudes. A honradez indiscutível da pessoa que os obtém, o seu absoluto desinteresse material e *moral* e o concurso das circunstâncias acessórias devem ser considerados seriamente. Sobretudo, é preciso desconfiar dos efeitos quando se produzem com excessiva facilidade e manter como duvidosos os que se repetem com muita frequência e, por assim dizer, à vontade; os prestidigitadores fazem coisas aparentemente extraordinárias.

O levantamento de uma pessoa é um facto importante, porém bastante mais raro, talvez porque seja mais difícil de imitar. É notório que o Sr. Home se elevou mais de uma vez até ao teto, dando, desse modo, a volta à sala. Diz-se que São Cupertino tinha a mesma faculdade, o que não é mais milagroso para um do que para outro. (A.K.)

efeito de um choque elétrico. O Espírito modifica o ruído como qualquer pessoa pode modificar os sons produzidos pelo ar. [173]

44. – Um fenómeno muito frequente na mediunidade é a capacidade de certos médiuns para escreverem numa língua que lhes é estranha, ou a tratar, pela palavra ou pela escrita, temas que estão fora do alcance da instrução que receberam. Não é raro ver alguns que escrevem corretamente sem nunca terem aprendido a escrever; outros fazem poesia sem nunca terem feito um verso na sua vida; outros ainda desenham, pintam, esculpem, compõem música ou executam um instrumento, sem conhecer o desenho, a pintura, a escultura ou a arte musical. É muito frequente que um médium escrevente reproduza, sem que possa ser confundida, a escrita e a assinatura que os Espíritos que comunicam por seu intermédio tinham quando estavam vivos, embora nunca os tenham conhecido.

Este fenómeno não é mais maravilhoso que ver um menino escrever conduzindo-lhe a mão; pode-se, assim, fazê-lo escrever tudo o que se quiser. Pode-se fazer com que uma pessoa escreva numa língua que ignora, ditando-lhe as palavras letra por letra. Compreende-se que possa acontecer o mesmo com a mediunidade, se estivermos atentos ao modo como os Espíritos comunicam com os médiuns, que são para eles instrumentos passivos.

Contudo, se o médium possui o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se tem enfim, no seu cérebro, os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, está na posição da pessoa que sabe ler e escrever. O trabalho é mais fácil e mais rápido; o Espírito só tem que transmitir o pensamento ao seu intérprete, para que este o reproduza pelos meios de que dispõe.

A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas tem a ver com os conhecimentos que possuiu numa outra existência e para os quais o seu Espírito conservou a intuição. Se foi poeta ou músico, por exemplo, terá maior facilidade de assimilar o pensamento poético ou musical que lhe queiram fazer reproduzir. A língua que ignora atualmente pode ter-lhe sido familiar numa outra existência: daí, para ele, uma aptidão maior para escrever mediunicamente nessa língua. [174]

45. – Os Espíritos maus abundam na Terra, em consequência da inferioridade moral dos seus habitantes. A sua influência negativa faz parte dos flagelos com que a Humanidade se debate neste mundo. A obsessão, que é um dos efeitos dessa ação, deve ser considerada, como as doenças e todas as atribulações da vida, como uma prova ou uma expiação e aceite como tal.

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta características muito diferentes, desde a simples influência moral sem sinais externos visíveis, até à perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. A obsessão destrói todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica traduz-se pela obstinação de um Espírito em se manifestar, excluindo todos os outros.

---

[173] Exemplos de manifestações materiais e de perturbações por Espíritos: Revista Espirita: Jovem filha dos Panoramas, jan. 1858, p. 13; – Senhorinha Clairon, fev. 1858, p. 44; – Espírito batedor de Bergzabern, registro completo, Mai., Jun., Jul. 1858, p. 125, 153 e 184; – Dibbelsdorf, Ago. 1858, p. 219; – Padeiro de Dieppe, Mar. 1860, p. 76; – Negociante de São Petersburgo, Abr. 1860, p. 115; – Rua das Nogueiras, Ago. 1860, p. 236; – Espírito batedor de l'Aube, Jan. 1861, p. 23; – idem ao século XVI, Jan. 1864, p. 32: – Poitiers, Mai. 1864, p. 156 e Mai. 1865, p. 134; – Irmã Maria, Jun. 1864, p. 185; – Marselha, Abr. 1865, p. 225; – Os raios de Equihem, Fev. 1866, p. 55. (A.K.)

[174] A aptidão de certas pessoas para línguas que elas sabem, por assim dizer, sem as ter aprendido, tem por causa, unicamente, uma lembrança intuitiva do que sabiam numa outra existência. O exemplo do poeta Méry, relatado na Revista Espirita de nov. 1864, p. 328, é uma prova. É evidente que se o Sr. Méry tivesse sido médium na sua juventude, teria escrito em latim tão facilmente quanto em francês, e ter-se-ia criado o prodígio. (A.K.)

46. – Do mesmo modo que as doenças são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo vulnerável, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral que dá acesso a um Espírito mau.

A uma causa física opõe-se uma força física, a uma causa moral é preciso opor uma força moral. Para se preservar das doenças, fortifica-se o corpo; para se proteger da obsessão é preciso fortificar-se a alma; daí que o obsidiado necessite de trabalhar para a sua própria melhoria, o que basta, na maioria das vezes, para se desembaraçar do obsessor sem o recurso a pessoas estranhas. Este recurso torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque, então, o paciente perde, por vezes, a sua vontade e o seu livre arbítrio.

A obsessão é quase sempre o resultado de uma vingança exercida por um Espírito, cuja origem se encontra, frequentemente, nas relações que o obsidiado manteve com ele numa existência anterior.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É deste fluido que se torna necessário libertá-lo e um mau fluido não pode ser repelido por outro mau fluido. Por meio de uma ação idêntica à do médium curador, nos casos de doenças, *é necessário expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor.*

Esta é a ação mecânica, mas que nem sempre é suficiente; é preciso, também e sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente* ao qual é preciso *falar com autoridade.* Só possui esta autoridade quem tem superioridade moral; quanto maior ela for, maior será a autoridade.

Isto ainda não é tudo; para assegurar a libertação é necessário que o Espírito perverso seja induzido a renunciar aos seus maus propósitos; que nele surja o arrependimento e o desejo do bem, com o auxílio de instruções habilmente transmitidas em evocações feitas especialmente com vista à sua educação moral; então, poder-se-á ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa torna-se mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, colabora com a vontade e a prece; não sucede o mesmo quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude sobre as qualidades do seu dominador, e se compraz no erro em que este último o induziu; porque, então, em vez de ajudar, ele repele a ajuda. É o caso da fascinação, sempre muitíssimo mais rebelde que a mais violenta subjugação. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o auxiliar mais poderoso para agir contra o Espírito obsessor.

47. – Para obsidiar, o Espírito obsessor age exteriormente com auxílio do seu perispírito, que identifica com o do encarnado; este último vai ficar envolvido como numa espécie de rede e é forçado a comportar-se contra a sua vontade.

Nessas condições, em lugar de agir exteriormente, o Espírito obsessor substitui, por assim dizer, o Espírito encarnado; instala-se no seu corpo embora este não tenha sido definitivamente abandonado pelo seu dono, o que só acontece com a morte. A possessão é, pois, sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, atendendo a que a união molecular do perispírito e do corpo só pode operar-se no momento da conceção. (Cap. XI, n° 18)

O Espírito obsessor, na posse momentânea do corpo do encarnado, serve-se dele como se fosse o seu próprio corpo; fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, atua com os seus braços como o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que um Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado; na possessão é o próprio desencarnado que fala e atua, de modo que, quem o tiver conhecido em vida, reconhecê-lo-á pela linguagem, a voz, os gestos e até pela expressão da sua fisionomia.

48. – A obsessão é sempre causada por um Espírito mau. [175]

Na possessão [176]pode tratar-se de um Espírito bom que quer falar e, para causar maior impacto nos seus ouvintes, *toma* o corpo de um encarnado que lho empresta voluntariamente, como se emprestasse a sua roupa.

Isso faz-se sem nenhuma perturbação nem mal-estar, e durante este tempo, o Espírito do possuído encontra-se em liberdade, como no estado de emancipação. Na maioria das vezes coloca-se ao lado de seu possessor para o escutar.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas passam-se de modo diferente; não pede emprestado o corpo, apodera-se dele, se o titular não possuir *força moral para lhe resistir.*

Fá-lo por maldade, para o torturar e martirizar de todas as maneiras, indo ao extremo de o querer matar, quer pelo estrangulamento, quer atirando-o para o fogo ou para outros lugares perigosos. Servindo-se dos membros e dos órgãos do desditoso paciente, blasfema, injuria e maltrata os que o cercam, e entrega-se a estas excentricidades e a atos que têm todas as características da loucura furiosa.

Os factos deste género, em diversos graus de intensidade, são muito numerosos, e muitos casos de loucura têm esta causa. Frequentemente surgem desordens patológicas que são consequências do processo e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes enquanto subsistir a causa que lhe deu origem.

O Espiritismo, fazendo conhecer a fonte de uma parte das misérias humanas, indica o meio de as remediar: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado com inteligência. [177]

49. – A obsessão e a possessão são geralmente individuais, mas, por vezes, são epidémicas. Quando uma nuvem de maus Espíritos se abate sobre uma localidade é como uma tropa de inimigos invadindo-a. Neste caso, o número de indivíduos atingidos pode ser considerável. [178]

---

[175] Posterior à Génese, a União Espírita da Bélgica lançou o livro L'Obsession (A Obsessão) apresentando escritos do mestre Allan Kardec sobre o tema. Informa Carlos de Brito Imbassahy que nessa obra é onde (Kardec) classifica um quarto tipo de obsessão, denominando-a de obsessão física. (Notas do Portal A Era do Espírito, citadas por C. B. Imbassahy.)

[176] Na Revista Espirita de dezembro de 1863, "Um Caso de possessão" (Senhorita Júlia), quando narrou o caso da sonâmbula Sra. A, que de repente mudou de voz tomando atitudes absolutamente masculinas, isso fez com que Kardec mudasse de opinião em relação à possessão, levando-o, logo no primeiro parágrafo desse artigo a escrever de maneira contundente o seguinte: "Temos dito que não havia possessos, no sentido vulgar do vocábulo, mas subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta, porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito livre a um encarnado." (Notas do Portal A Era do Espírito, citadas por C.B. Imbassahy.)

[177] Exemplo de cura de obsessões e de possessões: Revista Espirita, dez. 1863, p. 373. – Janeiro, 1864, p. 11. – Julho, 1864, p. 168. – Janeiro, 1865, p. 5. – Junho, 1865, p. 172. – Fevereiro, 1866, pág.38; Junho, 1867, pág. 174 (A.K.)

[178] Foi uma epidemia deste género que atormentou, durante vários anos, a aldeia de Morzine, na Alta Sabóia – (ver o relato completo desta epidemia na Revista Espirita de dez. 1862, p.353, jan., fev., abr. e mai. 1863, págs. 1, 33, 101 e 133) (Nota de A.K.)

CAPÍTULO XV- OS MILAGRES DO EVANGELHO

Observações preliminares

1. – Os factos descritos no Evangelho que até hoje têm sido considerados milagrosos, pertencem, na maioria, à ordem dos *fenómenos psíquicos*, isto é, dos que têm por causa primária as faculdades e os atributos da alma.

Comparando-os com os que foram descritos e explicados no capítulo anterior, reconhece-se, sem dificuldade, que há entre eles uma identidade de causa e efeito. A História regista fenómenos análogos em todos os tempos e em todos os povos pois que, havendo almas encarnadas e desencarnadas, devem produzir-se os mesmos efeitos. Pode contestar-se a veracidade da História neste assunto. Porém, atualmente, esses factos produzem-se entre nós à vontade e através de indivíduos que nada têm de excecional.

A reprodução de um fenómeno em condições idênticas é suficiente para provar que é possível, que está submetido a uma lei, logo, não é miraculoso.

O princípio dos fenómenos psíquicos baseia-se, como vimos, nas propriedades do fluido perispiritual, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida do corpo e depois da morte; por último, no estado constitutivo dos Espíritos e no papel que desempenham como força ativa da natureza.

Conhecidos estes elementos e comprovados os seus efeitos, tem que se admitir, por consequência, a possibilidade de certos factos que se rejeitavam no tempo em que se lhes atribuía uma origem sobrenatural.

2. – Sem ideias feitas sobre a natureza de Jesus, que não vamos examinar no âmbito desta obra, e partindo da hipótese que se trata apenas de um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecer que é um dos Espíritos de ordem mais elevada e que está colocado, pelas suas virtudes, muito acima da Humanidade terrena.

Pelas inúmeras consequências que produziu, a sua encarnação neste mundo foi, necessariamente, uma das missões que são confiadas apenas aos mensageiros diretos da Divindade para cumprimento dos seus desígnios. Supondo que não fosse Deus, mas um enviado de Deus para transmitir a sua palavra, Jesus seria mais que um profeta, seria um Messias divino.

Como homem, dispunha de uma fisiologia normal; mas, como Espírito puro, desprendido da matéria, devia viver a vida espiritual mais que a vida corpórea, da qual não tinha as fraquezas.

A sua superioridade sobre os homens não era devida às qualidades especiais do seu corpo, mas às do seu Espírito, que dominava a matéria de modo absoluto, e às do seu perispírito, extraído da parte mais purificada dos fluidos terrenos (Cap. XIV, n° 9).

A sua alma devia manter com o corpo apenas os laços estritamente indispensáveis; constantemente desprendida, deveria dar-lhe a *dupla vista* não apenas permanente, mas de uma penetração excecional e bem superior à que possuem os homens comuns. Devia acontecer o mesmo com todos os fenómenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos dava-lhe um imenso poder magnético, secundado pelo desejo incessante de fazer o bem.

Nas curas que fazia, agia como *médium*? Poder-se-ia considerá-lo como um poderoso médium curador? Não, porque o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados.

Jesus não precisava de assistência, ele é que assista aos outros; atuava por si próprio, em virtude do seu poder pessoal, assim como podem fazê-lo os encarnados em certos casos e na medida das suas forças. Por outro lado, que Espírito ousaria incutir-lhe os seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se recebesse uma influência exterior, só poderia ser de Deus. Conforme a definição dada por um Espírito: Jesus era *médium* de Deus.

Sonhos

3 – José, diz o Evangelho, foi advertido por um anjo que lhe apareceu em sonhos e lhe disse para fugir para o Egito com o menino. (São Mateus, cap. II v.13 a 23).

As advertências recebidas em sonhos desempenham um grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os factos relatados e sem os discutir, os avisos, por si mesmos, nada têm de anormal, pois sabe-se que, durante o sono, o Espírito se desprende dos laços da matéria e entra momentaneamente na vida espiritual, onde se reencontra com os que conheceu. É nesses momentos que os Espíritos protetores aproveitam para se manifestarem aos seus protegidos e dar-lhes conselhos mais diretos. Os exemplos autênticos das advertências por sonhos são numerosos; contudo, não se deve concluir daí que todos os sonhos são avisos e ainda menos que tudo o que se vê em sonhos tenha algum significado.

É necessário incluir nas crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos (cap. XIV, n° 27 e 28).

Estrela dos Magos

4. – Dizem que uma estrela apareceu aos magos que foram adorar Jesus, que ela caminhou diante deles para lhes indicar o caminho e parou quando chegaram. (São Mateus, cap. II, v.1 a 12).

A questão não é saber se o facto relatado por São Mateus é real ou se é apenas uma imagem para indicar que os magos foram levados de uma forma misteriosa para o lugar onde estava o menino, visto que não existe nenhum meio de comprovação. Trata-se de saber se um facto desta natureza é possível.

Uma coisa é certa: naquela circunstância a luz não poderia ser uma estrela. Podia-se acreditar nisso, numa época em que se supunha que as estrelas eram pontos luminosos presos ao firmamento e que podiam cair na Terra; mas não atualmente, quando se conhece a sua natureza.

Embora não se aceite a causa que se lhe atribui, a aparição de uma luz com o aspeto de uma estrela não é uma coisa impossível. Um Espírito pode aparecer com uma forma luminosa ou transformar uma parte de seu fluido perispiritual num foco luminoso. Vários factos deste género, recentes e perfeitamente autênticos, tiveram esta causa, que nada tem de sobrenatural.

Dupla vista

Entrada de Jesus em Jerusalém

5. – *Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, próximo do monte das Oliveiras, Jesus enviou dois dos seus discípulos e disse-lhes: ide à aldeia mais próxima e ao chegar encontrareis uma jumenta presa e junto dela o seu jumentinho; desamarrai-a e trazei-mos. – Se alguém vos disser alguma coisa, dizei-lhe que o Senhor precisa dela e logo os devolverá. – Ora bem, tudo isto aconteceu para que se cumprisse a palavra do profeta: – Dizei à filha de Sião: eis o vosso rei que vem a vós, cheio de doçura, montado numa jumenta e com um jumentinho, filho de animal de carga. E tendo trazido a*

jumenta e o jumentinho, sobre eles puseram as suas vestes, e fizeram-no montar em cima. (São Mateus, cap. XXI, v.1 a 7)

Beijo de Judas

6. Levantai-vos, partamos; eis que é chegado o que me trai. E, estando ele ainda a falar, eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele grande multidão com espadas e porretes, vinda da parte dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos do povo. E o traidor tinha-lhes dado um sinal, dizendo: O que eu beijar é esse; prendei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Eu te saúdo, Rabi. E beijou-o. Jesus, porém, disse-lhe: amigo, a que vieste? Então, aproximando-se, lançaram mão de Jesus e prenderam-no. (São Mateus, cap. XXVI, v.46 a 50)

Pesca miraculosa

7. – *E aconteceu que, apertando-o a multidão para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré.*

E viu estarem dois barcos junto à praia do lago; e os pescadores, tendo descido deles, estavam lavando as redes.

Entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, assentando-se, ensinava do barco a multidão. E, quando acabou de falar, disse a Simão: faz-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar. E, respondendo, Simão disse-lhe: Mestre, trabalhámos toda a noite e nada apanhámos; mas porque mandas, lançarei a rede. E fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes e rompia-se-lhes a rede.

E fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os fossem ajudar. E foram e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique. (São Lucas, cap. V, v.1 a 7)

Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus

8. – *E Jesus, andando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens. Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no. E adiantando-se dali, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, num barco com Zebedeu, seu pai, consertando as redes; e chamou-os. Eles, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no.* (São Mateus, cap. IV, v.18 a 22)

Jesus, saindo de lá, viu ao passar, um homem assentado numa mesa de impostos, de nome Mateus, ao qual disse: Segue-me; e ele logo se levantou e seguiu-o. (São Mateus, cap. IX, v.9)

09. – Estes factos nada têm de surpreendente para quem conhece o poder da dupla vista e a causa muito natural dessa faculdade. Jesus possuía-a no supremo grau e pode dizer-se que era o seu estado normal, conforme o provam um grande número de atos da sua vida que, atualmente, são explicados pelos fenómenos magnéticos e pelo Espiritismo.

A pesca, chamada milagrosa, explica-se igualmente pela dupla vista. Jesus não produziu peixes onde não os havia; viu, como poderia fazê-lo um lúcido vidente, pela visão da alma, o local onde eles

se encontravam e pôde dizer aos pescadores onde lançar as redes. A penetração do pensamento, assim como certas previsões, são consequência da vista espiritual.

Quando Jesus chamou a si Pedro, André, Tiago, João e Mateus, era preciso que conhecesse as suas disposições íntimas para saber que o seguiriam e que seriam capazes de cumprir a missão que devia confiar-lhes. Era necessário que eles mesmos tivessem a intuição dessa missão para se entregarem a ele. Aconteceu o mesmo no dia da Ceia, quando anunciou que um dos doze o trairia e que o designou dizendo: "*é aquele que põe a mão no meu prato*"; e também quando disse que Pedro o negaria.

Em muitas passagens do Evangelho é dito: "*Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes…"*

Como podia ele conhecer os seus pensamentos, se não fosse pelas radiações fluídicas que lhe transmitiam estes pensamentos e a visão espiritual que lhe permitia ler no foro íntimo dos indivíduos?

Quando julgamos que um pensamento está profundamente escondido no recôndito da nossa alma, não suspeitamos que somos portadores de um espelho que o reflete, um revelador da própria radiação fluídica que está impregnada dele.

Se víssemos o mecanismo do mundo invisível que nos rodeia, as ramificações desses fios condutores do pensamento que ligam entre si todos os seres inteligentes, corpóreos e incorpóreos, as emanações fluídicas carregadas das impressões do mundo moral, e que atravessam o espaço como correntes de ar, ficaríamos menos surpreendidos com certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso (Cap. XIV, n° 22 e seguintes)

Curas

Perda de sangue

10. *E certa mulher, que havia doze anos tinha um fluxo de sangue, e que havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior, ouvindo falar de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou na sua veste. Porque dizia: Se tão-somente tocar nas suas vestes, sararei.*

E logo se lhe secou a fonte do seu sangue, e sentiu no seu corpo estar já curada daquele mal.

E logo Jesus, conhecendo que a virtude de si mesmo saíra, voltou-se para a multidão e disse: Quem tocou nas minhas vestes? E disseram-lhe os seus discípulos: Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem me tocou? E ele olhava em redor, para ver a que isso fizera. Então, a mulher, que sabia o que lhe tinha acontecido, temendo e tremendo, aproximou-se, prostrou-se diante dele e disse-lhe toda a verdade.

E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai em paz e sê curada deste teu mal. (São Marcos, cap. V, v.25 a 34)

11. – Estas palavras: *conhecendo em si mesmo a virtude que dele tinha saído,* são significativas; exprimem o movimento fluídico que partiu de Jesus e se dirigiu à mulher doente: ambos sentiram a ação que acabara de produzir-se.

É de salientar que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus: não houve magnetização nem imposição das mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para realizar a cura.

Mas por que motivo esta irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, já que Jesus não pensava nela e estava rodeado pela multidão?

A razão é muito simples. O fluido, como matéria terapêutica, deve atingir o desarranjo orgânico para corrigi-lo. Pode ser dirigido ao mal pela vontade de quem faz a cura, ou atraído pelo desejo ardente, a confiança, numa palavra, a fé do doente.

Em relação à corrente fluídica, o primeiro atua como uma bomba compressora e o segundo como uma bomba aspirante. Poderá ser necessária a simultaneidade dos dois efeitos, outras vezes, um só é suficiente; foi o segundo caso que aconteceu nesta circunstância.

Jesus tinha razão em dizer: "*A tua fé te salvou*". Compreende-se aqui que, neste caso, a fé não é a virtude mística tal como certas pessoas a entendem, mas uma verdadeira *força atrativa*, ao passo que aquele que não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou, no mínimo, uma força de inércia que paralisa a ação.

Compreende-se assim que, dois enfermos atingidos pelo mesmo mal, em presença de um curador, um possa ser curado e o outro não. É um dos princípios mais importantes da mediunidade curativa que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes (Cap. XIV, n° 31, 32, 33)

O cego de Betsaida

12. - *Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego que lhe pedia para tocá-lo. E tomando o cego pela mão conduziu-o para fora da aldeia; pôs-lhe saliva sobre os olhos e tendo-lhe imposto as mãos perguntou-lhe se via alguma coisa. – E, levantando ele os olhos, disse: Eu vejo caminhar homens que me parecem como árvores. Depois, tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos, e ele, olhando firmemente, ficou restabelecido e já via ao longe e distintamente a todos. E mandou-o para sua casa, dizendo: ide para vossa casa; e se voltardes à aldeia, não direis a ninguém o que vos aconteceu.* (São Marcos, cap. VIII, v.22 a 26)

13. – Aqui, o efeito magnético é evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e devido a uma ação firme e reiterada, embora mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação deste homem é a que experimentam os cegos ao recuperar a vista: por um efeito de ótica, os objetos pareciam-lhe de um tamanho exagerado.

O paralítico

14. *E Jesus, entrando no barco, passou para a outra margem e chegou à sua cidade. E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado numa cama. E Jesus, vendo a sua fé, disse ao paralítico: Filho, tem confiança, os teus pecados te serão perdoados.*

E eis que alguns dos escribas diziam entre si: Ele blasfema. Mas Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse: Por que pensais mal em vosso coração? Pois o que é mais fácil? Dizer ao paralítico: perdoados te são os teus pecados, ou: levanta-te e anda?

Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na Terra autoridade para perdoar pecados - disse então ao paralítico - levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa. E, levantando-se, o paralítico foi para sua casa.

E a multidão, vendo isso, maravilhou-se e glorificou a Deus que dera tal poder aos homens. (São Mateus, cap. IX, v.1 a 8)

15. – Que poderiam significar estas palavras: "*os teus pecados te serão perdoados*"; e a quem poderiam elas influenciar a cura? O Espiritismo explica-as, como a uma infinidade de outras palavras, incompreendidas até hoje. Ensina-nos, por meio da lei da pluralidade das existências, que os males e as aflições da vida são frequentemente expiações [179] do passado e que sofremos na vida

[179] Expiações são provas escolhidas pelo Espírito imperfeito com o objetivo de superar as suas imperfeições, pelo descondicionamento dos maus hábitos e vícios adquiridos. Isso acontece depois de se consciencializar de que o seu sofrimento é inerente à sua imperfeição e de que pode superá-los pela força da sua vontade, nas oportunidades das reencarnações seguintes. (Nota de A Génese, edições FEAL, 2019)

presente as consequências das faltas que cometemos numa existência anterior: assim será até que tenhamos pago a dívida das nossas imperfeições, pois as existências são solidárias umas com as outras.

Portanto, se a doença daquele homem era uma expiação pelo mal que teria cometido, as palavras: "*os teus pecados te serão perdoados*", equivalem a estas: "já pagaste a tua dívida, a fé que agora tens eliminou a causa da doença, mereces ficar livre dela". Por isso disse aos escribas: É tão fácil dizer: "*os teus pecados te serão perdoados",* como*, "levanta-te e anda"*; cessando a causa, o efeito deve cessar.

É a mesma coisa que dizer a um prisioneiro: "o teu crime está expiado e perdoado", o que equivaleria a dizer-lhe: "podes sair da prisão".[180]

Os dez leprosos

16. – *E aconteceu que, indo Jesus a Jerusalém, passou pelos confins da Samaria e da Galileia; e, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos que pararam de longe e levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós! E ele, vendo-os, disse-lhes: ide e mostrai-vos aos sacerdotes.*

E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos. E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz. E caiu aos pés de Jesus, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e este era samaritano. E, respondendo Jesus, disse: não foram dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? E disse-lhe: levanta-te e vai; a tua fé te salvou. (São Lucas, cap. XVII, v.11 a 19)

17. – Os samaritanos eram cismáticos, [181] tal como os protestantes em relação aos católicos, e os judeus consideravam-nos hereges e desprezavam-nos por isso. Jesus, ao curar indistintamente os samaritanos e os judeus, dava, ao mesmo tempo, uma lição e um exemplo de tolerância; e ao salientar que apenas o samaritano voltara para dar graças a Deus, mostrou que havia nele mais fé verdadeira e reconhecimento do que entre os que se diziam ortodoxos. Acrescentando: "*A tua fé te salvou",* fez ver que Deus considera o que está no fundo do coração e não a forma exterior da adoração. Contudo, os outros também foram curados; foi preciso que assim acontecesse para a lição que queria dar, e provar a sua ingratidão; mas, quem sabe o resultado final? Quem sabe se eles teriam beneficiado da graça que lhes fora concedida? Dizendo ao Samaritano: "*A tua fé te salvou",* Jesus deu a entender que não aconteceu o mesmo com os outros.

A mão seca

18. – *Entrou outra vez na sinagoga, e estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada. E estavam-no observando para ver se curaria ao sábado, para o acusarem. E ele disse ao homem que tinha a mão mirrada: levanta-te e vem para o meio. E perguntou-lhes: é lícito ao sábado fazer bem ou fazer mal? Salvar a vida ou matar? E eles calaram-se.*

E, olhando para eles em redor com indignação, condoendo-se da dureza do seu coração, disse ao homem: estende a mão. Ele estendeu-a e ele curou-a, e ficou sã como a outra.

E, tendo saído os fariseus, tomaram logo conselho com os herodianos contra ele, procurando ver como o matariam.

---

[180] A luta das provas da vida é como um aluno, numa escola, em que todos os anos tem de passar de nível: "é assim que cada existência é um passo adiante no caminho do progresso." (N.T.)

[181] A sua religião resultou de um cisma do tronco judeu. (N.T.)

E retirou-se Jesus com os seus discípulos para o mar, e seguia-o uma grande multidão da Galileia, e da Judeia, e de Jerusalém, e da Idumeia, e dalém do Jordão, e de perto de Tiro, e de Sídon; uma grande multidão que, ouvindo quão grandes coisas fazia, vinha ter com ele. (São Marcos, cap. III, v.1 a 8)

A mulher curvada

19. – *E Jesus ensinava no sábado, numa das sinagogas. E eis que estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos; e andava curvada e não podia de modo algum endireitar-se. E vendo-a, Jesus chamou-a a si e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade. E impôs as mãos sobre ela, que logo se endireitou e glorificava a Deus.*

E, tomando a palavra o príncipe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no sábado, disse à multidão: seis dias há em que é mister trabalhar; nestes, pois, vinde para serdes curados e não no dia de sábado. Respondeu-lhe o Senhor e disse: Hipócrita, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi ou jumento e não o leva a beber água? E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás mantinha presa? E, dizendo ele isto, todos os seus adversários ficaram envergonhados, e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele. (São Lucas, cap. XIII, v.10 a 17)

20. – Este facto prova que, naquela época, a maior parte das doenças era atribuída ao demónio e que se confundia, como hoje, os possessos com os doentes, mas em sentido inverso; quer dizer, atualmente, os que não acreditam nos Espíritos maus, confundem as obsessões com as doenças patológicas.

O paralítico da piscina

21. – *Depois disso, havia uma festa entre os judeus e Jesus subiu a Jerusalém. Ora, em Jerusalém há, próximo à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebreu Betesda, o qual tem cinco alpendres. Nestes jazia grande multidão de enfermos: cegos, coxos e paralíticos esperando o movimento das águas. Porquanto um anjo descia em certo tempo ao tanque e agitava a água; e o primeiro que ali descia, depois do movimento da água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse.*

E estava ali um homem que se achava enfermo há trinta e oito anos. E Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava nesse estado há muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são? O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me coloque no tanque; e enquanto eu vou, desce outro antes de mim.

Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma a tua cama e anda. Logo aquele homem ficou são, e tomou a sua cama, e partiu.

E aquele dia era sábado. Então, os judeus disseram àquele que tinha sido curado: É sábado, não te é lícito levar a cama. Ele respondeu-lhes: Aquele que me curou, ele próprio disse: Toma a tua cama e anda.

Perguntaram-lhe, pois: Quem é o homem que te disse: Toma a tua cama e anda? E o que fora curado não sabia quem era, porque Jesus se havia retirado, em razão de naquele lugar haver grande multidão.

Depois, Jesus encontrou-o no templo e disse-lhe: Vê que já estás são; não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior. E aquele homem foi e anunciou aos judeus que tinha sido Jesus que o curara.

E, por causa disso, os judeus perseguiram Jesus e procuravam matá-lo, porque fazia essas coisas ao sábado. E Jesus respondeu-lhes: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. (São João, cap. V, v.1 a 17)

22. – Os romanos chamavam Piscina (do latim, *pisces*, peixe) aos reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde este termo foi também utilizado para os tanques destinados aos banhos em comum.

A piscina de Betsaida, em Jerusalém, era uma cisterna próxima do templo, alimentada por uma fonte natural cujas águas se julgava terem propriedades curativas. Era, sem dúvida, uma fonte intermitente que, em determinadas épocas, brotava com força que agitava a água. Conforme a crença vulgar, este momento era o mais favorável às curas; na realidade, talvez no momento em que a água brotava da fonte tivesse propriedades mais ativas ou que a agitação produzida pela água ao brotar trouxesse à superfície os limos salutares para certas doenças.

Estes efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos atualmente; mas então as ciências estavam pouco avançadas e via-se uma causa sobrenatural na maior parte dos fenómenos incompreendidos. Os judeus atribuíam, pois, a agitação desta água à presença de um anjo e esta crença parecia-lhes bem fundamentada pelo facto de, nesse momento, a água ser mais salutar.

Depois de ter curado este homem, Jesus disse-lhe: "*não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior.*" Por estas palavras, fez-lhe entender que a sua doença era um castigo e que, se não se emendasse, poderia ser novamente castigado ainda com mais rigor.

Esta doutrina está inteiramente de acordo com a que o Espiritismo ensina.

23. – Jesus parecia insistir em realizar as suas curas no dia de sábado, para ter oportunidade de protestar contra o rigor dos fariseus relativamente à guarda desse dia. Ele queria mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das questões formais, mas que está nos sentimentos do coração, e justifica-se dizendo: "Meu Pai nunca deixou de trabalhar até hoje, e eu trabalho também incessantemente", isto quer dizer que Deus não suspende as suas obras nem a sua ação sobre as coisas da natureza no dia de sábado. Continua produzindo tudo o que é necessário para a vossa alimentação e a vossa saúde, e eu sigo o seu exemplo.

Cego de nascença

24. - E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram-lhe: Rabi, quem pecou, este ou os seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou nem os seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; quando a noite vier, ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

Tendo dito isto, cuspiu na terra, e, com a saliva, fez lodo e untou com o lodo os olhos do cego. E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado). O cego foi e lavou-se, e voltou a ver.

Então, os vizinhos e aqueles que dantes tinham visto que era cego diziam: Não é este aquele que estava assentado e mendigava? Uns diziam: É este. E outros: Parece-se com ele. Ele dizia: Sou eu. Diziam-lhe: Como se te abriram os olhos? Ele respondeu-lhes: O homem chamado Jesus fez lodo, untou-me os olhos e disse-me: Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Então, fui e lavei-me, e vi. Disseram-lhe: Onde está ele? Respondeu: Não sei.

Levaram, então, o que dantes era cego aos fariseus. E era sábado quando Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos. Tornaram também os fariseus a perguntar-lhe como vira, e ele respondeu-lhes: Pôs-me lodo sobre os olhos, lavei-me e vejo.

Então, alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles. Tornaram a dizer ao cego: Tu que dizes daquele que te abriu os olhos? E ele respondeu: Que é profeta.

Os judeus, porém, não acreditaram que ele tivesse sido cego e que agora visse, enquanto não chamaram os pais do que agora via. E perguntaram-lhes, dizendo: É este o vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Então como vê agora?

Seus pais responderam-lhes: Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego, mas como agora vê não sabemos; ou quem lhe tenha aberto os olhos não sabemos; perguntai-lho, tem idade e falará por si mesmo.

Seus pais disseram isso, porque temiam os judeus, porque os judeus já tinham resolvido que, se alguém confessasse ser ele o Messias, fosse expulso da sinagoga. Por isso é que os seus pais disseram: Tem idade; perguntai-lho a ele mesmo.

Chamaram pela segunda vez o homem que tinha sido cego e disseram-lhe: Dá glória a Deus, nós sabemos que esse homem é pecador. Respondeu ele e disse: Se é pecador, não sei; uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo. E tornaram a dizer-lhe: Que te fez ele? Como te abriu os olhos? Respondeu-lhes: Já vo-lo disse e não ouvistes; para que o quereis voltar a ouvir? Quereis vós, porventura, fazer-vos também seus discípulos?

Então, injuriaram-no e disseram: Discípulo dele sejas tu; nós, porém, somos discípulos de Moisés. Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos de onde é.

O homem respondeu e disse-lhes: Nisto, pois, está a maravilha: que vós não saibais de onde ele é e me abrisse os olhos. Ora, nós sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém é temente a Deus e faz a sua vontade, a esse ouve. Desde o princípio do mundo, nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer.

Responderam eles e disseram-lhe: Tu és nascido todo em pecados e ensinas-nos a nós? E expulsaram-no. (São João, cap. IX, v.1 a 34)

25. – Esta narração, tão simples e tão ingénua, traz em si um cunho de verdade evidente. Nada de fantástico nem de maravilhoso; é uma cena da vida real captada no momento em que acontecia.

A linguagem deste cego é exatamente a destes homens simples em que o bom senso supre o conhecimento e que respondem aos argumentos dos seus adversários com bonomia, com razões em que não faltam nem justiça nem oportunidade. O tom dos fariseus é o destes orgulhosos que não admitem nada superior à sua inteligência e se indignam só de pensar que um homem do povo os possa corrigir. Exceto na cor local dos nomes, isto poderia acontecer no nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga equivale a ser posto fora da Igreja; era uma espécie de excomunhão. Os espíritas cuja doutrina é a de Jesus, interpretada conforme o progresso dos conhecimentos atuais, são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias. Ao excomungá-los, a Igreja coloca-os fora do seu seio, como fizeram os escribas e os fariseus em relação aos partidários de Jesus.

Aqui vemos um homem que é expulso porque não pode admitir que aquele que o curou fosse um pecador ou um possuído do demónio, e porque glorificava a Deus pela sua cura! Não é o que fazem com os espíritas? Afirmam que obter dos Espíritos sábios conselhos, reconciliação com Deus e com o bem, curas, tudo é obra do diabo e lançam-lhes o anátema.

Não há padres a dizer, do alto do púlpito, que *é melhor ficar incrédulo do que recuperar a fé por meio do Espiritismo?*

Não há quem diga aos doentes que não deviam procurar a cura através dos espíritas que possuem esse dom, porque é um dom satânico?

Que diziam e faziam de diferente os sacerdotes judeus e os fariseus? De resto, foi-nos dito que hoje tudo se deve passar como no tempo de Jesus.

Esta pergunta dos discípulos: "É o pecado deste homem a causa de *nascer* cego" revela a intuição de uma existência anterior, caso contrário essa pergunta não teria sentido: o pecado que seria a causa de uma enfermidade de *nascença* deveria ter sido cometido antes do nascimento e por consequência, numa existência anterior.

Se Jesus tivesse visto aí uma ideia falsa teria dito: "Como poderia este homem pecar antes de ter nascido?" Em lugar disso disse-lhes que aquele homem era cego, não porque tivesse pecado, mas, para que nele se manifestasse o poder de Deus; quer dizer para que servisse de instrumento a uma demonstração do poder de Deus.

Se não se tratava de uma expiação do passado então era uma prova que devia servir para o seu progresso, porque Deus, que é justo, não poderia impor-lhe um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para o curar, é evidente que aquela espécie de lama feita com saliva e terra só podia ter virtude pela ação do fluido curador de que estava impregnada; é assim que as substâncias mais simples, a água por exemplo, pode adquirir qualidades poderosas e efetivas sob a ação do fluido espiritual ou magnético ao qual serve de veículo ou, se se quiser, de reservatório.

Numerosas curas de Jesus

26. – *E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; e traziam-lhe todos os que padeciam acometidos de várias enfermidades e tormentos, os possessos, os lunáticos e os paralíticos, e ele curava-os.*

E seguia-o uma grande multidão da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e d'além do Jordão. (São Mateus, cap. IV, v.23 a 25)

27. – De todos os factos que testemunham o poder de Jesus, os mais numerosos são, sem dúvida, as curas; ele queria provar, através delas, que o verdadeiro poder é aquele que faz o bem, aquele cujo objetivo é ser útil e não satisfazer a curiosidade dos indiferentes por meio de coisas extraordinárias.

Ao aliviar o sofrimento, as pessoas afeiçoavam-se a ele pelo coração e fazia prosélitos mais numerosos e mais sinceros do que se os maravilhasse apenas com espetáculos para os olhos. Por este meio, fazia-se amar, ao passo que se se tivesse limitado a produzir efeitos materiais surpreendentes, como exigiam os fariseus, a maioria das pessoas só teria visto nele um feiticeiro ou um hábil ilusionista que *os desocupados iriam ver para se distrair*.

Assim, quando João Batista lhe envia os seus discípulos para lhe perguntar se era o Messias, não disse: "Eu sou", porque qualquer impostor podido tê-lo dito, igualmente. Não falou nem de prodígios nem de coisas maravilhosas, mas respondeu simplesmente:

"Ide dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o evangelho é anunciado aos pobres".

Era o mesmo que dizer-lhes: "reconhecei-me pelas minhas obras, julgai a árvore pelos seus frutos", porque essa era a verdadeira característica da sua missão divina.

28. – É também pelo bem que faz que o Espiritismo prova a sua missão providencial. Cura os males físicos, mas cura principalmente as doenças morais e são esses os maiores prodígios pelos quais se afirma.

Os seus mais sinceros adeptos não são os que se sentem tocados pela observação de fenómenos extraordinários, mas os que receberam o consolo para os seus corações; os que se libertaram das torturas da dúvida; aqueles que recuperaram o ânimo nas aflições, que se fortaleceram mediante a certeza do futuro que ele lhes veio mostrar, através do conhecimento do seu ser espiritual e do seu destino. São esses os de fé inabalável porque a sentem e a compreendem.

Os que só veem no Espiritismo efeitos materiais não podem compreender a sua força moral; os incrédulos que apenas o conhecem por fenómenos cuja causa primária não admitem, consideram os espíritas meros prestidigitadores e charlatães. Por conseguinte, não é pelos prodígios que o Espiritismo triunfará sobre a incredulidade, é multiplicando os seus benefícios morais; porque, se

é verdade que os incrédulos não admitem os prodígios, também é verdade que conhecem, como toda a gente, o sofrimento e as aflições e ninguém recusa o alívio e o consolo. (Cap. XIV, n° 30)

Possessos

29. – Vieram, em seguida, a Cafarnaum; Jesus entrando a princípio, no dia de sábado, na sinagoga, instruiu-os; e eles espantaram-se com a sua doutrina, porque ele os instruía como quem tem autoridade, e não como os escribas.

Ora, encontrava-se na sinagoga um homem possuído de um Espírito impuro que bradava, dizendo: Que há entre vós e nós, Jesus de Nazaré? Sois vós vindos para nos perder? Eu sei o que vós sois: sois o Santo Deus.

Mas Jesus, ameaçando-o, disse-lhe: cala-te e sai deste homem. Então, o Espírito impuro, agitando-se com violentas convulsões, e lançando um grande grito, saiu dele.

Todos ficaram surpreendidos, e indagavam-se uns aos outros: O que é isto? E qual é esta nova doutrina? Ele dá ordens com autoridade, mesmo aos Espíritos impuros e eles obedecem-lhe.

E todos se admiraram, a ponto de perguntarem uns aos outros, dizendo: Que é isto? Que nova doutrina é esta? Pois dá ordens, com autoridade, até aos Espíritos imundos, e eles obedecem-lhe! (São Marcos, cap. I, v. 21 a 27)

30. – *E, havendo-se eles retirado, trouxeram-lhe um homem mudo e possuído do demónio. E, expulso o demónio, falou o mudo; e a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca tal se viu em Israel. Mas os fariseus diziam: Ele expulsa os demónios pelo príncipe dos demónios.* (São Mateus, cap. IX, v.32 a 34)

31. *E, quando se aproximou dos discípulos, viu ao redor deles uma grande multidão e alguns escribas que discutiam com eles. E logo a multidão, vendo-o, ficou espantada e, correndo para ele, saudaram-no. E perguntou aos escribas: Que é que discutis com eles? E um da multidão, respondendo, disse: Mestre, trouxe-te o meu filho que tem um Espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, despedaça-o, e ele espuma, e range os dentes, e vai-se secando; e eu disse aos teus discípulos que o expulsassem, e não puderam*.

E ele, respondendo-lhes, disse: Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei ainda? Trazei-mo.

E trouxeram-lho; e, quando ele o viu, logo o Espírito o agitou com violência; e, caindo o jovem por terra, revolvia-se, espumando. E perguntou ao pai dele: Há quanto tempo lhe sucede isto? E ele disse-lhe: Desde a infância. E muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o destruir; mas, se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos.

E Jesus disse-lhe: Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê. E logo o pai do jovem, clamando, com lágrimas, disse: Eu creio, Senhor! Ajuda-me na minha incredulidade. E Jesus, vendo que a multidão acudia, repreendeu o Espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: sai dele e não entres nunca mais.

E ele, clamando e agitando-o com violência, saiu; e ficou o jovem como morto, de tal maneira que muitos diziam que estava morto. Mas Jesus, tomando-o pela mão, ergueu-o, e ele levantou-se. E, quando entrou em casa, os discípulos perguntaram-lhe, à parte:

- Por que o não pudemos nós expulsar? Ele disse-lhes: Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com muita oração e jejum. (S. Marcos, cap. IX, v.14 a 29)

32. – *Trouxeram-lhe, então, um possesso cego e mudo; e, de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via. E toda a multidão se admirava e dizia: Não é este o Filho de David?*

Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: Este expulsa os demónios por Belzebu, príncipe dos demónios.

Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: Todo o reino dividido contra si mesmo será arruinado; e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. E, se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino? E, se eu expulso os demónios por Belzebu, por quem os expulsam, então, os vossos filhos? Portanto, eles mesmos serão os vossos juízes.

Mas, se eu expulso os demónios pelo Espírito de Deus, é sinal que é chegado a vós o Reino de Deus. (São Mateus, cap. XII, v.22 a 28)

33. – As libertações de possessos, assim como as curas, figuram entre os atos mais numerosos de Jesus. Entre os factos desta natureza existem alguns, como aquele que foi relatado acima no n°. 30, em que a possessão não é evidente. É provável que naquela época, como acontece ainda nos nossos dias, se atribuíssem à influência dos demónios todas as doenças cuja causa fosse desconhecida, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Mas há outros casos em que a ação dos maus Espíritos é indubitável; têm uma analogia surpreendente com aqueles fenómenos que presenciamos hoje, que se reconhecem neles todos os sintomas deste tipo de doença. A prova da participação de uma inteligência oculta, nesses casos, resulta de um facto material; são as numerosas curas radicais obtidas em alguns centros espíritas pela simples evocação e moralização dos Espíritos obsessores, sem magnetização nem medicamentos, e frequentemente na ausência e à distância do paciente. A imensa superioridade de Jesus dava-lhe uma tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, então chamados demónios, que bastava ordenar-lhes que se retirassem para que eles não pudessem resistir a esta ordem. (Cap. XIV, n° 46)

34. – O caso de que alguns Espíritos maus tenham entrado nos corpos de porcos é contrário a todas as probabilidades. [182] Um Espírito mau não deixa de ser um Espírito humano, ainda bastante imperfeito para fazer o mal depois da morte, como o fizera antes, e é contra as leis da natureza que possa animar o corpo de um animal; é preciso, pois, ver nesse acontecimento um exagero de um facto real, tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou talvez uma alegoria para caracterizar as tendências imundas de certos Espíritos.

35. – No tempo de Jesus, parece que tanto os obsedados como os possessos eram muito numerosos na Judeia, daí a oportunidade que teve para curar muitos. Os maus Espíritos tinham, sem dúvida, invadido este país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, n° 49)

Sem ser num estado epidémico, as obsessões individuais são muito frequentes e apresentam-se sob os mais variados aspetos que um conhecimento aprofundado do Espiritismo facilmente permite reconhecer. Podem, frequentemente, ter consequências perigosas para a saúde, quer agravando afeções orgânicas, quer originando-as. Um dia, sem dúvida, serão colocadas entre as causas patológicas que, pela sua natureza especial, requerem meios de tratamento também especiais.

O Espiritismo, dando a conhecer a causa do mal, abre uma nova via para a arte de curar e fornece à ciência os meios para alcançar o êxito naqueles casos em que frequentemente fracassa, porque não ataca a causa primeira do mal. (Livro dos Médiuns, cap. XXIII)

36. – Jesus era acusado pelos fariseus de expulsar os demónios com o auxílio do demónio; mesmo o bem que fazia era considerado, por eles, obra de Satanás, sem refletirem que, se Satanás se

[182] Ver Mateus, 8:28 a 33; Marcos, 5: 1 a 14; Lucas, 8:26 a 34 (N.T.)

expulsasse a si mesmo, cometeria uma insensatez. Esta doutrina é ainda hoje a que a Igreja procura fazer prevalecer contra as manifestações espíritas. [183]

Ressurreições

A filha de Jairo

37. *-E, passando Jesus outra vez num barco para o outro lado, ajuntou-se a ele uma grande multidão; e ele estava junto do mar. E eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome Jairo, e, vendo-o, prostrou-se aos seus pés e rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare e viva. E foi com ele, e seguia-o uma grande multidão, que o apertava.*

…. Estando ele ainda falando, chegaram alguns dos principais da sinagoga, a quem disseram: A tua filha está morta; para que enfadas mais o Mestre? E Jesus, tendo ouvido essas palavras, disse ao principal da sinagoga: Não temas, crê somente. E não permitiu que alguém o seguisse, a não ser Pedro, e Tiago, e João, irmão de Tiago.

E, tendo chegado à casa do principal da sinagoga, viu o alvoroço e os que choravam muito e pranteavam. E, entrando, disse-lhes: Porque vos alvoroçais e chorais? A menina não está morta, mas dorme.

E riam-se dele; porém ele, tendo-os feito sair, tomou consigo o pai e a mãe da menina e os que com ele estavam e entrou onde a menina estava deitada.

E, tomando a mão da menina, disse-lhe: Talitá cumi, que, traduzido, é: Menina, a ti te digo: levanta-te. E logo a menina se levantou e andava, pois já tinha doze anos; e assombraram-se com grande espanto. E mandou-lhes expressamente que ninguém o soubesse; e disse que lhe dessem de comer. (São Marcos, cap. V, v.21-24 e 35-43)

O filho da viúva de Naím

38. *- E aconteceu, pouco depois, ir ele à cidade chamada Naím, e com ele iam muitos dos seus discípulos e uma grande multidão. E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade. E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela e disse-lhe: Não chores. E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam) e disse: Jovem, eu te digo: Levanta-te. E o defunto assentou-se e começou a falar. E entregou-o à sua mãe.*

E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo. E correu dele esta fama por toda a Judeia e por toda a terra circunvizinha. (S. Lucas 7: 11 a 17)

---

[183] Nem todos os teólogos professam opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Aqui está um cujo valor o clero não poderá contestar, emitida por um eclesiástico, Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, na passagem seguinte das suas *Conferências sobre a religião* tomo II, p. 341, Paris, 1825:

"Se Jesus tivesse realizado os seus milagres através do poder do demónio, este teria trabalhado para destruir o seu império e teria empregado o seu poder contra si próprio. De facto, *um demónio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude, seria um estranho demónio.* Por isso Jesus, para repelir a absurda acusação dos Judeus, lhes dizia: "Se realizo prodígios em nome do demónio, o demónio, então, está dividido contra si mesmo, procura a sua própria destruição;" resposta que não admite réplica.

Este é, precisamente, o argumento que os Espíritas apresentam àqueles que atribuem ao demónio os bons conselhos que recebem dos Espíritos. O demónio agiria como um ladrão profissional que restituiria tudo o que tinha roubado e induziria os outros ladrões a tornarem-se pessoas honestas (Nota de A.K.)

39. – O regresso à vida corpórea de um indivíduo realmente morto seria contrário às leis da natureza e, portanto, mais miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a factos assim para explicar as ressurreições realizadas por Jesus.

Se, entre nós, as aparências, por vezes, enganam os médicos, os acidentes desta natureza deviam ser muito mais frequentes num país onde não se tomava nenhuma precaução nesse sentido e onde o sepultamento era imediato. [184] Assim, é muito provável que nos dois casos acima mencionados, se tratasse apenas de uma síncope ou de uma letargia. O próprio Jesus o afirma claramente em relação à filha de Jairo: *Esta menina*, diz ele, *não está morta, só está adormecida*.

Com o poder fluídico que Jesus possuía, não é surpreendente que o fluido vital, dirigido por uma forte vontade, tenha reanimado os sentidos entorpecidos; que tenha, mesmo, podido fazer voltar o Espírito ao corpo quando estava prestes a deixá-lo, enquanto o laço perispiritual não estava definitivamente cortado. Para os homens desse tempo, que acreditavam que o indivíduo estava morto logo que deixasse de respirar, tratava-se de uma ressurreição e eles afirmavam-no de muita boa-fé: mas, na realidade, havia *cura* e não ressurreição no verdadeiro sentido da palavra.

40. – A ressurreição de Lázaro, seja o que for que se diga, não invalida este princípio. Ele estava, dizia-se, há quatro dias no sepulcro; mas sabe-se que há letargias que duram oito dias ou mais. Disseram que ele cheirava mal, que é um sinal de decomposição. Esta alegação não prova nada, atendendo a que, entre certos indivíduos, existe decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, e que exalam um odor de putrefação. A morte só chega quando são atacados os órgãos essenciais à vida.

E quem poderia saber se ele cheirava mal? Foi a sua irmã Marta quem o disse, mas como o sabia ela? Estando Lázaro sepultado há quatro dias, ela poderia supô-lo, mas não tinha a certeza. (Cap. XIV, n°. 29) [185]

Jesus caminha sobre as águas

41. – *E logo ordenou Jesus que os seus discípulos entrassem no barco e fossem adiante, para a outra banda, enquanto despedia a multidão. E, despedida a multidão, subiu ao monte para orar, à parte. E, chegada já a tarde, estava ali só. E o barco estava já no meio do mar,[186] açoitado pelas ondas, porque o vento era contrário. Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se Jesus para eles, caminhando por cima do mar. E os discípulos, vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasma. E*

---

[184] Uma prova deste costume encontra-se nos Atos dos Apóstolos, cap. V, v.5 e seguintes:

"*E Ananias, ouvindo estas palavras, caiu e expirou. E um grande temor veio sobre todos os que isto ouviram. E, levantando-se os jovens, cobriram o morto e, transportando-o para fora, sepultaram-no.*

E, passando um espaço quase de três horas, entrou também sua mulher, não sabendo o que havia acontecido……

Então, Pedro disse-lhe: Por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor? Estão aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e também te levarão a ti. E logo caiu aos seus pés e expirou. E, entrando os jovens, acharam-na morta e sepultaram-na junto de seu marido." (A.K.)

[185] O facto seguinte prova que a decomposição precede, algumas vezes, a morte. No convento do Bom Pastor, fundado em Toulon pelo abade Marin, capelão dos presídios para reincidentes arrependidas, encontrava-se uma jovem mulher que tinha experimentado os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. No meio das dores parecia sorrir a uma celeste visão; como santa Teresa, pedia para sofrer ainda mais; a sua carne estava em farrapos, a gangrena devastava-lhe os membros; por uma sábia providência, os médicos tinham recomendado que fizessem o enterro do corpo logo depois do óbito. Coisa estranha! Mal ela deu o último suspiro, todo o processo de decomposição parou; desapareceram as exalações cadavéricas, de modo que durante trinta e seis horas o corpo pode permanecer exposto às preces e à veneração da comunidade. (Nota de A.K.)

[186] O lago de Genezaré ou de Tiberíades. (Nota de A.K.)

gritaram, com medo. Jesus, porém, lhes falou logo, dizendo: Acalmai-vos, sou eu; não temais. E respondeu-lhe Pedro, disse: Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas. E ele disse: Vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me. E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: Homem de pouca fé, por que duvidaste? E, quando subiram para o barco, acalmou o vento.

Então, aproximaram-se os que estavam no barco e adoraram-no, dizendo: És verdadeiramente o Filho de Deus. (São Mateus, cap. XIV, v.22 a 33)

42. – Este fenómeno encontra a sua explicação natural nos princípios expostos anteriormente (Ver o Capítulo XIV, n° 43). Exemplos análogos provam que não é impossível nem miraculoso, visto que obedece às leis da natureza. Pode ter-se produzido de dois modos:

Jesus, embora vivo, pôde aparecer sobre as águas com forma palpável, enquanto o seu corpo carnal estava noutro lugar. É a hipótese mais provável. Pode reconhecer-se, nesse relato, certos sinais característicos das aparições materiais. (Cap. XIV, n°. 35 a 37)

Noutra hipótese também é possível que o seu corpo fosse sustentado e o seu peso neutralizado pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço sem ponto de apoio. O mesmo efeito pode ser produzido sobre corpos humanos.

43. – *E, seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e levou-os, só a eles, a um alto monte afastado,*[187] *e transfigurou-se diante deles. E as suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas como a neve, como nenhum lavadeiro na Terra seria capaz de as branquear. E apareceram-lhes Elias e Moisés e falavam com Jesus. E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Mestre, bom é que nós estejamos aqui e façamos três cabanas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias. Pois não sabia o que dizia, porque estavam assombrados. E desceu uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, e saiu da nuvem uma voz, que dizia: Este é o meu Filho amado, ouvi-o. E, tendo olhado ao redor, não mais ninguém, senão Jesus com eles. E, descendo do monte, Jesus ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dos mortos.* (São Marcos, cap. IX,v.2 a 9)

44. – É também nas propriedades do fluido perispiritual que se pode encontrar a razão deste fenómeno. A transfiguração explicada no cap. XIV, n° 39, é um facto bastante comum devido à irradiação fluídica, que pode modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus tornou possível ao seu Espírito conferir-lhe um brilho excecional. Quanto à aparição de Moisés e Elias, ela enquadra-se inteiramente na categoria de todos os fenómenos do mesmo género. (Cap. XIV, n°. 35 e seguintes)

De todas as faculdades que Jesus manifestou, não existe nenhuma que esteja para além das condições da Humanidade e que não se encontre entre o comum dos homens, porque estão na natureza; não obstante, pela superioridade da sua essência moral e das suas qualidades fluídicas, elas atingiram entre ele proporções acima do vulgar. Ele representava, a par do seu corpo carnal, o estado dos Espíritos puros.

Tempestade amainada

45. – *E aconteceu que, num daqueles dias, entrou num barco com seus discípulos e disse-lhes: Passemos para a outra banda do lago. E partiram. E, navegando eles, adormeceu; e sobreveio uma tempestade de vento no lago, e o barco enchia-se de água, estando eles em perigo. E, chegando-se a*

187 O Monte Thabor, ou Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 Km a sudeste de Nazaré, tem cerca de 1000 metros de altitude (Nota de A.K.)

ele, despertaram-no, dizendo: Mestre, Mestre, perecemos. E ele, levantando-se, repreendeu o vento e a fúria da água; e cessaram, e fez-se bonança.

E disse-lhes: Onde está a vossa fé? E eles, temendo, maravilharam-se, dizendo uns aos outros: Quem é este, que até nos ventos e na água manda, e eles obedecem-lhe? (São Lucas, cap. VIII, v.22 a 25)

46. – Não conhecemos suficientemente os segredos da natureza para afirmar se existem ou não inteligências ocultas que regulam a ação dos elementos. No caso afirmativo, o fenómeno em questão poderia ser o resultado de um ato de autoridade sobre essas mesmas inteligências, e provaria um poder que não é dado a nenhum homem exercer.

Seja como for, Jesus dormindo tranquilamente durante a tempestade, demonstra uma segurança que pode explicar-se pelo facto de o seu Espírito ver que não havia perigo algum e que a tempestade iria acalmar.

Bodas de Caná

47. – Este milagre, mencionado num só evangelho, o de S. João, é indicado como sendo o primeiro que Jesus fez e, por esse motivo, deveria ser um dos mais notados. No entanto, parece ter causado bem pouca sensação, pois que nenhum outro evangelista fala dele. Um facto tão extraordinário deveria ter abalado muito os convidados e principalmente o dono da casa; mas, aparentemente, ninguém se apercebeu.

Considerado em si mesmo, este facto tem pouca importância quando comparado com aqueles que testemunham verdadeiramente as qualidades espirituais de Jesus. Admitindo-se que as coisas se passaram como são relatadas, é de notar que foi o único fenómeno deste género que Jesus produziu; ele era de natureza demasiado elevada para se ligar a efeitos puramente materiais próprios somente para atrair a curiosidade da multidão que o compararia a um mágico; sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatia e lhe trariam mais adeptos do que os que eram simples manifestações de uma grande habilidade e destreza, mas que nunca tocariam o coração.

Se bem que, em rigor, o facto se pode explicar, até certo ponto, por uma ação fluídica que pudesse alterar as propriedades da água, dando-lhe o gosto do vinho, conforme demonstram os exemplos oferecidos pelo magnetismo, essa hipótese é pouco provável, pois nesse caso a água teria o sabor do vinho, mas não a sua cor, o que não deixaria de ser notado. É mais racional que se veja aí uma dessas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do filho pródigo, a do festim das bodas e tantas outras. Provavelmente teria feito, durante a refeição, uma alusão ao vinho e à água para daí tirar um ensinamento. O que justifica esta opinião são as palavras que o mordomo dirige ao noivo; "Todos servem primeiro o bom vinho e depois, quando já tiverem bebido bastante, servem o de inferior qualidade; mas vós reservastes o bom vinho até agora".

A multiplicação os pães

48. – A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais tem intrigado os comentadores, ao mesmo tempo que tem alimentado a má-língua dos incrédulos.

Sem se dar ao trabalho de lhe sondar o sentido alegórico, estes viram apenas um conto pueril; mas, a maior parte das pessoas sérias viu neste relato, embora sob uma forma diferente da habitual, uma parábola comparando o alimento espiritual da alma com o alimento do corpo.

Contudo, pode-se ver aí mais do que uma figura e admitir, sob um certo ponto de vista, a realidade de um efeito material, sem para isso recorrer ao prodígio.

Sabe-se que uma grande preocupação, a atenção sustentada, dada a uma coisa, fazem esquecer a fome.

Os que seguiam Jesus eram pessoas ávidas de o ouvir: portanto, não há nada de espantoso em que, fascinados pelas suas palavras e talvez também pela poderosa ação magnética que sobre eles exercia, não sentissem a necessidade material de comer.

Jesus, que previa este resultado, pôde tranquilizar os seus discípulos dizendo, na linguagem figurada que lhe era habitual, admitindo que levassem alguns pães, que estes bastariam para satisfazer a multidão.

Ao mesmo tempo deu-lhes uma lição: "Dai-lhe vós mesmos de comer", disse; ensinava-os assim que também eles podiam alimentar por palavras.

Assim, a par do sentido alegórico moral, ele pôde produzir um efeito fisiológico natural muito conhecido. O prodígio, neste caso, está na ascendência da palavra de Jesus tão poderosa para cativar a atenção de uma multidão imensa a ponto de a fazer esquecer de comer. Este poder moral testemunha a superioridade de Jesus, bem mais do que o facto puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerado como uma alegoria.

Esta explicação encontra-se, aliás, confirmada pelo próprio Jesus, nas duas passagens seguintes:

O fermento dos fariseus

49 – P*assando os seus discípulos para a outra banda, tinham-se esquecido de se abastecer de pão. E Jesus disse-lhes: acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.*

E eles conversavam entre si, dizendo: É porque não nos abastecemos de pão.

Jesus, percebendo isso, disse: Por que conversais entre vós, homens de pouca fé, sobre o não vos terdes abastecido de pão? Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos levantastes? Nem dos sete pães para quatro mil e de quantos cestos levantastes? Como não compreendestes que não vos falei a respeito do pão, mas que vos guardásseis do fermento dos fariseus e dos saduceus?

Então, compreenderam que ele não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (São Mateus, cap. XVI, v.5 a 12)

O pão do Céu

50 -*No dia seguinte, a multidão que estava do outro lado do mar, vendo que não havia ali mais do que um barquinho e que Jesus não entrara com seus discípulos naquele barquinho, mas que os seus discípulos tinham ido sós (contudo, outros barquinhos tinham chegado de Tiberíades, perto do lugar onde comeram o pão, havendo o Senhor dado graças); vendo a multidão que Jesus não estava ali, nem os seus discípulos, entraram eles também nos barcos e foram a Cafarnaum, em busca de Jesus.*

E, achando-o no outro lado do mar, disseram-lhe:

– Rabi, quando chegaste aqui?

Jesus respondeu e disse-lhes:

–Na verdade, na verdade vos digo que me buscais não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará, porque a este o Pai, Deus, selou-o.

Disseram-lhe: – Que faremos para executarmos as obras de Deus? Jesus respondeu e disse-lhes:

– A obra de Deus é esta: que acrediteis naquele que ele enviou.

Disseram-lhe: – Que sinal fazes tu, para que o vejamos e acreditemos em ti? Que fazes tu? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: deu-lhes a comer o pão do céu. Disse-lhes Jesus: – Na verdade, na verdade vos digo que Moisés não vos deu o pão do céu, mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo.

Disseram-lhe: – Senhor, dá-nos sempre desse pão. E Jesus disse-lhes:

– Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede. Mas já vos disse que também vós me vistes e, contudo, não acreditastes. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. (S. João, 6:22- 36 e 47-50)

51. – Na primeira passagem, Jesus, lembrando o efeito produzido anteriormente, dá claramente a entender que não se tratava de pão material; senão, a comparação que ele estabeleceu com o fermento dos fariseus não teria sentido.

"Não compreendeis ainda, disse ele, e não vos lembrais que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens e que sete pães foram suficientes para quatro mil homens? Como não compreendestes que não era do pão que vos falava, quando vos disse que vos guardásseis do fermento dos fariseus?"

Esta comparação não teria nenhuma razão de ser, na hipótese de uma multiplicação material. O facto seria tão extraordinário em si mesmo para impressionar a imaginação dos discípulos; contudo, eles pareciam não se lembrar disso.

É o que sobressai com a mesma clareza do discurso de Jesus sobre o pão do céu, em que ele procura fazer compreender o sentido verdadeiro do alimento espiritual.

"Trabalhai, diz ele, não para conseguir o alimento que se extingue, mas o que permanece para a vida eterna e que o Filho do homem vos dará."

Esse alimento é a sua palavra, o pão que desceu do céu para dar a vida ao mundo.

"Eu sou, disse ele, o pão da vida; aquele que vier a mim nunca terá fome, e o que crê em mim nunca terá sede".

Mas estas distinções eram demasiado subtis para estas naturezas brutas que só compreendiam as coisas materiais. Para eles, o maná [188]que tinha alimentado o corpo dos seus antepassados era o verdadeiro pão do céu; aí estava o milagre.

Se a multiplicação dos pães tivesse acontecido materialmente, porque teria impressionado tão pouco estes homens, em cujo proveito se tinha realizado, poucos dias antes, a ponto de perguntarem a Jesus:

"Que milagre farás para que vendo-o, nós acreditemos? Que fareis de extraordinário?"

Acontece que entendiam por milagre os prodígios que os fariseus pediam, ou seja, os sinais no céu, realizados sob as suas ordens, como por uma varinha mágica. O que Jesus fazia era bastante simples e não se afastava suficientemente das leis da natureza; as curas, mesmo, não tinham um caráter anormal, demasiado extraordinário. Os milagres espirituais significavam pouco para eles.

Tentação de Jesus

52. – Jesus transportado pelo diabo ao pináculo do Templo, depois ao cimo de uma montanha para ser tentado por ele, constitui uma das parábolas que lhe eram tão familiares e que a credulidade do povo transformou em factos reais.[189]

[188] O livro bíblico de Êxodo descreve-o como um alimento produzido milagrosamente e fornecido por Deus ao povo Israelita, liderado por Moisés, durante toda sua passagem no deserto rumo à terra prometida.

[189] A explicação aqui apresentada é tirada textualmente de uma instrução dada por um Espírito sobre este assunto. (A.K.)

53. – "Jesus não foi levado à força. Quis fazer compreender aos homens que a Humanidade está sujeita a cometer faltas e que deve manter-se vigilante contra as más inspirações que, pela sua natureza débil, é levada a ceder.

A tentação de Jesus é, pois, uma alegoria, e é preciso ser cego para levá-la à letra.

Como poderíeis admitir que o Messias, o verbo de Deus encarnado, tivesse estado submetido por algum tempo, por mais curto que fosse, às sugestões do demónio e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demónio o tivesse soltado *por algum tempo*, o que levaria a supor que Jesus ainda continuou sujeito ao seu poder?

Não; compreendei melhor os ensinamentos que vos foram dados. O Espírito do mal nada podia sobre a essência do bem. Ninguém disse que viu Jesus no cimo da montanha nem sobre o pináculo do Templo; certamente, este teria sido um facto de natureza tal que se espalharia por todo o lado.

A tentação não foi, pois, um ato material e físico.

Quanto ao ato moral, podeis admitir que o Espírito das trevas pudesse dizer aquele que conhecia a sua origem e o seu poder: '*Adora-me e eu te darei todos os reinos da Terra?*'

O demónio teria ignorado quem era aquele a quem fazia tais propostas, o que não é provável; se o conhecia, a sua proposta era uma insensatez, porque sabia perfeitamente que seria repelido por quem vinha destruir o seu império sobre os homens."

"Compreendei, portanto, o sentido desta parábola, porque é uma parábola, tal como a do *Filho Pródigo* e a do *Bom Samaritano*.

Aquela, mostra-nos os perigos que correm os homens, se não resistirem a essa voz interior que clama sem cessar: 'Tu podes ser mais do que és; podes possuir mais do que o possuis, podes crescer, conseguir muito; cede à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos."

Ela mostra-vos o perigo e o meio de evitá-lo, dizendo às más inspirações: "Retira-te, Satanás, ou seja, para trás, tentação!"

"As duas outras parábolas que lembrei mostram-vos o que pode ainda esperar aquele que, demasiado fraco para repelir o demónio, sucumbiu às suas tentações. Elas mostram-vos a misericórdia do pai de família que põe a sua mão na fronte do filho arrependido e lhe concede, com amor, o perdão implorado. Elas mostram-vos o culpado, o que se separou, o homem rejeitado pelos seus irmãos, valendo mais aos olhos do Juiz supremo, do que aqueles que o desprezavam, porque pratica as virtudes ensinadas pela lei do amor."

"Pesai bem os ensinamentos dados nos Evangelhos; saber distinguir o que está no sentido próprio ou no sentido figurado, e os erros que vos cegaram durante tantos séculos se apagarão pouco a pouco, para dar lugar à resplandecente luz da verdade." (Bordéus, 1862. João Evangelista).

Prodígios por ocasião da morte de Jesus

54. – *E, desde a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até à hora nona.*

E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras. E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na Cidade Santa e apareceram a muitos. (São Mateus, cap. XXVII, v.45, 51 a 53)

55. – É estranho que tais prodígios, acontecendo no mesmo momento em que a atenção da cidade estava fixa no sepulcro de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenha sido notado, já que nenhum historiador faz menção dele. Parece impossível que um tremor de terra e toda a Terra coberta pelas trevas durante três horas, num país onde o céu está sempre de uma perfeita limpidez, tenha podido passar despercebido.

A duração desta obscuridade está bem próxima da de um eclipse do Sol, mas estes eclipses só acontecem na Lua nova e a morte de Jesus ocorreu durante a Lua cheia, dia 14 do mês de Nissan, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol pode também ser produzido por manchas que se notam na sua superfície. Neste caso, o brilho da luz é sensivelmente enfraquecido, mas nunca ao ponto de produzir a escuridão e as trevas. Supondo-se que um fenómeno deste género tenha tido lugar nesta época, teria sido uma causa perfeitamente natural. [190]

Quanto aos mortos ressuscitados, é possível que algumas pessoas tenham tido visões ou aparições, o que não é excecional; mas como então não se conhecia a causa deste fenómeno, afigurava-se que as aparições de indivíduos teriam saído do sepulcro.

Os discípulos de Jesus, emocionados com a morte de seu mestre, sem dúvida notariam quaisquer factos particulares a que, noutros tempos, não teriam prestado qualquer atenção. Seria suficiente que um fragmento de rocha se soltasse nesse momento para que pessoas predispostas ao maravilhoso aí tenham visto um prodígio e que, amplificando o facto, tenham dito que as pedras se fenderam.

Jesus é grande pelas suas obras e não pelos quadros fantásticos em que um entusiasmo pouco esclarecido acreditou vê-lo envolvido.

Aparições de Jesus após a sua morte

56. – *E Maria (Madalena) estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela chorando, abaixou-se para o sepulcro e viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.*

E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. E, tendo dito isso, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, diz-me onde o puseste, e eu o levarei.

Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer Mestre)! Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos e diz-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.

Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos que vira o Senhor e que ele lhe dissera isso. (São João, cap. XX, v.11 a 18)

57. *E eis que, no mesmo dia, iam dois deles para uma aldeia que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido.*

E aconteceu que, indo eles falando entre si e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem.

E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocais entre vós e por que estais tristes?

E, respondendo um, cujo nome era Cléofas, disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias? E ele lhes perguntou: Quais? E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; e como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação

[190] Há constantemente na superfície do Sol manchas fixas que seguem o seu movimento de rotação e serviram para determinar a duração desse movimento. Estas manchas aumentam, por vezes, em número, em extensão e em intensidade, e é então que se produz uma diminuição da luz e do calor. Este aumento no número de manchas parece coincidir com certos fenómenos astronómicos e com a posição relativa de certos planetas o que determina a sua reaparição periódica. A duração desse escurecimento é muito variável; por vezes não vai além de duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou catorze meses. (N. de A.K.)

de morte e o crucificaram. E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas, agora, com tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram. É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; e, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive. E alguns dos que estavam connosco foram ao sepulcro e acharam ser assim como as mulheres haviam dito, porém, não o viram.

E ele lhes disse: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que Jesus padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.

E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram, dizendo: Fica connosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu e lho deu. Abriram-se-lhes então os olhos e conheceram-no e ele desapareceu.

E disseram um para o outro: Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras? E na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém e acharam congregados os onze e os que estavam com eles, os quais diziam:

Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor, e já apareceu a Simão. E eles contaram-lhes o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no partir do pão.

E, falando ele dessas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco. E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum Espírito. E ele disse-lhes: Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos ao vosso coração? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois, um Espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, não o crendo eles ainda por causa da alegria e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então, eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel, o que ele tomou e comeu diante deles.

E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos. Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que Jesus padecesse e, ao terceiro dia, ressuscitasse dos mortos; e, em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. E dessas coisas sois vós testemunhas. E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder. (São Lucas, cap. XXIV, v.13 a 49)

58 -*Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele disse-lhes: Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma acreditarei.*

E, oito dias depois, estavam outra vez os seus discípulos dentro, e, com eles, Tomé. Chegou Jesus estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio, e disse: Paz seja convosco!

Depois, disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente.

Tomé respondeu e disse-lhe: Senhor meu e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, acreditaste; bem-aventurados os que não viram e acreditaram! (João 20; 24-29)

59. *Depois disso, manifestou-se Jesus outra vez aos discípulos, junto ao mar de Tiberíades; e manifestou-se assim: estavam juntos Simão Pedro, e Tomé, chamado Dídimo, e Natanael, que era de Caná da Galileia, e os filhos de Zebedeu, e outros dois dos seus discípulos.*

Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Disseram-lhe eles: Também nós vamos contigo. Foram, e subiram logo para o barco, e naquela noite nada apanharam. E, sendo já manhã, Jesus se apresentou na praia, mas os discípulos não conheceram que era Jesus.

Disse-lhes, pois, Jesus: Filhos, tendes alguma coisa de comer? Responderam- lhe: Não. E ele disse-lhes: Lançai a rede à direita do barco e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam tirar, pela multidão dos peixes. Então, aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor.

E, quando Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se ao mar. E os outros discípulos foram com o barco (porque não estavam distantes da terra senão quase duzentos côvados), levando a rede cheia de peixes. (João 21: 1-8)

60- *E levou-os fora, até Betânia; e, levantando as mãos, os abençoou. E aconteceu que, abençoando-os ele, se apartou deles e foi elevado ao céu. E, adorando-o eles, voltaram com grande júbilo para Jerusalém. E estavam sempre no Templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém!* (Lucas 24: 50-53)

61. – As aparições de Jesus após sua morte são descritas por todos os evangelistas com pormenores circunstanciados que não permitem duvidar da realidade do facto.

Por outro lado, elas explicam-se, perfeitamente, pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e não apresentam nada anómalo em relação com os fenómenos do mesmo género de que a história antiga e moderna oferece numerosos exemplos, sem excetuar a tangibilidade.

Se observarmos as circunstâncias que acompanharam as suas diversas aparições, reconheceremos nelas, nesses momentos, todas as características de um ser fluídico.

Jesus aparece e desaparece repentinamente; é visto por uns e não por outros; sob aparências que nem mesmo é reconhecido pelos seus discípulos; mostra-se em lugares fechados onde um corpo carnal não poderia entrar; mesmo a sua linguagem não tem a vivacidade da de um ser corpóreo; ao falar tem um modo conciso e sentencioso, característico dos Espíritos que se manifestam desta maneira; todas as suas atitudes, em suma, têm algo indefinido que não é do mundo terreno. A sua presença causa ao mesmo tempo surpresa e temor; os seus discípulos, ao vê-lo, não lhe falam com a mesma liberdade; sentem que já não é um homem.

Jesus mostrou-se, pois, com o seu corpo perispiritual, o que explica que só tenha sido visto por aqueles que quis que o vissem; se tivesse estado com o seu corpo carnal, todos o teriam visto, como quando estava vivo. Os seus discípulos, ignorando a causa primária do fenómeno das aparições, não se deram conta destas particularidades que provavelmente nem notavam; viam Jesus e tocavam-lhe; para eles este devia ser o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, n° 14 e 35 a 38)

62. – Enquanto os incrédulos rejeitam todos os atos de Jesus com aparência sobrenatural, considerando-os lendários, o Espiritismo dá uma explicação natural à maior parte deles. Mostra a sua possibilidade, não somente pela teoria das leis fluídicas, mas pela sua semelhança com factos análogos. Embora esses atos sejam conhecidos, não provam nada quanto à natureza excecional de Jesus. [191]

63. – O maior dos milagres que Jesus fez, o que mostra verdadeiramente a sua superioridade, foi a revolução que os seus ensinamentos trouxeram ao mundo, apesar da exiguidade dos seus meios de ação.

---

[191] Os numerosos factos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que estão relatados na Revista Espírita e mencionados nas referências feitas acima, oferecem, até nas circunstâncias de pormenores, uma analogia tão marcante com os que são narrados no Evangelho, que se torna evidente a semelhança dos efeitos e das causas. Por que motivo o mesmo facto teria uma causa natural atualmente, e sobrenatural outrora? Diabólico para uns e divino para outros? Se fosse possível colocá-los aqui ao lado uns dos outros, a comparação seria muito mais fácil; mas o número e os desenvolvimentos que a maior parte necessitaria, não o permitem. (A.K.)

Com efeito, Jesus, desconhecido, pobre, nascido nas condições mais humildes de um povo ignorado, e sem poder político, artístico ou literário, só pregou durante três anos.

Durante este curto espaço de tempo, foi menosprezado e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, tratado como impostor; foi obrigado a fugir para não ser lapidado; foi traído por um de seus apóstolos, negado por outro, abandonado por todos no momento em que caiu nas mãos dos inimigos.

Só fazia o bem e isso não o colocou ao abrigo da maldade que voltou contra ele os próprios serviços que prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morreu ignorado pelo mundo, porque foi ignorado pela história do seu tempo. [192] Não escreveu nada e, no entanto, ajudado por alguns homens desconhecidos como ele, a sua palavra foi suficiente para regenerar o mundo, a sua doutrina aniquilou o paganismo omnipotente e tornou-se a bandeira da civilização.

Tinha contra si tudo o que causa o fracasso de um homem; é por isso que dizemos que o triunfo da sua doutrina é o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo que prova o carácter divino da sua missão. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, baseados no futuro espiritual do ser humano, só tivesse oferecido à posteridade alguns atos maravilhosos, talvez hoje só fosse conhecido de nome.

Desaparecimento do corpo de Jesus

64. – O desaparecimento do corpo de Jesus depois da sua morte tem sido objeto de numerosos comentários. Foi testemunhado pelos quatro evangelistas, pelas declarações das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia e não o encontraram. Alguns viram neste desaparecimento um facto miraculoso, outros supuseram um rapto clandestino.

Segundo uma outra opinião, durante a sua vida na Terra, Jesus não teria um corpo carnal, mas somente um corpo fluídico; teria sido apenas uma aparição tangível, numa palavra, uma espécie de *agénere*. O seu nascimento, a sua morte e todos os atos materiais da sua vida teriam sido apenas uma aparência. Assim, refere essa opinião, voltando ao estado fluídico, poderia ter desaparecido do sepulcro e teria sido com este mesmo corpo que apareceu depois da morte.

Tal facto não é radicalmente impossível, de acordo com o que se sabe atualmente sobre as propriedades dos fluidos; mas seria, pelo menos excecional e em oposição formal às características dos *agéneres*. (Cap. XIV, item 36.) A questão, pois, está em saber se essa hipótese é admissível, se é confirmada ou negada pelos factos.

65. – A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da conceção até ao nascimento, tudo se passa no seio materno como nas condições normais da vida.[193] Desde o nascimento até à morte, tudo nos seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da vida, apresenta as características inequívocas da corporeidade. [194]

Os fenómenos de ordem psíquica que acontecem são acidentais e não são anormais, visto que se explicam pelas propriedades do perispírito e se encontram, em diferentes graus, noutros indivíduos. Depois da sua morte, pelo contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é de tal modo marcada, que não é possível equipará-los.

[192] O historiador judeu Flávio Josefo é o único que fala dele e diz muito pouca coisa. (A.K.)

[193] Não falamos do mistério da encarnação, que não vamos tratar aqui, e que será examinado mais adiante. (A.K.)

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita e essas propriedades diferem essencialmente das dos fluidos etéreos. No corpo material a desorganização dá-se pela rutura da coesão molecular.

Ao introduzir nele um instrumento cortante os tecidos separam-se, e se os órgãos essenciais à vida forem afetados, o seu funcionamento pára e morre, isto é, morre o corpo.

Não existindo esta coesão nos corpos fluídicos, a vida destes não se baseia no funcionamento de órgãos especiais de modo que não se podem produzir neles desordens análogas. Um instrumento cortante ou qualquer outro atravessa-os como se fossem uma nuvem de vapor, sem lhes causar qualquer lesão. É por isso que esta espécie de corpos não pode morrer e que os seres fluídicos designados pelo nome de *agéneres* não podem ser mortos.

Depois do suplício de Jesus, o seu corpo ficou lá, inerte e sem vida.

Foi sepultado como os outros corpos e toda a gente pôde vê-lo e tocá-lo. Depois da ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; o seu corpo elevou-se, desvaneceu-se e desapareceu sem deixar nenhum rasto, prova evidente que esse corpo era de uma outra natureza do que morreu na cruz. Daí devemos concluir que se Jesus pode morrer, é porque tinha um corpo carnal.

Devido às suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que se repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo que sofre, é o Espírito que recebe a repercussão das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo privado de Espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, um Espírito que não tenha corpo material, não pode experimentar os sofrimentos que são o resultado da alteração da matéria. Assim, daí também é preciso concluir que, se Jesus sofreu materialmente, como não restam dúvidas, é porque tinha um corpo material de uma natureza semelhante à de toda a gente.

66. – Aos factos materiais vêm juntar-se poderosas considerações morais.

Se as condições de Jesus durante a sua vida tivessem sido as dos seres fluídicos, não teria experimentado nem a dor, nem nenhuma das necessidades do corpo; supor que tenha sido assim, é tirar-lhe todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera como exemplo de resignação.

Se tudo nele fosse apenas aparência, todos os atos da sua vida, o anúncio repetido da sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, a sua prece a Deus para afastar o cálice dos seus lábios, a sua paixão, a sua agonia, tudo até ao seu último grito no momento de entregar o Espírito, teria sido apenas um vão simulacro, para enganar os homens acerca da sua natureza e fazer-lhes crer no sacrifício ilusório da sua vida, uma comédia indigna de um simples homem honesto, com muito mais forte razão de um ser assim superior; numa palavra, teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade.

São estas as consequências lógicas desta teoria, consequências que não são admissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevar.

Portanto, Jesus teve, como toda a gente, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é demonstrado pelos fenómenos materiais e pelos fenómenos psíquicos que marcaram a sua vida.

67. – Que aconteceu com o corpo carnal? [195]

É um problema cuja solução não podemos deduzir, devido à falta de elementos suficientes. Até surgirem novos dados, só podemos apresentar hipóteses. Esta solução, aliás, é de uma importância secundária e não acrescentaria nada aos méritos de Jesus nem aos factos que demonstram, de uma forma perentória, a sua superioridade e a sua missão divina.

Sobre a forma como se realizou esse desaparecimento, só podem apresentar-se opiniões pessoais, que só teriam valor se fossem sancionadas por uma lógica rigorosa e pelo ensinamento geral dos Espíritos; ora, até hoje, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção deste duplo controlo.[196]

Se os Espíritos ainda não resolveram a questão pela unanimidade dos seus ensinamentos, é porque, sem dúvida, o momento de o fazer ainda não chegou, ou porque ainda nos faltam conhecimentos necessários para a resolver.

Entretanto, se se afastar a hipótese de que o corpo foi retirado de forma clandestina, poder-se-ia encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenómeno de transporte e da invisibilidade. (Livro dos Médiuns, cap. IV e V)

68. – Esta ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No século IV, Apolinário de Laudiceia, chefe da seita dos *apolinaristas,* defendia que Jesus nunca tinha tido um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível* que descera do céu no seio da Santa Virgem e não teria nascido dela; que, assim, Jesus tinha nascido, sofrido e morrido apenas na *aparência.* Os apolinaristas foram anatemizados no Concílio de Alexandria em 360, no de Roma em 374, e no de Constantinopla, em 381D. C. [197]

---

[195] Simoni Privato reuniu documentos comprovativos de que, em vida, Kardec publicou até à quarta edição da obra em Fevereiro de 1869, a qual era idêntica à primeira edição. A quinta edição somente foi publicada em 1872. Destaca-se o facto de que, no seu último livro escrito, intitulado *Catálogo racional para se formar uma biblioteca espírita*, Kardec faz menção direta a um item específico do capítulo XV da quarta edição, mas que, misteriosamente, foi suprimido da quinta edição e os itens renumerados. O item 67, presente na quarta edição, trata justamente das possíveis explicações para o desaparecimento do corpo de Jesus, sendo consideradas as hipóteses de um roubo clandestino ou da ocorrência dos fenómenos mediúnicos de transporte ou invisibilidade. Ressalta-se, ainda, a necessidade de que qualquer explicação seja validada pelo critério da universalidade dos ensinamentos dos Espíritos.

O leitor poderá seguir o claro raciocínio de Kardec para essa questão no estudo dos itens 64 a 68 da quarta edição, porém na quinta edição notará que o desenvolvimento dessas hipóteses foi prejudicado com a eliminação do item 67 da edição original e renumeração do item 68 como sendo esse o item 67 da versão modificada. Uma vez que o objetivo foi discutir o desaparecimento do corpo de Jesus, a quarta edição está fundamentada numa sequência lógica nos itens citados (até ao nº 68) que foi prejudicado pela supressão ocorrida na quinta edição. (Nota adaptada pelo tradutor)

[196] Depois de minuciosa análise racional, sob os mais diversos aspetos, A.K. regista a ausência da universalidade do ensino dos Espíritos superiores sobre a questão. Esse duplo controlo é basilar e obrigatório para a aceitação de qualquer novo conceito fundamental da doutrina espírita. Enquanto isso não tenha acontecido será considerada simples opinião pessoal, quer venha de um homem ou de um Espírito. Considera-se, portanto, que "Jesus teve, como toda a gente, um corpo carnal e um corpo fluídico", além de todas as consequências derivadas desse facto para o entendimento da doutrina espírita. (a Génese da "FEAL", 2019)

[197] Ao longo de todos estes números, desde 65 a 67, tal como outras decididas afirmações de Allan Kardec, desmentem formalmente as teorias defendidas por Jean-Baptiste Roustaing e pelo "roustainguismo", adotado oficialmente pela Federação Espírita Brasileira desde os seus inícios, que se encarregou de o entranhar junto de todos os seus seguidores, numa falsa versão de Jesus de Nazaré. (Dirigente Espírita, nº 168).

AS PROFECIAS SEGUNDO O ESPIRITISMO

1. – Como é possível o conhecimento do futuro? Compreendem-se facilmente os acontecimentos que resultam do presente, mas não os que não têm relação com ele, e ainda menos os que dependem do acaso.

As coisas futuras, diz-se, não existem, estão ainda no nada. Como é possível saber se acontecerão?

Contudo, os exemplos de profecias realizadas são tão numerosos que é preciso concluir que se passa aí algum fenómeno para cuja explicação não temos ainda a chave, porque não há efeito sem causa. É esta causa que vamos tentar descobrir e é ainda o Espiritismo, que é a chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá e que, além disso, nos mostrará que as profecias não fogem das leis naturais.

Tomemos, por comparação, um exemplo nas situações descritas a seguir e que nos ajudará a compreender os princípios que iremos desenvolver.

2. – Suponhamos um observador, no cimo de uma alta montanha, estudando a vasta extensão da planície. Nesta situação, a distância de uma légua será pequena coisa, e o observador pode facilmente abranger de um só relance todos os acidentes do terreno, desde o princípio até ao fim do caminho.

O viajante, que segue esse caminho pela primeira vez sabe que, caminhando, chegará ao destino; é uma simples previsão do decurso da sua caminhada; mas os acidentes do terreno, as subidas e as descidas, os rios que terá de atravessar, os bosques que deverá cruzar, os precipícios onde pode cair, os ladrões que o cercam para o roubar, as hospedarias onde poderá descansar, tudo isto é independente da sua pessoa.

Para ele é o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além do pequeno círculo que o rodeia. Quanto à extensão da viagem, pode medi-la pelo tempo que leva a percorrer o caminho; se lhe esconderem os acidentes do percurso, essa medição torna-se impossível.

Para o observador que está no cimo da montanha e que segue à vista o caminhante, tudo isso é o presente. Suponhamos que desce até ao viajante e lhe diz:

"Em certo momento irás encontrar isto ou aquilo, serás atacado e socorrido", para o viajante será como uma previsão do futuro; para o observador, esse futuro é presente. [198]

3.– Se saíssemos agora do círculo das coisas puramente materiais, e se penetrássemos, com o pensamento, no domínio da vida espiritual, veríamos que esse fenómeno se produz numa escala muito maior.

Os Espíritos desmaterializados são como o observador que está no alto da montanha: o espaço e o tempo não existem para eles.

Mas a extensão e a penetração da sua vista são proporcionais à pureza e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual; são, relativamente aos Espíritos inferiores, como observadores providos de um poderoso telescópio, ao lado de outros que só têm os olhos.

---

198 Mesmer, diante dos fenómenos de presciência observados nas suas experiências de sonambulismo provocado, criou a figura de um homem observando de uma elevação, que poderia ver os caminhos futuros de um barco numa ribeira: "Ele percebe, num mesmo golpe de vista, o espaço já percorrido pelo barco e aquele que ainda vai percorrer (…). O homem, estando em contacto com toda a natureza, encontra-se sempre colocado de modo a sentir o encadeamento das causas e dos efeitos. Compreender-se-á que ver o passado é "sentir a causa pelo efeito" e que prever o futuro é "sentir o efeito pela causa". Qualquer distância que possamos supor entre a primeira causa e o último efeito (…), no Universo está tudo presente, e o passado e o futuro são apenas diferentes relações das partes entre si. (Franz Anton Mesmer, *in Mesmer, a ciência negada do magnetismo animal*, por Paulo Henrique de Figueiredo, 5ª edição, S.Paulo, Feel/Maat, 2019).

A.K. foi magnetizador e afirmou que a relação íntima da Ciência espírita e do magnetismo animal permite considerá-las gémeas, uma vez que uma se explica pela outra (Revista *Espírita,* 1858).

Nestes últimos, a visão é circunscrita, não apenas porque dificilmente poderão distanciar-se do mundo a que estão ligados, mas também porque a imperfeição do seu perispírito é como um véu sobre as coisas distantes, como acontece com o nevoeiro para os olhos do corpo.

Compreende-se que, conforme o grau de perfeição, um Espírito possa alcançar um período de alguns anos, de alguns séculos e até de diversos milhares de anos, porque o que é um século comparado com o infinito? Os acontecimentos nunca se desenrolam sucessivamente diante dele, como os incidentes do caminho do viajante: vê simultaneamente o início e o fim do período.

Todos os acontecimentos que nesse período serão futuros para o caminhante, serão para ele, que observa do Alto, o presente. Este, porque vê o que aguarda o caminhante ao longo da sua marcha, pode vir dizer-nos com firmeza: tal coisa acontecerá em tal época.

Se não revela tais factos ao caminhante é porque o conhecimento do futuro lhe seria nocivo: entravaria o seu livre arbítrio, paralisá-lo-ia no trabalho que tem de cumprir para o seu progresso. O bem e o mal que o aguardam ao longo da sua vida, sendo desconhecidos, são uma prova.

Se esta faculdade, mesmo restrita, pode fazer parte dos atributos da criatura, que grau de poder não deverá alcançar no Criador, que abarca o infinito?

Para Deus, o tempo não existe: o começo e o fim dos mundos são o presente. Neste imenso panorama, o que é a duração da vida humana, da vida de uma geração, de um povo?

4. – Como cada um deve colaborar no progresso geral, pode ser útil pressentir oportunidades para preparar a intervenção quando chegar o momento. É por isso que Deus permite, por vezes, que se levante uma ponta do véu; mas é sempre com um fim útil e nunca para satisfazer a vã curiosidade. [199]

Esta missão não pode ser confiada a qualquer Espírito mas só a alguns suficientemente adiantados para a cumprir. Há muitos Espíritos que não conhecem melhor o futuro do que os homens. É necessário notar que estas revelações são sempre feitas espontaneamente, e muito raramente em resposta a um pedido direto.

5. – Essa missão pode também ser confiada a certas pessoas da seguinte maneira: a pessoa a quem foi confiado o encargo de revelar uma coisa oculta, pode receber, sem o seu conhecimento, a inspiração dos Espíritos que sabem de que se trata e transmiti-la naturalmente, sem saber o que faz.

Sabemos também que durante o sono ou no estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a sua alma desprende-se e adquire um grau elevado das faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito avançado, sobretudo se tiver recebido, como os profetas, uma missão especial, poderá, nos momentos de emancipação da alma, abarcar por si mesmo um período mais ou menos extenso e verá como presentes os acontecimentos desse período.

Pode, então, revelá-los no mesmo instante ou conservar a sua recordação depois de acordar. Se esses acontecimentos devem ficar em segredo, a pessoa esquecê-los-á ou só conservará uma vaga intuição do que lhe foi revelado, suficiente para a guiar instintivamente.

Em certas ocasiões esta faculdade desenvolve-se providencialmente: nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e a maior parte das seitas perseguidas tiveram numerosos videntes. É também por isso que grandes capitães marcham resolutamente contra o inimigo com a certeza da vitória; homens de génio como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguem um alvo

[199] Aqui ainda vemos Kardec preso aos fundamentos cristãos relativos a Deus, pois que, na sua época, ainda, não existia o conceito da existência de um Agente Supremo atuante no Universo e que não teria predicados humanos, senão como um fulcro perfeito, sem permitir, sem obrigar, sem decidir; apenas fazendo cumprir as leis da perfeição universal. Em síntese, fazendo com que o Universo simplesmente exista. (Nota de Carlos de Brito Imbasshay)

prevendo, por assim dizer, o momento em que o atingirão: é porque viram esse alvo que não é desconhecido para o seu Espírito.

Portanto, o dom da profecia não é mais sobrenatural do que uma quantidade de outros fenómenos. Baseia-se nas propriedades da alma e na lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que o espiritismo veio dar a conhecer.

Como podemos admitir a existência de um mundo invisível, sem a existência da alma e da sua individualidade depois da morte? O incrédulo que nega a presciência é consequente consigo próprio; resta saber se é consequente com a lei natural.

6. – É possível que esta teoria da presciência não resolva, de uma maneira absoluta, todos os casos de revelações do futuro que podem surgir, mas estabelece o princípio fundamental. Se não pode explicar tudo, é pela dificuldade que o homem tem de se situar num ponto de vista extraterreno; devido à sua inferioridade, o seu pensamento, constantemente orientado para a vida material, é muitas vezes incapaz de se desligar do solo. A este respeito, certos homens são como aves jovens cujas asas, demasiado fracas, não lhes permitem elevar-se no ar ou como aqueles cuja vista é bastante curta para ver ao longe ou, enfim, como aqueles que têm falta de um sentido para certas perceções.

7. – Para compreender as coisas espirituais, ou seja, para fazer delas uma ideia tão exata como a que fazemos de uma paisagem que está à nossa frente, falta–nos um sentido, como a um cego de nascença faz falta a capacidade de poder olhar e ver os efeitos da luz, das cores e da maravilha total da natureza.

Portanto, é só por um esforço de imaginação que nós o conseguimos, e com o auxílio de comparações tiradas das coisas que nos são familiares. Mas as coisas materiais só podem dar ideias muito imperfeitas das coisas espirituais; é por isso que não devemos tomar essas comparações à letra e acreditar, por exemplo, no caso que estamos a tratar, que a amplitude das faculdades percetivas dos Espíritos dependem da real elevação a que se encontram, ou que tenham necessidade de estar no cimo de uma montanha ou acima das nuvens para abarcar o tempo e o espaço.

Esta faculdade é inerente ao estado de evolução espiritual ou, se se quiser, de desmaterialização.

A elevação espiritual produz um efeito que se pode comparar, embora muito imperfeitamente, ao da vista de conjunto que tem o observador que está no cimo da montanha.

Esta comparação tinha simplesmente como objetivo mostrar que alguns acontecimentos, que pertencem ao futuro para uns, estão no presente para outros, e podem assim ser previstos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Para possuir essa perceção, o Espírito não tem necessidade de se deslocar a um ponto qualquer do espaço; aquele que está na Terra, ao nosso lado, pode possuí-la na sua plenitude, tão bem como se estivesse a mil léguas de distância, ao passo que nós não vemos nada para além do horizonte visual.

Como a visão nos Espíritos não se produz da mesma maneira nem com os mesmos elementos que nas pessoas, o seu horizonte visual é totalmente diferente. É precisamente esse sentido que nos falta para que possamos concebê-lo; *o Espírito livre, ao lado de um ser vivo, é como aquele que vê ao lado de um cego.*

8. – É preciso considerar que esta perceção não se limita à distância, inclui a penetração de todas as coisas; é uma faculdade inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. A encarnação *amortece essa faculdade,* mas não a anula completamente, porque a alma não está encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado possui essa faculdade, embora sempre em menor grau do que quando o Espírito está inteiramente liberto; é isto que dá a certas pessoas um poder de penetração

que falta totalmente a outras, uma maior agudeza na visão moral, uma compreensão mais fácil das coisas extra-materiais.

O Espírito encarnado não só percebe, mas recorda o que viu no estado de Espírito livre, e esta recordação é como um quadro que se refaz no seu pensamento. Durante a encarnação, o Espírito vê, embora vagamente e como através de um véu. No estado de liberdade vê e compreende claramente. *O princípio da visão não é exterior, mas está nele;* por isso não precisa da nossa luz exterior.

Por efeito do desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da compreensão alarga-se; por efeito da desmaterialização gradual do perispírito, purifica-se dos elementos mais densos que alteravam a delicadeza das perceções; de onde é fácil compreender que a ampliação de todas as faculdades segue o progresso do Espírito.

9. – É o grau de extensão das faculdades do Espírito que, na encarnação, determina a maior ou menor aptidão para compreender as coisas espirituais.

Todavia, esta aptidão não é consequência necessária do desenvolvimento da inteligência; a ciência vulgar não dá esta aptidão; é por isso que se veem indivíduos de um grande saber, tão cegos para as coisas espirituais como outros o são para as coisas materiais. Resistem às ideias espirituais porque não as compreendem, o que significa que não progrediram nesse sentido.

Enquanto outras pessoas, de uma instrução e de uma inteligência comuns, as apreendem com maior facilidade, o que prova que já tinham uma intuição prévia delas. É uma lembrança retrospetiva do que tinham visto e aprendido, quer no intervalo entre vidas quer nas suas existências anteriores, assim como outros têm a intuição das línguas ou das ciências que conheciam.

10. – A faculdade de mudar o ponto de vista para ver de um sítio mais elevado, não dá somente a solução do problema da presciência; dá a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e resignação, porque, lá do alto, a vida terrena aparece como um ponto na imensidão e compreende-se o fraco valor das coisas que, vistas de baixo, parecem tão importantes. Os incidentes, as misérias, as vaidades da vida reduzem-se, à medida que se desenvolve o imenso e esplendoroso horizonte do futuro. Aquele que vê assim as coisas deste mundo, fica muito pouco ou nada afetado pelas vicissitudes e, por isso mesmo, é tão feliz quanto se pode ser na Terra. É preciso, pois, lamentar os que concentram os seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque recebem, com toda a sua força, o impacto das atribulações que, como aguilhões, os atormentam continuamente.[200]

11.– Quanto ao futuro do Espiritismo, como se sabe, os Espíritos são unânimes em afirmar que o seu triunfo está próximo, apesar dos obstáculos que se lhe opõem. Esta previsão é fácil para eles. Em primeiro lugar, porque a propagação é sua obra pessoal; contribuindo para o movimento ou dirigindo-o, sabem o que devem fazer. Em segundo lugar, basta-lhes abarcar um período de curta duração e observar, nesse período, os poderosos auxiliares que Deus prepara e que não tardarão a manifestar-se.

Embora não sejam Espíritos desencarnados, que os espíritas se transportem trinta anos para diante, no seio da geração que agora surge; que, de lá, considerem o que se passa atualmente; que sigam os passos do espiritismo, e verão consumir-se em vão os esforços dos que se consideravam

---

[200] Para os Espíritos imperfeitos, neste ou no outro mundo, em virtude do sofrimento moral inerente à sua condição, o tempo parece devagar e, à sua frente, as eternidades estendem-se sem que possa vislumbrar um fim. Já o espírito em progresso sente-se feliz observando o desenrolar das suas conquistas, dia a dia.
Segundo esta teoria moral espírita apresentada por A.K., Deus dá aos Espíritos, além da liberdade plena, a medida natural das consequências das suas leis universais e imutáveis, em virtude das escolhas, permitindo uma evolução intelectual e moral autónomas, independentemente de recompensas ou castigos, como erradamente imaginam as doutrinas religiosas antigas. (A Génese da "FEAL", 2019)

destinados a derrubá-lo. Vê-los-ão, pouco e pouco a desaparecer de cena, enquanto a árvore cresce e as suas raízes se estendem um pouco mais em cada dia.

12. –Os acontecimentos comuns da vida privada são, na maioria das vezes, a consequência da maneira de proceder das pessoas. Algumas terão êxito, de acordo com as suas capacidades, a sua habilidade, a sua perseverança, a sua prudência e a sua energia; outras fracassarão devido â sua incapacidade. Podemos dizer, pois, que cada um é o artífice do seu próprio futuro, o qual nunca está sujeito a uma cega fatalidade independente da sua própria vontade. Conhecendo o caráter de um indivíduo pode-se facilmente prever a sorte que o aguarda no caminho que escolheu.

13. – Os acontecimentos relacionados com os interesses gerais da Humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela deve cumprir -se, de um modo ou de outro. Os homens contribuem para a sua execução, mas ninguém é indispensável. De contrário, o próprio Deus estaria à mercê das suas criaturas. Se alguém deixa de cumprir a missão que lhe é atribuída, outro será encarregado dela. Não existe qualquer missão fatal, o ser humano é sempre livre para executar ou não a missão que lhe foi confiada e que voluntariamente aceitou; se não o fizer, perde os benefícios que daí resultariam para ele e assume a responsabilidade dos atrasos que poderiam resultar da sua negligência ou da sua má vontade; se se torna um obstáculo ao seu cumprimento, Deus pode afastá-lo num instante.

14. – O resultado final de um acontecimento, se estiver nos desígnios de Deus, pode estar previamente definido. Se os pormenores e o modo de execução estão subordinados às circunstâncias e ao livre arbítrio dos responsáveis, os caminhos e os meios para o atingir podem ser diversos. Os Espíritos podem dar-nos uma ideia de como tudo poderá passar-se, se for útil que sejamos prevenidos. Mas, para precisar o lugar e a data, é preciso que conheçam antecipadamente a decisão que tomará este ou aquele indivíduo; ora, se essa decisão ainda não estiver no seu pensamento, esse indivíduo poderá, conforme a decisão que vier a tomar, acelerar ou retardar o acontecimento ou modificar os meios secundários de ação, embora tudo conduza ao mesmo resultado. É assim, por exemplo, que os Espíritos podem, a partir da observação do conjunto das circunstâncias, prever se uma guerra está relativamente próxima, se é inevitável, sem que possam prever o dia em que começará nem os incidentes de pormenor que possam ser modificados pela vontade dos homens.

15. – Para a determinação da época dos acontecimentos futuros, é preciso ter em conta a natureza dos Espíritos. O tempo, tal como o espaço, só podem ser avaliados com a ajuda de referências que os dividam em períodos que se possam contar.

Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e em anos está marcada pelo nascer e pôr-do-sol, e pela duração do movimento de translação da Terra. A subdivisão do dia em 24 horas é arbitrária; é indicada com o auxílio de instrumentos de variadíssima natureza que foram evoluindo e continuam a evoluir.

As unidades de medida do tempo variam conforme os mundos, já que os períodos astronómicos são diferentes; em Júpiter, por exemplo, os dias equivalem a dez das nossas horas e os anos cerca de doze anos terrestres.

Existe, pois, para cada mundo, uma maneira diferente de contar a duração do tempo, segundo a natureza das respetivas revoluções astrais. Isto já será uma dificuldade para Espíritos que, sem conhecer o nosso mundo, determinam datas relacionadas connosco.

Fora dos mundos esses meios de avaliação do tempo não existem. Para um Espírito no Espaço, não existe nascer nem pôr-do-sol para marcar os dias, nem revolução periódica para marcar os anos. Para os Espíritos só existe o tempo e o espaço infinitos. (Cap. VI, n° 1 seguintes).

Quem nunca veio à Terra, não terá conhecimento, nem sabemos se terá interesse em conhecer o nosso cálculo do tempo. Quem nunca tiver encarnado num mundo, não terá a mesma noção das frações da duração do tempo. Se um Espírito estranho à Terra vier manifestar-se entre nós, não pode ter a ideia das datas dos acontecimentos que se identificam com os nossos hábitos, cuja ideia pode construir se tiver interesse nisso, o que é duvidoso.

16. – O modo de contar a duração do tempo é uma convenção arbitrária, criada devido às necessidades da vida de relação. Os Espíritos só poderiam medir o tempo, como nós, com o auxílio dos nossos instrumentos de medição, que não existem na vida espiritual.

Os Espíritos que compõem a população invisível do nosso globo, onde já viveram e continuam a viver, estão naturalmente identificados com os nossos hábitos. Têm, pois, menos dificuldade que os outros em se colocar no nosso ponto de vista em relação aos costumes terrenos; por exemplo, na Grécia contavam o tempo por olimpíadas; conforme as épocas e os lugares, por períodos lunares ou solares. Assim, os Espíritos poderiam determinar mais facilmente a data de acontecimentos futuros, desde que os conhecessem; no entanto, e sem contar que isso nem sempre lhes é permitido, vêem-se impedidos de o fazer pela simples razão de que todas as circunstâncias de pormenor estão subordinadas ao livre arbítrio e à decisão ocasional dos indivíduos. A data precisa só pode conhecer-se, realmente, quando o acontecimento tiver lugar.

É por isso que as profecias circunstanciadas não podem oferecer nenhuma certeza e só devem ser aceites como probabilidades, mesmo quando não revelam, por si mesmas, legítima suspeita.

Os Espíritos verdadeiramente sábios nunca predizem nada em datas determinadas. Limitam-se a fazer-nos pressentir as consequências das coisas cujo conhecimento nos é útil. Insistir para ter pormenores exatos é expor-se às mistificações dos Espíritos frívolos, que predizem tudo o que se queira sem se preocuparem com a verdade, e divertem-se com os temores e as deceções que causam.

As profecias que oferecem maior probabilidade são as que têm um caráter de utilidade geral e humanitário; as outras, só devem ser levadas em conta quando se cumprem. Podemos aceitá-las conforme as circunstâncias, a título de advertência, sendo imprudente agir antecipadamente tendo em vista o seu cumprimento num determinado dia. Podemos estar seguros que elas são tanto mais suspeitas quanto mais pormenorizadas.

17. – A forma que foi empregada para fazer as profecias fez delas autênticos enigmas indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística, de que Nostradamus oferece o tipo mais completo, dá-lhe um certo prestígio aos olhos das pessoas ingénuas, que lhe atribuem tanto mais valor quanto mais incompreensíveis forem. Pela sua ambiguidade, prestam-se a interpretações muito diferentes. Conforme o sentido atribuído a certas palavras alegóricas ou convencionais e a maneira de fazer o cálculo complicado das datas, com um pouco de boa vontade, encontra -se nelas tudo o que se quiser.

Não se pode deixar de admitir, entretanto, que algumas tiveram um caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que esta forma velada tenha tido, em certas ocasiões, a sua razão de ser e até a sua necessidade.

As circunstâncias de hoje já não são as mesmas; o positivismo deste século não é compatível com esse tipo de linguagem. As profecias dos nossos dias já não apresentam essas formas extravagantes; as que são feitas pelos Espíritos nada têm de místico; usam a linguagem comum, como faziam quando viviam na Terra, porque não deixaram de pertencer à Humanidade. Previnem-nos de coisas futuras, pessoais ou gerais, tanto quanto a perspicácia de que são dotados, como o fariam conselheiros ou amigos nossos.

As suas previsões são, pois, mais advertências que não interferem com o livre arbítrio, do que profecias propriamente ditas, que implicariam uma fatalidade absoluta. Por outro lado, os Espíritos

quase sempre apresentam a sua opinião fundamentada, porque não desejam que as pessoas submetam a sua razão a uma fé cega, o que permite apreciar a exatidão do que nos dizem.

18. – A Humanidade contemporânea tem também os seus profetas; vários escritores, poetas, literatos, historiadores ou filósofos deixaram, nas suas obras, o pressentimento da evolução futura das coisas que vemos realizarem-se atualmente.

Esta aptidão deve-se, sem dúvida, à retidão do julgamento que tira as consequências lógicas do presente e resulta de uma clarividência especial, inconsciente, ou de uma inspiração vinda de fora. O que esses homens fizeram em vida podem fazê-lo, com mais forte razão e com maior exatidão, no estado espiritual, quando a sua visão já não estiver obscurecida pela matéria.

Ninguém é profeta na sua terra

1.– *E, chegando à sua terra, ensinava-os nas sinagogas, de tal modo que se maravilhavam e diziam: Donde lhe veio a sabedoria e estas maravilhas? Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós as suas irmãs? De onde lhe vêm, pois, todas estas coisas? E consideravam-no motivo de escândalo. Jesus, porém, disse-lhes: Não há profeta sem honra, a não ser na sua terra e na sua casa. E não fez ali muitas maravilhas, por causa da incredulidade deles (São Mateus, Cap. XII, v. 54 a 58).*

2. – Com estas palavras, Jesus enunciou aqui uma verdade que se converteu em provérbio, que é de todos os tempos e à qual se poderia dar maior alcance dizendo *que ninguém é profeta na sua terra.*

Esta máxima aplica-se ao pouco crédito de que alguém goza entre os seus e no meio em que vive, da pouca confiança que lhes inspira o seu saber e a sua inteligência. Se há exceções a essa regra, são raras e nunca são absolutas; o princípio dessa verdade é uma consequência natural da fraqueza humana e pode explicar-se assim:

O hábito de se verem desde a infância, estabelece entre as pessoas uma espécie de igualdade material que as leva a não reconhecerem superioridade moral nos que foram conhecidos de perto, que saíram do mesmo meio e cujas primeiras fraquezas todos viram. Se algum desses conhecidos se eleva acima da vulgaridade é sempre vítima da inveja e do ciúme.

Os que não têm a capacidade de reconhecer o seu valor esforçam-se por rebaixá-lo e diminui-lo, criticando-o.

Este foi e será um problema da Humanidade, enquanto as pessoas não compreenderem a verdadeira natureza espiritual e não tiverem alargado o seu horizonte moral. É um preconceito próprio das pessoas medíocres e vulgares que limitam tudo ao seu próprio nível.

Por outro lado, é costume construir, das pessoas que só se conhecem pelo prestígio social, uma imagem que cresce com a distância do tempo e dos lugares. Os prestigiados tornam-se famosos para além da sua humanidade natural, tornam-se seres abstratos que se julga não falarem nem pensarem como toda a gente.

No contacto diário da vida privada, olha-se demasiadamente a pessoa material, que em nada se distingue do vulgar. O ser corpóreo, que impressiona os sentidos, afasta do entendimento o ser espiritual; *de longe só é visto o brilho do génio, de perto só se alcançam as limitações do Espírito.*

Depois da morte, já não se pode fazer nenhuma comparação; só existe o ser espiritual, e este parece tanto maior quanto mais distante estiver a lembrança do ser corpóreo.

É por isso que aqueles que marcaram a sua passagem pela Terra por obras de um valor real são mais apreciados depois da morte do que durante a vida. São julgados com mais imparcialidade, porque os invejosos e os ciumentos já desapareceram, os antagonismos pessoais deixaram de existir. A posteridade é um juiz desinteressado que aprecia a obra no que tem de ideal, aceita-a sem cegueira quando é boa, rejeita-a sem rancor quando é má, abstração feita da individualidade que a produziu.

Jesus não podia escapar às consequências deste princípio inerente à natureza humana, mais ainda porque vivia num meio pouco esclarecido e entre gente dedicada inteiramente à vida material. Os conterrâneos só viam nele o filho do carpinteiro, o irmão dos ignorantes como eles e perguntavam-se o que poderia torná-lo alguém superior e dar-lhe o direito de os censurar.

Por isso, vendo que a sua palavra tinha menos crédito para os seus, que o desprezavam, do que para os estranhos, Jesus foi pregar entre os que o escutavam e no meio dos quais encontrava simpatia.

Podemos imaginar de que sentimentos os seus próximos estavam animados, por este facto: os seus próprios irmãos, acompanhados de sua mãe, foram a uma reunião onde ele se encontrava, para o prender, dizendo que tinha perdido o juízo (São Marcos, cap. III, v. 20 e 21, 31 a 35 – Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIV).

Por um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de agir pelo demónio; por outro, era apelidado de louco pelos seus parentes mais próximos.

Não é isso que acontece atualmente em relação aos espíritas? Poderão estes queixar-se de não serem mais bem tratados pelos seus concidadãos do que Jesus? É muito estranho que, algo que nada tinha de surpreendente há dois mil anos, num povo ignorante, aconteça ainda no século dezanove, nas nações civilizadas.

Morte e paixão de Jesus

3. (Depois da cura do lunático) E todos pasmavam da majestade de Deus. Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos, porque o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens. Mas eles não entendiam essa palavra, que lhes era encoberta para que a não compreendessem; e temiam interrogá-lo acerca dessa palavra. (São Lucas, cap. IX, v. 44 e 45).

4. Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e aí padeceria muito da parte dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia. (São Mateus, cap. XVI, v. 21)

5. Ora, achando-se eles na Galileia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e matá-lo-ão, e, ao terceiro dia, ressuscitará. E eles se entristeceram muito. (São Mateus, cap. XVIII, v. 21, 22)

6. *E, subindo Jesus a Jerusalém, chamou à parte os seus doze discípulos e, no caminho, disse-lhes: Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, e condená-lo-ão à morte. E o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem, e crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará.* (São Mateus, cap. XX, v. 17 a 19)

7. *E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do Homem tudo o que pelos profetas foi escrito. Pois há de ser entregue aos gentios e escarnecido, injuriado e cuspido; e, havendo-o açoitado, o matarão; e, ao terceiro dia, ressuscitará. E eles nada disso entendiam, e esta palavra era-lhes encoberta, não percebendo o que se lhes dizia.* (São Lucas, cap. XVIII, v. 31 a 34)

8. E aconteceu que, quando Jesus concluiu todos esses discursos, disse aos seus discípulos: Bem sabeis que, daqui a dois dias, é a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado. Depois, os príncipes dos sacerdotes, e os escribas, e os anciãos do povo reuniram-se na sala do sumo-sacerdote, o qual se chamava Caifás, e consultaram-se mutuamente para prenderem Jesus e o matarem. Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja alvoroço entre o povo. (São Mateus, cap. XXVI, v. 1 a 5).

9. Naquele mesmo dia, chegaram uns fariseus, dizendo-lhe: Sai e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te. E ele respondeu: Ide e dizei àquela raposa que eu expulso demónios e efetuo curas hoje e amanhã, e, no terceiro dia, sou consumado. (São Lucas, cap. XIII, v. 31 e 32)

Perseguição dos Apóstolos

10. *Acautelai-vos, porém, dos homens, porque eles vos entregarão aos sinédrios e vos açoitarão nas suas sinagogas; e sereis até conduzidos à presença dos governadores e dos reis, por causa de mim, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios. (São Mateus, cap. X, v. 17 e 18)*

11.Tenho-vos dito essas coisas para que vos não escandalizeis. Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus. E isso vos farão, porque não conheceram ao Pai nem a mim. Mas tenho-vos dito isso, a fim de que, quando chegar aquela hora, vos lembreis de que já vo-lo tinha dito; (São João, cap. XVI, v. 1 a 4)

12. *E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues; e matarão alguns de vós. E de todos sereis odiados por causa do meu nome. Mas não perecerá um único cabelo da vossa cabeça. Na vossa paciência, possuí a vossa alma. (São Lucas, cap. XXI, v. 16 a 19)*

13. – (Martírio de São Pedro) Na verdade, na verdade te digo que, quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias: mas, quando já fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde tu não queiras. E disse isso significando com que morte havia ele de glorificar a Deus. (São João, cap. XXI, v. 18 e 19)

Cidades impenitentes

14. Então, começou ele a lançar no rosto das cidades onde se operou a maior parte dos seus prodígios o não se haverem arrependido, dizendo: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom fossem feitos os prodígios que em vós se fizeram, há muito que se teriam arrependido vestindo-se com pano de saco grosseiro e cobrindo-se com cinza. Por isso, eu vos digo que haverá menos rigor para Tiro e Sídon, no Dia do Juízo, do que para vós. E tu, Cafarnaum, que te ergues até aos céus, serás abatida até aos infernos; porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje. Porém, eu vos digo que haverá menos rigor para os de Sodoma, no Dia do Juízo, do que para ti. (São Mateus, cap. XI, v. 20 a 24)

Ruína do Templo de Jerusalém

15. *E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo. Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. (São Mateus, cap. XIV, v. 1 e 2)*

16. *E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas, agora, isso está encoberto aos teus olhos. Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todas as bandas, e te derribarão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conheceste o tempo da tua visitação. (São Lucas, cap. XIX, v. 41 a 44*)

17. *Importa, porém, caminhar hoje, amanhã e no dia seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste? Eis que a vossa casa se vos deixará deserta. E em verdade vos digo que não*

me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor! *(São Lucas, cap. XIII, v. 33 a 35)*

18. Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei, então, que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judeia, que fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, que saiam; e os que estiverem nos campos, que não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. Mas ai das grávidas e das que criarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira sobre este povo. E cairão a fio de espada e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem. *(São Lucas, cap. XXI, v. 20 a 24)*

19. – (Jesus caminhando para o suplício) E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos e o lamentavam. Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos. Porque hão-de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram! Então, começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: cobri-nos! Porque, se ao madeiro verde fazem isso, que se fará ao seco? *(São Lucas, cap. XXIII, v. 27 a 31)*

20. – A faculdade de pressentir as coisas futuras é um atributo da alma e explica-se pela teoria da presciência. Jesus possuía-a, como possuía todas as outras, num grau muito elevado. Pôde, assim, prever acontecimentos que sucederam depois da sua morte, sem que tenha sido algo de sobrenatural, pois vemos coisas semelhantes sob os nossos olhos nas condições mais comuns. Não é raro que certas pessoas anunciem com precisão o instante de sua morte; a sua alma, no estado de desprendimento, é como o observador no cimo da montanha (Cap. XIV, n° 1); abarca todo o caminho a percorrer e vê o seu termo.

Com Jesus isso devia ser natural porque, tendo consciência da missão que viera cumprir, sabia que a morte pelo suplício era a consequência necessária dessa missão. A visão espiritual, que era permanente nele, como a penetração do pensamento, devia mostrar-lhe as circunstâncias e o momento fatal. Pela mesma razão, podia prever a destruição do Templo e de Jerusalém, as calamidades que iriam abater-se sobre os seus habitantes, e a dispersão dos judeus.

21. – A incredulidade, que não admite a vida espiritual independente da matéria, não pode compreender a presciência; por isso a nega, atribuindo ao acaso os factos autênticos que acontecem sob os seus olhos. É notável como recua perante o exame de todos os fenómenos psíquicos que se produzem em todo o lado, sem dúvida com medo de ver surgir a alma e ser desmentida.

Maldição aos fariseus

22. *(João Batista)* *E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi frutos dignos de arrependimento e não presumais de vós mesmos, dizendo: Temos por pai Abraão; porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. E também, agora, está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo.* *(São Mateus, cap. III, v. 7 a 10)*

23. *Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que impedis aos homens o acesso ao Reino dos céus; e nem vós entrais, nem deixais que os outros entrem.*

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que devorais as casas das viúvas, sob pretexto de prolongadas orações; por isso, sofrereis mais rigoroso juízo.

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós.

Ai de vós, condutores de cegos, pois que dizeis: qualquer que jurar pelo templo, isso nada é; mas o que jurar pelo ouro do templo, esse é devedor. Insensatos e cegos! Pois qual é maior: o ouro ou o Templo, que santifica o ouro?

Também dizeis: aquele que jurar pelo altar, isso nada é; mas aquele que jurar pela oferta que está sobre o altar, esse é devedor. Insensatos e cegos! Pois qual é maior: a oferta ou o altar, que santifica a oferta?

Portanto, o que jurar pelo altar jura por ele e por tudo o que sobre ele está. E o que jurar pelo Templo jura por ele e por tudo que nele habita. E o que jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que está assentado nele.

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezais o mais importante da lei: o juízo, a misericórdia e a fé; essas são as coisas que devias praticar e não omitir as outras.

Condutores cegos! Pondes grande cuidado em coar o que bebeis, com medo de engolir um mosquito e engolis um camelo.

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade. Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo.

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundície. Assim, também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que erigis sepulcros aos profetas e adornais os monumentos dos justos e dizeis: se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o sangue dos profetas. Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Acabais, pois, desse modo, por encher a medida de vossos pais.

Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? Eis que eu vou enviar-vos profetas, sábios e escribas; e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade, para que sobre vós caia todo o sangue inocente que foi derramado na terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o templo e o altar.

*Em verdade vos digo que todas essas coisas hão-de cair sobre esta geração. (*São Mateus, cap. XXIII, v. 13 a 36)

As minhas palavras não passarão

24. *Então, acercando-se dele os seus discípulos, disseram-lhe: Sabes que os fariseus, ouvindo essas palavras, se escandalizaram? Ele, porém, respondendo, disse: Toda a planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.*

Deixai-os; são condutores cegos; ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova. (São Mateus, cap. XV, v. 12 a 14)

25. *O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.* (São Mateus, cap. XXIV, v. 35)

26. – As palavras de Jesus não passarão porque serão verdadeiras em todos os tempos; o seu código moral será eterno porque contém as características do bem que conduz o ser humano ao seu destino eterno. Terão todas as suas palavras chegado até nós puras, sem amálgamas de sentidos ou falsas interpretações? Todas as seitas cristãs terão captado o seu espírito? Nenhuma terá desvirtuado o

seu verdadeiro sentido devido aos preconceitos e à ignorância das leis da natureza? Nenhuma fez delas um instrumento de domínio para servir ambições e interesses materiais, um degrau, não para se elevar aos céus, mas para se elevar na Terra?

Terão todas adotado como regra de conduta a prática das virtudes que Jesus apresentou como condição expressa da salvação? Estarão todas isentas das censuras que ele dirigiu aos fariseus do seu tempo? Serão todas, enfim, tanto em teoria como na prática, a expressão pura da sua doutrina?

Sendo a verdade uma só, não pode ser encontrada em afirmações contrárias, e Jesus não quis dar um duplo sentido às suas palavras. Se as diferentes seitas se contradizem, se umas consideram verdadeiro o que outras condenam como heresia, é impossível que estejam todas com a verdade. Se todas tivessem tomado o sentido verdadeiro do ensinamento evangélico, ter-se-iam encontrado no mesmo terreno e não se teriam formado seitas.

O que não passará é o sentido verdadeiro das palavras de Jesus; *o que passará* é o que os homens estabeleceram sobre o sentido falso que deram a essas mesmas palavras.

Visto que a missão de Jesus era transmitir aos homens o pensamento de Deus, só a sua doutrina pura pode expressar esse pensamento. É por isso que disse: *qualquer planta que meu Pai celeste não tenha plantado, será arrancada.*

A pedra angular

27 *Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isso e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, eu vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que dê os seus frutos. E quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó. E os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, ouvindo essas palavras, entenderam que falava deles; e, pretendendo prendê-lo, recearam o povo, porquanto o tinham por profeta. (S. Mateus, 21: 42-46)*

28 – A palavra de Jesus tornou-se a pedra angular, quer dizer, a pedra de consolidação do novo edifício da lei, levantado sobre as ruínas do antigo. Os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus tendo rejeitado esta palavra, ela esmagou-os, como esmagará os que, desde então a ignoraram ou que lhe desvirtuaram o sentido em proveito da sua ambição.

Parábola dos vinhateiros homicidas

29 - *Ouvi, ainda, outra parábola: Houve um pai de família, que plantou uma vinha, e circundou-a de um valado, e construiu nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se para longe. E, chegando o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos. E os lavradores apoderando-se dos servos, feriram um, mataram outro e apedrejaram outro. Depois, enviou outros servos, em maior número do que os primeiros; e eles fizeram-lhes o mesmo. E, por último, enviou-lhes o seu filho, dizendo: Terão respeito ao meu filho. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança. E, lançando mão dele, arrastaram-no para fora da vinha e mataram-no.*

Quando vier o Senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Dizem-lhe eles: dará afrontosa morte aos maus e arrendará a vinha a outros lavradores, que, a seu tempo, lhe deem os frutos. (S. Mateus, 21: 33-41).

30. – O pai de família é Deus; a vinha que plantou é a lei que estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha são os homens que devem ensinar e praticar essa lei; os servidores que enviou

aos vinhateiros são os profetas que eles mataram; o seu Filho enviado em último lugar é Jesus, que eles também mataram.

Como tratará o Senhor os seus mandatários prevaricadores da lei? Tratá-los-á como foram tratados os seus enviados, e chamará outros vinhateiros que lhe deem melhor conta dos seus bens e da condução do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim será quando ele vier de novo pedir contas a cada um do que fez com a sua doutrina; tirará a autoridade a quem dela tiver abusado, porque quer que o seu campo seja administrado de acordo com a sua vontade.

Passados dezoito séculos, chegada à idade adulta, a Humanidade está madura para compreender o que Jesus só aflorou, porque nessa época, como ele próprio dizia, não o teriam compreendido. Ora bem, a que resultado chegaram os que, durante este longo período tiveram a seu cargo a educação religiosa da humanidade? Basta ver que a indiferença sucedeu à fé e a incredulidade se arvorou em doutrina. Em nenhuma outra época, de facto, o ceticismo e o espírito de negação estiveram tão difundidos em todas as classes da sociedade.

Contudo, se algumas palavras de Jesus estão encobertas por alegorias, tudo o que respeita às regras de conduta, às relações entre os indivíduos, aos princípios morais que estabeleceu como condição expressa da salvação (*Evangelho segundo o Espiritismo,* cap. XV), os seus ensinamentos são claros, explícitos e sem ambiguidade.

Que fizeram das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância, assim como das recomendações que fez aos apóstolos de converter os homens pela doçura e a persuasão? Que fizeram da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes de que deu o exemplo? Em seu nome os homens anatemizaram-se e maldisseram-se uns aos outros; massacraram em nome daquele que disse: *todos os homens são irmãos.* Fizeram um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial do Deus que ele proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; sacrificaram a este Deus de paz e de verdade mais de milhares de vítimas nas fogueiras, em torturas e perseguições, numa quantidade muito maior que os pagãos sacrificaram, em todas as épocas, pelos falsos deuses; venderam-se as preces e as graças do céu em nome daquele que expulsou os vendilhões do templo e que disse aos seus discípulos: *dai de graça o que de graça receberdes.*

Que diria Jesus se vivesse atualmente entre nós? Se visse os seus representantes ambicionando honras, riquezas, poder e o fausto dos príncipes do mundo enquanto ele, rei mais legítimo que os reis da Terra, fez a sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Sem dúvida, teria direito a dizer-lhes: que fizestes dos meus ensinamentos, vós que incensais o bezerro de ouro, que pronunciais a maior parte das vossas preces em favor dos ricos e reservais uma parte insignificante para os pobres, quando eu vos disse: *os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, no reino dos céus?*

Contudo, se ele não se encontra entre nós em corpo, está em Espírito, e como o senhor da parábola, virá pedir contas aos seus vinhateiros do produto da sua vinha, quando chegar o tempo da colheita.

Um só rebanho e um só pastor

31. *Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém juntá-las, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só Pastor*. (São João, cap. X, v. 16)

32. – Por estas palavras, Jesus anunciou claramente que um dia os homens se reunirão numa crença única. Mas como se poderá realizar esta união? Parece difícil, se notarmos as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que alimentam entre os respetivos adeptos e a obstinação em

acreditarem que têm a posse exclusiva da verdade. Todas aspiram à unidade, mas cada uma se vangloria de que se fará em seu proveito, e nenhuma admite a possibilidade de fazer qualquer concessão nas suas crenças.

Entretanto, a unidade conseguir-se-á na religião como já tende a realizar-se social, politica e comercialmente, pelo desaparecimento das barreiras que separam os povos, através da assimilação dos costumes, dos hábitos e da linguagem.

Os povos do mundo inteiro confraternizam agora como os das províncias do mesmo país. Esta unidade pressente-se, todos a desejam; far-se-á pela força das coisas porque se tornará uma necessidade para estreitar os laços de fraternidade entre as nações; far-se-á pelo desenvolvimento da razão humana que permitirá que se compreenda a puerilidade dessas dissidências; far-se-á pelo progresso das ciências que demonstram dia a dia os erros materiais em que as dissidências se apoiam, e retira pouco a pouco as pedras carcomidas das suas bases.

Assim como é verdade que nas religiões a ciência deitou por terra o que é obra dos homens e fruto da sua ignorância das leis da natureza, também é verdade que, apesar da opinião de alguns, ela não pode destruir o que é obra de Deus e eterna verdade. Ao separar o acessório, a ciência prepara os caminhos que conduzem à unidade.

Para chegar à unidade, as religiões deverão encontrar-se num terreno neutro, embora comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios maiores ou menores de acordo com os seus dogmas específicos. Contudo, em virtude do princípio de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá partir do campo oficial; em vez do ponto de partida vir de cima, deve começar por baixo, pela iniciativa individual.

Desde há algum tempo está a dar-se um movimento de descentralização que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade que as religiões consideraram até aqui como uma proteção conservadora, tornar-se-á um elemento destruidor. Isto acontece porque, se os cultos se imobilizam enquanto a sociedade avança, ver-se-ão superados e posteriormente absorvidos pela corrente das ideias de progresso.

Entre as pessoas que se separam total ou parcialmente dos troncos principais e cujo número aumenta sem parar, se alguns querem o nada, a imensa maioria aspira a alguma coisa; esse desejo não está ainda definido no seu pensamento, mas pressentem-no; tendem ao mesmo fim por vias diferentes e será a partir daí que começará o movimento de concentração em direção à unidade.

No estado atual das opiniões e dos conhecimentos, a religião que deverá um dia reunir todos os homens sob a mesma bandeira, será a que satisfizer melhor a razão e as legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja desmentida pela ciência positiva em ponto algum; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a humanidade na sua marcha progressiva, sem nunca se deixar ultrapassar; que não seja exclusiva nem intolerante; que seja emancipadora da inteligência, admitindo apenas a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais racional, o que estiver mais em harmonia com as necessidades sociais, o que estiver mais preparado para fundar na Terra o reino do bem pela prática da caridade e da fraternidade universais.

Entre as religiões existentes, as que mais se aproximam destas condições terão menos concessões a fazer; se uma delas as preencher completamente, tornar-se-á, naturalmente, o eixo da unidade futura; esta unidade far-se-á em torno daquela que melhor satisfaça a razão, não em virtude de uma decisão oficial, porque não se regulamenta a consciência, mas pelas adesões individuais e voluntárias.

O que mantém o antagonismo entre as religiões é a ideia que cada uma delas tem do seu deus próprio, de que esse deus é o único verdadeiro e o mais poderoso, em constante luta com os deuses dos outros cultos, e ocupado em combater a sua influência. Quando se convencerem de que só existe um único Deus no Universo e que é o mesmo que eles adoram com os nomes de *Jeová, Alá* ou *Deus;* quando chegarem a acordo sobre os seus atributos essenciais, compreenderão que um ser único só

tem uma vontade; estenderão as mãos umas às outras, como os servidores do mesmo Mestre e os filhos do mesmo Pai e terão dado um grande passo em direção à unidade.

O advento de Elias

33. *E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Porque dizem, então, os escribas, que é mister que Elias venha primeiro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro e restaurará todas as coisas. Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão também padecer o Filho do Homem.*

Então, entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista. (São Mateus, cap. 17 v. 10 a 13)

34. – Elias já viera na pessoa de João Batista. (Évangile selon le Spiritisme, cap. 4, nº 10.) O seu novo advento é anunciado de uma maneira explícita; ora, como ele não podia voltar senão com um novo corpo, é a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (Evangelho segundo o Espiritismo, cap. IV)

Anúncio do Consolador

35. Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós. Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. (São João, cap. XIV, v. 15 a 17 e 26 – Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI)

36. Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei. E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais; e do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado. Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há-de vir. Ele me glorificará, porque há-de receber do que é meu e vo-lo há-de anunciar. (São João, cap. XVI, v. 7 a 14)

37. – Esta profecia é, sem dúvida, uma das mais importantes do ponto de vista religioso porque mostra, de maneira clara, que *Jesus não disse tudo aquilo que tinha para dizer*, pois não seria compreendido mesmo pelos seus apóstolos, visto que era a estes que se dirigia. Se lhes tivesse dado instruções secretas, eles tê-lo-iam mencionado nos Evangelhos.[201]

Como Jesus não disse tudo aos seus apóstolos, os seus sucessores não puderam saber mais do que eles. É possível que se tenham confundido quanto ao sentido das suas palavras ou que tenham interpretado mal os seus pensamentos, muitas vezes velados em parábolas. Por isso, as religiões fundadas no evangelho não podem considerar-se na posse de toda a verdade, já que Jesus reservou para si a tarefa de completar posteriormente os seus ensinamentos. O princípio de imutabilidade que professam é uma contradição das próprias palavras de Jesus.

201 Ou então os responsáveis pela elaboração do Novo Testamento suprimiram. (Nota de C.B.I.)

Jesus anuncia, sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade,* aquele que deve *ensinar todas as coisas,* e fazer com que *se relembre* o que ele disse; portanto, os seus ensinamentos não estavam completos. Além disso, previa que as suas palavras teriam sido esquecidas e desvirtuadas, já que o Espírito de Verdade devia fazer com que *fosse relembrado* tudo o que tinha dito e, de acordo com Elias, *restabelecer todas as coisas*, quer dizer, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de Jesus.

38. – Quando virá este novo revelador? É claro que, se na época em que Jesus falava, os homens não estavam aptos a compreender as coisas que lhe faltava dizer, não seria em poucos anos que poderiam adquirir os conhecimentos necessários. Para a compreensão de certas partes dos Evangelhos, à exceção dos preceitos morais, seriam necessários conhecimentos que só o progresso das ciências podia dar, e que seriam obra do tempo e de muitas gerações. Se o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois de Jesus, teria encontrado o terreno ainda pouco propício e não teria podido fazer mais do que fez. Desde a época de Jesus até aos nossos dias[202] não se produziu nenhuma grande revelação que tenha completado o Evangelho e que tenha elucidado as partes menos claras, índice seguro de que o enviado não tinha ainda aparecido.

39. – Qual será o enviado? Jesus, ao dizer: "Pedirei a meu pai e Ele vos enviará outro Consolador" indica claramente que não é ele próprio. Se assim fosse teria dito: "Voltarei para completar o que vos ensinei". Depois acrescenta: "*Para que resida eternamente convosco e esteja em vós".* Não seria possível estar a referir-se a uma individualidade encarnada que não poderia permanecer eternamente connosco e ainda menos estar em nós. Compreende-se muito bem que será uma doutrina que, logo que a tenhamos assimilado, poderá ficar eternamente em nós. *O Consolador* é, no pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador deve ser o *Espírito de Verdade.*

40. – O *Espiritismo* reúne, como tem demonstrado (Cap. I, n° 30), todas as características do Consolador prometido por Jesus. Não é uma doutrina individual, uma conceção humana; ninguém pode considerar-se o seu criador. É o produto do ensinamento coletivo dos Espíritos aos quais preside o Espírito de Verdade.

Não suprime nada do Evangelho: completa-o e explica-o. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas com as da ciência, faz compreender o que era incompreensível, admite a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inaceitável. Teve os seus precursores e os seus profetas que previram a sua chegada. Pelo seu poder moralizador, o espiritismo prepara o reino do bem, na Terra.

A doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, espalhou-se por toda a Terra através do Cristianismo, mas não converteu toda a gente; o Espiritismo, mais completo ainda, com raízes em todas as crenças, converterá a Humanidade. [203]

41. – Ao dizer aos seus apóstolos: *"um outro virá mais tarde, que vos ensinará o que não pude dizer-vos agora*", Jesus proclamava a necessidade da reencarnação. Como é que as pessoas desse

---

202 Trata-se da data em que Kardec escreveu, ou seja, 1868 (N.T.)

203 Todas as doutrinas filosóficas e religiosas levam o nome da individualidade fundadora; diz-se o Mosaísmo, o Cristianismo, o Budismo, o Cartesianismo, o "Fourierismo", o Sansimonismo, etc. O termo Espiritismo, ao contrário, não se refere a nenhuma personalidade; encerra uma ideia geral que indica, ao mesmo tempo, o caráter e a fonte múltipla da doutrina. (A.K.)

tempo poderiam aproveitar o ensinamento mais alargado que deveria ser dado mais tarde? Como estariam mais aptos a compreendê-lo se não vivessem várias vidas?

Jesus teria dito algo de ilógico se os homens futuros devessem ser, como diz a doutrina comum, homens novos, almas saídas do nada ao nascerem.

Pensai, pelo contrário, que os apóstolos e os homens do seu tempo tenham vivido desde essa altura e que continuem a viver ainda hoje, ficando assim justificada a promessa de Jesus.

As suas inteligências desenvolvidas em contato com o progresso social podem compreender agora o que antes não podiam. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

42. – Se se afirmar que esta promessa foi realizada no dia do Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo, responderemos que o Espírito Santo os inspirou. Que abriu a sua inteligência, desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar a sua missão, mas que não lhes ensinou nada mais do que Jesus tinha ensinado, porque naquilo que dizem não se encontra nenhum vestígio de um ensino especial.

Portanto, o Espírito Santo não realizou o que Jesus tinha anunciado em relação ao Consolador; se assim fosse, os apóstolos teriam esclarecido, durante a sua vida, tudo o que ficou obscuro no Evangelho, e cuja interpretação contraditória deu origem a numerosas seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos.

Segunda vinda de Jesus

43. *Então, disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz e siga-me; porque aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma? Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e, então, dará a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não experimentarão a morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu Reino.* (São Mateus, XVI, v. 24 a 28)

44. *E, levantando-se o sumo-sacerdote no Sinédrio, perguntou a Jesus, dizendo: Nada respondes? Que testificam estes contra ti? Mas ele calou-se e nada respondeu. O sumo-sacerdote tornou a perguntar-lhe e disse-lhe: És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito? E Jesus disse-lhe: Eu o sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. E o sumo-sacerdote, rasgando as suas vestes, disse: Para que necessitamos de mais testemunhas?* (São Marcos, cap. XIV, v. 60 a 63)

45. – Jesus anuncia a sua segunda vinda, mas não diz que voltará à Terra num corpo carnal, nem que personificará o Consolador. Afirma que deverá vir em Espírito, na glória de seu pai, para julgar o mérito e o demérito e para dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos tiverem chegado. Estas palavras:

"Alguns dos que aqui se encontram não sofrerão a morte sem terem visto o Filho do homem vir em seu reino", parecem uma contradição, pois é certo que ele não veio durante a vida dos que ali estavam presentes.

Jesus não podia, contudo, enganar-se numa previsão desta natureza, e sobretudo por uma coisa contemporânea que lhe dizia pessoalmente respeito.

Seria necessário averiguar, em primeiro lugar, se as suas palavras foram reproduzidas com fidelidade. Pode duvidar-se, sabendo nós que nada foi escrito, que as palavras dos Evangelhos só foram escritas depois da sua morte, e sobretudo que cada evangelista redigiu o mesmo discurso

quase sempre em termos diferentes, o que constitui uma prova evidente de que estas não são as expressões textuais de Jesus.

Também pode acontecer que o sentido tenha sofrido alterações ao passar por traduções sucessivas.

Por outro lado, está fora de dúvida que, se Jesus tivesse dito tudo o que tinha para dizer, ter-se-ia expressado sobre todas as coisas de modo claro e preciso, como fez para os princípios morais, sem dar lugar a qualquer equívoco; contudo, viu-se obrigado a apresentar o seu pensamento de uma forma velada, sobre os assuntos que julgou útil não aprofundar.

Os apóstolos, convencidos de que a geração de que faziam parte devia ser testemunha do que ele anunciava, devem ter interpretado o pensamento de Jesus conforme a sua convicção; daí que redigiram esse pensamento no sentido do presente, talvez de uma forma mais absoluta do que ele mesmo fez. Seja como for, o facto é que as coisas não aconteceram assim como eles supunham.

46. – Um ponto fundamental que Jesus não pôde desenvolver, porque as pessoas do seu tempo não estavam suficientemente preparadas, tanto para esta ordem de ideias como para as suas consequências, foi a grande e importante lei da reencarnação.

Contudo, apresentou o seu princípio, como fez para tudo o resto. Esta lei, estudada e posta em evidência nos nossos dias pelo Espiritismo, é a chave para a compreensão de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem um verdadeiro contrassenso.

É nesta lei que se pode encontrar a explicação racional das palavras ditas acima, se as admitirmos como textuais. Já que elas não se podem aplicar à pessoa dos apóstolos, é evidente que se referem ao reino futuro de Jesus, ou seja, ao tempo em que a sua doutrina, melhor compreendida, será lei universal.

Dizendo-lhes que *alguns dos que estavam ali presentes* veriam o seu advento, isso só se pode entender no sentido de que viveriam de novo nessa época. Mas os judeus imaginaram que iriam ver tudo o que Jesus anunciava e levaram as suas alegorias à letra.

De resto, algumas das suas profecias cumpriram-se no tempo anunciado, tais como a ruína de Jerusalém, as calamidades que se lhe seguiram e a dispersão dos judeus. Mas a visão de Jesus projeta-se muito mais longe, de tal modo que, ao falar do presente, fazia constantemente alusão ao futuro.

Sinais percursores

47. *E ouvireis falar de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas essas coisas são o princípio das dores. Então, vos hão-de entregar para serdes atormentados* (São Mateus, cap. XXIV, v. 6 a 8)

48. *E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai o filho; e levantar-se-ão os filhos contra os pais e os farão morrer. E sereis aborrecidos por todos por amor do meu nome; mas quem perseverar até ao fim, esse será salvo. (*São Marcos, cap. XIII, v. 12 e 13)

49. *Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê, que entenda), então, os que estiverem na Judeia, que fujam para os montes; e quem estiver em cima do telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; e quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes. Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias! E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado, porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem haverá nunca mais. E, se aqueles*

*dias não fossem abreviados, ninguém se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias. (*São Mateus, cap. XXIV, v. 15 a 25)

50. *E, logo depois da aflição daqueles dias, o Sol escurecerá, e a Lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da Terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. Aprendei, pois, esta parábola da figueira: quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas essas coisas, sabei que ele está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam.* (São Mateus, cap. XXIV, v. 29 a 34)

E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam até que veio o dilúvio e os levou a todos; assim será também a vinda do Filho do Homem. (São Mateus, cap. XXIV, v. 37 e 38)

51. *Mas, daquele Dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai.* (São Marcos, cap. XIII, v. 32)

52. *Na verdade, na verdade vos digo que vós chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará, e vós estareis tristes; mas a vossa tristeza se converterá em alegria. A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque é chegada a sua hora; mas, depois de ter dado à luz a criança, já se não lembra da aflição, pelo prazer de haver nascido um novo ser no mundo. Assim também vós, agora, na verdade, tendes tristeza; mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria, ninguém vo-la tirará.* (São João, cap. XVI, v. 20 a 22)

53. *E surgirão muitos falsos profetas que enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará. Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo. E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, para servir de testemunho a todas as gentes, e é então que o fim chegará.* (São Mateus, cap. XXIV, v. 11 a 14)

54. – Este quadro do fim dos tempos é evidentemente *alegórico,* como a maioria dos que Jesus apresentava. Pela sua força, as imagens que contém são de natureza a impressionar aquelas inteligências ainda rudes. Para chocar estas imaginações pouco subtis, eram necessárias descrições vigorosas, de tons contrastantes. Jesus dirigia-se especialmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de captar a delicadeza das formas. Para atingir o coração era necessário que falasse aos olhos com a ajuda de sinais materiais, e aos ouvidos pelo vigor da linguagem.

Como consequência natural desta disposição de espírito, e segundo a crença de então, o poder supremo devia manifestar-se por coisas extraordinárias, sobrenaturais; quanto mais impossíveis fossem, melhor eram aceites como prováveis.

O Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com grande majestade, cercado dos seus anjos e ao som das trombetas, parecia-lhes muito mais imponente que a simples chegada de um ser investido apenas de poder moral.

Por isso mesmo, os judeus que esperavam no Messias um rei terreno, poderoso entre os outros reis, para colocar a sua nação à frente de todas as outras e restaurar o trono de David e de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho de um carpinteiro, sem poder material, tido como louco por uns e de possuído de Satanás por outros. Não podiam compreender um rei que não tivesse um palácio e cujo reino não fosse deste mundo.

Contudo, este pobre proletário da Judeia converteu-se no maior entre os grandes; conquistou mais reinos que os mais poderosos potentados; somente com a sua palavra e alguns pobres pescadores, revolucionou o mundo e é a ele que os judeus devem a sua reabilitação.

55. – É de notar que, entre os Antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram símbolos obrigatórios de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros. Encontramo-los na ocasião da morte de Jesus, na de César e numa quantidade de circunstâncias da história do paganismo.

Se estes fenómenos fossem reais como se conta, essa tradição não teria sido esquecida. A tais imagens se juntam ainda *as estrelas a cair do céu*, para que as gerações futuras mais esclarecidas vejam que se trata apenas de uma ficção, já que se sabe que as estrelas não podem cair.[204]

56. – Entretanto, sob estas alegorias ocultam-se grandes verdades. Em primeiro lugar o anúncio das calamidades de todos os géneros que assolarão a Humanidade e a dizimarão; calamidades geradas pela luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, a difusão por toda a Terra do Evangelho restabelecido na sua pureza primitiva; depois, o reino do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, sairá do código de moral evangélica posta em prática por todos os povos. Esse será verdadeiramente o reino de Jesus, já que ele presidirá à sua implantação e porque os homens viverão sob a égide da sua lei; o reino da felicidade, pois ele diz, "após os dias de aflição virão os dias de alegria".

57. – Quando acontecerão estas coisas? "Ninguém o sabe, diz Jesus, *nem mesmo o Filho".* Mas, quando chegar o momento, os homens serão avisados por sinais precursores. Esses sinais não estão no Sol nem nas estrelas, mas no estado social e nos fenómenos mais morais do que nos físicos e que podemos em parte deduzir das suas alusões.

É certo que estas mudanças não podiam acontecer durante a vida dos apóstolos, pois nesse caso Jesus não podia ignorá-las e, aliás, uma tal transformação não poderia realizar-se em tão curto espaço de tempo. Contudo, Jesus fala como se eles devessem presenciá-las; é que, com efeito, poderão viver de novo nessa época, assim como trabalharem para a sua concretização.

Num momento, Jesus fala da sorte próxima de Jerusalém; no outro, toma esse facto como ponto de comparação para o futuro.

58. – É o fim do mundo que Jesus anuncia pela sua segunda vinda, e quando diz que: "Quando *o Evangelho for pregado por toda a Terra, é então que chegará o fim*"?

Não é lógico supor que Deus queira destruir o mundo justamente no momento em que ele entra no caminho do progresso moral através da prática dos ensinamentos do evangelho: por outro lado, nas palavras de Jesus, nada indica uma destruição universal, que nessas condições não seria justificada.

Dado que a prática generalizada do Evangelho determinará uma melhoria no estado moral das pessoas, levará ao reino do bem e conduzirá à queda do reino do mal. Trata-se, por conseguinte, do

204 No tempo de Jesus considerava-se que as estrelas estavam fixas na abóbada celeste (N.T.).

fim do *mundo velho*, do mundo governado pelos preconceitos, o orgulho, o egoísmo, o fanatismo, a incredulidade, a cupidez e todas as más paixões a que Jesus faz alusão quando diz: "Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, é então que o fim chegará, mas este fim ocasionará uma luta, e é desta luta que surgirão os males que previu".

Vossos filhos e vossas filhas profetizarão

59. *E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão;* (Atos, cap. II, v. 17 e 18)

60. – Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, as aspirações e os pressentimentos das massas, a decadência das velhas ideias que há um século se debatem em vão contra as ideias novas, não podemos duvidar que se prepara uma nova ordem de coisas e que o velho mundo está à beira do fim.

Se, auscultando o sentido íntimo das palavras de Jesus, compararmos a situação atual com os tempos que descreveu como sinais da era da renovação, é óbvio que muitas das suas profecias se estão a cumprir; de onde é necessário concluir que estamos a chegar aos tempos anunciados, o que é confirmado pelos Espíritos que se manifestam por todos os pontos do globo.

61. Assim, como vimos (cap. I, item 32), coincidente com outras circunstâncias, o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que deve forçosamente exercer sobre as ideias. Além disso, ele é claramente anunciado no que foi narrado nos *Atos dos Apóstolos*: *"Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão."*

É o anúncio inequívoco da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições, e em consequência da manifestação universal dos espíritos, uma vez que sem os Espíritos não haveria médiuns. Conforme está dito, isso acontecerá *nos últimos tempos*; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à sua regeneração, devemos entender essas palavras como os últimos tempos do mundo moral que chega ao fim. [205] (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXI.)

Juízo final

62. *E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro e hospedastes-me; estava nu e vestistes-me; adoeci e visitastes-me; estive na prisão e fostes ver-me.*

[205] Atualmente o termo *moral* significa *ética*. Mas no século XIX, além desse sentido havia outro, pois eram considerados *morais* os factos derivados da ação do Espírito humano, enquanto os factos do mundo físico eram decorrentes do mundo natural (havia três classes na Universidade: ciências matemáticas, naturais e morais). A regeneração da Humanidade, proposta pelos liberais franceses, representava o fim do mundo velho e o surgimento de um novo mundo moral, representado pela liberdade, igualdade e fraternidade entre todos, e não o ilusório fim do mundo físico, por catástrofes e destruições. (Nota da edição de A génese da FEAL)

Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E, quando te vimos estrangeiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

Então, dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos; porque tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; sendo estrangeiro não me recolhestes; estando nu não me vestistes; e estando enfermo e na prisão, não me visitastes. Então, eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão e não te servimos? Então, lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim. E irão estes para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna. (São Mateus, cap. XXV, v. 31 a 46 – Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV)

63. – Devendo o bem reinar na Terra, é preciso que sejam excluídos dela os Espíritos obstinados no mal, que poderiam causar distúrbios. Deus deixou-os ficar o tempo necessário para que evoluíssem. Tendo chegado o momento em que a Terra deve elevar-se na hierarquia dos mundos devido ao progresso moral dos seus habitantes, passará a ser interdita aos Espíritos encarnados e desencarnados que não tenham aproveitado os ensinamentos que estavam em condições de nela receber. Serão exilados em mundos inferiores, como o foram outrora os do grupo adâmico,[206] sendo substituídos por Espíritos melhores.

Esta separação será presidida por Jesus, conforme o que é dito no juízo final: "Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda" (Cap. XI, n° 31 e seguintes)

64. – A doutrina de um juízo final, único e universal, que finaliza para todo o sempre a humanidade, *repugna à razão,* no sentido em que implicaria a inatividade de Deus durante a eternidade que precedeu a criação da Terra e a eternidade que se seguiria à sua destruição. Pergunta-se que utilidade teriam, então, o Sol, a Lua e as estrelas que, segundo *o Génesis,* foram feitos para iluminar o nosso mundo? É inadmissível que uma obra tão imensa tenha sido feita para durar tão pouco tempo e em proveito de seres predestinados, na sua maioria, aos suplícios eternos.

65. – Materialmente, a ideia de um juízo final seria, até certo ponto, admissível para quem não procurasse a razão das coisas, julgando que toda a Humanidade estava concentrada na Terra e que tudo no Universo tinha sido feito para os seus habitantes.

É *inadmissível,* desde que se soube que há milhares de mundos semelhantes que perpetuam as humanidades durante a eternidade, e entre os quais a Terra é um dos menos importantes, simples ponto quase impercetível.

Por isso se vê que Jesus tinha razão em dizer aos seus discípulos: *"Há muitas coisas que não posso dizer-vos porque não as compreenderíeis"* já que o progresso das ciências era indispensável para uma correta interpretação de algumas das suas palavras.

Certamente que os apóstolos, São Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido diferentemente certos dogmas, se tivessem tido os conhecimentos astronómicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que possuímos atualmente.

---

206 Os Espíritos exilados são inteligentes, mas fizeram uso do seu livre arbítrio para abusar dos seus instintos e das suas paixões, adquirindo imperfeições. Portanto, não desenvolveram o senso moral. Exigindo privilégios e não aceitando fazer uso da sua vontade para superar as suas imperfeições, receberão nova oportunidade num planeta primitivo. Isso não representa regredir, pois, assim como os Espíritos simples e ignorantes nativos que lá encontrarão, não desenvolveram a sua moral, equivalendo-se quanto a essa condição evolutiva. Nesse novo mundo, as suas provas serão expiações, quando voluntariamente as escolheram como meio para superar as suas imperfeições. Enquanto isso, a sua inteligência servirá ao surgimento da civilização nesse planeta primitivo. (Nota da edição de A génese, da FEAL)

Também por isso Jesus adiou o complemento das suas instruções e anunciou que todas as coisas deviam ser restabelecidas.

66. – Moralmente, *um julgamento definitivo e sem apelo é inconciliável com a bondade infinita do Criador.* Jesus no-lo apresenta invariavelmente como um bom Pai, que deixa sempre uma porta aberta ao arrependimento e está sempre pronto para receber nos seus braços o filho pródigo. Se Jesus entendesse o julgamento neste sentido, teria desmentido as suas próprias palavras.

Além disso, se o juízo final devesse apanhar de surpresa as pessoas, no meio dos seus trabalhos habituais, assim como as mulheres grávidas, pergunta-se qual o objetivo de Deus, que não faz nada de inútil nem de injusto, ao fazer nascer crianças e ao *criar almas novas* neste momento supremo, no termo fatal da Humanidade? Seria para as submeter a julgamento logo depois de saírem do seio da mãe, antes que tivessem consciência de si mesmas, enquanto a outras lhes deu milhares de anos para se conhecerem?

Para que lado, à direita ou à esquerda, passariam essas almas que não puderam ser nem boas nem más e para as quais estariam fechados todos os caminhos de progresso, já que a Humanidade deixaria de existir? (Cap. II, n° 19)

Que conservem estas crenças aqueles cuja razão se conforma com elas, pois estão no seu direito e ninguém tem que os criticar; mas não levem a mal que a maioria das pessoas não seja da sua opinião.

67. – O julgamento por via de emigração, tal como foi explicado acima (em 63), é racional. Baseia-se na mais rigorosa justiça porque o Espírito conserva, eternamente, o seu livre arbítrio; não constitui privilégio para ninguém; Deus concede a todas as criaturas, sem exceção, a mesma liberdade de ação para progredir; a "porta do céu" está sempre aberta para os que se tornam dignos de aí entrar; mesmo o aniquilamento de um mundo, que arrasta consigo a destruição dos corpos, não interrompe a marcha progressiva do Espírito. Esta é a consequência da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo esta interpretação, a qualificação de *juízo final* não é exata já que os Espíritos passam por semelhantes julgamentos a cada renovação dos mundos em que habitam até que tenham atingido um certo grau de perfeição.

Nunca há, pois, *um juízo final* propriamente dito, mas há *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, em consequência das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.[207]

[207] De forma alguma, como fica claro pela teoria moral espírita apresentada nesta obra, as migrações e emigrações ferem a liberdade de escolha concedida por Deus às suas criaturas, pois, a rigor, a palavra julgamento (juízo) aqui é alegórica, porque tais migrações são resultado de uma trajetória espiritual resultante das escolhas livres decididas por cada Espírito, decidindo assim o seu destino conforme os desígnios das leis naturais criadas por Deus para reger o mundo moral, leis universais e imutáveis, como são também as leis que regem o mundo físico. (Nota da edição de A génese, da FEAL)

Sinais dos tempos

1. Chegou a altura marcada por Deus, dizem-nos de todo o lado, em que vão acontecer grandes coisas para a regeneração da Humanidade.

Em que sentido se devem entender estas palavras proféticas?

Para os incrédulos, não têm a menor importância, aos seus olhos são apenas a expressão de uma crença pueril sem fundamento; para a maioria dos crentes indicam algo místico e sobrenatural e consideram-nas precursoras da perturbação das leis da natureza.

Estas duas interpretações estão igualmente erradas: a primeira, porque implica a negação da Providência; a segunda porque estas palavras não anunciam a perturbação das leis da natureza, mas o seu cumprimento.

2. – Tudo é harmonia na Criação; tudo revela uma clarividência que não se desmente nem nas coisas mais pequenas nem nas maiores; devemos, pois, em primeiro lugar, afastar qualquer ideia de arbitrariedade, inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se a nossa época está marcada pela realização de certas coisas, é porque elas têm uma razão de ser na marcha do conjunto.

O nosso planeta, como tudo o que existe, está sujeito à lei do progresso. Progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Estes dois progressos avançam paralelamente, porque o aperfeiçoamento da habitação está relacionado com o seu habitante.

Fisicamente, o planeta sofreu transformações sucessivas, comprovadas pela Ciência, que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do sentido moral e da moderação dos costumes. Ao mesmo tempo que se realiza a melhoria do planeta pela atividade das forças materiais, os habitantes contribuem para o mesmo fim pelos esforços da sua inteligência; saneiam as regiões insalubres, desenvolvem as comunicações e fazem a Terra mais produtiva.

Este duplo progresso acontece de duas maneiras: uma lenta, gradual e impercetível, a outra por mudanças mais bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascendente mais rápido, que assinala, com marcas bem definidas, os períodos progressivos da Humanidade. Estes movimentos, sujeitos ao livre arbítrio dos seres humanos *nos pormenores,* são, de certo modo, fatais no seu conjunto, porque estão submetidos a leis como as que atuam na germinação, no crescimento e no amadurecimento das plantas, tendo em vista que o objetivo da Humanidade é o progresso, apesar da marcha retardatária de algumas individualidades; por isso, o movimento progressivo é algumas vezes parcial, isto é, limitado a um grupo ou a uma nação, e outras vezes geral.

O progresso da Humanidade efetua-se, pois, em virtude de uma lei. Como todas as leis da natureza são a obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, os efeitos dessas leis resultam da vontade de Deus; não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Quando a Humanidade está madura para subir um degrau, pode dizer-se que os tempos marcados por Deus são chegados, como se pode dizer também que em determinada estação está chegado o tempo para o amadurecimento dos frutos e a colheita.

3. – Por ser inevitável o movimento progressivo da Humanidade, porque está na natureza, não se conclui que Deus lhe permaneça indiferente e que, depois de ter estabelecido as leis, se tenha retirado para a inatividade, deixando que as coisas sigam o seu curso por si só. As suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante, e porque o seu pensamento anima sempre todas as coisas. Esse pensamento, que tudo penetra, é a força

inteligente e permanente que mantém a harmonia em tudo. Se este pensamento deixasse de atuar um só instante, o Universo seria como um relógio sem pêndulo regulador.

Deus vigia incessantemente a execução das suas leis, e os Espíritos que povoam o Espaço são os seus ministros, encarregados de cuidar dos pormenores conforme as atribuições relativas ao seu nível de evolução espiritual.

4. O Universo é simultaneamente um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um governo imenso em que cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob o olhar do soberano Criador, cuja vontade única mantém por todo o lado a unidade.

Sob o domínio deste vasto poder regulador tudo se movimenta, tudo funciona numa ordem perfeita; o que consideramos perturbações são movimentos parciais e isolados que nos parecem irregulares apenas porque a nossa visão é limitada. Se pudéssemos abarcar o conjunto, veríamos que estas irregularidades são apenas aparentes e que estão em harmonia com o todo.

5– A previsão das mudanças progressivas da Humanidade não será de admirar se for feita por seres já desmaterializados e que têm desenvolvida a capacidade de ver o fim para onde tendem todas as coisas e alguns dos quais conhecem diretamente o pensamento de Deus. Pelos momentos de pausa, conseguem antever as grandes movimentações gerais, tal como as pessoas que sabem ver quando uma árvore irá começar a dar frutos, ou como um astrónomo é capaz de calcular quanto tempo levará certo planeta a descrever a sua órbita.

Há também aqueles que anunciam acontecimentos, como autores de almanaque que preveem eclipses e marés, mas não sabem fazer os cálculos necessários: são apenas ecos; o mesmo acontece com Espíritos secundários cuja visão é limitada e que só repetem o que os Espíritos superiores *entenderam* revelar-lhes.

6. A humanidade realizou até hoje incontestáveis progressos: os seres humanos, pela sua inteligência, chegaram a resultados que nunca tinham alcançado, em relação às ciências, às artes e ao bem-estar material. Ainda lhes falta realizar um imenso progresso: *é o de fazer reinar entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o bem-estar moral.*

Não o teriam conseguido com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, vestígios de uma outra etapa, boas para uma certa época, suficientes para um momento de transição, mas que, tendo dado o que tinham, hoje representariam um obstáculo.[208]

Aconteceu o mesmo que com os brinquedos das crianças: estimulam-nas durante a infância, mas são inúteis quando chega a idade adulta.

Já não é só o desenvolvimento da inteligência que é preciso aos seres humanos, é a elevação dos sentimentos e, para o conseguir, é necessário destruir tudo o que lhes possa aguçar o egoísmo e o orgulho.

É nesse período que vão entrar agora e que será uma das fases principais da Humanidade. Esta fase, que se elabora neste momento, é o complemento indispensável do estado anterior, tal como a idade adulta é o complemento da juventude. Poderia ter sido prevista antecipadamente e é por isso que se diz que os tempos marcados por Deus estão a chegar.

7. – Desta vez, não se trata da mudança parcial, da renovação limitada a uma certa região, a um povo. É um movimento universal que se realiza no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de

---

208 A.K. faz referência à regeneração da Humanidade, ou gerar a Humanidade futura sob novas bases, substituindo o egoísmo e o orgulho pela caridade, fraternidade e solidariedade. As instituições do mundo velho não farão mais sentido nesse mundo novo. (Nota da edição de A génese, da FEAL)

coisas tende a estabelecer-se, e até as pessoas que mais se opõem contribuem para a mudança, sem o saber.

A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada por elementos mais depurados, estará animada de ideias e sentimentos muito diferentes dos da geração atual, que se retira a passos de gigante.

O velho mundo estará morto e perdurará na História como atualmente os tempos da Idade Média, com os seus costumes bárbaros e as suas crenças supersticiosas. Todos sabemos que a ordem atual das coisas deixa muito a desejar; depois de ter esgotado o bem-estar material que a inteligência é capaz de produzir, compreende-se que o complemento deste bem-estar só pode encontrar-se no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se percebe o que falta, sem que se possa definir claramente; é a consequência do trabalho íntimo que se realiza pela regeneração. Surgem desejos, aspirações, que são como o pressentimento de uma situação melhor.

8. – Mas uma mudança tão radical como a que se elabora não pode acontecer sem turbulência. Há uma luta inevitável de ideias. Desse conflito nascerão forçosamente perturbações temporárias, até que o terreno seja aplanado e o equilíbrio restabelecido. É, pois, da luta de ideias que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram a consequência do processo de formação da Terra. *Hoje, já não são as entranhas do globo que se agitam, são as da Humanidade.*

9. – A Humanidade é um ser coletivo em que acontecem as mesmas revoluções morais que nos indivíduos, com a diferença de que nestes se realizam de ano a ano e, naquela, de século em século. Se observarmos a Humanidade nas suas evoluções através dos tempos, veremos a vida dos povos marcada por períodos que conferem a cada época uma fisionomia especial.

A par dos movimentos parciais, existe um movimento geral que impulsiona a Humanidade inteira; mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de evolução, como se se tratasse de uma família com vários filhos, em que o mais novo está no berço e o mais velho tem dez anos, por exemplo. Dez anos depois, o mais velho terá vinte anos e será um homem; o mais novo terá dez e, embora mais adiantado, será ainda uma criança. Entretanto, crescerá e será um homem.

Assim acontece com as diferentes frações da Humanidade; as mais atrasadas avançam, mas não podem atingir, de repente, o nível das mais adiantadas.

10. – Chegada a idade adulta, a Humanidade tem novas necessidades, aspirações mais amplas e mais elevadas. Compreende o vazio das ideias de onde nasceu, a insuficiência das instituições para a conduzir à felicidade; Já não encontra nesse estado de coisas as satisfações legítimas a que se sente destinada. Por isso, deixa as fraldas e se lança, compelida por uma força irresistível, em direção a paisagens desconhecidas, à descoberta de novos horizontes menos limitados.

E é no preciso momento em que se encontra muito oprimida pela esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde o sentimento da espiritualidade desabrocha, que homens que se dizem filósofos, esperam preencher esse vazio com as doutrinas do niilismo[209] e do materialismo [210]!

---

209 Doutrina do nada ou *Niilismo* ou *nihilismo:* é uma corrente filosófica que problematiza a falta de sentido da existência humana. Deriva, etimologicamente, do latim *"nihil"*, que significa nada.

Resultante da necessidade de interpretação da situação histórica de incerteza e fragilidade do homem contemporâneo, o *niilismo* questiona a fé no sentido do existir e no valor do agir. O *niilismo* nega os valores metafísicos, como a existência de Deus e qualquer padrão moral, caindo num vazio, numa conceção de vida sem qualquer sentido, a que resta apenas a espera pela morte. (Infopédia) (N.T.)

210 O materialismo é uma doutrina segundo a qual toda a realidade se reduz à matéria, que basta para explicar os fenómenos vitais e psíquicos. (N.T.)

Estranha aberração! Os mesmos homens que fingem empurrar a Humanidade para a frente, esforçam-se por mantê-la na cadeia exígua da matéria de que ela anseia sair. Ocultam-lhe a perspetiva da vida infinita e dizem-lhe, mostrando o túmulo: *Nec plus ultra!* [211]

11. – A marcha progressiva da humanidade opera-se de duas maneiras, como já dissemos: uma gradual, lenta, impercetível, que se traduz por sucessivas melhorias nos costumes e nas leis que só se notam ao longo dos tempos, como as mudanças que as correntes de água causam na superfície da Terra. Outra, por movimentos relativamente bruscos, rápidos, semelhantes aos de uma torrente que, ao romper os diques que a continham, transpõe em alguns anos o espaço que levaria séculos a percorrer. Trata-se, neste caso, de um cataclismo moral que destrói em alguns instantes as instituições do passado e a que sucede uma nova ordem das coisas que se estabelece pouco a pouco, à medida que a calma regressa.

Se alguém vivesse o bastante para abarcar ambas as vertentes da nova fase, parecer-lhe-ia que um mundo novo saiu das ruínas do antigo. O caráter e os costumes, tudo mudou. Surgiram homens novos, regenerados; as ideias que a geração extinta levou consigo, deram lugar a ideias novas na geração que surge.

É a um destes períodos de transformação ou de *crescimento moral*, que chegou a Humanidade. Da adolescência passou à idade adulta; o passado já não satisfaz as suas novas aspirações e necessidades; já não pode ser governada pelos mesmos meios; já não se deixa levar por fantasias e ilusões; a sua razão necessita de alimentos mais substanciais.

Perante o presente efémero, sente que o seu destino é mais vasto e que a vida corpórea é muito limitada para o encerrar por inteiro. Por isso, lança o olhar para o passado e para o futuro, a fim de descobrir o mistério da sua existência e retirar daí uma consoladora segurança.

12. – Quem tenha refletido sobre o Espiritismo e as suas consequências, sem o limitar à produção de certos fenómenos, compreende que abre à Humanidade um caminho novo, e mostra-lhe os horizontes do infinito. Ao iniciá-la nos mistérios do mundo invisível, o espiritismo mostra-lhe o seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual como no estado corporal.

O ser humano já não caminha às cegas: sabe de onde vem, para onde vai e porque está na Terra. O futuro mostra-se na sua realidade, despido dos preconceitos da ignorância e da superstição; já não é uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa para ele como a sucessão do dia e da noite. Sabe que não está limitado a uma existência efémera; que a vida espiritual não é interrompida com a morte; que já viveu e voltará a viver e que, de tudo o que adquirir em perfeição pelo trabalho, nada se perde. O ser humano encontra nas existências anteriores a razão do que é atualmente; e *a partir do que fizer hoje, poderá deduzir o que será no futuro.*

13. – Com a ideia de que a atividade e a cooperação, na obra geral da civilização, estão limitadas à vida presente, que nada foi antes e que nada será depois, que interessa ao indivíduo o progresso futuro da humanidade?

Que lhe importa que no futuro os povos sejam mais bem governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para os outros?

Não retirando daí qualquer proveito, tal progresso é-lhe indiferente.

De nada lhe serve trabalhar para desconhecidos que também regressarão ao nada. Perante a negação do futuro individual, tudo se reduz às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

---

211 "*Nec plus ultra"* expressão latina que quer dizer "*tudo acaba aqui!"* (N.T.)

A certeza da perpetuidade do ser espiritual dá ao pensamento humano um horizonte sem limites.

Nada pode ser mais racional, mais grandioso e mais digno do Criador que esta lei, segundo a qual a vida espiritual e corpórea são dois aspetos da existência que se alternam para o cumprimento do progresso.

Nada há de mais justo e mais estimulante que a ideia do progresso permanente, primeiro através das gerações de um mesmo mundo e, em seguida, de um mundo a outro até à perfeição, sem paragens nem intervalos!

Nesta perspetiva, todas as ações têm um objetivo. Ao trabalhar para todos, trabalha também para si e reciprocamente. Tanto o progresso individual como o progresso geral nunca são estéreis. As gerações e as individualidades futuras são as gerações e as individualidades do passado, chegadas a um patamar mais elevado de adiantamento.

14. – A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito e a encarnação é apenas uma forma temporária da sua existência. Salvo o corpo exterior, há identidade entre encarnados e desencarnados. São as mesmas individualidades sob dois aspetos diferentes, pertencendo tanto ao mundo visível quanto ao invisível, reencontrando-se quer num quer noutro, contribuindo para a mesma finalidade evolutiva, com os meios adequados a cada uma dessas situações.

Dessa lei resulta a perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa, nem põe termo aos seus vínculos afetivos e deveres recíprocos. Daí a *solidariedade e* a *fraternidade* entre todos.

Os seres humanos só viverão felizes na Terra quando estes dois sentimentos tiverem entrado nos seus corações e nos seus costumes, porque então lhes adaptarão as suas leis e as suas instituições. Será um dos principais resultados da transformação que vai acontecer.

Como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte irá tornar as pessoas todas alheias umas às outras para todo o sempre?

Pela lei da eternidade de relações que liga todos os seres, o espiritismo funda esses dois princípios sobre as leis da natureza; faz deles não apenas um dever, como uma necessidade.

Pela lei da perpetuidade das existências, o indivíduo liga-se ao que se fez e ao que se fará, aos seres do passado e aos do futuro; já não pode dizer que nada tem de comum com aqueles que morreram, pois que uns e outros se encontram incessantemente, neste mundo e no outro, para subir em conjunto a escala do progresso e apoiarem-se mutuamente.

A fraternidade já não está circunscrita a alguns indivíduos que o acaso juntou durante a efémera duração das vidas; a fraternidade é perpétua como a vida do Espírito, universal como a Humanidade que constitui uma grande família cujos membros são solidários uns com os outros*, qualquer que seja a época em que tenham vivido.*

São estas as ideias que resultam do Espiritismo, que ele incutirá em todos os homens, quando for universalmente ensinado, compreendido e praticado. Com o Espiritismo, a fraternidade, sinónimo da caridade pregada por Jesus, já não é uma palavra vã, pois tem a sua razão de ser.

Do sentimento de fraternidade nasce o da reciprocidade e dos deveres sociais de indivíduo a indivíduo, de povo a povo; bem compreendidos esses valores, surgirão naturalmente instituições mais evoluídas e preparadas para o bem-estar de todos.

15. – A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há verdadeira fraternidade, sólida e efetiva se não estiver apoiada numa base inabalável. Esta base é a *fé,* mas não a fé neste ou naquele dogma, que muda com os tempos e os povos e cujos adeptos se agridem mutuamente, porque ao maldizerem-se uns aos outros fomentam o antagonismo. Trata-se da fé nos princípios fundamentais que todos podem aceitar: Deus, a alma, o futuro, O PROGRESSO INDIVIDUAL INFINITO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES.

Quando todas as pessoas estiverem convencidas de que Deus é o mesmo para todos; que este Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer que seja injusto; que o mal vem deles e nunca d'Ele, então todos se considerarão como filhos de um mesmo pai e darão as mãos uns aos outros.

É esta fé que o Espiritismo dá e que será, de agora em diante, o eixo sobre o qual se moverá a espécie humana, sejam quais forem os seus modos de adoração e as suas crenças individuais, que o Espiritismo respeita, mas sobre as quais não tem de se ocupar.

Só desta fé pode resultar o verdadeiro progresso moral, porque apenas ela sanciona, pela lógica, os direitos legítimos e os deveres. Sem ela o único direito que existe é o da força, o dever traduz-se num código humano imposto pela força.

Sem ela o que é o ser humano? Um pouco de matéria que se desfaz, um ser efémero que passa; o próprio génio é apenas uma centelha que brilha um instante e se extingue. Certamente, nada disso serve para exaltar os seres humanos aos seus próprios olhos.

Pensando assim, onde estão realmente os direitos e os deveres? Que sentido tem o progresso? Só esta fé permite ao ser humano sentir a sua dignidade, mediante a perpetuidade e a progressão do seu ser, não num futuro mesquinho e limitado à sua personalidade, mas num futuro grandioso e esplêndido. Este pensamento eleva-o acima da Terra, sente-se crescer porque lhe cabe uma tarefa no Universo; sente que está no seu lugar próprio, que poderá percorrê-lo um dia e que a morte não o tornará nulo perante si mesmo nem perante todos os outros.

16. – O progresso intelectual, levado a cabo até aos nossos dias, nas mais vastas proporções, é um grande passo em frente e assinala a primeira fase da Humanidade, mas por si só é impotente para a regenerar. Enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, utilizará a sua inteligência e os seus conhecimentos para satisfazer as suas paixões e os seus interesses pessoais; é por isso que os aplica no aperfeiçoamento dos meios que lhe servem para prejudicar os seus semelhantes e para destruir-se a si mesmo.

Só o progresso moral pode garantir às pessoas a felicidade na Terra porque põe um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre elas a concórdia, a paz e a fraternidade.

Esse progresso derrubará as barreiras que separam os povos, fará cair os preconceitos de casta e calar os antagonismos das seitas, ensinando aos homens a olharem-se como irmãos, chamados a auxiliarem-se mutuamente e a não viverem uns à custa de outros.

É ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que unirá os homens numa mesma crença, estabelecida sobre verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isso mesmo, aceites por todos.

A unidade de crença será o laço mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, prejudicada desde sempre pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem com que o semelhante seja considerado um inimigo que é preciso evitar, combater, exterminar, em vez de irmãos a quem se deve amar.

17. – Um tal estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento geral, um progresso que só podia levar-se a cabo saindo do círculo de ideias estreitas que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, pessoas de elite procuraram impulsionar a Humanidade nessa direção; mas a Humanidade, ainda muito jovem, permaneceu surda, e os seus ensinamentos foram como *a boa semente lançada sobre as pedras.*

Atualmente, a Humanidade está suficientemente madura para dirigir o seu olhar a alturas nunca antes vislumbradas, para assimilar ideias mais amplas e compreender o que ainda não tinha compreendido.

A geração que desaparece levará consigo os seus preconceitos e os seus erros; a geração que surge, mais depurada, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo um movimento ascendente, no sentido do progresso moral, que caracterizará a nova fase da humanidade.

18. – Esta fase revela-se já por sinais evidentes, por tentativas de reformas progressistas que surgem e que começam a impor-se. Nesta direção estão a aparecer instituições generosas com intuitos de progresso social, pela iniciativa de cidadãos predestinados à obra da regeneração.

Vemos que as leis penais se vão humanizando, os preconceitos raciais enfraquecem e os povos começam a considerar-se membros de uma grande família. Pela evolução das regras de comércio internacional, caem barreiras e são frequentes os encontros para agentes pacifistas apresentarem as suas ideias.

Falta a estas reformas uma base para se desenvolverem e se consolidarem; uma predisposição moral mais generalizada para que progridam e sejam aceites. Isto também é um sinal característico dos tempos, o prelúdio do que ocorrerá em mais larga escala, à medida que o ambiente for mais favorável.

19. – Um sinal não menos característico do período em que entramos é a reação evidente que se opera no avanço das ideias espiritualistas. [212]Uma repulsão instintiva manifesta-se contra as ideias materialistas. O espírito de incredulidade que se tinha apoderado das pessoas, quer ignorantes quer esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma, o próprio fundamento de qualquer crença, parece ter sido um sonho, ao despertar do qual se sente a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde existia o vazio, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

20. – Neste grande movimento regenerador, o espiritismo desempenha um papel considerável; não o espiritismo ridículo inventado pela crítica trocista, mas o espiritismo filosófico, tal como o entende quem se dá ao trabalho de procurar a amêndoa dentro da casca.

Pelas provas que dá das verdades fundamentais, o espiritismo preenche o vazio que a incredulidade gera nas ideias e nas crenças; pela certeza que oferece de um futuro conforme a justiça de Deus e que a razão mais exigente pode exigir, acalma as amarguras da vida e afasta os efeitos nocivos do desespero.

Ao dar a conhecer novas leis da natureza, o espiritismo dá a explicação de questões sem resposta até hoje e destrói, ao mesmo tempo, a incredulidade e a superstição. Para ele, não há sobrenatural nem maravilhoso, tudo acontece no mundo em virtude de leis imutáveis.

Longe de substituir um exclusivismo por outro, apresenta-se como campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas e corta-o pela raiz; proclama a salvação para todos os homens de bem, assim como a possibilidade para os mais imperfeitos de chegar, mediante os seus esforços, pela expiação e reparação, à perfeição, a única que leva à suprema felicidade. Em vez de desencorajar o fraco, encoraja-o, mostrando-lhe o porto a que ele pode chegar.

Nunca diz: *fora do espiritismo não há salvação, mas afirma, como Jesus: fora da caridade não há salvação,* princípio de união, de tolerância que unirá os homens num sentimento comum de fraternidade, em vez de os dividir em grupos inimigos.

---

212 A reação pelas ideias espiritualistas ocorreu em oposição ao período materialista pós-Revolução Francesa, representado pelos ideólogos Destutt de Tracy, Cabanis, Volney, etc. Os espiritualistas racionais, depois de 1830, como Royer-Collard, Victor Cousin, Théodore Jouffroy, entre outros, estabeleceram na Universidade de Paris (e nos colégios) as Ciências Filosóficas, entre elas a Moral Teórica e Prática, a Psicologia Experimental, a Teodiceia, considerando o ser humano como "alma encarnada". Segundo Kardec, o Espiritismo encontra-se entre essas ciências, dando-lhe desenvolvimento. (Nota da edição de A génese, da FEAL)

O espiritismo surgiu no tempo certo. Se tivesse surgido antes, seria asfixiado pelas ideias materialistas. Se tivesse surgido ainda um pouco mais atrás, seria asfixiado pelo dogmatismo religioso.

Surgiu exatamente no mesmo período que os espiritualistas racionais, numa estreita janela de oportunidade que permitiu que as ideias espiritualistas chegassem à Universidade. O espiritismo fez parte deste grande movimento, por isso encontrou de imediato enorme apoio na sociedade. (N.T.)

Com este outro princípio*: não há fé inquebrantável senão a que pode enfrentar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade,* destrói o domínio da fé cega que aniquila a razão, e a obediência passiva que embrutece; assim, emancipa a inteligência do ser humano e eleva a sua moral.

Coerente consigo mesmo, não se impõe: diz o que é, o que quer, o que oferece, e espera que se aproximem dele com liberdade e voluntariamente. Quer ser aceite pela razão e não pela força.

Respeita todas as crenças sinceras e só combate a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade e os obstáculos mais sérios ao progresso moral; mas não amaldiçoa ninguém, muito menos os seus inimigos, pois está convencido que o caminho do bem está aberto, mesmo para os mais imperfeitos, que mais tarde ou mais cedo a ele chegarão.

21. – Se supusermos a maioria das pessoas imbuídas destes sentimentos, podemos facilmente imaginar as modificações que isso traria às relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para todos, tolerância para todas as crenças.

É esta a meta para a qual caminha a Humanidade; o objetivo das suas aspirações, dos seus desejos sem que perceba ainda, com clareza, quais são os meios para os realizar. Surgem tentativas, mas são contrariadas por opositores ativos ou pela força da inércia e dos preconceitos, das ideias refratárias ao progresso.

São tais resistências que é preciso vencer, e essa será a obra da nova geração. Quem observar o curso atual dos acontecimentos, reconhecerá que tudo parece predestinado a abrir-lhe o caminho. Essa geração terá por si a dupla força do número e das ideias e, além disso, a experiência do passado.

22. – A nova geração avançará, pois, para a realização de todos os ideais humanitários compatíveis com o grau de adiantamento a que tenha chegado. O Espiritismo, avançando em direção aos mesmos objetivos e ao realizar os seus propósitos, encontrar-se-á no mesmo terreno.

Os homens favoráveis ao progresso encontrarão nas ideias espíritas uma poderosa alavanca e o espiritismo encontrará, nos homens novos, espíritos dispostos a acolhê-lo. Neste estado de coisas, que poderão fazer os que quiserem atravessar-se no seu caminho?

23. – Não é o espiritismo que cria a renovação social, é a maturidade da Humanidade que faz desta renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, pelas suas tendências progressistas, pela amplitude da sua visão, pela generalidade das questões que abarca, o espiritismo está, mais que nenhuma outra doutrina, apto a acompanhar o movimento renovador; é por isso seu contemporâneo. Surgiu no momento em que podia ser útil, porque, para ele, também *os tempos eram chegados*. Se tivesse chegado mais cedo, encontraria obstáculos intransponíveis; teria inevitavelmente sucumbido, já que os indivíduos, satisfeitos com o que tinham, não sentiam ainda a necessidade daquilo que ele traz. Atualmente, nascido com o movimento das ideias que fermentam, encontra o terreno preparado para o receber. Os Espíritos, cansados da dúvida e da incerteza, assustados com o abismo que se cava diante deles, acolhem-no como uma âncora de salvação e um supremo consolo.

24. – Dizendo que a humanidade está madura para a regeneração, não significa que todos os indivíduos estejam no mesmo nível, embora muitos tenham, por intuição, o germe das ideias novas que as circunstâncias farão surgir; então, mostrar-se-ão mais adiantados do que se supunha e seguirão, com entusiasmo, a impulso da maioria.

Há, contudo, os que são basicamente refratários a essas ideias, mesmo entre os mais inteligentes, e que certamente não as aceitarão, pelo menos nesta existência: uns, de boa-fé, por convicção; outros por interesse. Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao presente estado das coisas e que não estão suficientemente avançados para abdicar deles – pois o bem geral importa-lhes menos que o seu próprio – não podem ver sem apreensão o mais pequeno movimento reformador.

A verdade é para eles uma questão secundária, ou, para melhor dizer, *a verdade para certas pessoas está no que não lhes causa qualquer inconveniente*. Do seu ponto de vista, todas as ideias progressistas são subversivas, por isso lhes devotam um ódio implacável e lhes fazem uma guerra obstinada.

Demasiado inteligentes para não ver no Espiritismo um auxiliar dessas ideias, assim como dos elementos de transformação que eles temem, porque não se sentem à sua altura, esforçam-se por destruí-lo. Se o julgassem sem valor e sem importância, não se preocupariam.

Aliás, nós já o dissemos: *"Quanto mais grandiosa é uma ideia, mais adversários encontra, e pode-se medir a sua importância pela violência dos ataques que lhe dirigem".*

25. – O número dos que o rejeitam ainda é grande. Mas o que podem eles contra a maré que sobe, senão lançar-lhe algumas pedras? Esta maré é a geração que surge, enquanto eles desaparecem com a geração que se vai cada dia, a passos largos. Até lá, defenderão o terreno palmo a palmo.

Há, pois, uma luta inevitável, mas desigual, porque é a luta entre o passado decrépito que cai em farrapos, e o futuro cheio de juventude.

É a luta da estagnação contra o progresso, da criatura humana contra a vontade de Deus, porque os tempos assinalados por Ele já chegaram.

A nova geração

26. – Para que os homens sejam felizes na Terra é preciso que ela seja povoada apenas por bons Espíritos encarnados e desencarnados, que só queiram o bem. Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração acontecerá entre aqueles que a habitam; os que fazem o mal pelo mal, sem serem tocados pelo sentimento do bem, não sendo dignos da Terra transformada, serão excluídos, porque trariam de novo a discórdia e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento, uns em mundos inferiores, outros entre grupos terrenos atrasados que serão o equivalente a mundos inferiores, tendo por missão partilhar os conhecimentos adquiridos para fazer evoluir os seus semelhantes. Serão substituídos por Espíritos melhores que farão reinar a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não será transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente e a nova suceder-lhe-á do mesmo modo, sem que haja qualquer modificação na ordem natural das coisas.

Tudo se passará exteriormente, como de costume, com esta única diferença, que é fundamental: uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra já não voltarão a encarnar nela. Em cada criança que nasça, em vez de um Espírito atrasado e *inclinado ao mal*, virá um Espírito mais avançado e *inclinado ao bem.*

Não será uma nova geração corpórea, mas uma nova geração de Espíritos. Aqueles que esperam ver a transformação realizar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão dececionados.

27. – A época atual será de transição; os elementos das duas gerações irão conviver. Colocados no ponto de transição, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já se manifesta no mundo pelas características que lhe são próprias.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo pelas disposições *intuitivas e inatas,* é fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

A nova geração, que deve realizar o progresso moral, distingue-se por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, somada ao sentimento inato do bem e das crenças espiritualistas, o que

é sinal claro de adiantamento *anterior.* Não será composta exclusivamente por Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, tendo progredido, estão predispostos a assimilar ideias progressistas e a apoiar o movimento regenerador.

Os Espíritos atrasados são caracterizados, em primeiro lugar, pela revolta contra Deus, pela recusa em reconhecer um poder superior à Humanidade; depois, pela propensão instintiva às paixões degradantes, aos sentimentos anti fraternos do egoísmo, do orgulho, do apego por tudo o que é material.

São estes defeitos de que a Terra deve ser libertada pelo afastamento dos que recusam emendar-se, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade, e porque o contacto com eles sempre fará sofrer os homens de bem. Quando a Terra estiver livre de tais defeitos, os homens caminharão sem entraves para um futuro feliz que lhes está reservado, inclusivamente neste mundo – como recompensa dos seus esforços e da sua perseverança – esperando que um aperfeiçoamento ainda mais completo lhes abra a entrada dos mundos superiores.

28. – Não deve pensar-se que esta emigração expulsará da Terra para mundos inferiores todos os Espíritos estranhos ao progresso. Muitos voltarão, porque se deixaram levar pelas circunstâncias e pelos maus exemplos; a aparência que tinham era pior do que o íntimo.

Uma vez livres da influência da matéria e dos preconceitos do mundo material, a maior parte deles verá as coisas de uma maneira muito diferente de como as via em vida, tal como numerosos exemplos que conhecemos. Serão ajudados pelos Espíritos bondosos que se interessam por eles e que se apressam a instruí-los e mostrar-lhes o caminho errado que tinham seguido.

Com as nossas preces e os nossos conselhos, podemos contribuir para o seu melhoramento, dado que existe uma solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos. A maneira por meio da qual se opera a transformação é muito simples e completamente moral: não se afasta em nada das leis da natureza.

29. – Quer os Espíritos da nova geração sejam Espíritos melhores que chegaram à Terra pela primeira vez, ou Espíritos que já cá estiveram e se aperfeiçoaram, entretanto, o resultado é o mesmo; sendo portadores de melhores disposições, existe sempre uma renovação.

Os Espíritos encarnados formam duas categorias, conforme as suas disposições naturais: de um lado os Espíritos atrasados que partem, do outro, os Espíritos progressistas que chegam. Assim, o estado dos costumes e da sociedade, quer seja num povo, numa nação ou no mundo inteiro, dependerá da categoria que prevaleça sobre a outra.

Para simplificar a questão, suponhamos um povo num grau qualquer de adiantamento, composto de vinte milhões de almas, por exemplo. Dado que a renovação dos Espíritos se faz gradualmente, à medida das extinções, isoladas ou em massa, haverá necessariamente um momento em que a geração de Espíritos atrasados supera, em números, a dos Espíritos progressistas, que contaria apenas raros representantes sem influência e cujos esforços para fazer predominar o bem e as ideias progressistas estavam paralisados.

Uns a partir e outros a chegar, após um certo tempo, as duas forças ficam equilibradas e as suas influências neutralizam-se. Mais tarde, os recém-chegados estarão em maioria e a sua influência torna-se preponderante, embora ainda entravada pelos primeiros; estes, continuando a diminuir, ao passo que os outros se multiplicam, acabam por desaparecer; chegará um momento, pois, em que a influência da nova geração será exclusiva; mas isso não se pode compreender se não admitirmos a vida espiritual e a sua independência da vida material.

30. – Nós presenciamos esta transformação, este conflito que resulta da luta das ideias contrárias que procuram implantar-se, umas com a bandeira do passado, outras com a do futuro. Se examinarmos o estado atual do mundo, reconhecer-se-á que, tomada no seu conjunto, a Humanidade terrena está longe ainda do ponto intermédio em que as forças se equilibram; que os povos, considerados isoladamente, estão a uma grande distância uns dos outros sob este aspeto; que alguns chegaram a esse ponto, mas que nenhum ainda o ultrapassou.

Por outro lado, a distância que os separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e uma vez cruzado o limite, o novo caminho será percorrido com tanto mais rapidez quanto um maior número de circunstâncias vierem aplaná-lo.

Assim se cumpre a transformação da Humanidade. Sem a emigração, isto é, sem a partida dos Espíritos atrasados, que não devem voltar ou que só devem voltar quando tiverem melhorado, a Humanidade terrena não permaneceria indefinidamente estacionária, porque os Espíritos mais atrasados também avançam; mas seriam preciso séculos ou talvez milhares de anos para chegar ao resultado que meio-século bastará para realizar.

31. – Uma comparação vulgar permitirá que se compreenda melhor o que se passa nestas circunstâncias. Suponhamos um regimento composto em grande maioria por militares turbulentos e indisciplinados; estes criarão muitas vezes desordens que a severidade da lei penal terá de reprimir. São os mais poderosos porque estão em maioria; apoiam-se, encorajam-se e estimulam-se pelo exemplo. Em contrapartida, os poucos militares bons não têm influência; os seus conselhos são desprezados; são ridicularizados, maltratados pelos outros e sofrem com esse contacto. É a imagem da sociedade atual.

Suponhamos agora que aqueles militares são retirados do regimento, um a um, dez a dez, cem a cem, e que são substituídos gradativamente por um número igual de bons soldados, mesmo por aqueles que foram expulsos, mas que se emendaram seriamente; ao fim de algum tempo o mesmo regimento continuará a existir, mas ter-se-á transformado; a ordem baseada no bem terá substituído a desordem.

Assim acontecerá com a Humanidade regenerada.

32. – As saídas numerosas transformam mais rapidamente o espírito das pessoas, libertando-as das más influências, e dão mais força às ideias novas. Muitos, apesar das suas imperfeições, estão maduros para esta transformação, e por isso partem para se fortalecerem numa fonte mais pura. Se ficassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistiriam nas mesmas opiniões e na sua forma de ver as coisas. Uma estadia no mundo dos Espíritos basta para lhes abrir os olhos, porque lá veem aquilo que não poderiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o totalitarista poderão, pois, voltar com *ideias inatas* de fé, de tolerância e de liberdade. No seu regresso, encontrarão as coisas mudadas, e experimentarão as influências do novo meio em que nasceram. Em vez de fazer oposição às ideias novas, serão seus promotores.

33. – A regeneração da Humanidade não requer a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação nas suas disposições morais. Esta modificação dá-se em todos os que estão predispostos e que são subtraídos à influência perniciosa do mundo. Portanto, nem sempre são outros os Espíritos que regressam; muitas vezes são os mesmos Espíritos, mas que pensam e sentem de outro modo.

Quando esta melhoria é isolada e individual, passa despercebida e não tem influência determinante. Mas o efeito é diferente quando a melhoria se realiza ao mesmo tempo sobre grande número de pessoas, porque então, conforme as proporções, as ideias de um coletivo podem ser profundamente modificadas numa geração. É o que se nota quase sempre após os grandes abalos que dizimam as populações. Os flagelos destruidores só destroem os corpos, mas não atingem o

Espírito; ativam o movimento de vai e vem entre o mundo corporal e o mundo espiritual e por consequência o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de notar que, em todas as épocas da História, as grandes crises sociais foram seguidas de uma era de progresso.

34. É um desses grandes movimentos de reorganização da Humanidade que se desenvolve neste momento. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque deve acelerar a eclosão dos novos gérmenes. São as folhas de outono que caem e às quais sucederão novas folhas cheias de vida, porque a Humanidade tem as suas estações como os indivíduos têm diversas idades. As folhas mortas da Humanidade caem levadas pelas rajadas de vento, mas, para renascerem mais fortes, sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas que se purifica.

35. – Para o materialismo, os flagelos destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis já que, segundo a sua opinião, a morte é para sempre. Para quem sabe que ela só extingue o corpo, não tiram essa conclusão e não lhe causa o menor receio; compreendem a sua finalidade e sabem também que os homens não perdem mais pelo facto de morrerem em conjunto, do que por morrer isoladamente, já que, de uma maneira ou de outra, todos lá chegarão.

Os incrédulos rirão destas coisas e dirão que são quimeras, mas, digam o que disserem, não escaparão à lei geral. Morrerão na sua altura, como os outros, e então, que lhes acontecerá?

Nada, dizem eles. Mas viverão apesar de não acreditarem, e um dia ver-se-ão obrigados a abrir os olhos.

Por nos parecerem muito valiosos os comentários junto referidos, a seguir os reproduzimos na íntegra:

A Gênese: Capítulo 18

Inconsistências doutrinárias da 5ª edição

*Marco Milani**

(Texto publicado originalmente no boletim Dirigente Espírita, n.168, Nov/Dez de 2018, p.5)

O capítulo 18 de A Génese, intitulado "Os tempos são chegados", pode ser considerado emblemático, não somente por ser aquele que encerra o conjunto das obras fundamentais do Espiritismo, mas também por apontar com clareza a natureza das transformações que a humanidade passa.

Destaca-se, entretanto, alterações no texto e os reflexos no conteúdo ocorridos na 5ª edição francesa deste livro, cuja autoria das modificações foi questionada por Henri Sausse em 1884 e, graças à pesquisa recente de Simoni Privato Goidanich, apresentada na obra "O legado de Allan Kardec", apenas até a 4ª edição pode ser atribuída com segurança a Kardec.

Justamente por ser a obra que, segundo Kardec, necessitava ser lançada somente após o devido desenvolvimento dos princípios apresentados nas obras anteriores, em momento de maturidade dos próprios espíritas, não se poderia admitir contradição com esses princípios. No capítulo 18, até a 4ª edição francesa, não há qualquer contradição nesse sentido, mas na 5ª edição verifica-se esse problema.

O ensinamento dos Espíritos é claro ao apontar que existem dois tipos de transformações em curso no planeta: aquelas de origem material e aquelas de caráter moral. Apesar de ocorrerem simultaneamente, possuem ritmos específicos e não se confundem nem são interdependentes.

O planeta progride moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam, resultado direto do desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Conhecendo os objetivos a serem atingidos, os Espíritos superiores conseguem apontar os caminhos pelos quais a humanidade tende a seguir e por isso sinalizam que a fase atual reflete esse período de mudanças mais intensas.

Ao contrário do que esperam místicos e supersticiosos, entretanto, essas transformações não são precedidas de acontecimentos físicos ou fenômenos maravilhosos.

Estranhamente, algumas alterações no texto da 5ª edição francesa são incoerentes sob o aspeto doutrinário, estabelecendo uma forte relação entre acontecimentos físicos e morais, além do fatalismo, levando o leitor consciente a questionar a origem dessas informações. Dentre os vários trechos inseridos neste capítulo na 5ª edição, o item 10 permite exemplificar essa incoerência. Especificamente, lê-se:

"Se, pelo encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, os períodos de renovações morais da humanidade coincidem, como tudo leva a crer, com as revoluções físicas do globo, elas podem ser acompanhadas ou precedidas de fenômenos naturais, insólitos para aqueles que não estejam habituados, de meteoros que lhes parecem estranhos, da recrudescência e intensificação desacostumadas, de flagelos destruidores. Tais flagelos não são causa, nem presságios sobrenaturais, mas sim uma consequência do movimento geral que se opera no mundo físico e no mundo moral". (A Gênese, 5ª ed., item 10)

Posteriormente, no mesmo item 10 da 5ª edição francesa, afirma-se que Jesus podia predizer a era de renovação moral que a humanidade passaria associando-a a fenômenos extraordinários, terremotos, flagelos diversos e sinais dos céus. Em nota de rodapé, menciona-se que a epidemia mortal ocorrida entre 1866 e 1869 na Ilha Maurícia foi precedida por uma extraordinária chuva de estrelas cadentes e que, "sem dúvida", teria sido um sinal no céu. Tais afirmações satisfazem os supersticiosos, porém afastam-se da fé raciocinada.

A inserção dos itens 8, 9 e 10 (5ª edição francesa), com trechos baseados em cartas de adeptos ou em comunicações que não receberam a sanção universal na Revista Espírita de Jul/1867, Out/1868 e Nov/1868, não caracteriza ou valida um novo ensinamento doutrinário.

Nesta obra, ressalta-se a relevância da concordância universal para que qualquer ensinamento possa ser considerado parte integrante da Doutrina Espírita e, certamente, a crendice supersticiosa de que as transformações morais da humanidade estejam vinculadas às transformações físicas do globo ou a fenômenos naturais como estrelas cadentes não faz parte dos ensinamentos dos Espíritos.

Assim, mais uma vez constata-se que muitas das alterações promovidas no texto da 5ª edição, publicada em 1872 (três anos após a desencarnação de Allan Kardec), mostram-se incompatíveis com a coerência doutrinária, reforçando a suspeita sobre a autoria das mesmas.

** Diretor do Departamento de Doutrina da USE-SP*